FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 104 ★ Nº 34.857 DOMINGO, 8 DE SETEMBRO DE 2024 R$ 9,90

ilustríssima

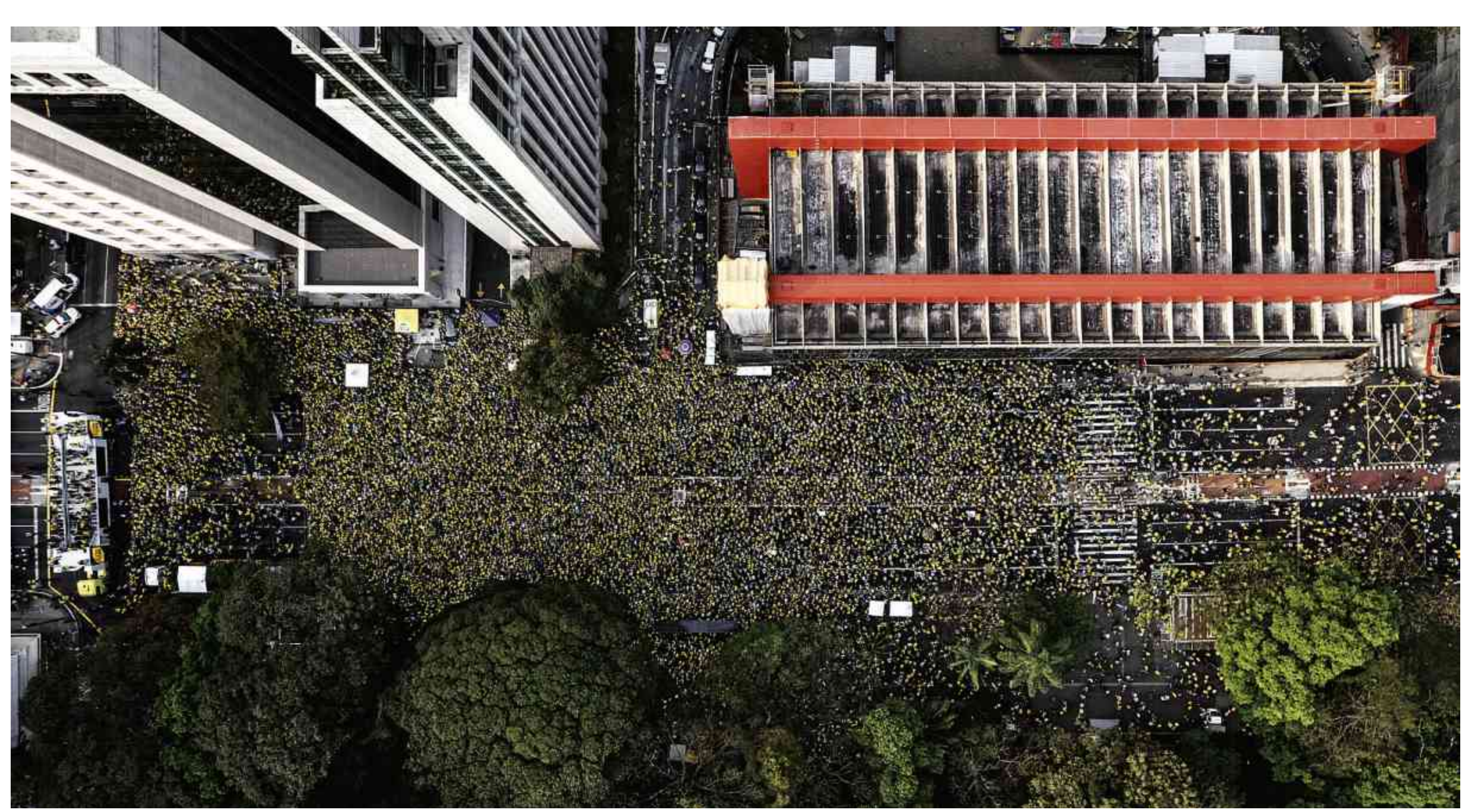


Bill Gates, 68 Rasmussen Claus/ Ritzau Scanpix

GATES PREGA INOVAÇÃO CONTRA CRISE CLIMÁTICA

Cofundador da Microsoft discute como criar tecnologias verdes e defende taxação de super-ricos B6

Biógrafo desvenda intimidade e métodos de Silvio Santos B12



Eduardo Knapp/Folhapress

Bolsonaro pede 'freio' em Alexandre de Moraes durante ato contra o STF na Paulista

Ex-presidente discursou com o governador de SP, Tarcísio de Freitas, e o prefeito Ricardo Nunes, que, no caminhão onde estavam aliados, não teve seu nome anunciado; também candidato na eleição municipal, Pablo Marçal foi ao ato, mas não pôde subir no trio elétrico bolsonarista **Política A6**

esporte

Brasil faz em Paris sua melhor campanha em Paralimpíadas A54

escolha a escola

MAIS AULAS E SIMULADOS PARA VENCER VESTIBULAR

Colégios com alta taxa de aprovação reforçam revisão de conteúdos e treinam para maratona de provas p.1

Proposta pedagógica é fundamental para escolher 1ª escola p.6



Aluna na biblioteca de escola em São Paulo
Jardiel Carvalho/Folhapress



Louisa Gouliamaki/Reuters

'Ainda Estou Aqui' é premiado em Veneza

Murilo Hauser (à esq.) e Heitor Lorega recebem láurea de melhor roteiro por filme de Walter Salles; Almodóvar ganha Leão de Ouro B16

3.000 morrem por ano no Brasil na fila de espera dos transplantes

Recusa da doação é principal motivo; 64 mil adultos e 1.284 crianças aguardam órgãos

★★★ **SÉRIES FOLHA DOE ÓRGÃOS**

Cerca de 3.000 pessoas morrem por ano no Brasil à espera de órgãos, embora o país seja um dos líderes em transplantes. O principal motivo é a recusa pela família de possíveis doadores, que chega a 43% dos casos e na qual pesa a falta de preparo da equipe que aborda parentes.

Em 2024, até junho, 64 mil adultos e 1.284 crianças estavam na lista do Sistema Nacional de Transplantes. A taxa média de espera é de 18 meses.

De janeiro a junho, foram realizados 4.759 transplantes de órgãos no Brasil, 8.260 de córnea e 1.613 de medula óssea. No mesmo período, houve 1.793 mortes de pacientes que aguardavam na fila, sendo 56 de crianças. **Saúde A52 e A53**

Bernardo Carvalho

Contradições humanas salvam a arte da IA

Quanto mais a informação se dissemina por IA, sem as interferências do homem e do real, mais ela tende a uma pasteurização na qual as diferenças se tornam irreconhecíveis. **B5**

Problemas com entregadores se multiplicam nas ruas de SP

São Paulo tem recorrência de infrações no trânsito cometidas por motoqueiros e motoristas enquanto registra alta na demanda por serviços de entrega. Categoria reclama que falta estrutura apropriada à atividade na cidade. **A43**

Governo Lula esvazia lista suja do trabalho escravo ao afrouxar regras

Portaria federal de julho criou regra que permite a pessoas físicas e jurídicas flagradas submetendo trabalhadores a condições análogas à escravidão deixar a chamada "lista suja".

Para tanto, é preciso firmar acordo com a União, previsto no texto assinado pelos ministros do Trabalho, Luiz Marinho, e dos Direitos Humanos, então Silvio Almeida. **Mercado A19**

Queimadas se espalham e chegam a todas as regiões do país Ambiente A50

EDITORIAIS A2

Limites têm de valer para todos os gastos do governo Sobre ajuste das contas públicas.

Demissão de Silvio Almeida foi inevitável Acerca de queda do ministro dos Direitos Humanos.


ISSN 1414-5723

opinião

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Limites têm de valer para todos os gastos do governo

Deterioração acelerada das contas públicas não permite que se adie o debate sobre revisão das despesas obrigatórias; assunto amadurece no Executivo, segundo número 2 da Fazenda, a despeito dos vetos de Lula

O que o governo chama de "arcabouço fiscal" é, na prática, uma versão mais branda —e falha— do extinto teto para os gastos federais tão atacado pelos petistas.

Em vez de um limite fixado num mesmo montante corrigido pela inflação para as despesas totais, há limites para o crescimento anual delas, que precisa ser inferior ao das receitas. Com tal regra, o equilíbrio orçamentário deveria ser atingido, ainda de modo mais gradual.

A grande fragilidade desse arranjo, a esta altura já admitida abertamente na área econômica do Executivo, é que grandes dispêndios de caráter obrigatório —em saúde, educação, Previdência e assistência social— não estão sujeitos às restrições.

Cedo ou tarde, e de preferência cedo, será inevitável rever as normas que impõem a elevação contínua desses gastos. Esse "debate está amadurecendo no governo", segundo disse o secretário-executivo do ministério da Fazenda, Dario Durigan, ao jornal O Estado de S. Paulo.

Ele sugeriu que o crescimento de todas as despesas pode ficar enquadrado nos limites de variação do arcabouço fiscal. A despeito das dificuldades políticas envolvidas, essa deveria ser uma providência imediata óbvia.

Sem ela, outros setores e atividades da máquina pública —do custeio administrativo ao investimento, do Bolsa Família ao fomento à ciência— terão de ser restringidos para o cumprimento das metas orçamentárias.

Esse estrangulamento, estima-se, pode tornar o governo inviável a partir de 2027 —ou então seria preciso abandonar a estratégia de ajuste das contas.

É preciso, pois, mudar os pisos das despesas em saúde e educação, hoje vinculados à receita de impostos. Como não se pode controlar a concessão de benefícios previdenciários, previstos em lei, resta a contenção dos valores, grande parte deles atrelados ao salário mínimo em expansão.

A melhor opção seria garantir a correção dos pagamentos do INSS pela inflação, permitindo que o salário mínimo para trabalhadores ativos continue subindo em termos reais.

Mudanças do gênero, acrescente-se, estavam nos planos do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, desde o início do governo, mas até agora foram vetadas por Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O ritmo de deterioração das finanças, entretanto, não permite que o tema saia de pauta.

Reformas têm de ser aprovadas até 2025; o ano seguinte é de eleições presidenciais que se anunciam acirradas. A partir de 2027, a situação ameaça se tornar inadministrável

A dívida pública, que era equivalente a 71,4% do Produto Interno Bruto no início do governo, já subiu a 78,5%. Se até o teto disfarçado dos gastos de Lula for abandonado, a trajetória de alta será explosiva e imprevisível. Essa possibilidade contribui sobremaneira para o nível já escorchante das taxas de juros.

O tempo político e econômico se esgota. Reformas têm de ser aprovadas até 2025; o ano seguinte é de eleições presidenciais que se anunciam acirradas. A partir de 2027, a situação ameaça se tornar inadministrável.

Demissão de Silvio Almeida foi inevitável

Acusações de assédio sexual precisam ser apuradas com amplo direito à defesa; permanência no cargo desmoralizaria um governo que empunha a bandeira da defesa da mulher, mas não soube evitar o escândalo

Silvio Almeida mal durou 24 horas à frente da pasta dos Direitos Humanos depois da revelação, por meio de reportagem do portal Metrópoles, de que o agora ex-ministro é alvo de acusações de assédio sexual feitas sob anonimato.

A tornar o caso mais escandaloso, noticiou-se que uma das vítimas seria sua então colega de Esplanada Anielle Franco, da Igualdade Racial —e o silêncio dela a respeito da informação foi eloquente o bastante.

A rapidez na decisão do governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT), no entanto, é apenas aparente. Ao que tudo indica, as queixas contra o ministro já se acumulavam internamente havia meses, incluindo também denúncias de assédio moral, reportadas na quarta-feira (4) pelo UOL.

Diante do estardalhaço, restou a Lula agir sem maiores sutilezas. Já na manhã de sexta (6), declarou em entrevista que "alguém que pratica assédio não vai ficar no governo". Antes, a primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, já havia postado em uma rede social uma foto sua com Anielle.

Convocou-se uma reunião com cinco ministros para discutir o caso; fez-se saber que a Polícia Federal iniciaria investigações a respeito da conduta de Almeida.

No início da noite, a demissão foi comunicada sem meias palavras em nota do Planalto: "O presidente considera insustentável a manutenção do ministro no cargo considerando a natureza das acusações de assédio sexual".

Pouco se sabe de concreto a respeito de tais acusações além de que foram apresentadas à organização Me Too Brasil, que as confirmou sem mencionar números nem nomes. A prática intolerável do assédio, que pode ocorrer por meio de condutas físicas e verbais, tende a ser de difícil comprovação jurídica, o que costuma intimidar suas vítimas.

Após a crise vir à tona, a professora Isabel Rodrigues, candidata a vereadora em Santo André (SP), postou vídeo em que relata ter sofrido agressão sexual por parte de Almeida em 2019.

A rapidez na decisão do governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é apenas aparente. Ao que tudo indica, as queixas contra o ministro já se acumulavam internamente havia meses

O ministro exonerado errou ao usar a estrutura da pasta para fazer a sua defesa —na qual atribuiu as denúncias a uma suposta campanha contra sua imagem "enquanto homem negro em posição de destaque no poder público". De qualquer modo, sua saída já se tornara inevitável.

As acusações devem ser apuradas e ele precisa ter amplo direito à defesa. Se mantido no cargo, o processo traria desgaste descomunal a um governo que empunha a bandeira da defesa das mulheres e dos direitos humanos, mas não pôde prevenir um escândalo em seu primeiro escalão.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
834.898 - Fechamento 2º Semestre de 2023
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Gaslighting intelectual

Manoel Galdino

SÃO PAULO Há em curso uma crítica, pela esquerda, ao chamado identitarismo, centrada na forma como pessoas negras, mulheres e comunidade LGBTQIA+ têm participado do debate público. Embora existam mesmo excessos, com grupos mobilizando suas identidades para se colocarem em posição de superioridade ética, eles são menos insidiosos ou poderosos do que outro fenômeno que dominava o debate público de forma invisível até então: o gaslighting intelectual.

O livre mercado de ideias, em que pessoas ou grupos não são deslocados para uma posição defensiva do ponto de vista psicológico, nunca existiu plenamente. O gaslighting intelectual, caracterizado pela negação sistemática de realidades sociais evidentes, há muito tempo já minava o debate público ao distorcer a própria base sobre a qual as discussões deveriam ocorrer.

Considere a discussão sobre cotas raciais no Brasil nos anos 2000. Afirmava-se que o racismo no país era inexistente e que as cotas criariam esse problema em nosso paraíso racial. O gaslighting, definido como forma de abuso psicológico onde se leva o outro a questionar sua percepção da realidade, manifestava-se fortemente. Ao negar a realidade do racismo e deslegitimar os sofrimentos vividos como algo esporádico, em vez de estrutural e recorrente, distorcia-se a própria base do debate.

Não se trata de querer interditar o debate ao rotular certos argumentos como abuso psicológico. Contudo, é fundamental reconhecer como a negação sistemática de opressões baseadas em raça, gênero e identidades LGBTQIA+ impacta negativamente a participação de vozes diversas no espaço público.

A construção de um debate público aberto e inclusivo não pode envolver o retorno ao estado anterior de coisas.

As críticas que têm acentuado o suposto identitarismo como raiz dos males contemporâneos precisam tomar cuidado para não se engajar, mais uma vez, em gaslighting intelectual. Fez mal no passado, continuará fazendo novamente.

Diretor-executivo da Transparência Brasil

Hélio Schwartsman
O colunista está em férias

‘Enfim só’ é voto secreto da sologamia

E na mídia a fratura do sujeito singular multiplica-se a tal ponto que a pessoa digital não mais corresponde à original

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de “Pensar Nagô” e “Fascismo da Cor”. Escreve aos domingos

O casamento da espanhola Vanessa Garcia consigo mesma foi noticiado pela imprensa como pitoresco “fait divers”, isto é, como evento insólito que se desvia das normas naturais ou culturais. Essa expressão francesa, corrente no jornalismo do século passado, caiu em certo desuso, mas não sua aplicação conceitual a fenômenos semelhantes.

A passagem do tempo revela uma diferença crucial. O fait divers clássico atraía pela confusão entre real e imaginário, que dava margem a um texto fabulativo, como na ficção popular, impregnada por enigmas, acaso e destino. Também em eventos quase anedóticos: “A velhinha afugentou os assaltantes a tiros”.

Com fatos dessa ordem, o jornalismo explorava o modo como o cotidiano podia corresponder à invenção romanesca, seduzindo leitores. Mas hoje, no campo da realidade digital, o inverossímil que pretende se tornar verdade adquire outro estatuto.

Assim é que, reeditando o mito de Narciso, Vanessa casou-se com a própria imagem, clara evocação do transe de assimilação do espelho eletrônico, a mídia, o que “não é explicado por uma relação imitativa, mas pelo feedback direto estabelecido entre a imagem e a realidade” (H.M. Enzensberger em “Guerra Civil”). Nessa indistinção entre imaginário e real, “a mídia fortalece a pessoa que se tornou irreal e lhe fornece uma prova de existência”.

A mídia marca uma distância frente ao jornalismo tradicional, onde o sentido da notícia é singular, datado e relativo a uma conjuntura particular, enquanto o fait divers pertence a outro universo de discurso, com fundo intemporal e matéria mítica que dá sabor aos dramas. Na realidade eletrônica, entretanto, os dois se confundem, não se sabe mais quem é quem na atrofia autista da subjetividade.

Não se trata mais de crise do sentido, e sim de uma mutação radical, em que a retração da partilha do corpo se acompanha do fim da partilha da fala

No espelho, imagem não é o mesmo que pessoa física. E na mídia a fratura do sujeito singular multiplica-se a tal ponto que a pessoa digital não mais corresponde à original. Assim, por triunfo da simulação, Vanessa terminou casando-se com outra pessoa. A mesma lógica aplica-se ao que vem ocorrendo em relações eróticas mediadas por computador. Por envolverem duas pessoas, mesmo a distância, não se classificariam como prática solitária, mas como sexo real, sob o fetiche da máquina.

Afinal, o erotismo nunca foi da ordem da fisicalidade exclusiva dos corpos. Relatos e compêndios conhecidos sobre a arte erótica no passado indiano, chinês, japonês e árabe sempre fazem referência aos artifícios que incrementam a esfera do prazer. A reprodução pode ser demanda natural, mas não a complexidade simbólica da sexualidade, que é cultural.

Mas a degradação das relações humanas é um fator regressivo. A intensidade do vício em pornografia arruína o sexo real. Eliseo, protagonista da série argentina “Meu Querido Zelador” sentencia: “relação sexual é coisa de neandertal”. Senão de golfinho que, solitário, vira tarado polimorfo.

Não se trata mais de crise do sentido, e sim de uma mutação radical, em que a retração da partilha do corpo se acompanha do fim da partilha da fala e de um recentramento estrutural do indivíduo sobre si mesmo. Talvez seja a face soft do fascismo que vem, mas pode ser também abertura para uma redefinição da sexualidade falocêntrica. Um aceno de adeus ao patriarcalismo.

Bolsonaro e o medo do cavalo perdedor

Bruno Boghossian

BRASÍLIA Se pudesse, Jair Bolsonaro só escolheria um candidato em São Paulo depois da apuração dos votos. O medo de apostar no cavalo perdedor expõe o ex-presidente a uma situação ridícula. Após fechar negócio com Ricardo Nunes, bater boca com Pablo Marçal e ameaçar virar a casaca, o capitão chega ao último mês de campanha sem saber o que fazer.

Bolsonaro estava pronto para romper com Nunes e abraçar Marçal. O ex-presidente estava duplamente abalado. Corria o risco de sofrer uma derrota humilhante ao lado do prefeito, vendo o ex-coach ganhar terreno na direita sem pedir licença. A solução seria mudar de lado.

A última pesquisa do Datafolha confundiu a cabeça de Bolsonaro mais uma vez. Nunes mostrou que ainda é capaz de contestar o favoritismo de Marçal na direita. Como nenhum dos dois tem vaga garantida no segundo turno, Bolsonaro assumiu o próprio oportunismo e disse que “está muito cedo” para entrar de cabeça na campanha do prefeito.

A vitória de candidatos de esquerda não é o maior perigo que se apresenta diante de Bolsonaro nestas eleições. A pior derrota que o ex-presidente poderia sofrer seria o sucesso de candidatos de direita que não precisaram ou até abriram mão de seu apoio.

A hesitação de Bolsonaro reflete esse receio. Marçal e Nunes aparecem na ponta das pesquisas sem nenhum impulso direto do ex-presidente. Ao contrário, o ex-coach passou uma semana sob artilharia dos bolsonaristas, enquanto o prefeito foi praticamente ameaçado de abandono.

O capitão tenta corrigir a rota de maneira envergonhada, sem escolher um caminho. No 7 de Setembro, o ex-presidente abriu espaço para “qualquer candidato” que quisesse comparecer à manifestação, com uma restrição: “Obviamente, não vão usar o microfone porque seria um comício”.

Bolsonaro deveria calcular com cuidado seus próximos passos. Se rifar Nunes de vez e o prefeito sobreviver, o mérito será do candidato e de Tarcísio de Freitas, que parece disposto a permanecer a seu lado. Se o ex-presidente continuar em cima do muro e Marçal avançar, o ex-coach não precisará dividir os louros. A cada dia que passa, a bênção de Bolsonaro tem menos peso nessa disputa.

Trevas a caminho

Ruy Castro

RIO DE JANEIRO Duke Ellington passava o ano se apresentando com sua orquestra em cidades dos EUA. Com ele, viajavam 18 músicos, alguns com suas mulheres, e a equipe de ajuda. Ao fim de cada show, tinham de procurar um hotel de beira de estrada que aceitasse hóspedes negros. O cantor Billy Eckstine, cujos olhos verdes fascinavam as mulheres brancas, não era aceito nos estados do Sul. E, em Las Vegas, Nat King Cole não podia frequentar e se hospedar nos cassinos e hotéis em que cantava para plateias de milhares. Duke, Billy e Nat eram negros. Eram também príncipes. Mas assim eram os EUA.

Por causa disso, muitos artistas negros americanos, principalmente jazzistas, se mudaram para a Europa, onde eram recebidos aos abraços. As cantoras Josephine Baker, Alberta Hunter, Adelaide Hall e Eartha Kitt, o clarinetista Sidney Bechet, o pianista Bud Powell, o baterista Kenny Clark e os saxofonistas Benny Carter, Don Byas, Lucky Thompson e Dexter Gordon foram só alguns dos que viveram anos em Paris, Londres e Copenhague e viajando pelo continente. No palco, eram estrelas. No dia a dia, sem problemas na rua —ou teriam voltado.

O jazz só ganhou com isso. Em 1952, em Paris, o trompetista Clifford Brown, soterrado na orquestra de Lionel Hampton, fugia de madrugada para gravar com os músicos franceses. Foram esses discos que fizeram os americanos despertarem para o gênio que ele era. Em 1958, também em Paris, Miles Davis gravou a primeira trilha sonora ao vivo de um filme, improvisando à projeção do copião de “Ascensor para o Cadafalso”, de Louis Malle, e ainda achava tempo para namorar Juliette Greco durante as trocas de rolo. Era como se a Europa tivesse olhos para tudo, menos para as cores de pele —nem mesmo contra imigrantes negros e pobres.

De repente, estamos vendo casos pesados de racismo e de volta da extrema direita na Alemanha, Áustria, Finlândia, França e até em Portugal. Supunha-se que, depois da Segunda Guerra, que quase a destruiu, a Europa fosse à prova dessa indignidade.

Nunca entendemos como há mil anos houve uma idade das trevas. Agora podemos estar às vésperas de entender.

opinião

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Afinal, o que querem os bilionários?

Investigar por que acumulam tanta riqueza pode ser infrutífero; no caso de Elon Musk, narcisismo virulento se manifesta às custas da democracia

Filipe Campello
Doutor em filosofia (Universidade de Frankfurt), é professor de filosofia da Universidade Federal de Pernambuco e pesquisador do CNPq

Se perguntarmos a alguém como Elon Musk por que ele quer ser bilionário, é improvável que a resposta seja apenas buscar uma vida confortável. Certamente isso poderia ser alcançado com muito menos de US$ 1 bilhão. O desejo de se tornar bilionário vai além da riqueza material, revelando algo sobre nossas paixões e desejos.

Investigar por que bilionários acumulam tanta riqueza pode ser um exercício infrutífero, pois suas motivações nem sempre são claras —nem mesmo para eles. A questão não é apenas por que querem ser bilionários, mas por que decidem atuar no tabuleiro da política global.

Embora a interseção entre mercados e política seja esperada, o papel dos bilionários como atores políticos é subestimado. O livro "Billionaires in World Politics", de Peter Hägel, oferece uma análise inovadora sobre o tema. Com base em autores como Margaret Archer e William Sewell, a obra mostra que, embora compartilhemos padrões culturais, a capacidade de modificar essas estruturas varia conforme as condições materiais. É o caso dos bilionários, cuja capacidade de agir e reagir ao ambiente é certamente distinta de pessoas comuns, permitindo que eles dobrem, alterem ou definam as regras do jogo.

Hägel destaca três principais motivações dos bilionários: riqueza, segurança e estima. Esta última, o desejo de ser reconhecido, revela o poder do bilionário de dobrar regras em nome de segurança e riqueza. Exemplos incluem sua disposição para enfrentar desafios políticos, como o combate às mudanças climáticas.

A ascensão do capitalismo sempre teve uma tensão entre interesses privados e solidariedade social. A transformação das paixões foi usada para legitimar a busca por interesses próprios, mas também abriu espaço para o progresso social. Como Albert Hirschman argumenta em "As Paixões e os Interesses", a ascensão do capitalismo moderno não foi impulsionada apenas por interesses racionais, mas por aquilo que ele chama de "paixões equivalentes contrárias".

O caso de Elon Musk é emblemático, já que suas paixões não se limitam à obtenção de riqueza, mas por um narcisismo virulento que se manifesta às custas das instituições democráticas. Isso se opõe ao verdadeiro sentido da política e explica por que alguns bilionários não hesitam em apoiar regimes autoritários, desde que isso atenda aos seus interesses.

O discurso sobre liberdade torna-se vazio quando o que está em jogo é a resistência a limites institucionais que configuram o próprio arranjo democrático. Musk mina os limites entre as esferas pública e privada, canalizando suas energias —ou paixões— para enfraquecer a democracia, que estabelece que não é o ego de um indivíduo que define a régua moral da sociedade.

Se as paixões dos bilionários não podem ser moldadas de forma mais solidária, talvez devêssemos discutir como eles poderiam ser mais bem taxados. Muitos deles declaram que é exatamente isso o que querem

Certamente o interesse dos bilionários na política global varia se estão promovendo a saúde mundial ou se opondo ao combate às mudanças climáticas. Mas é difícil saber se suas ações são motivadas por solidariedade ou interesses privados. Se as motivações dos bilionários são egoístas ou altruístas (quando orientadas por algum princípio moral genuíno), parece-me menos relevante do que as consequências de suas ações para tornar o mundo um lugar melhor.

Mais importante é como lidamos com uma dinâmica que permite que, durante a pandemia, a fortuna de um bilionário aumentasse 60%, enquanto a renda de 99% da população mundial diminuísse (Oxfam, 2022).

Para entender melhor essa relação entre bilionários e política, precisamos de uma genealogia das condições que moldaram suas paixões. Isso iluminaria não apenas sua influência política, mas também o que tornou possível o desejo de ser bilionário.

A questão é: podemos imaginar alternativas onde 10 indivíduos não possuam a mesma riqueza que 3,1 bilhões de pessoas (Oxfam, 2022)?

Se as paixões dos bilionários não podem ser moldadas de forma mais solidária, talvez devêssemos discutir como eles poderiam ser mais bem taxados. Muitos deles declaram que é exatamente isso o que querem.

Com a violência sempre à espreita, como educar em territórios ocupados?

No Complexo da Maré, 26 operações policiais provocaram o fechamento de escolas só neste ano; são quase 2 meses sem aula, se incluir falta de luz e água

Yvonne Bezerra de Mello
Filóloga, é mestre em políticas públicas e fundadora do Projeto Uerê, no Complexo da Maré (RJ)

O Brasil é um país que tem 11.413 favelas urbanas onde vivem cerca de 16 milhões de pessoas em territórios altamente densos. Nos últimos 12 anos, essa população aumentou 40% sem que a vida desses brasileiros melhorasse, principalmente em educação, saúde e saneamento.

Nesses locais, a violência é constante. As ameaças que rondam as salas de aula estão entre os fatores que explicam os péssimos resultados acadêmicos da população infanto-juvenil. As ocupações diárias de militares e civis armados trazem consequências desastrosas para o desenvolvimento da nação no presente e no futuro.

O Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, onde trabalho, tem 140 mil habitantes com 37 mil crianças e adolescentes matriculados nas escolas públicas do ensino fundamental. Neste ano já aconteceram 26 operações policiais que provocaram o fechamento de escolas no território —num total de quase dois meses, se contarmos com as faltas de luz e de água. O Brasil, em certos aspectos, não muda.

No final da década de 1950, em São Paulo, a catadora de papelão Carolina de Jesus descreveu o retrato cru da vida cotidiano e, sobretudo, a luta pela sobrevivência na favela do Canindé. Além disso, fez uma análise das consequências das privações materiais e culturais dos moradores e as futuras gerações.

Estamos em 2024 e a violência contra o povo periférico continua com a mesma falta de políticas públicas e o absoluto vácuo de políticas de segurança estaduais e federal. A grande maioria das favelas brasileiras é tomada pelo narcotráfico e, no Rio de Janeiro, também por milícias numa guerra que só se avoluma a cada dia.

O que caracteriza essas populações são o sobressalto e o desespero contínuo, que lhes impede de ter seu ir e vir assegurado. Todos sabem que correm risco de vida e de serem atingidos por tiros de fuzil cada vez que saem de casa. Esse medo tem provocado um aumento enorme da deterioração da saúde mental de todos, principalmente de crianças e adolescentes que são violentados todos os dias nos seus direito básicos.

Todos sabem que correm risco de vida (...). Esse medo tem provocado um aumento enorme da deterioração da saúde mental, principalmente de crianças e adolescentes que são violentados todos os dias nos seus direito básicos

Na educação, dados recentes demonstram que 44% das crianças não aprenderam a ler e escrever no segundo ano do ensino fundamental. No Rio de Janeiro, as piores notas do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) foram em escolas nas áreas conflagradas.

A violência diária provoca consequências graves no desenvolvimento corporal, emocional e cognitivo desses alunos. E desencadeia fatores traumáticos extremos, como os que causam dano à própria vida e rupturas mentais.

O que fazer?

Prevenir seria o primeiro passo, ao reconhecer que essa violência precisa ser interrompida com ações imediatas do poder público, como reprimir as drogas e as armas antes de chegarem a esses territórios. Só assim poderemos recuperar o afeto perdido, o fim do medo e pautar uma relação de comunicação e diálogo entre governos.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br



Desfile de comemoração ao 7 de Setembro, feriado da Independência do Brasil, no Distrito Anhembi, em São Paulo Felipe Iruatã/Folhapress

Independência

"A Independência e a paz" (Política, 6/9). O Brasil ainda é uma nação com grandes dependências em questões de justiça social e de partilhar a riqueza nacional com seus 212 milhões de habitantes. Somos uma nação atrasada, vivendo a reboque da política e dos interesses econômicos de países mais poderosos. A independência é um processo que depende de todos os brasileiros para se completar como nação.
Paulo Sergio Arisi (Porto Alegre, RS)

Dia da pátria

"Governo Lula gasta R$ 4 mi com 7 de Setembro maior e mais caro" (Política, 6/7). É nosso marco de liberdade, merece ser festejado com toda a pompa!
Antonio Thadeu Wojciechowski (Curitiba, PR)

*

Desfile como deve ser: autoridades que servem aos Três Poderes assistindo à homenagem do dia, e não se apropriando da data.
Jose Marcatto (Londrina, PR)

Manifestação bolsonarista

"Bolsonaro reúne apoiadores na Paulista com coro de 'fora, Xandão' e apoio a Musk" (Política, 7/7). Ao se reunir, a extrema direita não tem o que debater, nem críticas ao governo, daí que qualquer coisa serve!
Anete Araujo Guedes (Belo Horizonte, MG)

*

A história sempre será construída por homens e mulheres de coragem, determinação e fé. Uma verdadeira multidão saiu de suas casas e foi às ruas.
Josenildo Nascimento Melo (Teresina, Pi)

Novo formato da Folha

"Apareci na **Folha** como leitora que se emociona com detalhes, relata assinante" (Política, 6/9). Também gosto de ler a **Folha** e é como foi dito: a história acontecendo.
Silene Maria de Sousa (Goiânia, GO)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

MÔNICA BERGAMO (7.SET., PÁG. A48) A Fundação Faculdade de Medicina (FFM) completará 38 anos no dia 18 deste mês, não 30 anos.

Assunto Moderação de conteúdo nas redes sociais

É fundamental a moderação de conteúdo, não só os violentos como também de fake news que não deixam de ser uma violência psicológica, um assédio moral! A fiscalização é necessária e só será efetiva com a responsabilização das big techs, que lucram com a monetização das redes sociais!
Vilarino Escobar da Costa (Viamão, RS)

*

A fiscalização é necessária, uma vez que ela impacta na saúde mental dos cidadãos e pode torná-los mais violentos, além de fazer com que tenham medo de sair de casa.
Giovanna Freire (São Paulo, SP)

*

Quem não quiser, não assista. E os menores de 18 anos já têm fiscais de moderação de conteúdo. Não exercer este direito/obrigação é abandono de incapaz e deve haver penalidade. Cabe aos pais este gerenciamento, não ao Estado.
Wilson Barbosa Soares (Rio de Janeiro, RJ)

Extremamente necessária! Violência é crime e, se não pode na vida real (ofensas, injúria, difamação, agressão física), não pode nas redes sociais! Redes não têm limites e obedecem aos algoritmos, mostrando cada vez mais este tipo de conteúdo. Além disso, os mais jovens podem se sentir autorizados a falar o que bem entenderem sem respeitar o outro.
Andréa Salgado (Rio de Janeiro, RJ)

*

É necessária assim como as leis e regras. Infelizmente, o ser humano não possui limites em imaginação e prática de crueldades e afins. A violência como prática cotidiana formará uma sociedade cada dia menos harmônica, impiedosa e inescrupulosa.
Rafaela Ayumi (São Paulo, SP)

*

Já existe o Marco Civil da Internet. Os pais é que precisam controlar o acesso dos jovens.
Maucir de Almeida (Niterói, RJ)

É preciso que a moderação (ou o moderador) não se entenda como o dono do debate. Para isso, as regras devem ficar bem claras, assim como os mecanismos de sua aplicação e a penalização do descumprimento.
Adriana Freitas Gomes (Belo Horizonte, MG)

*

A moderação pode diminuir a disseminação, porém, não deve restringir informações. A opção de ter ou não acesso a um conteúdo, indicado por um moderador como violento, quem sabe seja uma solução.
Helio Carlos Panzenhagen Jr. (Santo Ângelo, RS)

*

Essencial para a proteção de nossa saúde mental e para garantir um ambiente digital mais seguro a todos nós. O acesso constante a estes conteúdos pode desencadear comportamentos agressivos.
Ana Carolina de Oliveira Reis (Irituia, PA)

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA	R$ 29,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM	R$ 44,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO IMPRESSA	**VENDA AVULSA**		**ASSINATURA SEMESTRAL***
	seg. a sáb.	**dom.**	**Todos os dias**
MG, PR, RJ e SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF e SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

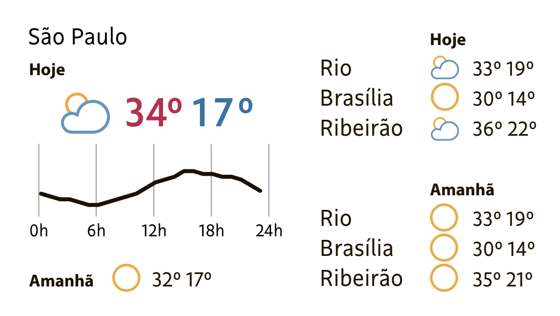
* À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBDUSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-015-8080

ATMOSFERA



Fonte: www.climatempo.com.br

BLOQUEIO DE RUAS

Vias fechadas para carros neste domingo (8) em SP, devido ao programa Ruas Abertas

ONDE Avenida Paulista, entre a praça do Ciclista e a praça Oswaldo Cruz; ruas dos Estudantes, dos Aflitos, Américo de Campos e Galvão Bueno, localizadas no bairro da Liberdade.

QUANDO Das 9h às 16h.

Viaduto parcialmente interditado na sexta (6) em SP, em razão de obras no pavimento

ONDE Viaduto Dante Delmanto, no Jabaquara.

QUANDO A Prefeitura de SP estima que a obra termine em 30 dias.

FESTA ITALIANA

A 51ª Festa de San Gennaro, em São Paulo, teve início no sábado (7). Dentre as atrações previstas estão as missas solenes, a procissão de San Gennaro e as barracas com comidas e bebidas tradicionais da Itália.

A entrada na festa externa é gratuita. O acesso à cantina San Gennaro custa R$ 65 aos sábados e R$ 50 aos domingos.

ONDE Nas ruas Lins e San Gennaro, na Mooca.

QUANDO De 7 de setembro a 6 de outubro, sempre aos fins de semana. Nos sábados, das 17h às 23h, e nos domingos, das 17h às 22h.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 8.SET.1924



Folha da Noite

Como se regenera um paiz

Ministro viaja para se encontrar com príncipe italiano na Bahia

O ministro das Relações Exteriores, Félix Pacheco, e o embaixador da Itália no Brasil, Pietro Badoglio, partiram nesta segunda (8) do Rio de Janeiro para a Bahia, onde eles se encontrarão com o príncipe italiano Umberto, que visita o país. Os representantes do presidente da República, Arthur Bernardes, e de outros ministros estiveram nas despedidas. O ministro das Relações Exteriores levou um presente ao herdeiro do trono da Itália em nome do presidente brasileiro.

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Cabo eleitoral

O prefeito de SP, Ricardo Nunes (MDB), disse ao final de um café da manhã com representantes do mercado financeiro na quinta (5) que quer se reeleger para ajudar Tarcísio de Freitas (Republicanos) a chegar à Presidência. A uma plateia de 30 pessoas, Nunes afirmou que o governador será um dia presidente com seu apoio. Neste momento, Tarcísio sorriu e balançou a cabeça em sinal negativo, como dizendo que não é o momento de discutir o tema. Houve, no entanto, aplausos à fala do prefeito.

PRA DEPOIS Pessoas presentes disseram ao Painel que não ficou claro se Nunes se referia já à eleição de 2026. Tarcísio vem sendo mencionado como possível nome da direita para daqui a dois anos. O governador, no entanto, tem negado essa hipótese e diz que seu projeto é reeleger-se para o Executivo paulista.

FOLHA CORRIDA Responsável por uma das maiores doações da campanha de Pablo Marçal (PRTB) à Prefeitura de SP, o empresário Vitor Augusto Ferreira Alonso, 35, transferiu R$ 25 mil via Pix para a candidatura do influenciador. No começo do ano, ele assinou acordo com o Ministério Público Federal no qual confessou participação em um golpe que envolveu uso de R$ 2.000 em cédulas falsas. O dinheiro teria sido usado para comprar um celular de um aposentado em 2017 no Distrito Federal. Procurados pelo Painel, Alonso e a campanha de Marçal não se manifestaram.

DIREITE
A Prefeitura de Blumenau (SC), administrada por Mário Hildebrandt (PL), promoverá no domingo (8) o evento cultural "Palhaçaria para Todes". Ele é do partido do ex-presidente Jair Bolsonaro e do governador de Santa Catarina, Jorginho Mello. O uso da linguagem neutra é criticado por bolsonaristas e geralmente associado a pessoas de esquerda.

WE ARE FAMILY O presidente Lula (PT) deve gravar na próxima terça-feira (10) para a campanha de seu genro, Danilo Sampaio (PT), que é candidato a prefeito de Barra dos Coqueiros (SE). A mulher de Danilo e filha do presidente, Lurian Lula da Silva, deve participar da filmagem. A cidade, na região metropolitana de Aracaju, é uma das principais apostas do PT no estado de Sergipe.

BOA VIZINHANÇA Apesar das rusgas entre os presidentes Lula e Javier Milei, os ministros das Defesas de Brasil e Argentina estarão juntos em evento no Rio de Janeiro em 27 de setembro. José Múcio e Luis Alfonso Petri falarão em um painel da 21ª Conferência de Segurança Internacional do Forte, principal fórum do tipo na América Latina.

LOBBY A defesa de anistia aos presos pelo 8 de Janeiro feita pelo governador Tarcísio de Freitas e pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) dá força ao projeto de lei que está na pauta de comissão da Câmara, avalia o líder do PL na Casa, Altineu Côrtes (RJ). Para eles, o tema ganha corpo pelos "excessos do STF."

TRÊS PODERES

VENCEDOR DA SEMANA
O deputado **Hugo Motta** (Republicanos-PB), que despontou como favorito para presidir a Câmara após desistência do colega Marcos Pereira (SP).

PERDEDOR DA SEMANA
Silvio Almeida, demitido da pasta dos Direitos Humanos após acusações de assédio sexual que incluiriam Anielle Franco (Igualdade Racial) entre as vítimas.

FIQUE DE OLHO
União Brasil e PSD tentam montar **bloco alternativo** contra Hugo Motta na Câmara; Bolsonaro deve entrar com mais força na campanha de Ricardo Nunes.

Com Guilherme Seto e Danielle Brant



Eduardo Bolsonaro, Silas Malafaia, Bolsonaro e Tarcísio, neste sábado, na Paulista Bruno Santos/Folhapress

Bolsonaro reúne milhares na Paulista, cobra freio a Moraes e repete pedido de anistia

Ex-presidente pede impeachment de ministro, chamado de psicopata e tirano durante ato, e sobe o tom em relação a protesto de fevereiro

SÃO PAULO O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) reuniu milhares de apoiadores na avenida Paulista neste sábado, 7 de Setembro, em protesto que teve como principal alvo o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes. Ele cobrou freio ao magistrado e repetiu pedidos de anistia a presos pelo 8 de janeiro de 2023.

"Espero que o Senado bote um freio em Alexandre de Moraes, esse ditador que faz mais mal ao Brasil do que o [presidente] Luiz Inácio Lula da Silva", disse ele no discurso final do ato, apesar de a cúpula dos senadores já ter afastado a possibilidade de que pedidos de impeachment contra o magistrado avancem.

Os manifestantes ocuparam diversas quadras da avenida, mas, aparentemente, na comparação das imagens aéreas, havia menos apoiadores em relação ao último grande ato bolsonarista no local, em fevereiro. Procurada, a Polícia Militar informou que não divulgaria estimativa de público.

Bolsonaro subiu no caminhão de som pouco depois das 14h ao lado do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e de três filhos, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), o senador Flávio Bolsonaro (PL-SP) e o vereador Carlos Bolsonaro (PL-RJ).

O prefeito Ricardo Nunes (MDB) também estava no veículo, mas não foi anunciado nem citado nos discursos. Já Pablo Marçal (PRTB), que vinha fazendo mistério sobre sua presença e disputa com ele os votos do bolsonarismo à prefeitura, apareceu quase ao final do ato, foi ovacionado e disse ter sido barrado de subir no trio.

Bolsonaro compareceu ao protesto depois de passar em um hospital pela manhã porque, segundo seus aliados, se sentiu mal em decorrência de uma gripe. Na véspera, ele afirmou a seguidores em Juiz de Fora (MG) que a manifestação seria feita para desafiar o que ele chamou de "sistema".

Foi esse tom antissistema que ele adotou em seu discurso neste sábado, no qual relembrou feitos da sua gestão e disse que foi retaliado porque "eles não estavam roubando mais". "Se uniram e voltaram ao velho discurso de que eu queria dar um golpe de Estado, usando dispositivos da nossa Constituição", declarou.

Bolsonaro ainda afirmou que as eleições de 2022 foram conduzidas "de forma totalmente parcial" por Moraes, a quem chamou de ditador, e pediu que a proposta de anistia avance na Câmara. "Nós conseguiremos essa anistia. Só assim poderemos começar a sonhar com pacificação", disse em cima no caminhão.

Ele também se emocionou ao lembrar da facada que levou há seis anos, pouco antes de ser eleito, e citou o ex-presidente norte-americano Donald Trump: "Tenho certeza de que as eleições de novembro deste ano nos Estados Unidos, fazendo com que Trump volte ao poder, serão um recado para ditadores de todo o mundo".

O primeiro a discursar foi o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que chamou Moraes de psicopata e puxou o coro de "fora, Xandão". Também pediu o impeachment do magistrado e a anistia aos acusados de atos golpistas e estimulou os apoiadores a defender quatro bandeiras.

"Número 1: o fim da perseguição dos inocentes e prisões políticas. Número 2: a anistia para todos os presos políticos. Número 3: o encerramento de todos os inquéritos ilegais derivados do inquérito do fim do mundo e 4. o impeachment de Moraes", ele enumerou, sendo aplaudido.

A manifestação foi insuflada pela decisão recente de Moraes de suspender no Brasil as atividades do X, após a empresa não indicar um representante legal no país. Desde então, Musk tem endossado postagens sobre o ato e escreveu que o magistrado "deve sofrer impeachment por violar seu juramento de posse".

A cúpula do Senado, porém, já afastou a possibilidade de que pedidos de impeachment do ministro, principal motivação da manifestação, avancem.

Outra situação que estimulou a manifestação é a série de reportagens publicada pela **Folha** no último mês que revelou atuação atípica do gabinete de Moraes no STF. Auxiliares ordenaram por mensagens e de forma não oficial a produção de relatórios pela Justiça Eleitoral para embasar decisões do próprio ministro contra bolsonaristas no inquérito das fake news no Supremo durante e após as eleições de 2022.

No evento deste sábado, o pastor Silas Malafaia também fez uma fala dura contra o ministro do Supremo. Listou normas que entende que foram infringidas pelo juiz e o acusou de "rasgar a Constituição". "Alexandre de Moraes tem que sofrer impeachment e ir para a cadeia. Lugar de criminoso é na cadeia", disse, aos berros.

Os manifestantes reagiram ao discurso gritando: "Cabeça de ovo, supremo é o povo".

Na última manifestação que organizou na avenida Paulista, em fevereiro deste ano, Bolsonaro havia maneirado a frequente agressividade contra a corte.

Continua na pág. A7

Continuação da pág. A6

Bolsonaro afirmou naquela ocasião buscar a pacificação do país, acuado diante das investigações em torno da suposta trama golpista.

Naquele evento, apoiadores foram orientados a não levar faixas e cartazes contra o STF, o que não ocorreu desta vez.

Declarado inelegível pela Justiça Eleitoral até 2030 por ataques e mentiras sobre o sistema eleitoral, o ex-presidente foi indiciado neste ano pela Polícia Federal em inquéritos sobre joias presenteadas por autoridades estrangeiras e também em relação à falsificação de certificados de vacinas contra a Covid-19.

Além desses casos, Bolsonaro é alvo de outras investigações, que apuram os crimes de tentativa de golpe de Estado e de abolição violenta do Estado democrático de Direito, incluindo os ataques de 8 de janeiro de 2023.

Parte das apurações está no âmbito do inquérito das milícias digitais relatado por Moraes e instaurado em 2021, que podem, em tese, resultar na condenação de Bolsonaro em diferentes frentes. Ele tem negado todas as acusações.

Artur Rodrigues, Anna Virginia Balloussier, Júlia Barbon, Karina Matias e Géssica Brandino

Manifestação bolsonarista tem série de discursos e faixas em apoio ao bilionário Elon Musk, dono do X


Manifestação na Paulista neste sábado Eduardo Knapp/Folhapress

SÃO PAULO Manifestantes bolsonaristas levaram para a avenida Paulista neste sábado cartazes, em inglês e em português, pedindo apoio ou agradecendo ao bilionário Elon Musk, dono do X, antigo Twitter.

O assunto também foi tema de uma série de discursos no caminhão principal do protesto, em críticas à suspensão da rede social e ao que consideram uma censura do Judiciário.

Musk, durante a última semana, estimulou os atos em postagens de sua rede social, ainda que o acesso a ela esteja bloqueado no Brasil.

Tanto o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) quanto o também parlamentar Gustavo Gayer (PL-GO), fizeram trechos de seus discursos neste sábado em outro idioma: "We will never give up" (nós nunca vamos desistir), disse Gayer.

Também estiveram no veículo principal da manifestação os senadores Magno Malta (PL-ES) e Marcos Pontes (PL-SP) e os deputados federais Nikolas Ferreira (PL-MG), Bia Kicis (PL-DF) e Ricardo Salles (Novo-SP).

O trio elétrico antes ecoou falas religiosas e paródias de funks, estavam o pastor Silas Malafaia. Candidatos nas eleições municipais deste ano aproveitaram o ato para pedir votos.

Bonés do candidato a prefeito Pablo Marçal (PRTB) eram vendidos na avenida a R$ 50.

O deputado federal cassado Deltan Dallagnol, ex-procurador da Operação Lava Jato e hoje integrante do partido Novo, foi outro que esteve no ato. Ele disse que o "rótulo de ditador se enquadra" a Moraes, pelo que vê como desrespeito em série à Constituição. Deltan, porém, não discursou.

Do partido Novo, esteve também no protesto a candidata a prefeita de São Paulo Marina Helena, que já havia participado da manifestação no local em fevereiro e costuma criticar o STF.

Também foi convidada para o evento a esposa de Cleriston Pereira da Cunha, acusado dos ataques de 8 de janeiro que morreu na prisão no ano passado.

O sábado de forte calor na capital paulista também fez com que vários dos manifestantes passassem mal. De tempos em tempos, o público chamava a atenção em busca de atendimento médico.

política

Tarcísio evita citar Moraes, mas defende anistia

Governador exalta gestão da qual participou e não menciona Nunes em discurso a bolsonaristas em São Paulo

SÃO PAULO O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), evitou citar o ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Alexandre de Moraes, mas defendeu anistia aos presos pelos ataques golpistas de 8 de janeiro em seu discurso a bolsonaristas na avenida Paulista neste sábado, no ato de 7 de Setembro.

"A nossa causa hoje aqui é a liberdade, a anistia", declarou ele, adicionando que "famílias dos presos políticos importam".

Tarcísio voltou a afirmar que "não se pode tolerar a falta de segurança jurídica" e que isso "está afastando os investimentos" no país, mas não nomeou Moraes.

A declaração sobre o tema foi uma possível referência ao embate do Judiciário com o bilionário Elon Musk, dono da rede social X (ex-Twitter).

O governador também não mencionou o prefeito Ricardo Nunes (MDB), a quem tem tentado reforçar apoio à reeleição nos últimos dias contra o rival Pablo Marçal (PRTB), que chegou ao final do evento de surpresa. O prefeito, por sua vez, não foi anunciado no microfone e se posicionou de maneira discreta no caminhão de som.

O governador também voltou a exaltar feitos do governo Bolsonaro em seu discurso na Paulista. "Estamos com Jair Messias Bolsonaro. Sempre estivemos, sempre estaremos", afirmou.

Neste sábado, ele também esteve no desfile militar no Anhembi, no qual não discursou.

Tarcísio tem uma boa relação com Alexandre de Moraes, apesar de o ministro do STF ser o principal alvo do protesto deste sábado. O governador, por exemplo, disse em abril ter ouvido Moraes ao escolher o novo procurador-geral de Justiça de São Paulo, Paulo Sérgio de Oliveira e Costa.

> **Estamos com Jair Messias Bolsonaro. Sempre estivemos, sempre estaremos**
> **Tarcísio de Freitas** durante discurso na avenida Paulista, neste sábado

Em dezembro de 2022, antes de tomar posse, também incomodou bolsonaristas ao ser fotografado aos risos com o magistrado em evento do STJ (Superior Tribunal de Justiça) em Brasília.

O governador é cotado como candidato do campo da direita na eleição de 2026, já que Bolsonaro está inelegível por decisão da Justiça Eleitoral.

Em 2022, o governador também discursou em evento do 7 de Setembro na avenida Paulista.

Julia Barbon



Adriano Machado/Reuters

Após convite do Planalto, Moraes encontra o presidente Lula no desfile de 7 de Setembro em Brasília

O ministro Alexandre de Moraes, alvo de protestos bolsonaristas em São Paulo, compareceu ao evento do Dia da Independência neste sábado e abraçou Lula

Pablo Marçal é o elefante verde e amarelo na sala bolsonarista

ANÁLISE

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Para o brasileiro que se acostumou a acompanhar política como um novelão, fica com cara de reprise mais um ato na avenida Paulista em que bolsonaristas se revezam para chamar Alexandre de Moraes de ditador, com todas as letras ou nas entrelinhas.

Esta nova temporada, porém, traz uma subtrama suculenta para o público guloso por cortes nas plataformas digitais. Pablo Marçal (PRTB) vai aparecer e ganhar uma salva de palmas? E Ricardo Nunes (MBD), se der as caras ali vai receber uma enxurrada de vaias?

Marçal foi. No fim, mas foi. Chegou depois do discurso de Jair Bolsonaro (PL) e disse que tentou subir no carro de som, mas não deixaram. O pastor Silas Malafaia, que coordenou o ato, o chamou de "safado" e o acusou de querer "vir lacrar em cima de mim".

Seja como for, Marçal literalmente correu atrás do tempo perdido. Ficou correndo em torno do carro e nos arredores, perto do povo, com sua equipe gravando tudo. Distribuiu high fives, trepou na grade e deixou manifestantes siderados enquanto da caixa de som saía o verso "o Brasil quer o mito, é Bolsonaro".

Antes da entrada triunfal, a provocação. "A solução pra São Paulo vem 'do alto'. Olha pra cima que eu tô chegando. Faz o M", havia publicado junto com um vídeo seu desembarcando de um helicóptero.

Nunes foi também, mas quase ninguém viu. Achar o prefeito no trio virou um "onde está o Wally?" eleitoral. Ele tirou foto com os filhos de Jair Bolsonaro (PL), mas sequer anunciado pelo locutor foi. Não discursou e passou batido para a multidão.

Desconversou sobre a aparição tímida. "Poderiam vaiar quem tem condenação por tirar dinheiro de pessoas humildes", disse à repórter, conjurando um veredito antigo, em primeira instância, que associou um jovem Marçal a um esquema golpista.

Eduardo Bolsonaro (PL-SP) também buscou diminuir a presença escondida do prefeito. Falou em risco de serem "acusados de propaganda eleitoral" caso colocassem Nunes na linha de frente e contemporizou: "Todo mundo tá vendo ele aqui, tá tirando foto".

Às vésperas, seu pai disse que talvez fosse cedo para entrar "massivamente" na campanha do emedebista. À **Folha** Eduardo não deixou de reconhecer o borogodó de Marçal naquele eleitorado: há "certo vácuo neste voto mais de direita", e "as pessoas têm dificuldade de encontrar alguém em quem se espelhar".

O deputado Ricardo Salles (Novo-SP), disse, era seu favorito para a Prefeitura, mas sua candidatura acabou rifada em nome da aliança com Nunes. Salles, aliás, foi exceção ao descer do trio para cumprimentar Marçal, o elefante verde-amarelo na sala bolsonarista.

Resta saber qual papel resta a Bolsonaro neste enredo, se terá vida longa como protagonista ou periga virar uma versão contemporânea do bíblico Saul, rei outrora glorioso, mas que perdeu lugar para Davi, um jovem mais indômito e ungido por Deus.

A manifestação, de certo parruda em tamanho, renovou o fôlego de Bolsonaro com sua audiência cativa. Agora é esperar os próximos capítulos para ver se a turba reverente a ele vai continuar fazendo o M de Mito ou vai aderir ao M de Marçal

Marçal, perante o eleitorado cativo do ex-presidente, tem sido bem convincente na verve antissistema e gosta de posar como um herdeiro bastardo do bolsonarismo —taí a aclamação na Paulista que não o deixa mentir.

Já Bolsonaro seria uma versão descafeinada do líder do que foi, rendendo-se aos apelos de Valdemar Costa Neto para abraçar a candidatura de Nunes, insosso demais para o paladar bolsonarista.

A manifestação, de certo parruda em tamanho, renovou o fôlego de Bolsonaro com sua audiência cativa. Agora é esperar os próximos capítulos para ver se a turba reverente a ele vai continuar fazendo o M de Mito ou vai aderir ao M de Marçal. Quem sabe uma acomodação entre as duas partes.





O ex-ministro dos Direitos Humanos Silvio Almeida, durante evento em 2023, em Brasília Ueslei Marcelino - 23.nov.23/Reuters

Lula mandou auxiliar confrontar Silvio Almeida na semana anterior

Ministro dos Direitos Humanos foi demitido nesta sexta (6) e, quando teve a própria versão questionada por emissário da Presidência, negou as acusações de assédio

BRASÍLIA O processo que culminou na demissão do ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, começou a ser desenhado na semana passada, quando o presidente Lula (PT) enviou um emissário seu para confrontá-lo.

Lula e a primeira-dama, Rosângela Lula da Silva, a Janja, sabiam da acusação de assédio à ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, há pelo menos sete dias.

Alertado por um ministro palaciano de que havia rumores a respeito da conduta do titular dos Direitos Humanos, Lula determinou que o ministro da CGU (Controladoria-Geral da União), Vinicius Carvalho, o questionasse sobre a veracidade da denúncia. Ele mandou o recado que, em caso afirmativo, Almeida não poderia permanecer no governo.

A reunião aconteceu na semana passada. Almeida negou com veemência qualquer ato impróprio. Anielle não havia formalizado a denúncia. Segundo duas pessoas com quem a ministra conversou, ela dizia preferir enterrar o caso e acrescentava desejar nunca ter passado por aquela situação.

As assessorias de Lula e Janja foram procuradas, mas não se manifestaram. Em entrevista a uma rádio de Goiânia, o presidente disse que tomou conhecimento dos fatos na noite de quinta (5). Aliados afirmam que o mandatário se referia aos detalhes da denúncia, e não aos rumores.

Entre maio e junho do ano passado, Anielle Franco havia relatado a amigos próximos, incluindo a alguns integrantes do governo, atos impróprios de Silvio Almeida. Quando incentivada a levar o caso adiante, ela relatava que não tinha provas para sustentar a sua versão. Também dizia não querer expor a família de ambos.



Vamos ter que apurar corretamente, mas eu acho que não é possível a continuidade [de Almeida] no governo, porque o governo não vai fazer jus ao seu discurso, à defesa das mulheres

Lula (PT)
Presidente da República



Repúdio tais acusações com a força do amor e do respeito que tenho pela minha esposa e pela minha amada filha de 1 ano de idade

Silvio Almeida
Ex-ministro dos Direitos Humanos

Segundo interlocutores, a partir de junho deste ano a ministra se viu obrigada a alertar integrantes do governo sobre o risco de o caso vir à tona. Sua assessoria e ela própria passaram a ser procuradas por jornalistas, que as questionavam sobre os relatos.

Procurada pela colunista Mônica Bergamo em junho, ela não confirmou nem negou o episódio. O caso acabou revelado pelo site Metrópoles na quinta-feira.

Após a demissão de Almeida, Anielle afirmou nas redes sociais que "tentativas de culpabilizar, desqualificar, constranger, ou pressionar vítimas a falar em momentos de dor e vulnerabilidade também não cabem, pois só alimentam o ciclo de violência".

Duas pessoas ligadas ao Ministério dos Direitos Humanos, mas que pediram para não serem identificadas, disseram à **Folha** que pelo menos desde janeiro integrantes do Palácio do Planalto sabiam da suspeita do caso de assédio cuja vítima seria Anielle.

Uma delas ainda relatou que auxiliares palacianos procuraram pessoas próximas à ministra, que confirmaram a história.

Almeida foi demitido pelo presidente Lula na noite desta sexta, um dia após as acusações de assédio sexual virem a público. A organização Me Too Brasil confirmou em um comunicado que recebeu as acusações das, mas disse que iria proteger as identidades de todas as denunciantes.

O então titular dos Direitos Humanos negou as acusações, por meio de notas e um vídeo postado em redes sociais. Almeida então acrescentou que encaminhou ofícios para que as denúncias contra ele fossem investigadas, por diferentes instâncias.

"Repudio com absoluta veemência as mentiras que estão sendo assacadas contra mim. Repudio tais acusações com a força do amor e do respeito que tenho pela minha esposa e pela minha amada filha de 1 ano de idade, em meio à luta que travo, diariamente, em favor dos direitos humanos e da cidadania neste país", afirmou, sobre o caso, em defesa.

O presidente Lula estava fora de Brasília quando as acusações foram reveladas. Ele se deslocando de Uberlândia (MG) para São Paulo, onde participou da cerimônia de abertura da Bienal. Mais tarde, uma postagem da primeira-dama indicou que o destino de Almeida estava selado.

Janja publicou uma foto em que aparece beijando a testa de Anielle. Na manhã seguinte, Lula indicou a demissão de Almeida ao comentar ainda pela primeira vez os fatos, durante aquela mesma entrevista à rádio de Goiânia.

"Vamos ter que apurar corretamente, mas eu acho que não é possível a continuidade no governo, porque o governo não vai fazer jus ao seu discurso, à defesa das mulheres, inclusive dos direitos humanos, com alguém que esteja sendo acusado de assédio." **Catia Seabra, João Gabriel, Julia Chaib e Renato Machado.**

Presidente criticou ministro por ter usado pasta para se defender na crise

BRASÍLIA A conversa entre Lula (PT) e Silvio Almeida que selou a demissão do ministro dos Direitos Humanos foi marcada por uma fala ríspida e direta do presidente, que afirmou que a situação do subordinado tinha ficado insustentável.

Lula falou que, diante da gravidade da denúncia de assédio sexual, Almeida não tinha mais condições de permanecer na pasta. E acrescentou que ele não tinha o direito de usar a estrutura do ministério para fazer a sua defesa pessoal.

De acordo com relatos, Lula disse que só o ministro, Anielle Franco e Deus sabem exatamente o que aconteceu entre os dois, referindo-se às acusações de que a titular da Igualdade Racial teria sido uma das assediadas. Mas que é dever do Estado a proteção das vítimas. Lula disse ainda que Almeida tem todo o direito de se defender, mas não à frente do Ministério dos Direitos Humanos.

Aliados dizem que irritou Lula o fato de Almeida ter publicado notas da pasta para negar as acusações e criticar a organização Me Too Brasil, que afirmou ter recebido denúncias de assédio contra ele.

Almeida foi chamado ao Palácio do Planalto e chegou por volta das 18h. Saiu demitido do gabinete presidencial menos de uma hora depois.

Interlocutores da cúpula do governo afirmam que a maior parte do encontro ocorreu com Almeida apresentando a sua defesa para o presidente. O ministro demitido chorou diante de Lula, lembrou que tem uma filha de um ano de idade e que foi homenageado por seus alunos. Ele também se disse vítima de armação.

A demissão de Almeida foi anunciada por meio de uma nota da Secom (Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República). Em um tom duro, o texto cita a expressão "graves denúncias" e afirma ainda que Lula considerou "insustentável" a permanência de Almeida no ministério.

"Diante das graves denúncias contra o ministro Silvio Almeida e depois de convocá-lo para uma conversa no Palácio do Planalto, no início da noite desta sexta-feira (6), o presidente Lula decidiu pela demissão do titular da Pasta de Direitos Humanos e Cidadania", diz o comunicado à imprensa.

"O presidente considera insustentável a manutenção do ministro no cargo considerando a natureza das acusações de assédio sexual." O caso, revelado pelo portal Metrópoles e confirmado pela **Folha**, veio à tona na tarde de quinta (5), após a organização Me Too Brasil afirmar ter recebido acusações de assédio contra o ministro Silvio Almeida, demitido por Lula. **CS, JG, JC e RM.**

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman da Folha tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000

Brasil sem X, Folha sem divisão

Leitores se queixam da descrição de Elon Musk no jornal e de mudanças no formato impresso

Alexandra Moraes

"Elon Musk é presidente-executivo da Tesla e da SpaceX. Foi um dos fundadores da empresa de tecnologia que deu origem ao PayPal, a Zip2. Em 2022, o bilionário comprou o Twitter por US$ 44 bilhões. Em 2023, Musk decidiu mudar o logotipo da rede social para X, deixando de lado o icônico passarinho azul."

Era assim que Elon Musk era descrito, até a última segunda (2), no tópico da **Folha** que reúne as notícias sobre ele.

Leitor chamou a atenção. "A minibio no tópico Elon Musk parece feita pelo ChatGPT de tão genérica: não cita os negócios dele no Brasil, o interesse nos minérios da Amazônia nem sequer qualquer controvérsia."

Depois do alerta, o texto foi editado e ganhou um complemento: "O X foi bloqueado no Brasil em 2024 por determinação de Alexandre de Moraes, do STF, após Musk fechar as operações da empresa no Brasil e não indicar um representante legal".

Para o leitor, "a **Folha** parece fingir acreditar que é pela liberdade de expressão que Musk atua no Brasil". Apesar disso, o próprio jornal havia apontado que "Moraes cita reportagem de abril da **Folha** que mostrou que o dono do X, Elon Musk, tem cumprido, sem reclamar, centenas de ordens de remoção de conteúdo vindas dos governos da Índia e da Turquia".

A proibição do acesso direto à rede de Musk no país chega ao nono dia sem sopro de mudança. A cobertura, porém, é intensa. Leitores questionam a iniciativa da **Folha** de usar correspondentes para postar no X e cobrir a rede com uma nova coluna.

Ao repercutir o vácuo interpretativo da decisão de Moraes sobre o uso de VPN para acessar o X, o jornal também ouviu um especialista que enquadrou a iniciativa da **Folha** como passível de questionamento, como esses leitores. A falta de clareza na decisão acaba servindo ao caos que é caro ao bilionário.

Enquanto isso, a revista Wired afirmou ver sinais de hesitação de Musk ante a briga com Moraes, mas os cartazes e discursos do 7 de Setembro impulsionados pelo bilionário reafirmavam, pelo contrário, sua inflamação.

Já a **Folha** fez uma boa reportagem sobre como os negócios de Musk aqui são comercialmente insignificantes para ele. Mas ainda falta contexto do ponto de vista geopolítico –não à toa, o empréstimo para a compra do Twitter foi considerado o pior para bancos desde a crise de 2008, segundo o Wall Street Journal. E é aí que viram um problema as palavras na descrição do bilionário que eliminou o passarinho azul.

É possível defender a ideia de que o X seja um cantinho da liberdade de expressão tanto quanto é razoável notar que a condução da plataforma por Musk sempre se orientou politicamente pelo caos. Vale recordar uma coluna de Luís Francisco Carvalho Filho escrita em abril e descrita como profética por um comentarista.

"Não é bravata. É articulação política. Conforta e estimula a militância da extrema direita. Sem nunca mencionar a tentativa de golpe de Estado quando reclama de inquéritos secretos, decisões sigilosas e censura à liberdade de expressão, Musk finge se mover por um liberalismo ideológico que a rigor não existe e confere a Bolsonaro e aliados o status de vítimas."

Houve excesso de confiança no Twitter como ágora, assim como há espanto diante de sua revelação como circo máximo.



Carvall

Leitores decepcionados falam de jornal mais pesado ('horrível manusear') e letras menores ('pensem nos leitores idosos!'), mas a principal reclamação foi sobre a impossibilidade de dividir e compartilhar os cadernos durante a leitura

Novo formato

Apesar de menor, a nova Edição **Folha** (versão impressa e digital) chegou fazendo barulho.

A polêmica veio de brinde no novo jornal. Leitora escreveu para reclamar do excesso de destaque ao novo formato antes mesmo de sua estreia. "Não bastassem as propagandas, que acredito serem cabíveis, há todos os dias mais de uma matéria sobre isso, com chamada na capa. Como se isso fosse realmente um evento importante para o país."

Mensagens de leitores decepcionados falam de jornal mais pesado ("horrível manusear, provoca dores nos pulsos") e letras menores ("pensem nos leitores idosos!", escreve uma delas, com a exclamação). Mas a principal reclamação recebida pela ombudsman foi sobre a impossibilidade de dividir e compartilhar os cadernos durante a leitura.

Questionada sobre eventuais ajustes, a Secretaria de Redação responde: "O projeto atual já contempla a possibilidade de divisão em mais de um caderno, como ocorrerá pelo menos às sextas (com o Guia destacado) e aos domingos (Ilustrada/Ilustríssima). Estamos estudando aperfeiçoamentos levando em conta essas e outras queixas dos leitores".

Ministras estão com Anielle, diz Tebet, sobre caso Silvio Almeida

Barroso afirma que processo político terminou e que ex-ministro terá direito à defesa

João Gabriel, Lucas Marchesini e Renato Machado

Brasília A ministra do Planejamento, Simone Tebet, afirmou neste sábado (7) que as mulheres do primeiro escalão do governo federal estão do lado de Anielle Franco, após a denúncia de que ela teria sofrido assédio sexual.

O caso levou a uma crise dentro do governo Lula (PT), que resultou na demissão do ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, ocorrida na sexta-feira (6), acusado de assediar mulheres.

"A ministra Cida [Gonçalves, das Mulheres], a ministra Esther [Dweck, Gestão e interinamente nos Direitos Humanos] estão na frente falando por nós. Estamos respeitando o espaço da ministra Anielle, houve um acordo de que a gente não iria fazer nenhuma manifestação pública, em respeito a ela", afirmou Tebet à **Folha**, ao deixar o desfile do Dia da Independência, em Brasília.

"Na própria nota dela [Anielle], é uma nota muito clara, de querer com sobriedade trazer a questão. Estamos do lado da Anielle, mas, no tempo dela, nós faremos nossas manifestações", completou.

Ao longo do dia, as ministras do governo postaram mensagens em defesa de Anielle. Ela não compareceu ao desfile de 7 de Setembro, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. "Todas nós [entramos em contato com ela] de alguma forma, ou por mensagem, como foi meu caso. Por telefone está um pouco mais difícil, porque ela está mais reservada, mas falei com ela por WhatsApp", disse Tebet. Nomeada interinamente para chefiar o Ministério dos Direitos Humanos, Esther Dweck, afirmou que não se reuniu com a nova equipe.

"Vou ter uma reunião segunda-feira [9] com a equipe. Minha expectativa é que seja temporário, até ter um nome definitivo."

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Luis Roberto Barroso, afirmou , ao deixar o desfile militar, que a demissão de Silvio Almeida conclui o processo politico e que ele, agora, terá direito à ampla defesa, como qualquer pessoa.

"Tem que esperar [para ter uma posição sobre o caso]. A parte política já passou com a demissão. E agora, como todas as pessoas, tem direito a ampla defesa e depois se fará justiça", disse Barroso,



Todas nós entramos em contato com ela de alguma forma por mensagem, como foi meu caso. Por telefone, está mais difícil porque ela está mais reservada, mas falei com ela por Whatsapp

Simone Tebet
Ministra do Planejamento

Após a demissão, Almeida afirmou ter pedido ao presidente Lula que o demitisse, para poder garantir a isenção das apurações sobre o caso, sobre o qual se defenderá dentro do processo legal

"Será uma oportunidade para que eu prove a minha inocência e me reconstrua", disse na noite desta sexta-feira. "Pedi para que ele me demitisse a fim de conceder liberdade e isenção às apurações, que deverão ser realizadas com o rigor necessário e que possam respaldar e acolher toda e qualquer vítima de violência."

Um dos nomes que passaram a ser cotados para assumir o Ministérios dos Direitos Humanos é o do secretário da Justiça e Direitos Humanos da Bahia, Felipe Freitas. Ele integra, no momento, o governo de Jerônimo Rodrigues (PT) e também é próximo ao ministro da Casa Civil, Rui Costa.

Uma ala do governo considera apressado o surgimento de possíveis cotados para o cargo. Aponta no nome do político da Bahia uma tentativa do grupo de Rui Costa de ampliar o seu espaço. A ala defende a indicação de uma mulher negra para o ministério.

Segunda opção de voto divide eleitor na disputa pela Prefeitura de São Paulo, aponta Datafolha

Apenas quem vota na deputada Tabata Amaral tem alternativa mais clara de opção por Guilherme Boulos

Igor Gielow

SÃO PAULO Em meio à pulverização que marca a corrida pela Prefeitura de São Paulo neste ano, 59% dos paulistanos se dizem convictos de sua opção de voto. A nada desprezível fatia restante está dividida entre os principais candidatos como alternativa à sua escolha.

Entre esses 41%, podem migrar para o candidato Guilherme Boulos (PSOL) 18% dos 1.204 ouvidos nos dias 3 e 4 de setembro. A margem de erro é de três pontos percentuais para mais ou menos.

Já o prefeito Ricardo Nunes (MDB), que busca a reeleição, seria a opção de 17%, seguido pela deputada Tabata Amaral (PSB), com 15%, o apresentador José Luiz Datena (PSDB), com 13%, e o influenciador Pablo Marçal (PRTB), com 9%.

Nesta pesquisa do Datafolha, encomendada pela **Folha** e pela TV Globo e registrada sob o número SP-03608/2024 na Justiça Eleitoral, Boulos (23%), Marçal (22%) e Nunes (22%) estão empatados tecnicamente no primeiro lugar.

Margem de erro é maior em subgrupos de eleitores

Nos subgrupos de eleitores não tão decididos ao voto, a margem de erro na pesquisa Datafolha é bem maior do que os três pontos percentuais da média geral. No grupo de apoiadores dessa categoria de Tabata Amaral, chega a 13 pontos para mais ou menos.

O voto mais consolidado é de quem já escolheu o deputado federal pelo PSOL (75% de certeza) ou o influenciador Marçal (70%). Mais atrás vêm os apoiadores de Nunes (52%), de Tabata (43%) e de Datena (35%).

Isso dito, os eleitores de Tabata, 9% dos entrevistados nesta rodada, são os mais convictos acerca de sua segunda opção. Nesse segmento, 43% dizem ir de Boulos se não apoiarem a deputada, ante 17% que votariam em Nunes, 8% em Datena e em Marçal, além de 7% que escolheriam Marina Helena (Novo).

A certeza sobre o segundo nome se dilui nas outras parcelas do eleitorado. Entre aqueles que votam em Boulos, podem mudar de ideia em favor de Nunes 24%, mesmo índice apontado para Tabata e na margem de erro de 12 pontos do estrato, empatado com Datena (20%). Já Marçal só é citado por 3% no grupo.

Já o eleitor do prefeito iria, numa segunda escolha, com Boulos (21%), Tabata (19%), Datena (19%) ou Marçal (15%). A margem de erro desse estrato é de nove pontos para mais ou menos.

Entre aqueles que decidiram angariar apoio a Marçal mas podem mudar de ideia, 30% iriam de Nunes, o candidato oficialmente apoiado por Jair Bolsonaro (PL). O ex-presidente foi constrangido a reiterar o endosso ao emedebista ante a ascensão fulminante do autodenominado ex-coach na pesquisa passada, há duas semanas. Outros 16% dos que declaram voto no influenciador poderiam ir de Tabata (16%), Boulos (15%), Datena (12%) e Marina Helena (9%). A margem de erro é de 11 pontos no grupo.

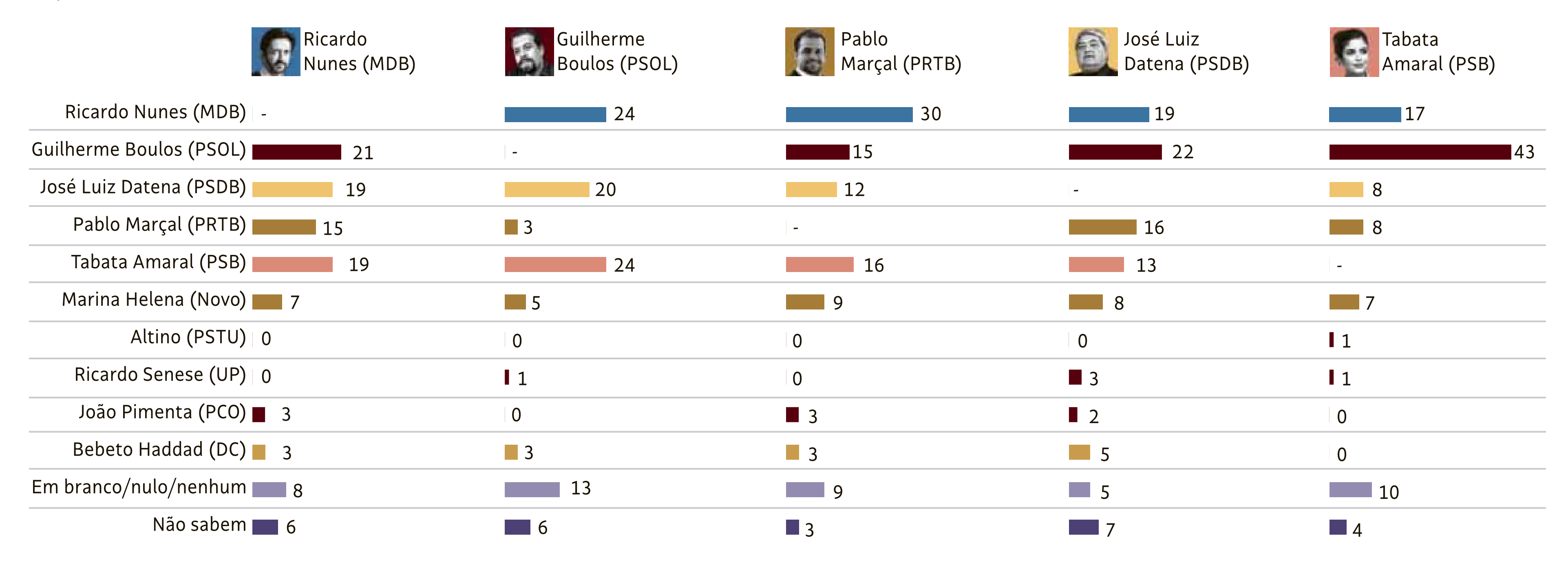
Por fim, há o eleitorado de Datena, popular apresentador de TV que já ensaiou disputar quatro eleições. Até aqui, esta é sua primeira vez à frente de uma campanha de fato, com contato com a população etc., mas ele mesmo alimenta a boataria que vai desistir com frases ambíguas.

Assim, não surpreende que o grau de convicção de quem vota no neotucano seja o mais baixo entre a concorrência. Se mudarem de ideia, 22% falam em apoiar Boulos, 19%, Nunes, 16%, Marçal, 13%, Tabata e 8%, Maria Helena. O segmento tem margem de erro de 13 pontos.

São todas contas um pouco aleatórias neste início de campanha de fato. Mas apontam para tendências não só no primeiro turno, a depender do desempenho dos candidatos na ponta, mas também para as composições do hoje certo segundo turno.

15% entre eleitores de Nunes afirmam que, se não votarem no atual prefeito, escolherão Marçal; entre eleitores de Boulos, 24% citam Tabata como opção

Resposta estimulada e única, em %



Pesquisa Datafolha contratada pela Folha e pela TV Globo, realizada presencialmente com 1.204 pessoas de 16 anos ou mais em São Paulo nos dias 3 e 4 de setembro; margem de erro de 3 p.p. para mais ou para menos. Registro na Justiça Eleitoral sob o protocolo SP-03608/2024

Datena promete ampliar tarifa zero e horários de creche e de UBS

Carlos Petrocilo

SÃO PAULO Após criticar e prometer acabar com o tarifa-zero, o jornalista José Luiz Datena (PSDB) prepara uma ampliação da gratuidade nos ônibus como trunfo eleitoreiro em sua briga pela Prefeitura de São Paulo.

Com uma queda vertiginosa nas pesquisas de intenções de votos, o tucano deverá, como golpe final, intensificar programas sociais às camadas mais pobres.

Além do tarifa-zero, Datena vai priorizar no horário eleitoral e nas agendas de ruas compromissos como mercado solidário e a ampliação de duas horas nos expedientes das creches e UBS (Unidade Básica de Saúde), além do programa Territórios do Emprego.



É muito melhor começar uma maratona devagarinho do que começar lá na frente e recuar

José Luis Datena
candidato a prefeito em São Paulo

Tais medidas, de acordo com os estrategistas da campanha, visam alcançar um público afeito ao apresentador de televisão, mas que ainda não o reconhecem como político.

De acordo com o Datafolha desta quinta-feira (5), Datena é disparado o nome mais conhecido entre os concorrentes, porém, detém apenas 7% das intenções de votos -atrás de Guilherme Boulos (23%), Pablo Marçal (22%), Ricardo Nunes (22%) e Tabata Amaral (9%).

Para reverter o quadro, os estrategistas da campanha debruçam sobre os estratos socioeconômicos. Boa parte dos seus votos, hoje, são oriundos dos desempregados e da dona de casa.

Por outro lado, Datena oscilou dez pontos entre quem tem ensino fundamental (de 19% para 9%). Já entre os que ganham até dois salários mínimos (suculentos 32% da mais recente amostra do Datafolha), o tucano conta com somente 12% das intenções de votos. Líder nesta faixa da população, Nunes tem 28% dos votos, à frente de Boulos (19%) e Marçal (17%).

Datena minimiza os resultados. "As pesquisas não chegam a pegar as periferias da cidade, onde eu sou mais forte e tenho mais votos. Quando for captado isso na boca de urna, vamos ter um volume grande de votação", diz ele.

"É muito melhor começar uma maratona devagarinho do que começar lá na frente e recuar."

A um mês do primeiro turno, a campanha vai veicular nos próximos dias a ampliação do tarifa-zero. A ideia consiste em oferecer um bilhete-único para quem está inscrito no Bolsa Família.

Candidatos registram no TSE Instagram e até Tinder, mas maioria não declara redes

Concorrentes são obrigados a informar perfis ao órgão eleitoral

Isabella Menon e Renata Galf

SÃO PAULO Nas eleições de 2024, o Instagram ultrapassou o Facebook e se tornou a rede social mais declarada entre os candidatos a prefeito e vereador pelo Brasil, no registro de candidatura. A maioria das candidaturas (59,3%), porém, não informou nenhuma rede ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral), apesar de ser obrigatório.

Dentre as redes informadas, o Instagram lidera, representando 49,1% do montante frente a 41,7% de perfis no Facebook — em 2020, as duas plataformas também estavam à frente, mas em posição inversa. Já o TikTok corresponde a 3,3% das redes informadas e o YouTube, 1,2%. Ao menos quatro concorrentes declararam a presença no aplicativo de namoro Tinder.

As informações são de um levantamento realizado pela FGV Comunicação Rio. A análise leva em conta dados coletados em 19 de agosto —após o fim do prazo para registro de candidaturas que se encerrou em 15 de agosto.

Neste ano, há uma nova regra em vigor, aprovada pelo TSE, e cuja aplicação está atrelada aos perfis informados pelos candidatos ao tribunal. Isso porque, segundo esta regra, as plataformas que utilizarem sistemas de recomendação a seus usuários deverão excluir as contas dos candidatos desse tipo de sugestão feita pelos algoritmos.

Com isso, é possível que candidatos que não informaram as redes, mas tenham perfis nas plataformas, acabem não entrando nos filtros das empresas, gerando uma diferenciação.

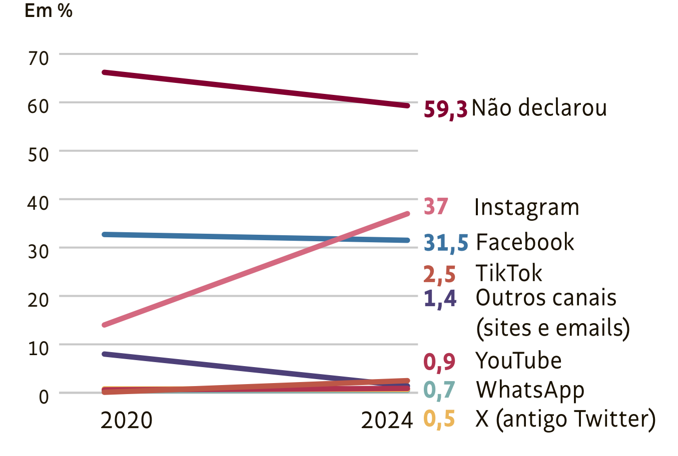
Questionado pela **Folha** sobre os números identificados na pesquisa e quanto a se há alguma fiscalização por parte do tribunal, o TSE não respondeu.

Segundo a lei eleitoral, os candidatos são obrigados a informar seus sites e redes sociais. A resolução diz que a obrigatoriedade inclui "canais publicamente acessíveis em aplicativos de mensagens, fóruns online e plataformas digitais".

Ao julgar um recurso de caso relativo às eleições de 2020, de um vereador que tinha veiculado propaganda eleitoral em perfis que não tinha comunicado previamente à Justiça Eleitoral, o plenário do TSE entendeu por unanimidade que cabia multa —aplicada no valor de R$ 5.000. Para Victor Piaia, um dos pesquisadores no levantamento da FGV, os números gerais da pesquisa mostram a digitalização das campanhas é "um movimento que tem se intensificado".

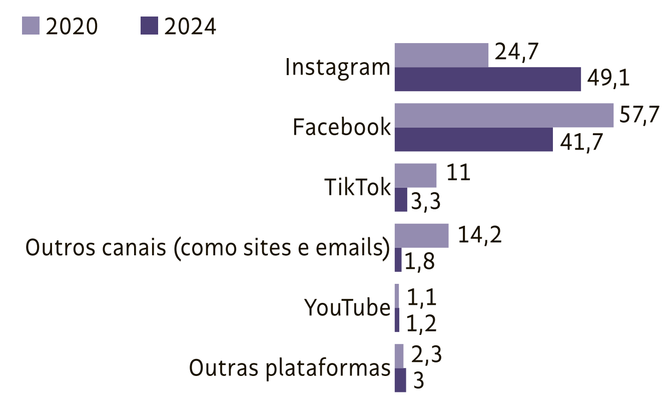
Maioria dos candidatos não declarou perfis de rede social ao TSE

Proporção de candidatos que informou cada rede em relação ao total de candidatos em cada eleição*



Instagram é rede mais declarada por candidatos em registro no TSE

Variação do peso de cada rede em relação ao conjunto de canais declarados, em %



*558,7 mil candidatos em 2020; 457 mil candidatos em 2024
Fonte: Elaboração da FGV Comunicação Rio a partir de dados do TSE


Guilherme Boulos (PSOL), candidato à Prefeitura de São Paulo, durante caminhada no centro da capital Leandro Paiva/Divulgação


O prefeito Ricardo Nunes (MDB), em busca da reeleição, em caminhada no centro de São Paulo Eduardo Knapp - 16.ago.24/Folhapress

Boulos e Nunes mantêm estratégias pré-Marçal, mas avaliam cenário

Candidatos de PSOL e MDB insistem em ideia inicial de protagonizar embate

Joelmir Tavares e Carolina Linhares

SÃO PAULO As principais estratégias traçadas por Guilherme Boulos (PSOL) e Ricardo Nunes (MDB) na fase inicial da corrida à Prefeitura de São Paulo, quando se desenhava um embate direto entre ambos, sofreram apenas ajustes desde a disparada de Pablo Marçal (PRTB).

Mas, se publicamente as campanhas resistem a recalcular a rota e admiti-lo como protagonista, nos bastidores esse cenário é avaliado desde que o influenciador empatou com os rivais.

As reações das equipes do deputado federal e do atual prefeito à mais recente pesquisa Datafolha, que trouxe Boulos (23%), Marçal (22%) e Nunes (22%) disputando vaga no segundo turno, foram sintomáticas. Auxiliares de Boulos e Nunes ficaram mais preocupados em analisar o desempenho do lado contrário e deixaram Marçal em segundo plano.

Em linhas gerais, a campanha do PSOL mantém a ideia de nacionalizar a eleição, opondo o candidato de Lula (PT) e o de Jair Bolsonaro (PL), com a adaptação de que não só Nunes, mas também Marçal, é bolsonarista. Aliados já cogitam a hipótese de um segundo turno contra o influenciador.

Para desconstruir a tática da esquerda, Nunes vem atuando em sentido contrário, ou seja, evita embarcar na ideologia e identificar-se como bolsonarista. Mesmo após o crescimento de Marçal, o prefeito tem repetido ser ele o candidato, e não Bolsonaro, que tem 63% de rejeição na capital.

No caso do emedebista, seu entorno passou a agir reservadamente para tentar conter Marçal, principalmente por meio de conversas com a família Bolsonaro, enquanto pequenas mudanças apareceram na campanha apresentada ao público.

Guiados pela chave da polarização, parte dos auxiliares de Boulos chega a aparentar empolgação com a possibilidade de enfrentar Marçal, adversário mais radicalizado. Ainda assim, admite-se que a eleição seria difícil. O discurso oficial é o de que a campanha não escolhe adversário.

O Datafolha reforçou a aposta de que um confronto com Marçal daria ao candidato apoiado por Lula uma possibilidade maior de vislumbrar vitória. Nas simulações do instituto, Boulos (45%) supera Marçal (39%), mas fica atrás (37%) de Nunes (49%).

Para se contrapor a Marçal, o emedebista passou a usar justamente o argumento de que é o único capaz de evitar o triunfo de Boulos e do que rotula como extrema-esquerda. A pesquisa sobre segundo turno mostrou que Nunes (53%) também bateria o influenciador (31%).

A ordem no comitê de Boulos é avaliar a conjuntura nas próximas duas semanas para decidir sobre uma guinada. Tudo vai depender do quadro no campo à direita e das movimentações de Bolsonaro, que oficialmente apoia Nunes, mas mantém relação ambígua com Marçal.

Caso as pesquisas indiquem fortalecimento de Marçal, o antagonismo passará a ser com ele. Diante da indefinição, a orientação é persistir na linha de que Marçal e Nunes são "duas faces da moeda bolsonarista" e igualmente nocivos.

Empenhado em dissociar o deputado de qualquer traço de radicalismo, o comando da campanha rechaçou o que é descrito como "rolar na lama" com o neófito do PRTB, preferindo combatê-lo com ações na Justiça —a maioria com sentenças favoráveis— e críticas na internet, sem levá-las à propaganda de TV.

Questionados sobre a resistência a virar a chave da campanha para uma briga com Marçal, estrategistas do PSOL e do PT justificam que Nunes permanece competitivo nas pesquisas e margeia o favoritismo por deter a máquina e o maior tempo de TV e rádio, robustos 65%.

Na outra ponta, Nunes tem organizado sua campanha em torno das entregas da gestão sob a lógica de que uma boa aprovação se reverteria em votos. A tática que minimiza a ideologia e a polarização segue o argumento de que, em uma eleição municipal, o eleitor prioriza as condições da cidade.

O prefeito, contudo, viu aumentarem as cobranças de bolsonaristas para que ele adotasse uma agenda conservadora, sobretudo quando esse eleitorado passou a ter Marçal como alternativa.

Até aqui, estrategistas da campanha evitam essa virada e apontam que a aposta na cidade tem mantido Nunes na liderança, ainda que empatado.

Entre a série de adaptações inevitáveis após Marçal, porém, está o diálogo mais intenso para convencer Bolsonaro a embarcar.

Como ficam as campanhas nesta nova conjuntura

BOULOS

Polarização Insiste na ideia de nacionalizar eleições com Lula e Bolsonaro

Cautela Avalia mudança no cenário para definir se haverá guinada na forma de lidar com Marçal

NUNES

Gestão Continua a reverberar entregas durante o mandato

Moderação Evita alinhamento ideológico ao bolsonarismo, mas tenta apoio mais enfático de Bolsonaro

Candidato do PSOL faz campanha ao lado de Haddad e ataca rivais

Gustavo Zeitel

SÃO PAULO Em cima de um caminhão, Guilherme Boulos (PSOL) percorreu algumas ruas da favela de Heliópolis, na zona sul de São Paulo, na manhã do sábado (7). Na ocasião, estava acompanhado do ministro da Fazenda, FernandoHaddad (PT), e da deputada federal Luiza Erundina (PSOL).

A todo momento, o candidato à Prefeitura de São Paulo e seus apoiadores pediram para a população fazer o símbolo do coração com as mãos, o logo de sua campanha, no que parecia ser uma reação ao "faz o 'm'", bordão do candidato Pablo Marçal (PRTB). A postura "paz e amor" contrastou com o tom de suas críticas a Marçal e a Ricardo Nunes (MDB).

"Enquanto tem adversário que vai fazer manifestação antidemocrática na avenida Paulista, para ficar atacando a democracia, as instituições, defendendo o golpismo, a gente está na periferia", disse, firmando também o compromisso de promover a regularização fundiária de Heliópolis.

Um dia depois de o ministro dos direitos humanos, Silvio Almeida, ser demitido, acusado de assédio sexual, Boulos descartou que a crise no Planalto possa ser, agora, usada pelos adversários contra a sua candidatura.

"Não tem condições. A gente defende que todas as vítimas de assédio sejam respeitadas e acolhidas", afirmou o candidato.


O ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), durante evento neste sábado com Boulos Leandro Paiva/Divulgação

"Vamos fazer o maior programa de combate à violência contra mulher da história da cidade."

Em dado momento do percurso, o caminhão onde Boulos, Haddad e Erundina estavam quebrou, e os três políticos tiveram de trocar de carro. Pouco antes, Haddad discursou e defendeu a criação de empregos para a juventude das periferias. Ele também não poupou Nunes e Marçal.

"Infelizmente, a atual administração não tem visão de futuro. E tem um cara aí que é um estelionatário", afirmou o ministro, que foi prefeito de 2013 a 2016. "Não falo de bandido", afirmou.


Pedro Markun, 38, programador e candidato a vereador em São Paulo pela Rede Sustentabilidade Rafaela Araújo/Folhapress

IA vira candidata, faz jingle, escreve lei e entra na campanha eleitoral

Primeira eleição com inteligência artificial deve ajudar postulantes sem verba, mas acende alerta para deepfakes, principal preocupação do Tribunal Superior Eleitoral

Júlia Barbon e Pedro S. Teixeira

SÃO PAULO O pano preto cai, a tela é revelada, e um robô branco passa a dançar ao som de música eletrônica. "Oi! Eu sou Lex, a primeira inteligência artificial legislativa do mundo", apresenta-se a voz masculina, que às vezes mistura o sotaque do interior paulista com português de Portugal.

A máquina faz parte do que o cientista da computação Pedro Markun (Rede) chama de "candidatura híbrida" à Câmara Municipal de São Paulo: formada por ele, um humano, e ela, uma IA. A "dupla" é o exemplo mais marcante de como a inteligência artificial já entrou nestas eleições.

O Brasil vive sua primeira campanha após a popularização do ChatGPT —com 200 milhões de usuários por semana no mundo— e de outras ferramentas similares, que geram textos, imagens, áudios e vídeos.

Candidatos, de um lado, usam a tecnologia para criar jingles e cartazes, escrever leis e conversar com eleitores em aplicativos de mensagem, o que pode ajudar quem tem poucos recursos. De outro, a chamada deepfake ou manipulação de conteúdo testa limites de uma regulação ainda incipiente.

No mais extremo dos casos, o paulistano Markun propõe que a IA seja uma "fazedora de política". "Essa tecnologia está transformando tudo. Se não a colocarmos no debate, ela vai se infiltrar nos gabinetes, e a política estará sendo feita de maneira sintética sem que o cidadão saiba", defende.

A ideia de Markun então foi treinar, com auxílio de uma equipe de técnicos, seu próprio robô legislador. Segundo ele, Lex poderá ler enormes volumes de leis, propor melhorias, analisar e acender alertas em contratos da prefeitura e ampliar a participação pública ao conversar com os cidadãos em apps de mensagem.

Não seria a primeira vez que uma IA escreveria uma lei no Brasil. No ano passado, a Câmara Municipal de Porto Alegre aprovou uma proposta redigida em poucos segundos pelo computador do vereador Ramiro Rosário, candidato à reeleição pelo Novo. O texto isenta a população de pagar pela reposição de hidrômetros furtados.



Essa tecnologia está transformando tudo. Se não a colocarmos no debate, ela vai se infiltrar

Pedro Markun
cientista da computação e candidato a vereador em São Paulo pela Rede

Para Rosário, defensor do Estado mínimo, o modelo pode simplificar processos e reduzir gastos públicos. "Será possível substituir departamentos inteiros e ainda trazer qualificação", afirma ele, que hoje usa a ferramenta para gerar relatórios de comissões, esboçar projetos de lei e roteirizar vídeos.

Outro uso estreado na semana passada por Tabata Amaral (PSB), candidata à prefeitura paulistana, foi a assistente virtual Rita, um contato no Whatsapp que responde dúvidas sobre propostas e aceita sugestões —como também pretende fazer o vereador carioca Pedro Duarte (Novo), com o "Duartinho".

Segundo Evelyn Gomes, diretora da ONG LabHacker (Laboratório Brasileiro de Cultura Digital), o "chatbot" de Tabata ainda tem algumas limitações: usa uma linguagem padronizada do ChatGPT e não consegue fazer elaborações mais complexas que fujam de perguntas pré-determinadas.

No último ano, sua organização foi contratada pelo núcleo de mulheres do PT e treinou 90 candidatas no interior do Brasil sobre como usar a tecnologia.

Por outro lado, às margens das campanhas, circulam as deepfakes: imagens e áudios adulterados com IA para simular identidades. É o caso de um vídeo falso em que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) diz apoiar o influenciador Pablo Marçal (PRTB), cuja circulação foi suspensa pela Justiça Eleitoral na última semana.

Esse tipo de conteúdo foi proibido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e pode implicar em cassação da candidatura ou mandato, além de multa e detenção por até um ano. As novas regras, aprovadas de maneira inédita em fevereiro, também obrigam os candidatos a inserir avisos em qualquer material gerado por IA.

As deepfakes são a principal preocupação do tribunal, segundo o ministro Floriano Azevedo Marques Neto. Como diz a música eletrônica que embala a dança do robô Lex, porém, "o futuro é inevitável".

Paes projeta avanço sobre evangélicos com 'núcleo' bolsonarista

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO Dados da pesquisa Datafolha mostram que o prefeito Eduardo Paes (PSD) mantém um viés de alta em suas intenções de voto para a reeleição a partir do avanço sobre eleitores petistas e evangélicos, somado à manutenção de um "núcleo de apoio" entre bolsonaristas.

Os resultados vão ao encontro da principal preocupação temática do prefeito, que vem dedicando especial atenção ao eleitorado evangélico. As intenções de voto neste grupo (55%) se aproximaram ainda mais do patamar de todos os entrevistados (59%).

A estratégia de campanha de Paes vem, segundo indicam os dados, dificultando o avanço do deputado Alexandre Ramagem (PL) sobre os eleitores de Jair Bolsonaro (PL), principal fiador de sua candidatura.

A estratificação dos dados do Datafolha não permite falar em crescimento ou queda na maioria dos grupos, já que a margem de erro se amplia com o fatiamento da amostra. Mas a tendência indicada pelas oscilações dá sinais sobre os avanços dos candidatos.

O movimento que mais chama atenção é o resultado entre os eleitores evangélicos, geralmente associados ao bolsonarismo.

Paes tinha 46% no início de julho e agora aparece com 55%. Ramagem manteve patamar semelhante: 9% e 12%. A margem de erro nesse grupo foi de 8 pontos em julho e 6 em setembro.

Contratada pela **Folha** e pela TV Globo, a pesquisa do Datafolha, registrada no TSE sob o número RJ-07390/2024, ouviu 1.106 eleitores de terça-feira (3) até esta quarta-feira (4).

O principal movimento de Paes no setor foi firmar aliança com o deputado federal Otoni de Paula (MDB). O bolsonarista se tornou coordenador de campanha do prefeito entre evangélicos e vem participando de constantes agendas com o candidato à reeleição.

Paes também conseguiu apoio de lideranças da Igreja Universal,

55%
é o percentual de intenções de votos em Paes entre os evangélicos

59%
percentual de intenções de votos em Paes entre todos os entrevistados

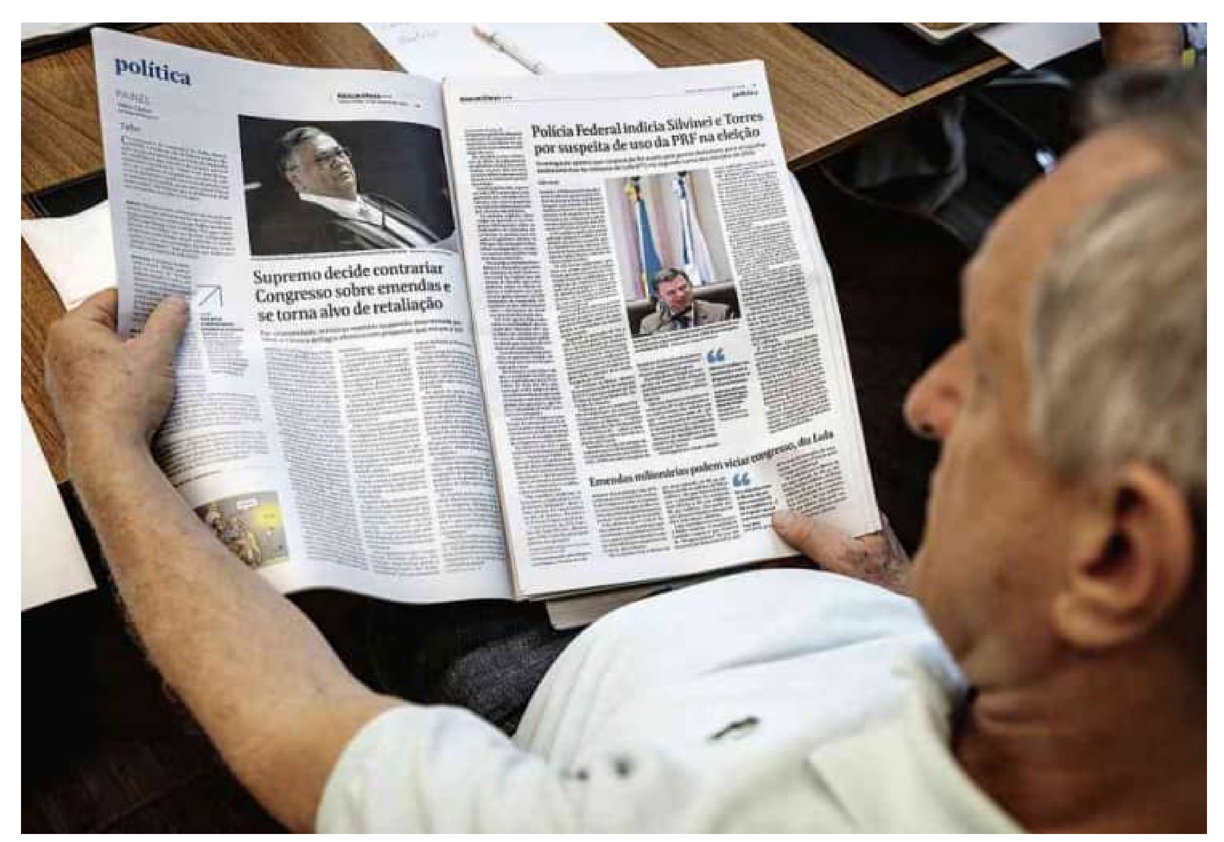
o que impediu Ramagem de ter a deputada estadual Tia Ju (Republicanos), vinculada à denominação, como vice de sua chapa.

O prefeito participou ainda de um culto e recebeu bênção do pastor Josué Valandro Jr., da Igreja Batista Atitude, frequentada pela ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.

O avanço de Paes também tem cores petistas, segundo os dados, apesar da "distância segura" que o prefeito tem mantido do presidente Lula.

Paes tinha no início de julho 65% das intenções de voto entre os entrevistados que se declaravam petistas. O percentual agora está em 74%.

política



Leitores participam de pesquisa qualitativa sobre o novo formato do jornal Bruno Santos/ Folhapress

Assinantes do jornal destacam praticidade, layout e fluidez da leitura em novo formato

Leitores recebem bem versão berliner, de acordo com pesquisa qualitativa do Datafolha; fim dos cadernos é principal crítica

SÃO PAULO (SP) A nova versão da edição impressa da **Folha** foi bem recebida pela maioria dos participantes de uma pesquisa qualitativa realizada pelo Datafolha na última terça (3), três dias após a alteração para o formato berliner.

Eles ressaltaram a praticidade do formato, com um tamanho de página menor que o tradicional standard, como era a **Folha**, e maior do que o tabloide. Adotado pelo jornal no domingo (1) associado a um novo projeto gráfico, o berliner é o padrão mais usado pelos grandes jornais europeus, como o francês Le Monde e britânico Guardian.

Na pesquisa, os leitores elogiaram ainda o layout das páginas, que torna a experiência da leitura mais agradável. "Parece mais moderno", disse um dos assinantes.

Também indicaram o fato de haver menos textos por página, solução que aumenta a sensação de agilidade e fluidez no acompanhamento da **Folha**.

A principal ressalva apontada pelos participantes é que as edições não são divididas em diversos cadernos destacáveis, o que dificulta, por exemplo, o compartilhamento da leitura.

Neste caso, o Datafolha realizou pesquisa qualitativa, que não tem valor estatístico, ao contrário dos levantamentos quantitativos, como os que indicam a intenção de votos em candidatos a cargos públicos. De modo geral, a qualitativa reúne um grupo reduzido de pessoas para discutir um tema com profundidade.

O instituto reuniu dois grupos, ambos formados por pessoas que assinam o jornal impresso há pelo menos três anos. Leem a **Folha** pelo menos cinco vezes por semana, por isso são classificadas pelo Datafolha como leitores frequentes.

"A **Folha** constatou que os leitores formadores de opinião preferem a edição do jornal ao site em tempo real. Esses leitores querem que o jornal faça o serviço de separar o 'joio do trigo', que o jornal edite a profusão atual de notícias, selecionando o que é importante", diz Luiz Frias, publisher da **Folha**.

"A reforma gráfica agradou pela beleza, por oferecer mais conteúdo e por manter a personalidade da **Folha**. Mas a opção do berliner advém da constatação de que esse é o melhor formato para transportar a experiência da edição para o digital, que é o futuro", afirma.

Os assinantes ouvidos pelo Datafolha também citaram a resolução das imagens publicadas na nova versão, com contrastes mais nítidos e cores mais vibrantes.

> **A opção do berliner advém da constatação de que esse é o melhor formato para transportar a experiência da edição para o digital, que é o futuro**
> **Luiz Frias**
> publisher da **Folha**

Chamaram a atenção ainda para a impressão das páginas, com um papel que não suja as mãos de tinta.

De acordo com esses leitores, o novo projeto deu mais visibilidade aos colunistas, um dos trunfos da **Folha**.

A pesquisa foi feita em uma fase bastante inicial da nova versão, pondera Luciana Chong, diretora do Datafolha. De acordo com ela, pelo menos um novo levantamento de caráter qualitativo será realizado mais adiante.

Por ora, afirma Chong, é possível concluir que "os assinantes gostaram das mudanças: o formato, a diagramação, a qualidade do papel. Tudo isso foi muito valorizado. O ponto negativo mais discutido foi a falta de separação dos cadernos. Alguns gostam de ler uma parte e dão outra para alguém da família. Há também aqueles que separam o caderno para ler mais tarde".

Por outro lado, os participantes levantaram a hipótese de que a descadernização poderia estimular a leitura de mais seções do jornal. Mesmo quando fazem críticas como essa, os leitores deixam claro que não pretendem deixar de assinar a **Folha**, segundo a diretora do Datafolha. "Eles reforçam que o que mais interessa é o conteúdo de qualidade."

Para esses assinantes, o novo projeto valorizou ainda seções especialmente queridas dos leitores, como os quadrinhos na Ilustrada. Essa foi a segunda pesquisa do Datafolha realizada com esse objetivo. A primeira havia sido feita no final de agosto, antes do lançamento da nova versão.

A Economist e a suspensão do Twitter

Revista ignorou que a rede manteve contas que divulgaram desinformação

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

Em sua última edição, a revista britânica The Economist publicou um editorial sobre redes sociais e liberdade de expressão, criticando a suspensão do Twitter no Brasil. O texto tem o mérito de ser uma oportunidade de ouro para uma errata de página inteira.

A revista britânica apoia a ofensiva das instituições francesas contra o Telegram, um aplicativo que se tornou lugar seguro para se traficar drogas, vender contrabando e distribuir pornografia infantil.

Concordo inteiramente com a The Economist: quando alguém entra no Telegram e escreve "vendo pornografia infantil", deve ser suspenso, não pela frase que escreveu, mas pelo que fez ao escrevê-la: ofereceu fotos de crianças abusadas em troca de dinheiro. Não há qualquer opinião cuja liberdade precise ser defendida aqui, porque não é de opiniões que se trata.

A The Economist também defende a suspensão do TikTok nos Estados Unidos. A empresa chinesa tem sede em Pequim, e, por isso, "está vulnerável às manipulações do Partido Comunista Chinês". Seria errado, argumenta o editorial, deixar que essa influência política estrangeira controle o fluxo de informações disponível para o público americano.

Não sei se a China está mesmo usando o TikTok politicamente. Mas concordo com o princípio: uma rede social é um espaço público, que deve ter sua integridade garantida contra a manipulação por estrangeiros defensores de ideologias radicais.

> **E o que Elon Musk faz no Brasil é o que os americanos temem que o Partido Comunista Chinês faça na América: promove desinformação contra a democracia**

A The Economist se opõe à suspensão do Twitter no Brasil. Segundo o editorialista, o Twitter foi suspenso no Brasil por "se recusar a obedecer ordens judiciais opacas para remover dúzias de contas".

Qualquer coisa é opaca para quem tem preguiça de estudá-la. A The Economist não informou seus leitores que a origem do conflito está na recusa de Elon Musk em suspender contas que divulgaram desinformação durante a tentativa de golpe perpetrada por Jair Bolsonaro em 2022.

A conspiração golpista já foi amplamente demonstrada por uma investigação da Polícia Federal que inclui depoimentos dos chefes do Exército e da Aeronáutica, bem como o conteúdo dos celulares do principal auxiliar de Bolsonaro (Mauro Cid) e de seu candidato a vice-presidente (Braga Netto).

Como os pedófilos do Telegram, os golpistas de Bolsonaro não postavam que a eleição foi roubada para expressar suas opiniões. Faziam isso para radicalizar seus militantes, em articulação com o presidente da república que, enquanto isso, conspirava dentro dos quartéis.

E o que Elon Musk faz no Brasil é o que os americanos temem que o Partido Comunista Chinês faça na América: promove desinformação contra a democracia. Os bolsonaristas sabem que um dos motivos do fracasso do golpe de 2022 foi a falta de apoio do governo Biden. Musk trabalha para que isso não se repita na próxima rodada.

Seria desejável que a The Economist tratasse o problema da incitação ao crime e ao extremismo no Brasil como trata nos casos francês e americano. Quando a revista reúne no mesmo parágrafo a decisão de Moraes e a censura contra mensagens anti-islâmicas na Malásia, confessa que não vai perder tempo aprendendo sobre as democracias do sul global. E o que é mais importante: não está mais ouvindo o alerta que estamos dando às democracias mais ricas.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Deborah Bizarria, Camila Rocha **TER.** Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari **QUI.** Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves **SÁB.** Demétrio Magnoli



Hugo Motta (de camisa toda preta) com Eduardo Cunha (ao centro) durante jogo do Flamengo no DF, em 2015 Pedro Ladeira - 17.set.15/Folhapress

Hugo Motta subiu com Cunha e pode ser mais jovem presidente da Câmara

Candidato à sucessão de Lira se manteve na órbita dos poderosos; ele faz 35 anos no dia 11 e, caso eleito, superaria Luís Eduardo Magalhães, que chegou ao posto aos 39

Ranier Bragon

BRASÍLIA O deputado federal Hugo Motta (Republicanos-PB) completa 35 anos na próxima quarta-feira (11) e, se for escolhido como o candidato de Arthur Lira (PP-AL), Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL) à presidência da Câmara, tem tudo para sacramentar uma característica marcante de sua até agora curta carreira política, além de bater um recorde.

Motta está em seu quarto mandato e sempre se destacou pela boa relação com as diversas correntes políticas na Câmara, além de estar na órbita dos poderosos —foi um dos principais aliados de Eduardo Cunha, que presidiu a casa em 2015 e 2016, e também se manteve próximo aos sucessores Rodrigo Maia (2016-2021) e Arthur Lira (desde 2021).

O recorde será superar Luís Eduardo Magalhães —que virou presidente da Câmara em 1995 próximo de completar 40 anos— e se tornar o mais jovem presidente da Casa do atual período democrático.

Assim como Lira, o estilo de Motta privilegia a atuação de bastidores. Em termos legislativos, sua atuação mais marcante se deu em relatorias dadas a ele pelos últimos presidentes da Casa.

Desde que chegou à Câmara, em 2011 e com apenas 21 anos de idade, somente duas proposições em que ele consta como autor aparecem como tendo sido transformadas em lei, ambas assinadas coletivamente por vários deputados.

Trata-se da proposta que disciplinou na Constituição a carreira de agentes de trânsito e a chamada PEC da Anistia, que neste ano perdoou partidos políticos e diminuiu a verba eleitoral de negros.

Motta foi retirado do chamado baixo clero da Câmara —o grupo sem expressão política nacional— quando Cunha assumiu a liderança do MDB, em 2013.

Em fevereiro de 2014, Cunha emplacou o afilhado político na presidência da Comissão de Fiscalização Financeira e Controle, uma das principais da Casa.

No ano seguinte, já em meio ao turbilhão político que resultaria no impeachment de Dilma Rousseff (PT), cuja mobilização tinha em Cunha um de seus principais líderes, Motta foi colocado na presidência da CPI da Petrobras.

À época, ele contratava uma das filhas do então presidente da Câmara, a hoje deputada Dani Cunha (União Brasil-RJ), para lhe prestar serviços de comunicação. A CPI foi articulada por Cunha e teve como principal foco as acusações de corrupção contra o PT oriundas da Operação Lava Jato.

Descrito como sereno e pacificador por colegas, Motta patrocinou em uma das sessões um dos raros momentos em que discutiu aos berros. "Não tenho medo de grito. E da terra de onde eu venho, homem não me grita", disse na ocasião a Edmilson Rodrigues (PSOL-PA), hoje prefeito de Belém.



Com o orgulho de representar nesta Casa o povo do meu estado, a Paraíba, convicto ainda mais da necessidade de uma união nacional depois deste processo, para que o Brasil retome o seu crescimento e o seu desenvolvimento, eu voto sim

Hugo Motta
ao votar na Câmara dos Deputados a favor do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), em 2016

Motta também foi o nome escolhido por Cunha para liderar a bancada do MDB no início de 2016, mas acabou derrotado. Em abril daquele ano, o então apadrinhado de Cunha votou a favor do impeachment de Dilma.

"Com o orgulho de representar nesta Casa o povo do meu estado, a Paraíba, convicto ainda mais da necessidade de uma união nacional depois deste processo, para que o Brasil retome o seu crescimento e o seu desenvolvimento, eu voto sim", discursou à época.

Nesta quarta (4), em reunião com Lula, Motta justificou seu posicionamento na cassação de Dilma. De acordo com relatos, disse que chegou a alertar Cunha de que ele estava errado ao dar prosseguimento ao impeachment.

Motta não foi à sessão em que Cunha teve o mandato cassado, cinco meses após a votação do impedimento da petista.

A **Folha** procurou o deputado e Cunha nesta quarta, mas não houve resposta.

Mesmo após a queda do padrinho, Motta continuou próximo aos sucessores. Rodrigo Maia direcionou ao parlamentar, por exemplo, a importante relatoria da chamada PEC do Orçamento de Guerra, durante a pandemia da Covid-19. Sob Lira, ele ficou com a relatoria da renegociação das dívidas estudantis do Fies.

Motta trocou em 2018 o MDB pelo Republicanos e é aliado de outros políticos de peso, como o senador Ciro Nogueira (PP-PI), ex-ministro de Bolsonaro.

Deputado destina emendas para turbinar prefeitura comandada pelo pai

Mateus Vargas

BRASÍLIA Candidato a suceder Arthur Lira (PP-AL) na presidência da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB) tem turbinado com emendas parlamentares os cofres de Patos (PB), cidade governada por seu pai e que já esteve sob comando dos avós do deputado.

Entre 2020 e 2022, Motta indicou ao município de 107 mil habitantes pelo menos R$ 45 milhões em recursos de emendas do relator. Essa modalidade de verba foi declarada inconstitucional pelo STF (Supremo Tribunal Federal) por causa da falta de transparência e da distribuição desigual entre os parlamentares.

Motta também destinou cerca de R$ 5 milhões em "emendas Pix" a Patos desde 2021, verba que cai diretamente nos cofres do município, mesmo sem finalidade definida. Pai do deputado, Nabor Wanderley Filho (Republicanos) é o prefeito e disputa a reeleição.

Nabor já havia sido prefeito de 2005 a 2012. Nos quatro anos seguintes, a cidade foi comandada pela avó materna do candidato a presidente da Câmara, Francisca Motta, atual deputada estadual.

Pai do atual prefeito e avô paterno de Hugo Motta, Nabor Wanderley também foi chefe do Executivo local na década de 1950, quando sucedeu o próprio irmão. Já o avô materno de Motta foi eleito deputado federal e estadual em diversos mandatos.

A assessoria de Motta não respondeu a questionamentos sobre os repasses de emenda.

Nas últimas décadas, a família de Motta ocupou o poder municipal em mais de uma ocasião. Parte das disputas a prefeito se deu contra nomes de outro ramo da família Wanderley —o nome completo do deputado é Hugo Motta Wanderley da Nóbrega.

Esposa de Hugo Motta, a arquiteta Luana Medeiros Motta tem um cargo na estatal Codevasf desde 2019. Ela recebeu R$ 19,8 mil em agosto, segundo dados da companhia. A estatal é cobiçada por parlamentares por escoar verbas de emenda em obras de pavimentação e maquinário, como tratores.

A Codevasf chegou a demitir parentes e indicados de deputados e senadores quando Lula (PT) assumiu a Presidência. Foi caso da advogada Juliana e Silva Nogueira Lima, irmã do senador Ciro Nogueira (PP-PI). A esposa de Motta, porém, foi preservada.

Das emendas do relator apadrinhadas por Motta e direcionadas a Patos, cerca de R$ 17 milhões financiaram ações para a saúde, como a construção de policlínica.

politica

A crise ambiental mudou de patamar

Os ambientalistas tinham razão, e agora?

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

A crise climática está aí. O país vive a maior seca em mais de meio século, 2.000 municípios estão em condições de risco e cidades são tomadas pela fumaça dos incêndios. No Dia da Amazônia, soube-se que, em agosto, a região teve 38 mil focos de queimadas, um número superior aos anos de Bolsonaro. A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, disse no Senado que o bioma do Pantanal pode desaparecer até o fim deste século.

Os ambientalistas tinham razão. Vistos como profetas da catástrofe, revelaram-se clarividentes. E agora? O pior cenário seria a continuação do que acontece há décadas. Os defensores do meio ambiente reclamam, nada acontece (ou faz-se uma lei) e as coisas continuam na mesma. A orquestra toca a partitura errada e alguns instrumentos não tocam como deviam.

Antes da posse de Lula, circulou a proposta de se cuidar do meio ambiente por meio de uma política de transversalidade. Por trás dessa palavra que pode dizer muito, ou nada, o problema ambiental seria enfrentado por uma agência, fosse o que fosse, prevalecendo sobre as burocracias dos ministérios.

Enquanto o novo governo era uma arca de sonhos, essa proposta inteligente ganhou destaque. Com a posse, veio a vida real. Mobilizaram-se burocratas que não queriam compartilhar o poder de seu quadrado e parlamentares que defendem os interesses dos agrotrogloditas. A ideia da transversalidade foi queimada no escurinho de Brasília.

Não há receita visível para se resolver o problema, mas está diante de todos a evidência de que as coisas não funcionam mantendo-se a máquina que existe. É como querer que um caminhão voe.

No seu novo patamar a crise ambiental pede que se comece a discutir o formato da peça que implementará a transversalidade. Do jeito que estão as coisas, a ministra Marina Silva vai ao Senado e diz o seguinte:

— Nós estamos vivendo sob um novo normal que vai exigir do poder público capacidade de dar resposta que nem sabemos como vão se desdobrar daqui para a frente. (...) Somos cobrados para que se faça investimentos que são retro alimentadores do fogo.

Lindas palavras, mas a ministra é parte do que chama de "poder público". Além disso, se investimentos alimentam o fogo, cabe ao "poder público" expor a questão, até porque investimento não põe fogo em nada. Quem queima são iniciativas e barrá-las, expondo-as, é o que se precisa.

Em novembro de 2025 instala-se em Belém a 30ª Conferência da ONU para Mudanças Climáticas, a COP 30. O governo está tratando do assunto como se ele fosse mais um evento, procurando brechas para lustrar biografias.

Má ideia, pois o Lula que foi à COP 27 em 2022, no Egito, vestia o manto da proteção ambiental. Em Belém precisará mostrar resultados e ações.



Juliana Freire

Litigâncias gerais

Vêm aí milhares de litígios, sobretudo nas regiões do Sul afetadas por enchentes. São devedores contra bancos, empresários contra fornecedores, fornecedores contra empresários e, acima de tudo, pessoas ou negócios prejudicados pela má gestão do poder público.

Algumas já chegaram à Justiça e calcula-se que a enxurrada seja de tal proporção que será necessário criar um protocolo para lidar com ela.

Serviço bem feito

Até agora, Lula conduziu com habilidade o comportamento do governo na disputa pela presidência da Câmara, coisa que acontecerá no início do ano que vem.

Não repetiu o erro de Dilma Rousseff em 2014. O PT resolveu peitar Eduardo Cunha, perdeu e cavou o impedimento da presidente.

Estimulando o que diz ser um nome de consenso, tirou o PT da vitrine e mandou a bola para o centrão.

Manobra banal, a menos que o deputado Hugo Motta fosse há tempo um coringa guardado no banco de reservas. Nesse caso, teria sido coisa de mestre.

De qualquer maneira, Lula baixou a bola da voracidade petista. No início do mandato, essa voracidade assustava aliados. Agora, são os aliados que se comem.

Os crachás do PT

Aos 44 anos, o PT tomou gosto pela concessão de condecorações e medalhas. É coisa da idade.

A caça aos crachás vigorou no Império, caiu em desuso com a República e reviveu nas ditaduras.

A baixo custo, afaga egos.

O filósofo francês Raymond Aron (1905-1983) resolveu essa questão, tratando das condecorações: "Jamais as peça, jamais as recuse e jamais as use".

Essa frase é atribuída a Winston Churchill, que tinha 32 patacas.

A PGR terá que decidir

Tendo completado 2.000 dias na mesa do ministro Alexandre de Moraes, o inquérito das fake news está com os dias contados.

Passando-o à Procuradoria-Geral da República, Moraes livra-se do peso e ele vai para o doutor Paulo Gonet. A PGR deverá decidir o destino dos incriminados.

Os ambientalistas tinham razão. Vistos como profetas da catástrofe, revelaram-se clarividentes

Está diante de todos a evidência de que as coisas não funcionam mantendo-se a máquina que existe. É como querer que um caminhão voe

O Lula que foi à COP 27 em 2022, no Egito, vestia o manto da proteção ambiental. Em Belém precisará mostrar resultados e ações

Kamala x Trump

Terça-feira Kamala Harris e Donald Trump terão seu primeiro debate.

Kamala entrará como favorita, até porque o ex-presidente está zonzo.

Por mais que se torça pela senhora, não se deve esquecer que ela foi pedestre no discurso diante da convenção dos democratas e na sua primeira entrevista.

Cantanhêde disse tudo

Eliane Cantanhêde disse tudo há duas semanas: "Dois fantasmas da era do PT pairam sobre o 3º mandato: fundos de pensão e agências reguladoras".

Em agosto, os fundos queriam mais liberdade para orientar seus investimentos.

O aviso perdeu-se. Agora os fundos de pensão das estatais querem que o Conselho Monetário Nacional alivie as punições dos gestores que arruinaram os patrimônios que administravam durante o primeiro consulado petista.

Era o tempo em que o fundo da Caixa Econômica investia num tamborete paulista e seu gestor defendia a operação com a naturalidade de um banqueiro inglês.

Duas vagas no STJ

Está aberta a temporada para a captura de duas vagas no Superior Tribunal de Justiça. Os escolhidos deverão sair de duas listas, cada uma com três nomes.

Como ocorre há alguns anos, pelo menos quatro ministros do Supremo têm candidatos.

Voltará à disputa o desembargador Ney Bello, do Maranhão. Durante o governo passado, Jair Bolsonaro chegou a informá-lo de que estava escolhido. O desembargador foi abatido em voo pelo ministro Kassio Nunes Marques, que vetou-o no escurinho do Alvorada.

A desfeita sofrida por Bello provocou o rompimento de seu padrinho, Gilmar Mendes, com Bolsonaro.

A conversa dos dois foi dura e, pelo lado do então presidente, constrangedora.

Bater boca é o jogo de Milei

Bater boca com Javier Milei é fazer o seu jogo. Quando a Argentina precisa, pede ao Brasil que cuide de sua embaixada em Caracas.

Deixá-lo falar sozinho é o melhor remédio. Avisar que o Itamaraty cancelará reuniões é coisa de pirracento.

Na diplomacia profissional, pode-se até ir à reunião, desde que os negociadores sejam instruídos a adiar a discussão de todos os assuntos que interessam aos hermanos.


Grupo de resgatados do trabalho análogo à escravidão em vinícola em Bento Gonçalves (RS) Karen Lima/Folhapress

Governo Lula cria novas regras e esvazia lista suja do trabalho escravo

Portaria publicada pelos ministérios do Trabalho e dos Direitos Humanos gera críticas de entidades que atuam na área; pasta diz que houve debate entre órgãos públicos

Constança Rezende

BRASÍLIA O governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criou uma regra que permite que pessoas físicas e jurídicas flagradas submetendo trabalhadores a condições análogas à escravidão façam um acordo com a União e, com isso, deixem a chamada "lista suja" do governo.

A medida foi publicada no final de julho, em portaria assinada em conjunto pelos ministros do Trabalho, Luiz Marinho, e dos Direitos Humanos, então Silvio Almeida.

Integrantes da Conatrae (Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo), grupo de consulta ao tema vinculado ao Ministério dos Direitos Humanos, disseram à **Folha** que a nova norma pode representar um retrocesso à causa.

Criada em 2003, a lista suja do trabalho escravo é vista como uma ferramenta de controle social e conta hoje com 640 empregadores, que têm seus nomes divulgados publicamente em plataformas do governo.

Ela costuma trazer danos à imagem de empregadores listados. Grandes marcas, como indústrias e exportadoras, evitam fazer negócios com os nomeados.

Além disso, constar na lista pode prejudicar o acesso ao financiamento público e motivar a pressão popular em torno de uma marca.

O documento é atualizado semestralmente pelo governo, e os nomes só são incluídos após análise do direito de defesa em duas instâncias. Eles permanecem listados por dois anos.

Com a nova medida, as empresas poderão sair do documento antes desse prazo, caso firmem um TAC (Termo de Ajustamento de Conduta).

Para isso, devem ser comprometer a reparar os danos e indenizar as vítimas em ao menos 20 salários mínimos.

Também terão que repassar 2% de seu faturamento bruto para programas de assistência a trabalhadores resgatados, num limite de até R$ 25 milhões.

A medida ainda prevê que o ministro do Trabalho seja ouvido em determinada fase do processo, o que é visto como uma possível ingerência política em um tema que deveria ser técnico.

Não são recentes as tentativas de governos, em meio a reclamações de entidades patronais, para enfraquecer a lista.

Durante a gestão Michel Temer (MDB), em 2017, foi criada uma portaria que previa que o ministro do Trabalho teria que autorizar a divulgação da lista.

Uma das reclamações de entidades patronais era a falta de um ato de infração específico de trabalho análogo ao de escravo. A portaria ficou menos de dez dias em vigor.

Em 2018, empresários da Abrainc (Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias) entraram com uma ação no STF (Supremo Tribunal Federal) para que o documento fosse declarado inconstitucional.

O grupo sustentou na ocasião que o cadastro punia ilegalmente os empregadores flagrados por essa prática ao divulgar os seus nomes.

A corte, no entanto, não aceitou os argumentos. Decidiu que a lista era legal e garantia transparência à sociedade.

A possibilidade de empresas deixarem a lista antecipadamente por meio de um acordo também foi tentada pelo governo Bolsonaro, que chegou a fazer uma minuta de resolução nesse sentido em 2020.

O coordenador nacional de erradicação do trabalho escravo do Ministério Público do Trabalho, Luciano Aragão, afirma que firmar um acordo, a despeito da gravidade do caso, pode fragilizar a responsabilização de empresas, com graves prejuízos aos trabalhadores.

"A previsão permite que o empregador flagrado pague o governo e saia da lista, diferente de uma ação civil pública, que só é arquivada depois de verificado o cumprimento de tudo. Houve uma preocupação em monetizar, não na comprovação da correção", disse.

A coordenadora do Grupo de Trabalho de Combate à Escravidão Contemporânea da DPU (Defensoria Pública da União), Izabela Luz, também tem ressalvas quanto à medida.

Ela afirma que o texto permite que pessoas sem atribuição conduzam o processo, como um fiscal do trabalho, sem necessariamente terem formação em direito.

Segundo a defensora, esse papel deveria ser da Defensoria ou do Ministério Público do Trabalho, órgãos que têm atribuição de defender o interesse do trabalhador, o vulnerável econômico e o direito coletivo.

"É o defensor que vai ver com o trabalhador a condição degradante submetida e os possíveis benefícios previdenciários. Não se pode permitir que as funções institucionais e constitucionais desses órgãos sejam substituídas", disse.

Izabela também diz que, com o valor previsto para as multas, só grandes empresas poderão sair da lista.

"Muitas vezes, fazemos resgate em que a situação é de um pobre escravizando outro, com produtores rurais que ganham um salário mínimo, e que colocam outro trabalhador numa condição mais miserável ainda", disse.

Já a presidente da Anamatra (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho), Luciana Conforti, afirma que a portaria é positiva quando trata da reparação do empregador.

Porém, diz que o pagamento de salários mínimos às vítimas como tarifação de dano moral já foi considerado inconstitucional pelo STF.

"A Constituição diz que o salário mínimo não pode ser indexador de nada. Além disso, o dano tem que ser arbitrado de acordo com uma série de fatores. Quando ele é tabelado, limita o poder judicial de seu reconhecimento", disse.

Questionado sobre o tema, o Ministério do Trabalho respondeu que a portaria é resultado de amplo debate entre os órgãos públicos e entidades da sociedade civil integrantes da Conatrae.

Também afirmou que as empresas que firmarem o acordo ficarão numa lista disponível publicamente, mantendo a garantia de amplo acesso à informação. Além disso, declarou que o cumprimento do TAC será obrigatório e acompanhado pela pasta do Trabalho.

"A portaria garante o estabelecimento de um conjunto de exigências de saneamento, reparação e prevenção ao empregador que elevam, de modo inequívoco, os patamares adotados pelo Estado brasileiro tanto de responsabilização dos empregadores quanto de garantia de direitos e reparação aos trabalhadores", disse.

Já o Ministério dos Direitos Humanos disse que as novas regras têm por objetivo "o aperfeiçoamento dos instrumentos institucionais a fim de resguardar valores democráticos como a dignidade do trabalhador, a função social da empresa e a transparência".

Também disse que os cadastros relacionados à Política Nacional de Enfrentamento ao Trabalho Escravo, "essenciais para o fortalecimento das ações governamentais, são ferramentas de transparência e não de penalização em consonância com princípios constitucionais".

"A referida portaria visa suprir uma lacuna legislativa para reparar danos, corrigir irregularidades e implementar medidas preventivas, evitando a reincidência de violações de direitos", disse.

Como funciona a lista suja do trabalho escravo

- **Nomes de empresas acusadas de trabalho análogo à escravidão são incluídos após o direito de defesa em duas instâncias e permanecem na lista por dois anos**
- **A inclusão costuma trazer danos à imagem de empregadores, fazendo com que grandes marcas evitem negócios. Também pode prejudicar o acesso ao financiamento público e motivar a pressão popular em torno da marca, com debandada de clientes**
- **Empresas podem firmar um TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) e deixar a lista, comprometendo-se a reparar danos e indenizar vítimas em ao menos 20 salários mínimos, além de repassar 2% de seu faturamento bruto para programas de assistência, em até R$ 25 milhões**

mercado

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

MARCUS BUAIZ
Empresário do ramo de entretenimento

Nasci numa dinastia e tenho orgulho disso

Futuro marido de Isis Valverde, empresário capixaba estreia em investimento de infraestrutura

Amigo de famosos, Marcus Buaiz tem uma fortuna estimada em R$ 4 bilhões e, apesar de jurar que não colocaria mais tanto a mão na massa, acaba de se associar à Conecta Já, uma empresa de internet de Espírito Santo, sua terra natal, para fazer dela um laboratório dedicado a espalhar data centers pelo país, mirando a digitalização de empresas, principalmente as de logística do eixo Sudeste-Nordeste. Entre um negócio e outro, ele planeja o casamento com a atriz Isis Valverde.

Não dá para começar sem fazer essa pergunta: quando você vai se casar com a Isis Valverde? (Risos) Em maio e estou muito feliz. O momento que vivo hoje, no trabalho, na família, e até de autoconhecimento, é muito especial.

Você foi para o mundo das celebridades, algo sem ligação com os negócios de sua família. Foi tranquilo se desgarrar? Nasci numa dinastia e tenho muito orgulho disso. Meu avô é filho de imigrantes libaneses, fundou a federação das indústrias e a do comércio, é um homem que contribuiu para o estado. Meu pai diversificou ainda mais os negócios. Existia uma visão da área do grupo em que eu iria atuar. E eu me apaixonei pelo entretenimento. O estado não tinha mercado para isso e lá seria impossível fazer minha identidade sozinho sendo filho e neto de quem sou.

Mas seu primeiro evento não foi em Vitória? Foi o Vitória Pop Rock, 12 horas de música com sete bandas. Foi o maior risco que corri na minha vida, porque eu só tinha R$ 5 mil, que eu economizei com o salário de estagiário [em empresas do grupo da família]. Investi em um projeto 3D para que as pessoas pudessem visualizar o que estava na minha cabeça. Eu tinha o sonho, tinha o projeto e precisava de um financiador. Agendei dez visitas. Na nona, consegui um cara que colocou R$ 1,5 milhão. O break even [equilíbrio entre despesas e receitas] era para 10 mil pessoas. Colocamos 28 mil lá e ganhei um dinheiro significativo que permitiu me financiar a partir de então. Mudei para o Rio de Janeiro e fui estudar marketing. Esse evento aconteceu todo o ano.

Seu pai aceitou isso numa boa? Em um primeiro momento, teve essa dificuldade. Ele falou: você quer atuar em serviço, a gente tem um shopping. Quer atuar na indústria? Estamos na área de alimentos, com café e trigo. Tem a comunicação. Para que você quer ir para outro lugar? Tive essa dúvida: será que estava indo contra uma dinastia? A partir daquele momento, eu estava em voo solo e era responsável por financiar meus sonhos e assumir meus prejuízos. Agradeço ao meu pai por isso.

Esse novo projeto é uma volta às origens? Não. Voltei para o Grupo Buaiz como um conselheiro acionista. O meu novo investimento é uma crença no estado.

Mas do entretenimento ao data center?! Apesar de entender que as pessoas possam ir ao Espírito Santo por uma boa moqueca e praias lindíssimas, há um potencial logístico extraordinário.


Marcus Buaiz
Natural de Vitória (Espírito Santo), formou-se em Administração (Universidade de Vila Velha) e possui MBA em marketing pela FGV. Herdeiro do Grupo Buaiz, montou negócios próprios que abrangem casas noturnas, passando por uma gestora de recursos para atletas e artistas, e uma prestadora para produções de streaming

Qual é a ideia? A Conecta Já lidera em [infraestrutura de] fibra óptica tendo conectado os 78 municípios capixabas. As grandes operadoras têm muita capacidade de atendimento, mas, se tivessem uma prestação de qualidade, você não ficaria sem internet, não se desconectaria. A gente quer ser especialista nisso, entregar [conexão] com excelência para as empresas. Queremos que essa iniciativa acelere a digitalização da economia no nosso estado para, a partir daí, expandir rumo ao Nordeste primeiramente.

Quantas empresas você tem e qual é a receita? São nove com faturamento de R$ 500 milhões.

Dá para cuidar de tanta coisa todo dia? Com 22 anos, eu brincava que, aos 40, seria mais empresário e menos empreendedor.

O que isso significa? Não quero ter pouco dinheiro em conta e muitos negócios em andamento. O empresário tem mais dinheiro e fica numa posição de renda. Estou com 45 anos e participo de nove conselhos. Saí da gestão. Mas ainda não consegui ser mais empresário e menos empreendedor (risos).

‘Loja do preso’ vende itens que podem entrar em penitenciárias

Negócios preparam pacotes com alimentos, cigarros, bíblia e até dominó padronizados para familiares enviarem direto para detentos



Péricles Gomes Ribeiro, proprietário da Loja do Preso, no centro de Belo Horizonte Alexandre Rezende/Folhapress

Thiago Bethônico

SÃO PAULO A pequena loja que o empresário Péricles Ribeiro, 44, mantém no centro de Belo Horizonte lembra um mercadinho de bairro, daqueles onde é possível encontrar de tudo um pouco, do miojo ao rádio-relógio. Só que boa parte dos produtos que ocupam as prateleiras leva um nome diferente.

Chinelo é táxi, e aparelho de barbear se chama trator. A linguagem remete às gírias usadas por sua clientela.

Criada por Péricles em 2018, a Loja do Preso integra um nicho formado por empresas que vendem roupas, alimentos e itens pessoais já no padrão aceito pelas penitenciárias. São negócios tocados por ex-detentos ou familiares, que enxergaram nas duras regras do sistema prisional um caminho para empreender.

Itens de higiene, cigarros e até dominó. A lista de produtos é diversa e inclui praticamente tudo que pode estar no jumbo, como são chamados os kits enviados a presidiários pelos familiares.

No caso de Péricles, a ideia da loja surgiu depois que ele foi preso, em 2016. Durante os 83 dias em que ficou detido, recebeu jumbos incompletos por causa das regras de padronização.

“Cada unidade tem uma lista de exigência. Minha esposa foi levar biscoito recheado, mas cadeia nenhuma aceita biscoito recheado. Pacote de suco, só podia entrar com dois e ela levou quatro”, conta.

Quando foi liberado, Péricles diz que o problema passou a ser conseguir um emprego, mas conheceu uma costureira com quem começou a trabalhar. Foi ali que veio a ideia de fazer roupas para os familiares enviarem aos detentos.

“O pessoal pedia outros itens e nós começamos a levar algumas coisas no carro. A demanda foi aumentando e, no decorrer do processo, fomos montando a loja”, diz.

A Loja do Preso vende mais de 400 jumbos por mês, boa parte enviada diretamente para as unidades prisionais de Minas Gerais via Correios. A loja tem a lista do que pode entrar em cada presídio do estado, além de informações sobre a quantidade autorizada e em quais dias os kits podem ser enviados.

Recentemente, essas empresas ganharam visibilidade nas redes sociais na esteira do sucesso das “cunhadas”, termo que se refere às mulheres dos presos.

Com bom humor, Péricles diz que, além de ajudarem a aumentar o fluxo da loja, as redes também diminuíram o preconceito sofrido por ser ex-detento.

“A ressocialização no Brasil não existe. Ela só é uma palavra bonita”, diz.



> **Cada unidade [prisional] tem uma lista de exigência. Minha esposa foi levar biscoito recheado, mas cadeia nenhuma aceita biscoito recheado. Pacote de suco, só podia entrar com dois e ela levou quatro**
> **Péricles Ribeiro**
> criador da Loja do Preso

É o que também pensa Demetrius de Freitas, 48, fundador do Disk Jumbo, em São Paulo. Após ser preso em 2010, ele passou a ver que a ressocialização “vai só até a página 2”.

Com o dinheiro que conseguiu juntar trabalhando na penitenciária, Demetrius montou o site do Disk Jumbo, em 2020.

“Nós chegamos a 10 mil clientes e já enviamos um total de 6.177 jumbos”, afirma.

O melhor momento do negócio foi na pandemia, quando visitas estavam proibidas e a solução era mandar os itens pelos Correios. Ele diz ter vendido cerca de 850 jumbos por mês. Hoje, a média fica em 150 kits mensais.

Também em São Paulo atua a Jumbo CDP, fundada em 2013. A empresa tem 15 funcionários e trabalha com jumbos e confecção de roupas.

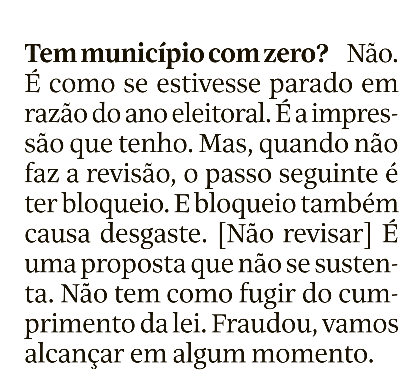
Segundo Victor Albuquerque, 26, sócio da Jumbo CDP, a maior dificuldade do negócio é a falta de padronização sobre o que é autorizado em cada unidade prisional.

Em algumas penitenciárias, por exemplo, só podem entrar produtos com cores azuis. Outras proíbem qualquer item amarelo.

Demetrius, do Disk Jumbo, ressalta que o foco da empresa é ajudar as esposas e parentes de quem está detido. “Tem gente que acha que você está ajudando o preso. Não, você está ajudando o familiar.”

Como diz Péricles, o negócio da Loja do Preso é igual ao de funerária, ninguém quer ser cliente.

“Eu costumo dizer o seguinte: precisar de mim não é muito bom.”



Entrevista Wellington Dias
ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome



Pedro Ladeira/Folhapress

‘Municípios resistem a revisar benefícios em ano eleitoral’

Ministro reconhece preocupação do governo com repercussão política negativa de revisão de gastos sociais como Bolsa Família e BPC, mas defende estender averiguação a seguro-defeso e aposentaria rural

Wellington Dias, 62
Nascido em Oeiras (PI), é formado em letras e tem especialização em políticas públicas. Elegeu-se quatro vezes governador do Piauí, todas as vezes no primeiro turno, exercendo mandatos de 2003 a 2010 e de 2015 a 2022. Foi senador entre 2011 e 2014.

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA No comando de programas que são, simultaneamente, vitrines sociais do PT e alvos principais da revisão de gastos, o ministro Wellington Dias (Desenvolvimento Social) reconhece a preocupação do governo com eventual repercussão negativa das medidas, mas defende o combate às fraudes como forma de melhorar a gestão dos recursos públicos e cumprir regras fiscais.

Dias afirma em entrevista à **Folha** que, além de Bolsa Família e BPC (Benefício de Prestação Continuada), o Executivo deveria estender a averiguação a outras políticas, como seguro-defeso (pago a pescadores artesanais) e aposentadoria rural.

"Por que teve fraude no Bolsa Família e não teve nos outros? Claramente, é a minha visão, teve fraude em todo lugar", diz.

Segundo o ministro, o desafio hoje é vencer as resistências de alguns municípios que reduziram a marcha na revisão dos benefícios do Bolsa Família. Embora 94% do público do programa já tenha passado pela atualização cadastral, ainda há cerca de 1 milhão de beneficiários fora do alcance desses esforços.

"É como se estivesse parado em razão do ano eleitoral. É a impressão que eu tenho", afirma.

*

O Ministério do Planejamento anunciou uma revisão de gastos, que inclui políticas como Bolsa Família e BPC. Você conhece o presidente Lula. Zero possibilidade de fazer corte no social apenas pelo fiscal. Ele deixa bem claro: não faltará dinheiro para garantir as metas estabelecidas para os mais pobres.

Ocorre que essa destruição [no cadastro de programas sociais] levou a muita fraude. Cito o Bolsa Família. Tinha renda de R$ 12 mil, R$ 14 mil ao mês e recebendo o Auxílio Brasil [programa criado pelo governo de Jair Bolsonaro para substituir o Bolsa Família]. Teve um aqui que a renda chegava a R$ 80 mil por mês, o filho morando no exterior, e recebendo o Auxílio. Estavam trocando voto por cartão do Auxílio Brasil.

Mas também tínhamos pessoas que estavam fora, tanto que a fome é uma realidade. Então, tinha também que buscar as pessoas para poder tirar o Brasil do mapa da fome.

Há uma resistência a essa agenda de revisão de gastos, inclusive dentro do PT. O ministro Fernando Haddad participou de um jantar para buscar apoio e fazer esse convencimento. Como vê essa resistência? Eu estive em uma das agendas. Todo o mundo compreende a preocupação e a responsabilidade do ministro Haddad e da ministra Simone [Tebet, do Planejamento]. Por menos, cassaram a Dilma [Rousseff, ex-presidente que sofreu impeachment em 2016 após as pedaladas fiscais]. Então, não cumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal? Está doido. Se não cumpre, colocamos o presidente numa linha de risco de ser julgado pelo Congresso Nacional e pelo Judiciário.

O que o ministro Haddad tem na cabeça e eu gosto: não é só com corte que a gente vai resolver. É preciso fazer o país crescer. Cresce a receita, a massa salarial, o consumo, também a parte dos investidores. Isso é o lado bom.

Ainda há o que ser revisado dentro do Bolsa Família? Ainda tem a possibilidade de ter fraude. Eu tenho que revisar ainda 6% [dos beneficiários]. Tem lugares no Brasil que estão resistindo a fazer a revisão.

Com lugares o sr. quer dizer municípios? Municípios.

Pode dizer quais? É melhor não, porque estamos em uma eleição.

Mas são muitos? São poucos. Estou falando de 21 milhões de famílias beneficiárias, e falta alcançar aproximadamente 1 milhão.

De que forma os municípios resistem? Quando o município faz a atualização do cadastro, aquilo tudo vem assinado, escriturado em relatório para o nosso sistema. Então, eu sei quem está com 50%, quem está com 100%. Nós temos municípios com 100%, até estou organizando um prêmio para os melhores.

Tem município com zero? Não. É como se estivesse parado em razão do ano eleitoral. É a impressão que tenho. Mas, quando não faz a revisão, o passo seguinte é ter bloqueio. E bloqueio também causa desgaste. [Não revisar] É uma proposta que não se sustenta. Não tem como fugir do cumprimento da lei. Fraudou, vamos alcançar em algum momento.

> “A destruição [no cadastro de programas sociais] levou a muita fraude. Cito o Bolsa Família. Tinha renda de R$ 12 mil, R$ 14 mil ao mês e recebendo o Auxílio Brasil [programa criado pelo governo de Jair Bolsonaro para substituir o Bolsa Família].

> **Vai ter que fazer a revisão do seguro-defeso, da aposentadoria rural. Por que teve fraude no Bolsa Família e não teve nos outros? Claramente, é a minha visão, teve fraude em todo lugar**

A trajetória de despesas do BPC chama a atenção. A concessão de benefícios cresceu muito desde o fim de 2022. Qual é o diagnóstico? A gente precisa ter uma parceria de vários ministérios para também ter uma revisão do BPC. Isso já começou. A revisão do cadastro é a parte que o MDS ajuda. Fico sabendo a renda, se tem documento falso, quem já morreu.

Mas tem outra parte, de pessoas com deficiência. É o INSS quem faz a perícia. Temos muita gente há muitos anos sem fazer. Tem pessoas que tinham uma incapacidade para o trabalho que já foi superada.

O trabalho está começando. É um cadastro menor, tem em torno de 6 milhões [de beneficiários]. Nós temos condições de chegar a março do próximo ano com bons resultados.

O que o sr. chama de bons resultados? Alcançando 6 milhões de beneficiários. Se você tiver, e é real essa possibilidade, 1 milhão de fraudes, de qualquer que seja a natureza, é 1 milhão vezes R$ 1.412 [valor do benefício, equivalente ao salário mínimo] vezes 12 meses. Uma possibilidade de mais ou menos R$ 16,8 bilhões [de economia].

A previsão oficial é uma economia de R$ 6,4 bilhões. Então pode dar mais? É que ela não acontece da noite para o dia. Tem o direito de defesa [do beneficiário alvo da revisão].

Seu ministério resistia em fazer a revisão do BPC? Não. Eu defendo a revisão. E venho, desde o ano passado, sustentando até mais. Vai ter que fazer a revisão do seguro-defeso, da aposentadoria rural. Por que teve fraude no Bolsa Família e não teve nos outros? Claramente, é a minha visão, teve fraude em todo lugar.

O sr. teme repercussão política negativa da revisão de gastos? Não posso negar que internamente tinha esse debate. Pela minha experiência de gestor, com 16 anos de governador, o povo gosta quando o gestor combate fraude. É uma obrigação.

A gente olha muito o Bolsa Família, o BPC. Aqui [o Cadastro Único] é uma porta para vários programas. Uma habitação do Minha Casa, Minha Vida, é o povo brasileiro que paga. É um patrimônio de R$ 140 mil. Imagine eu entregar para alguém que não tem o direito?

Tem o Auxílio-Gás, a tarifa social de energia. Tem o Farmácia Popular, o Pé-de-Meia para os adolescentes que estão fazendo ensino médio. Tem bilhões e bilhões que são repassados para essas pessoas. Cada centavo tem que ser aplicado adequadamente.

Países em que já se trabalha a 50ºC dão pistas sobre problemas futuros

Cidades têm de se adaptar a verões mais quentes, que aprofundam desigualdades econômicas; com crise climática, Oriente Médio pode ser laboratório para o mundo

Chloe Cornish

DUBAI | FINANCIAL TIMES Sentado em uma moto perto de uma cozinha em Dubai, o suor se forma na testa de Mohamad enquanto ele espera para pegar um pedido de almoço. A comida não é para ele; ele a conduzirá pelo sufocante centro financeiro e turístico para um cliente em um bloco de prédios com ar-condicionado.

Com o termômetro chegando a 44°C e a alta umidade, "parece uma sauna", diz o entregador. Natural do Paquistão, Mohamad está desconfortavelmente vestido para o clima, usando calças escuras e a camiseta de manga longa e gola alta fornecida pela plataforma de entregas.

De julho ao início de setembro, as ruas de Dubai são tão quentes e abafadas que o "índice de calor", uma combinação da temperatura do ar e dos níveis de umidade, regularmente excede 50°C.

No mês passado, temperaturas na casa dos 40°C e níveis de umidade de 80% ou mais resultaram na sensação térmica de 62°C ao meio-dia no aeroporto internacional do emirado.

O golfo Pérsico é uma das muitas regiões que está aprendendo a viver com calor extremo. Mas as experiências variam de acordo com a condição financeira. Enquanto Mohamad e milhares de outros trabalhadores, principalmente estrangeiros, suam ao ar livre, a vasta riqueza de hidrocarbonetos do golfo Pérsico permite que seus residentes mais abastados desafiem o inóspito deserto.

Dubai tem pistas de patinação no gelo e uma de esqui coberta. Pinguins imperadores e raposas árticas vivem no SeaWorld de Abu Dhabi. Nos shoppings, o ar é tão frio que uma mulher carrega um suéter enquanto faz compras durante o verão.

À medida que o mundo aquece, a região pode servir como uma lição sobre como lidar —ou não— com temperaturas escaldantes em ambientes urbanos que abrigam dezenas de milhões de pessoas.

"O que você está vendo nos países do Golfo é o que você verá em muitas partes do sul da Europa, do sul dos EUA ou em partes da Índia e Bangladesh", diz Barrak Alahmad, pesquisador da Escola de Saúde Pública TH Chan da Universidade Harvard.

A região onde se encontra a moderna nação dos Emirados Árabes Unidos é chamada de "a terra do balde vazio", por causa da rápida evaporação da água.

As cidades se expandiram com base nas exportações de combustíveis fósseis, e a queima desses combustíveis contribuiu para a mudança climática que tornou o verão da região cada vez mais intenso.

"A região do Golfo já é inabitável no verão sem sistemas de resfriamento", comenta Diana Francis, professora-assistente de ciências da terra na Universidade Khalifa de Abu Dhabi.



Trabalhadores em obras em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos Rula Rouhana - 15.ago.23/Reuters



O que você está vendo nos países do Golfo [Pérsico] é o que você verá em muitas partes do sul da Europa, do sul dos EUA ou em partes da Índia e Bangladesh

Barrak Alahmad
pesquisador da Escola de Saúde Pública da Universidade Harvard



A região do Golfo já é inabitável no verão sem sistemas de resfriamento. O impacto do aumento das temperaturas na população será sentido menos do que em outras regiões onde não existem esses sistemas

Diana Francis
professora assistente da ciências da terra na Universidade Khalifa Abu Dhabi

Como a região já está equipada, "o impacto do aumento das temperaturas na população será sentido menos do que em outras regiões onde não existem sistemas de resfriamento", diz ela.

Pesquisadores enfatizam que a falta de dados dificulta prever como será o clima da região no futuro, embora alguns estudos científicos sugiram que chuvas intensas e tempestades aumentarão.

Em um cenário sem mudanças no ritmo de aquecimento global, os pesquisadores estimam que, após 50 anos, "condições de ondas de calor super e ultraextremas sem precedentes emergirão" na região do Oriente Médio e norte da África, com temperaturas potencialmente excedendo 56°C.

Mesmo os reluzentes arranha-céus construídos por líderes ambiciosos do Golfo não são bem adaptados a um clima tão agravado.

A energia fóssil barata e abundante da região resultou em pouco incentivo para encontrar soluções alternativas. O resfriamento representa até 70% do consumo de eletricidade durante as horas de pico nos estados do Golfo, colocando uma enorme pressão nas redes elétricas.

Os Emirados Árabes Unidos introduziram códigos de construção verde "por causa da percepção de que o tipo de edifícios que temos no deserto não pode ser o mesmo daqueles de Nova York", comenta Leonard Chirenje, professor-assistente de ciências da sustentabilidade na Universidade de Zayed de Abu Dhabi.

Para tornar o ar-condicionado mais eficiente, alguns países do Golfo também estão usando resfriamento distrital, que circula água fria de uma instalação central através de tubos isolados para os edifícios, em vez de depender de unidades individuais de ar-condicionado.

Alguns projetos têm experimentado reviver técnicas tradicionais de construção. A Universidade de Inteligência Artificial Mohamed bin Zayed, por exemplo, usa em seu campus fachadas de argila para sombra, que têm um efeito de resfriamento notável.

Mas a maioria das formas do Golfo de lidar com extremos climáticos ainda envolve enormes quantidades de energia produtora de gases de efeito estufa. A atividade de construção é incessante no Golfo, à medida que a região se prepara para acomodar o esperado aumento populacional. A Arábia Saudita, maior economia do CCG, está construindo novas conurbações como Neom e New Murabba.

Pesquisas sugerem que os trabalhadores do setor, muitas vezes itinerantes do sul da Ásia, estão entre os mais vulneráveis às condições climáticas extremas.

Os dados são escassos, mas no Kuait o epidemiologista de Harvard Alahmad e seus colegas descobriram que homens não kuaitianos tinham até três vezes mais chances de morrer durante condições de calor extremo em comparação com o clima normal, apesar de geralmente serem jovens e saudáveis.

Embora o clima não seja o único culpado pela vulnerabilidade entre os trabalhadores migrantes —eles podem sofrer desde acomodações apertadas até dificuldades para acessar serviços de saúde—, o calor está agravando esses problemas, diz Alahmad.

Pesquisadores liderados do Instituto de Medicina da Universidade Tribhuvan de Katmandu concluíram que a alta incidência de mortes por doenças cardíacas entre migrantes do Nepal no Qatar durante o verão era "muito provavelmente devido ao estresse térmico severo".

Dos 571 trabalhadores nepaleses que morreram de doenças cardiovasculares de 2009 a 2017, cerca de 200 poderiam ter sido salvos com uma "proteção eficaz contra o calor", concluiu a análise.

O Qatar e outros países do CCG tomaram medidas para reduzir os riscos do trabalho ao ar livre durante o verão. Todos eles agora proíbem atividades durante o meio do dia, embora as horas e datas variem.

Algumas autoridades municipais vão além —a cidade de Dubai, por exemplo, diz que as empresas devem fornecer água fria e eletrólitos aos trabalhadores.

"É uma questão de produtividade. A 50°C, o que o trabalhador vai fazer por você?", diz o chefe de um empresa de construção, que concorda com a restrição das 12h30 às 15h na cidade.

Ainda assim, a OIT (Organização Internacional do Trabalho) informa que as temperaturas podem ser "extremamente altas fora das horas proibidas, e inspeções limitadas minam a eficácia da política".

A proibição do meio do dia também é inflexível e não leva em conta outros fatores que podem afetar a saúde humana, afirma Alahmad, como a umidade e a tarefa que a pessoa está realizando.

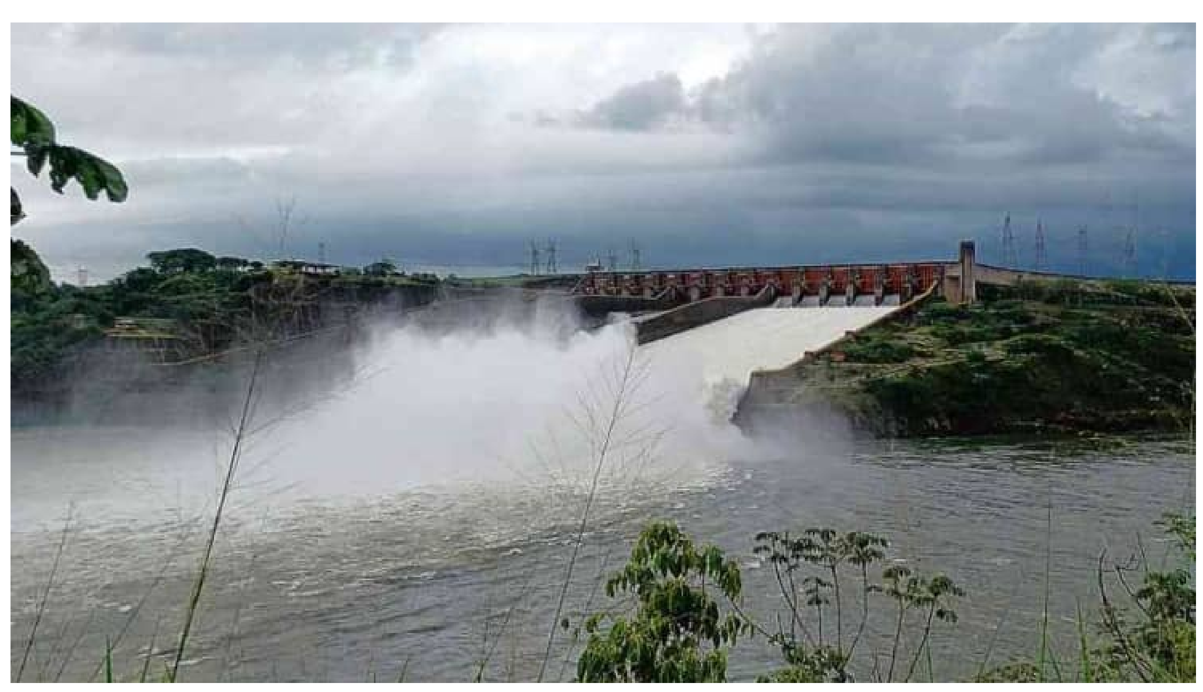
Ironicamente, alguns dos trabalhadores migrantes mais mal pagos no Golfo, que suportam o peso dos verões brutais, deixaram seus países de origem por causa das mudanças climáticas.

É o caso, por exemplo, de Bangladesh, o país de origem de milhões de trabalhadores da construção no Golfo, severamente afetado pelas alterações climáticas e pelo aumento do nível do mar.

O pesquisador Nirmal Aryal, da Universidade de Bournemouth, diz que fatores semelhantes estão em jogo em seu país-natal, o Nepal, onde padrões climáticos cada vez mais imprevisíveis têm impactado a agricultura de subsistência da qual muitos dependem.

Aryal investiga a incidência de doenças renais que afetam trabalhadores migrantes que retornam ao país, embora ele diga que ainda não há dados suficientes para culpar definitivamente as altas temperaturas. A necessidade de evidências e colaboração dos países do Golfo para estudar o efeito do estresse térmico nos trabalhadores é urgente, diz ele.

"O Nepal é um país pobre, e os trabalhadores migrantes são os mais pobres dos pobres", indica Aryal. Quando eles retornam para casa com doenças nefrológicas, o custo da diálise renal tem "um impacto social e econômico significativo".


Escoamento de excedente de água do reservatório de Itaipu Sara Cheida/Itaipu Binacional

Preços do leilão de energia do Paraguai ficam longe do valor necessário de US$ 49,83

Essa seria a quantia para eventual 'venda contábil' sugerida pelo país vizinho, segundo estimativa da Frente Nacional de Consumidores

Alexa Salomão

SÃO PAULO Simulações feitas pela Frente Nacional de Consumidores de Energia, e obtidas em primeira mão pela **Folha**, apontam que o Paraguai teria de comercializar a energia no mercado livre do Brasil acima de US$ 49,83 pelo MWh (R$ 277,53 pelo megawatt-hora), caso quisesse realizar a sugerida "venda contábil" utilizando a energia de Itaipu, sem perder dinheiro.

No fim de julho, o Paraguai realizou um leilão para vender 100 MW médios de sua energia no Brasil, sem explicar como entregaria e sem que os trâmites regulatórios fossem concluídos. Na sexta (6), a Ande (estatal paraguaia responsável pelo leilão e também pela energia de Itaipu no país vizinho) divulgou a lista de sete comercializadores que foram habilitados naquele leilão, sem deixar claro se já escolheu o vencedor. Os valores ficaram muito abaixo do piso estimado pela Frente de Consumidores.

A **Folha** enviou mensagem solicitando mais esclarecimentos ao diretor de Planejamento da Ande, Francisco Escudero, mas não obteve resposta até a publicação deste texto.

Apesar de o ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico) sinalizar a possibilidade de a importação ser física, com a energia indo do Paraguai para o Brasil pela conexão de Furnas, a Frente mantém o entendimento de restrição técnica para essa alternativa. Segundo a entidade, ainda que fossem feitos os ajustes regulatórios, a conta não fecharia.

"Se custar menos que esses cerca de US$ 50 numa operação envolvendo Itaipu, significa que o Paraguai venderia energia duplicada, que já foi paga pelo brasileiro", afirma Luiz Eduardo Barata, presidente da Frente.

As operações em Itaipu são feitas com base na potência, que é a capacidade de geração da energia considerando os equipamentos instalados, medida em megawatt. Cada sócio arca com o custo da quantidade de potência que consome e divide os demais custos operacionais e regulatórios, como pagamento de royalties. A base para a contabilização dessa conta é o Cuse (Custo Unitário dos Serviços de Eletricidade).

Pelo tratado, a energia e demais despesas de Itaipu são divididas meio a meio entre os dois países. Se um lado não conseguir consumir todos os seus 50%, a fatia que sobra fica para o outro parceiro. É proibido vender diretamente para terceiros.

Desde o início da operação de Itaipu, o Paraguai não consome tudo e a sobra fica para o Brasil. Os brasileiros pagam o Cuse da parcela que o país vizinho não consome, e ainda desembolsam um bônus pelo uso dessa energia.

Pelas contas da Frente, quando o Paraguai cede para o Brasil um volume de 100 MW médios, ele deixa de pagar US$ 32,79 milhões (R$ 182,63 milhões) referentes ao Cuse, que o Brasil paga no seu lugar, e ainda ganha dos brasileiros US$ 10,86 milhões (R$ 60,48 milhões), pela cessão de energia.

Se quiser usar a energia de Itaipu para vender 100 MW médios no mercado livre do Brasil, não basta que o Paraguai suspenda a cessão do excedente de energia para o Brasil. Precisa assumir o pagamento do Cuse referente a esse volume de energia.

Convertendo para MWh: o Paraguai precisa garantir que vai receber no mercado livre brasileiro US$ 12,40 (R$ 69,06) por MWh para cobrir o que ganha do Brasil pelo excedente, e ainda receber outros US$ 37,43 (R$ 208,47) por MWh para quitar a parcela referente ao Cuse. Por isso o MWh chegaria ao mercado livre por, no mínimo, US$ 49,83.

A proposta de usar energia de Itaipu foi sugerida a comercializadores em evento da Ande no Paraguai e explicada à **Folha**, em troca de mensagem da reportagem com o diretor de planejamento da estatal paraguaia, realizada em julho.

"Como o Paraguai transfere boa parte de seu direito [de uso da energia] em Itaipu Binacional [para o Brasil], serão deduzidos dessa transferência os 100 MW médios vendidos pela Ande ao agente comercializador do ACL [Ambiente de Contratação Livre] que for adjudicado na competição de preços. Isso [a possibilidade] existe e consta na ata do conselho de administração da binacional Itaipu. Deve ser regulamentado e operacionalizado pelo MME do Brasil, que está trabalhando nisso", escreveu Escudero à **Folha**.

Valores oferecidos por megawatt-hora pela energia do Paraguai no leilão

Enel Trading Brasil
US$ 10,11 (R$ 56,30)
Matrix Comercializadora
US$ 12 (R$ 66,83)
Infinity
US$ 21,03 (R$ 117,12)
Âmbar
US$ 10,33 (R$ 57,53)
Engelhart – BTG Commodities
US$ 7,73 (R$ 43)
Kroma
US$ 8,68 (R$ 48,34)
Vitol Power Brasil
US$ 8,66 (R$ 48,23)

Lula pode cumprir meta fiscal de 2024

PIB superou o previsto por 'o mercado'; déficit primário pode ser menor

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva pode cumprir sua meta fiscal para 2024, ainda que passe de ano raspando. A possibilidade já consta de relatórios dos economistas de instituições financeiras relevantes. Depois do crescimento imprevisto do PIB e, em parte, até por causa disso, poderia haver surpresa fiscal.

A meta para este ano é de equilíbrio primário: nem déficit nem superávit. Isto é, despesa igual à receita (afora gasto com juros). A meta, na verdade, é uma banda, uma faixa: se o governo tiver déficit de até 0,25% do PIB, cumpre o objetivo. Algumas projeções na praça, de fato ainda poucas, são de déficit de quase 0,25%.

Esse resultado pode ser qualificado por um monte de senões, "poréns", críticas. Mas, mesmo com todas essas ressalvas, já se previu déficit bem maior (a Fazenda acertou mais que a mediana de "o mercado"). Por ora, as previsões de déficit entre departamentos de economia mais ponderados vão de 0,3% a 0,7% do PIB, diferença enorme (perto de R$ 50 bilhões).

E daí?

Primeiro, caso não cumpra a meta de 2024, o governo teria de conter ou cortar despesas, entre outras medidas, a partir de 2025 e, especialmente, em 2026, ano eleitoral. Pode também mandar tudo à breca e desistir de metas e do arcabouço fiscal, o que daria em tumulto daninho.

Já se previu déficit bem maior do que a meta de 0,25%; o ministério da Fazenda tem acertado mais que "o mercado". Por ora, as previsões de déficit mais ponderadas vão de 0,3% a 0,7% do PIB

Segundo, o cumprimento da meta depende de contenção adicional de gasto neste ano (a próxima revisão é no final do mês). Quanto? Impreciso. Depende da arrecadação previsível e de quanto os ministérios vão deixar de gastar "sem querer" ("empoçamento"). Teria de vir um corte de R$ 20 bilhões e um "empoçamento" de uns R$ 15 bilhões. Por baixo.

Terceiro, cumprir a meta ajuda, mas está longe de conter o nosso problema fiscal. O resultado melhor tem dependido de aumentos de impostos cada vez mais difíceis de arranjar, de receitas extraordinárias ou não recorrentes (que não vão se repetir ou dependem de alguma sorte) e de um ritmo do PIB que não se sabe quanto vai durar. Por outro lado, há despesas marcadas para crescer, chova ou faça sol: Previdência, saúde e educação. O déficit dito estrutural é maior.

Por fim, a medida oficial de saldo primário desconta algumas despesas. A gambiarra pode até ser um tico razoável; atire a primeira pedra o economista que, um dia no governo, nunca deu ou viu um jeitinho desses. O problema é que a dívida pública de fato cresce, não importa o jeitinho contábil.

A meta fiscal de 2025 também é déficit zero (foi alterada e facilitada em abril deste ano). Cumpri-la depende de mágicas, milagres, impostos, revisões heroicas de gastos etc.

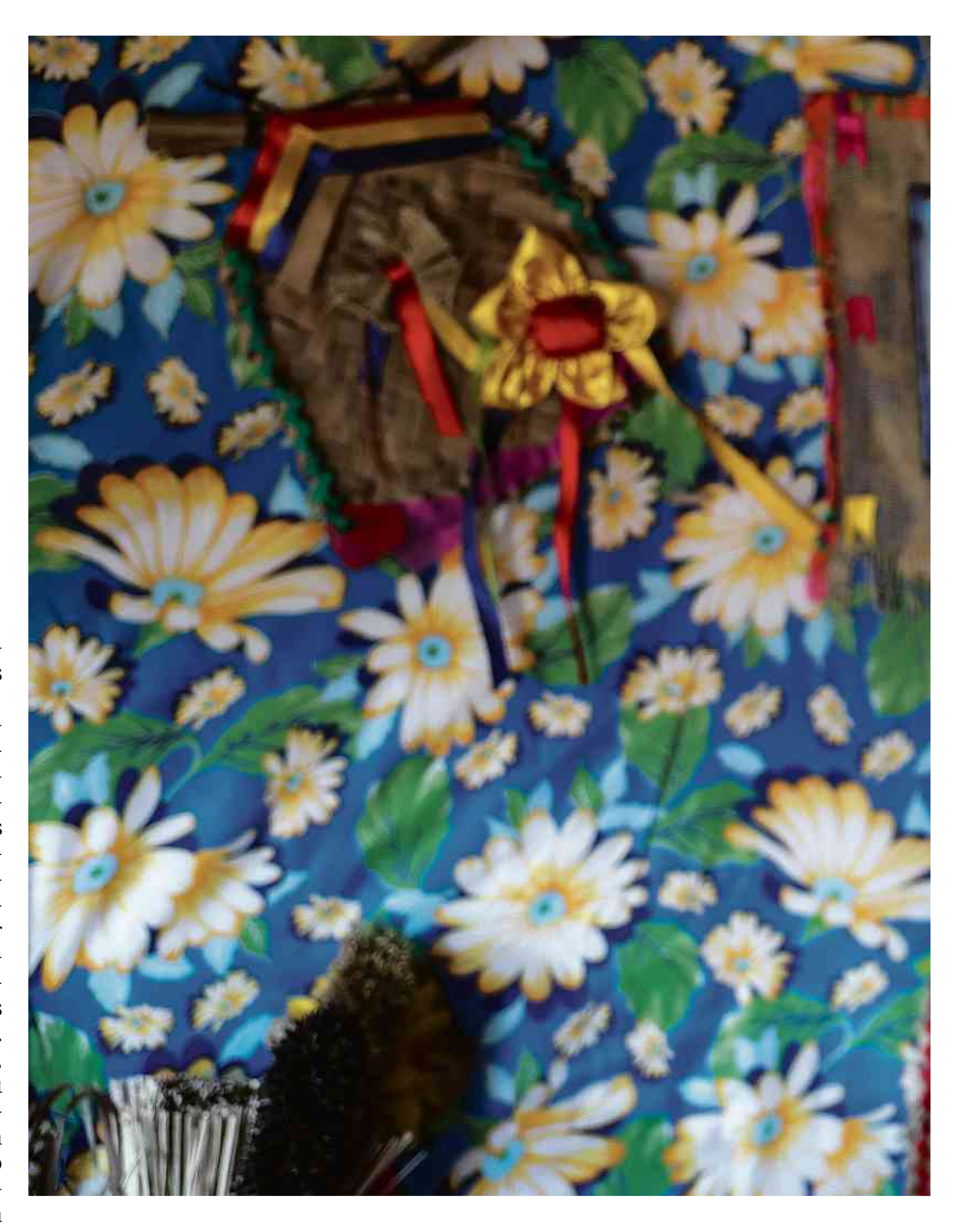
Suponha-se que Fernando Haddad e companhia tenham sucesso com as metas de 24 e 25. Evita-se uma degradação rápida, mas o problema fiscal continua. Há despesas fora de controle, até por determinação legal; elevações de impostos vão levar as receitas apenas a um patamar bastante para evitar os déficits do biênio.

Também por causa do risco de descumprimento futuro das metas e de abandono ou mutreta do arcabouço fiscal, as taxas de juros estão altas (o que está longe de depender apenas do BC).

Depois da eleição municipal e da escolha do novo comando do Congresso, em fevereiro do ano que vem, o Dia da Marmota da política econômica recomeça. Além da discussão da reforma do IR, vamos voltar a falar de Previdência, saúde e educação.

Quilombolas do NE se organizam para resistir a empresas de energia

Comunidades dizem não a parques eólicos e solares, reclamam de empresas e propõem uma gestão descentralizada



Alex Sabino e Zanone Fraissat

SANTA LUZIA, VÁRZEA, SOLÂNEA E PATOS Cercados por parques eólicos e solares no seridó paraibano, famílias enfrentam o breu da noite para chegarem à casa de Zuíla Santos, 53.

A líder do Quilombo da Pitombeira recebe as visitas para falar sobre os problemas vividos na comunidade que ocupa 354 hectares no município de Várzea. Alguns deles são causados, segundo Zuíla, pelos parques eólicos e solares.

"É como na época da colonização do Brasil. [Os colonizadores] trazem uns presentinhos e querem que a gente entregue tudo", afirma.

As queixas que apresentam são comuns às de outro quilombo da região: o Serra do Talhado, em Santa Luzia.

Ambos são centenários e cortados por ventos constantes que são o ouro de usinas eólicas, por seu potencial energético. Explosões para instalações dos parques racharam casas, quebraram cisternas e mexeram com o habitat de animais selvagens. Eles passaram a invadir as comunidades em busca de alimentos.

"Já matei umas dez jararacas [na propriedade]. Os parques acham que as cisternas são para a gente usar na plantação. Não fazem ideia de que é a nossa água para consumo humano", completa.

"As explosões, desmatamento, invasões de animais mudaram a vida da comunidade. Neste ano, já passou a época das chuvas e não captamos água. Tivemos de pedir 12 mil litros à prefeitura para durar um mês. A explosão vem de baixo para cima. O piso fica todo fofo e a água some", concorda Marinalva dos Santos, 45, agente comunitária de saúde e presidente da Associação Comunitária Quilombolas Serra do Talhado Rural.

Os quilombos não estão dentro dos territórios dos parques eólico Chafariz, do solar Luzia (ambos da Neoenergia) e do complexo solar Santa Luzia (do grupo Rio Alto). Mas como são vizinhos, sentem os efeitos da mudança da paisagem no sertão da Paraíba, no coração do que passou a ser chamado de "corredor dos ventos" no estado.

É algo que incomoda tanto que qualquer observação de um forasteiro sobre a beleza das montanhas com os aerogeradores em funcionamento causa reações.

"Não tem nada de bonito", ouviu a reportagem da **Folha** mais de uma vez.

As duas empresas afirmam desconhecer as reclamações. O Grupo Rio Alto diz em nota que as rachaduras em casas e cisternas estão "provavelmente relacionadas ao complexo solar Luzia (...) Estamos a mais de 2 km de distância da comunidade.". Declara também não ter recebido qualquer relato a respeito de animais selvagens. A companhia possui canais abertos com as comunidades para ouvir reclamações, garante.

A Neoenergia assegura que, em caso de dano a cisternas ou qualquer estrutura, é providenciado "reparo ou indenização", a depender de cada caso. Quando acontece isso, completa, é fornecida água ao morador. Afirma que o Quilombo da Pitombeira está a cinco quilômetros do parque solar Luzia e que seu relacionamento com as comunidades locais é considerado modelo no mercado.

"A Neoenergia prioriza a ética, a transparência e as boas relações de compliance em suas práticas de negócio, adotando padrões internacionais de governança, promovendo um ambiente íntegro e de intolerância à corrupção", declara a empresa, por meio de sua assessoria de imprensa. Ela ressalta também que, ao contrário de concorrentes, é responsável por todo o planejamento, execução e operação do projeto, o que facilitaria o contato com as comunidades.

A Paraíba é exemplo de fenômeno que começa a aparecer em diferentes estados nordestinos: a resistência aos parques de energias renováveis. No caso das eólicas, os trabalhadores que vêm de fora são chamados de "filhos do vento."

"As empresas não entendem e não querem entender o que é o semiárido. Acham que aqui não nasce nada, é uma terra sem valor e podem fazer o que quiserem", opina José de Arimateia, 47, especializado em ciências agrárias, morador da região de Santa Luzia e ativista.

Ele se indigna com uma visão partilhada por diferentes companhias do setor: que a energia renovável chegou para salvar um território que vivia crescente processo de desertificação. As áreas mais altas, de planície, foram as que sobraram para os povos tradicionais, os quilombolas e os animais viverem. Eles haviam sido excluídos do planalto, onde as terras eram mais ricas e produtivas.



> **As empresas não entendem e não querem entender o que é o semiárido. Acham que aqui não nasce nada, é uma terra sem valor e podem fazer o que quiserem**
>
> **José de Arimateia**
> Morador da região de Santa Luzia e ativista

Os locais elevados são os cobiçados pelas eólicas. Basta chegar ao Quilombo Serra do Talhado para entender o motivo. O vento é inclemente. Os moradores relatam que aquele é o clima permanente, uma Disneylândia para aerogeradores.

"O expediente usado por essas empresas em todo Nordeste, para nós, é um novo formato de grilagem de terra", acusa Arimateia.

Apesar da sondagem de emissários de corporações interessadas em arrendamentos de terras, comunidades têm se movimentado para recusar as ofertas. Isso é mais fácil quando associações de moradores conseguem um consenso.

"Há três meses passaram pela última vez. Respondi que a nossa comunidade não tinha interesse e isso havia sido decidido em votação. É algo que traz uma malquerença", argumenta José Luiz da Silva Júnior, 48, líder do assentamento São Francisco 3, em Solânea, na Borborema, no interior da Paraíba, onde moram 55 famílias.

A resistência vai além da forma como as empresas chegam nas comunidades e dos contratos oferecidos. Trata-se de contrariedade com o modelo de negócio.

A oposição é montada em reuniões de sindicatos, associações de moradores e ações de entidades não governamentais. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais da região da Borborema vai em diferentes comunidades para falar do que considera os problemas dos acordos com as empresas eólicas.

"É um assédio porque as empresas desqualificam o que o agricultor faz e diz que o que trazem é o progresso. É como se o dinheiro resolvesse tudo. Dividem comunidades porque quando a associação [de moradores] rejeita, vão individualmente. As mulheres estão no centro da resistência. [As companhias] Chegam e acham que a região é habitada por gente que vive nas trevas, cozinha no fogo...", afirma Adriana Galvão Freire, uma das assessoras da AS-PT, organizadora da Marcha das Mulheres em prol da Agroecologia, realizada anualmente.

Há o medo de que o cultivo de alimentos fora dos grandes latifúndios seja descaracterizado na região. Existem viveiros para distribuir milhares de mudas para plantações. Alguns têm como finalidade a venda das plantas, o que proporciona renda de R$ 10 mil por ano. Segundo moradores locais, é mais do que vários pequenos agricultores recebem por contratos de arrendamento com empresas eólicas e solares.

O que a resistência defende é algo considerado inviável por quem trabalha no setor: criar uma alternativa ao modelo centralizado, em que tudo o que é produzido vai para o mercado livre de energia. Nada fica na comunidade onde estão os aerogeradores e as placas solares.

O Comitê de Energias Renováveis do Semiárido é uma tentativa.

Continua na pág. A25



Marinalva dos Santos, 45, no Quilombo da Serra Talhada, na Paraíba Zanone Fraissat/Folhapress

Continuação da pág. A24

Em Patos, na Paraíba, foi criada a primeira cooperativa no sertão de energia solar com a construção de uma pequena usina.

A proposta é financiar a instalação de painéis em escolas, hospitais e instituições locais para fazer com que a comunidade pressione autoridades por mais iniciativas iguais. Como se fosse um chamariz. O objetivo central é que a energia gerada na caatinga fique na caatinga.

As empresas do setor alegam que, por causa da legislação, tudo o que é produzido tem de ser enviado para o Sistema Interligado Nacional e, em seguida, distribuído no mercado.

"Queremos um modelo em que a energia fique para as famílias daqui. A gente quer mostrar de maneira pedagógica que é possível gerar energia num novo modelo sem causar impactos na região, como acontecem nesses grandes projetos", defende José de Anchieta de Assis, 67, integrante do comitê.

No caso das comunidades quilombolas, não há contratos de arrendamento de terra porque isso não seria permitido pelo Incra, mas as que são vizinhas a parques eólicos e solares sofrem os efeitos dos empreendimentos de forma direta.

A Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, em seu artigo 6º, diz que os povos indígenas e tribais deverão ser consultados, "mediante procedimentos apropriados", cada vez que sejam previstas medidas que os afete diretamente.

"É uma norma internacional que não tem sido respeitada. O Ministério Público Federal fez recomendação para que isso seja analisado", diz Marcos Faro, 52, funcionário da Divisão de Desenvolvimento de Projetos de Assentamento do Incra na Paraíba.

O Incra afirma que, quando identificada uma terra quilombola que sofra influência direta de um empreendimento, estabelecerá contato com integrantes da comunidade para organizar oitivas em que os moradores do quilombo serão ouvidos.

O Governo da Paraíba enviou nota em que informa que, por recomendação conjunta com o Ministério Público Federal e Defensoria Pública do estado e da União, foi acordado que o Incra, a quem atribui a responsabilidade, realizaria uma consulta com as comunidades locais no prazo de 60 dias, o que seria procedimento em conformidade com a OIT 169.

"Não havendo apresentação dessa documentação por parte do Incra, a Sudema [Superintendência de Desenvolvimento do Meio Ambiente do Estado] pode dar continuidade ao processo de licenciamento normalmente, o que vem sendo feito", diz o texto da nota do governo.

Em conversas com a reportagem, nenhum morador dos quilombos da Serra do Talhado e da Pitombeira se lembra de ter sido organizada uma consulta formal a respeito dos parques de energia limpa.

Representante de mais de cem empresas do setor eólico, a Abeeólica afirma ser integrante do Pacto Global da ONU e "tem como princípio trabalhar para uma transição energética justa, tendo participado de discussões e contribuído com estudos e recomendações para a transição energética justa e uma economia de baixo carbono."

Ressalta que um exemplo prático disso é a criação de um guia de boas práticas para as eólicas para "indicar caminhos por práticas que promovam o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida das comunidades vizinhas aos parques."

A Absolar (Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica) diz, em nota, incentivar que seus associados orientem estudos e ações com base nos mais elevados padrões internacionais de ESG. "Estes padrões consideram, por exemplo, que tratativas locais sejam justas e transparentes, em especial com populações mais vulneráveis."

Procurado pela **Folha**, o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima não se manifestou.

É uma briga inglória, reclama Zuíla Santos, sentada em sua varanda no Quilombo da Pitombeira. As empresas do setor afirmam procurar trabalhar em conjunto com as comunidades e que desejam vê-las continuar no campo, plantando e produzindo na agricultura alimentar. Consideram distorcida a visão de que são inimigos das pequenas propriedades e da agricultura familiar.

Mas não é assim que a líder quilombola enxerga a situação.

"O que vejo é nós ficarmos com o ônus. Não tem bônus nenhum."



Eletrobras vai modernizar transmissão

A Siemens Energy anunciou nesta quarta-feira (4) que ganhou contratos avaliados em mais de R$ 300 milhões para revitalizar ativos de transmissão da Eletrobras, em projetos que serão concluídos até 2027 e devem garantir maior resiliência e segurança energética, além de ampliar a capacidade de escoamento de energia. Um dos contratos prevê a modernização da subestação Grajaú, responsável por quase 40% do abastecimento de energia do Rio. O projeto, com entrega prevista para 2027, envolve a substituição de equipamentos do sistema de Subestação Isolada a Gás.

Peso na conta de luz de jabuti para energia solar será de R$ 24 bi, prevê Aneel

Alexa Salomão

SÃO PAULO A emenda inserida de última hora na quarta-feira (4), no Senado, para beneficiar geradores de energia solar, que não precisam mais de apoio financeiro, vai custar R$ 24 bilhões para a conta de luz dos brasileiros, de 2024 e 2045. O adendo foi feito no projeto de lei que busca reduzir as emissões de veículos.

Isso significa que consumidores brasileiros terão que arcar por duas décadas com uma média de R$ 1 bilhão adicional por ano, para que algumas empresas de GD (geração distribuída) sejam beneficiadas.

A projeção consta de documento da Aneel (agência reguladora) enviado ao MME (Ministério de Minas e Energia) e obtido pela **Folha**.

A medida foi inserida de última hora no projeto de lei do Combustível do Futuro, pelo senador Irajá (PSD-TO). Por não ter nenhuma relação com esse tema, é conhecida no jargão parlamentar como um jabuti. Após a votação, o projeto seguiu para a Câmara.

A lei nº 14.300, que rege o setor e é conhecida como Marco Legal da Micro e Minigeração Geração Distribuída, de 2022, determina que esses geradores precisam concluir as obras em até 12 meses após o projeto ser aprovado pelas distribuidoras. O jabuti estende o prazo para 30 meses.

O efeito prático dessa prorrogação, detalha a Aneel no documento, é mudar o enquadramento de um grupo de empreendimentos, ampliando o número de projetos com direito ao desconto de 100% sobre os custos tarifários. Segundo a agência, um volume de 5,7 GW (gigawatts) de capacidade instalada passam a contar com o desconto integral.

O segmento de geração distribuída é utilizado pela classe média alta, bancos, redes de varejo e de farmácias. O subsídio pesa especialmente para o consumidor de menor renda, que tem menos recursos para instalar painéis solares.

Essa foi a primeira vez que o lobby do setor conseguiu emplacar um jabuti no Senado, mas já ocorreram outras tentativas na Câmara de prorrogação desse benefício.

O PL 2703/2022, do deputado Federal Celso Russomanno (Republicanos/SP) tentou fazer a prorrogação de 12 para 24 meses. Na época, estimou-se custo adicional de R$ 3,5 bilhões a R$ 5 bilhões por ano.

No final do ano passado, jabuti no PL das eólicas offshore, na Câmara, instituía prorrogação por 36 meses para acessar o desconto de 50% pelo uso do fio de projetos de geração renovável, ao custo de R$ 6 bi extras por ano.

Receita interpreta legislação

Ativismo do fisco na interpretação de leis gera uma enorme insegurança jurídica

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

A Receita Federal baixou a instrução normativa 2.205, de 22/7/24, com o seu entendimento da legislação aprovada em 2023 que restabeleceu o voto de qualidade no Conselho de Administração dos Recursos Fiscais. O Carf é um tribunal que julga pendências tributárias do setor privado com a União na esfera administrativa. Se o privado perde, pode recorrer ao Judiciário.

O Carf é um tribunal com mais de 180 conselheiros com turmas paritárias, isto é, que têm o mesmo número de conselheiros representantes dos contribuintes e do fisco.

Até 2020, a Fazenda tinha o desempate. O privado, para acessar a Justiça, tinha que deixar em juízo um depósito ou um seguro-garantia para cobrir a totalidade da possível dívida (principal, multa, juros e encargos legais).

Em 2020, o voto de qualidade deixou de existir para casos em que a disputa envolvia o não pagamento de um tributo. E, para esses casos, o empate era pró-réu, e a União não podia acessar o Judiciário. A construção ficou desequilibrada contra a Receita.

A lei do ano passado, fruto de uma construção no Congresso Nacional do setor privado com o Executivo, encontrou o equilíbrio: o voto de qualidade volta para a Fazenda, mas, em caso de empate, o contribuinte tem duas opções: pagar o principal, sem juros e multa, em até 90 dias após o julgamento; e recorrer ao Judiciário para discutir os juros e o principal sem a multa.

Instrução normativa da Receita Federal altera o entendimento da lei de 2023 que restabeleceu o voto de qualidade no Carf; é necessário um maior comedimento do fisco na normatização da legislação

A instrução normativa da Receita Federal altera o entendimento da legislação. Afirma que o afastamento da multa e a presunção de inocência só valem para pendências, entre uma empresa e a Receita, que discutam tributos não pagos. Para as outras pendências —multa de aduanas, créditos que o contribuinte alega possuir, multa por não cumprimento de obrigação acessória, entre outras—, o setor privado somente pode acessar a esfera judicial incorrendo nas custas e não há o afastamento das multas.

A explicação da Receita Federal para restringir a legislação de 2023 é a seguinte: se a discussão for um tributo não pago que a empresa considera indevido e a Receita considera devido, há uma discussão, o imposto, e há uma multa. A legislação de 2023 afastaria a punição derivada. De acordo com a Receita, se for, por exemplo, uma multa aduaneira, a multa é o próprio fato a ser discutido. Ela não deriva de nada.

No entanto, qualquer punição é sempre derivada de uma ação anterior. Por exemplo, uma multa fruto do não cumprimento pelo setor privado de uma obrigação acessória (ou alguma outra multa isolada) é derivada do entendimento do setor privado, do qual a Receita Federal discorda, de que não deveria cumprir com aquela obrigação acessória. O mesmo se aplica à multa fruto do não pagamento de um imposto, pois a empresa apresentou um crédito tributário. A multa deriva de um crédito em disputa.

O ativismo da Receita na interpretação de leis feitas no Congresso após um longo processo de negociação entre diversas partes é muito ruim. Gera uma enorme insegurança jurídica. É necessário um maior comedimento da Receita Federal na normatização da legislação.

DOM. Samuel Pessôa SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos TER. Michael França, Cecilia Machado QUA. Bernardo Guimarães, Lorena Hakak QUI. Cida Bento, Solange Srour SEX. Bráulio Borges SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Ferramenta de IA ajuda jovens de baixa renda na preparação para entrevista de emprego

Tecnologia de fundação indiana destaca pontos fortes e fracos dos candidatos; alunos do ensino técnico de SP terão acesso ao recurso



O programador Rarikmilkrai Souza, um dos atendidos pela fundação; ele tinha dificuldade de comunicação que a área exigia para o trato com o cliente e dinâmica de trabalho com colegas em home office Karime Xavier/Folhapress

Daniele Madureira

SÃO PAULO Pedro Henrique Martins Silva, 19 anos, tem se preparado melhor para as entrevistas de emprego. Estudante de análise e desenvolvimento de sistemas, Silva aprendeu que precisa corrigir algumas gírias que usa no local onde mora, na zona leste de São Paulo.

Expressões como "beleza", "tipo" e "tá ligado?" deixaram de fazer parte do seu vocabulário quando está diante de um potencial empregador. Também tem se policiado para não usar tantas palavras repetidas. Por outro lado, se sentiu confiante ao saber que a sua entonação de voz, clara e pausada, é um ponto forte nas entrevistas —assim como o desenvolvimento das suas ideias, expressas de maneira concatenada.

Quem apoiou Silva com dicas sobre como se comportar em entrevistas para uma vaga não foram os amigos da faculdade, os pais ou professores. Foi a ferramenta "Meu Preparador de Entrevistas", lançada neste ano pela Fundação Wadhwani, que usa inteligência artificial para treinar os candidatos sobre as perguntas mais comuns dos entrevistadores e sobre como se apresentar da maneira mais adequada para conquistar uma vaga.

Criada pelo empresário de tecnologia indiano Romesh Wadhwani no início dos anos 2000, a Fundação Wadhwani procura garantir que os jovens em vulnerabilidade social estejam preparados para o mercado de trabalho com o desenvolvimento de "soft skills", as competências socioemocionais, como boa comunicação, segurança, atitude positiva e trabalho em equipe.

Entre 2024 e 2027, a fundação deve investir US$ 25 milhões (R$ 128 milhões) em 15 países do mundo, sendo 10% disso no Brasil, onde se instalou há cerca de quatro anos e vem desenvolvendo trabalhos com empresas e instituições como Fundação Bunge, iFood e Trevisan.

"Em pesquisas com empregadores descobrimos que as soft skills representam 70% das competências necessárias para ter sucesso no emprego", diz Thiago Françoso, vice-presidente de empregabilidade da Fundação Wadhwani no Brasil. "Mesmo que o jovem tenha conhecimento técnico, muitas vezes ele tem dificuldades de relacionamento ou comunicação, por carência dessas competências. Isso pode colocar em risco a sua permanência no emprego."

O desenvolvedor de sistemas Rarikmilkrai Souza, 35 anos, nunca teve dificuldades com cálculos ou raciocínio lógico, mas o momento de informar os clientes sobre melhorias feitas no sistema para ele sempre foi um martírio.

> **Mesmo que o jovem tenha conhecimento técnico, muitas vezes ele tem dificuldades de comunicação. Isso pode colocar em risco a sua permanência no emprego**
>
> **Thiago Françoso**
> vice-presidente da Fundação Wadhwani no Brasil

A partir das ferramentas de inteligência artificial da Fundação Wadhwani, disponíveis pelo site e aplicativo, Souza conseguiu entender melhor onde estavam as suas limitações e como superá-las. "Eu costumava me isolar das pessoas por não apreciar as mesmas coisas que elas. Mas hoje consigo interagir bem melhor."

Recentemente, a fundação fechou uma parceria com o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e com a Seduc (Secretaria da Educação do Estado de São Paulo).

Na Seduc, uma parte do programa foi implementada entre abril e novembro do ano passado. Desde então, foi observada uma redução de 30% nos índices de indisciplina entre os alunos da terceira série do ensino técnico, segundo a fundação. Com os jovens, foram desenvolvidos temas como comunicação, empatia, autocontrole e resolução de conflitos.

Segundo Daniel Barros, diretor pedagógico da Seduc, a partir do ano que vem, todos os jovens do 2º e 3º ano do ensino médio que estão matriculados no ensino técnico das escolas públicas do estado terão acesso à ferramenta. Serão 170 mil alunos, o equivalente a 25% do total de alunos do 2º e 3º anos do ensino médio.

"Não basta apresentar o diploma: eles precisam saber contar sua história, ser convincentes, para atravessarem essa ponte da escola para o mercado profissional."


BEM-VINDOS
AO FUTURO

FOLHA DE S.PAULO ★★★



Parque de Ciência e Inovação da Universidade de Aveiro, na cidade de Ílhavo, em Portugal Divulgação

Brasileiros levam startups para polo tecnológico de Portugal de olho em expansão no mercado europeu

Proximidade entre empreendedores e investidores fortalece cenário de inovação e facilita desenvolvimento de empresas no país, que busca se tornar um hub

João Gabriel de Lima

LISBOA A primeira coisa que impressionou Dorirley Rodrigo Alves quando chegou a Aveiro, cidade do norte de Portugal, foi a segurança para andar nas ruas. "Quando experimentada, torna-se libertadora", diz Alves, nascido na cidade mineira de Piumhi e formado em computação em Belo Horizonte.

Ao contrário de muitos brasileiros que sonham em se aposentar em Portugal, no entanto, Alves não foi morar em Aveiro em busca de tranquilidade. Ele tem um objetivo ambicioso: reeditar em solo europeu um negócio que criou e que fez sucesso no Brasil.

Num movimento cada vez mais comum entre empreendedores brasileiros de tecnologia, decidiu começar esse processo de internacionalização por Portugal.

A ideia que mudou a vida de Alves foi inventar um modelo matemático para criar escalas de trabalho para empresas que operam no esquema 24 por 7, de domingo a domingo –como hospitais, portos, hotéis e supermercados.

Surgiu assim a Revex, empresa fundada por Alves que hoje conta com 30 clientes de consultoria e 50 que compraram o software desenvolvido por ele. O empreendedor viu a oportunidade de se expandir para a Europa, focando Portugal, França, Itália e Espanha. "Estudei as leis trabalhistas desses quatro países e são mais simples que as brasileiras. Achei que havia aí uma oportunidade."

Alves mora em Aveiro e dá expediente no PCI (Parque de Ciência e Inovação) ligado à universidade local. Ele abriu uma nova empresa e a hospedou numa incubadora —ambiente que promove o desenvolvimento de novos projetos— dentro do PCI.

"A vida de uma startup é melhor aqui que no Brasil. Se o projeto for bem desenhado, o acesso a fundos é mais fácil e são exigidas menos garantias por parte dos investidores", diz.

> **Achei que era melhor criar uma empresa nova na Europa por várias questões, incluindo do financiamento. A vida de uma startup é melhor aqui que no Brasil. Se o projeto for bem desenhado, o acesso a fundos é mais fácil e são exigidas menos garantias por parte dos investidores**
>
> **Dorliley Rodrigo Alves**
> Fundador da Revex

Hospedado no PCI, Alves se integrou a um ecossistema que cada vez mais atrai empresários brasileiros: a cena portuguesa de startups. O país conta com 174 incubadoras registradas na Startup Portugal, entidade sem fins lucrativos que apoia o governo na coordenação do ambiente digital.

As incubadoras com maior nível de inovação estão em parques tecnológicos ligados a universidades, como a de Aveiro, que é um polo de cursos de engenharia. Existem similares ao PCI em Lisboa, Porto, Braga e Coimbra.

É corrente no ambiente de negócios português o mantra de que o país almeja se tornar a Flórida e a Califórnia da Europa — ao mesmo tempo um polo turístico e um polo tecnológico. Desde 2019 existe um "startup visa", um visto especial para quem quer criar empresas tecnológicas no país. Lisboa também é sede do maior festival digital da Europa, o Web Summit, cujo networking gera vários negócios novos.

"O ecossistema português de tecnologia é um dos que mais cresce na Europa. Isso se deve, entre outras coisas, à proximidade entre empreendedores, universidades e investidores", diz Gil Azevedo, diretor executivo da Unicorn Factory de Lisboa.

Misto de incubadora, aceleradora e agregadora de hubs tecnológicos, a organização sem fins lucrativos ligada ao poder municipal é um termômetro desse crescimento. Há dois anos, expandia-se à razão de 50 novas empresas incubadas por ano. Neste ano serão 250.

Segundo Azevedo, o valor total das startups instaladas em Lisboa era, em 2018, metade do de Milão, a capital econômica da Itália. Em 2022 as duas cidades estavam empatadas.

Fundado em 2017, o PCI de Aveiro está integrado nesse ecossistema. Atualmente tem 55 startups, das quais 15 são de brasileiros. Grandes empresas de tecnologia também marcam presença no parque de inovação, e algumas delas são acionistas da empreitada junto com a universidade.

"Nosso objetivo é receber gente do mundo todo, que queira criar novos negócios ou expandi-los para a Europa a partir de Portugal", diz o português Luis Barbosa, diretor-geral do PCI. Ele faz parte de um conselho continental que analisa projetos inovadores nas sete áreas prioritárias da UE: inovações digitais, microchips, energia, mobilidade, arquitetura verde, projetos espaciais e projetos de defesa.

"Fazemos o 'soft landing' para inovadores", diz ele, referindo-se a dar infraestrutura para quem chega a Portugal para empreender e internacionalizar-se.

Foi precisamente isso o que fez Marcelo Bastos, fundador da Sizebay. Sua empresa, criada em Joinville em 2014, desenvolveu uma tecnologia para facilitar compras de roupas online. A tecnologia fez sucesso no Brasil, lojas grandes como Riachuelo e Marisa se tornaram clientes —e Bastos achou que era hora de se expandir.

O roteiro seguido por Bastos passou por várias das estações listadas acima. Em 2018 ele veio para o Web Summit fazer contatos com empresas têxteis com a ajuda da Apex. Abrigou-se numa incubadora e conseguiu financiamento com um braço de investimento do Atlantic Hub. Acabou abrindo um escritório em Portugal de onde se expandiu para Espanha, Holanda e Itália.

Chip com problemas da Huawei atrasa planos da China de enfrentar a Nvidia

SHENZHEN (CHINA) E PEQUIM | FINANCIAL TIMES Os esforços da China para igualar os EUA em inteligência artificial estão sendo prejudicados por um software cheio de falhas usado pela Huawei, que virou alvo de reclamações dos clientes.

O gigante tecnológico chinês é a aposta do país para se opor à norte-americana Nvidia na produção de chips para uso em inteligência artificial. Porém os problemas ocorridos na produção fizeram com que os clientes evitassem a troca do produto dos EUA.

A série Ascend tornou-se uma opção mais popular para grupos chineses de IA executarem inferência, um processo que aplicativos como o ChatGPT da OpenAI usam para gerar respostas a consultas.

Mas vários especialistas da indústria, incluindo um engenheiro de IA de uma empresa parceira, disseram que os chips da Huawei ainda estão muito atrás dos da Nvidia para o treinamento inicial de modelos. Eles culparam problemas de estabilidade, conectividade mais lenta entre chips e software inferior da chinesa.

A China reforçou a sua aposta na Huawei após os Estados Unidos aumentarem os controles de exportação sobre silício de alto desempenho em outubro do ano passado.

A plataforma de software da Nvidia, Cuda, é apontada como o "segredo" da empresa por ser fácil de usar pelos desenvolvedores e capaz de acelerar o processamento de dados. Os próprios funcionários da Huawei estão entre os que reclamam do software desenvolvido pela empresa, que é chamado de Cann. Um pesquisador, que preferiu não ser identificado, disse que isso tornava a série Ascend "difícil e instável de usar" e que o trabalho de testá-lo estava sendo prejudicado.

De acordo com o pesquisador, os erros aleatórios são difíceis de detectar, já que ainda não há muitos dados disponíveis sobre o software, e é preciso ter desenvolvedores que consigam ler o código-fonte para tentar a solução.

Outro engenheiro chinês informado sobre o uso dos processadores da Huawei pela Baidu disse que os chips travavam frequentemente, complicando o trabalho de desenvolvimento de IA. O pesquisador da Huawei disse que os travamentos aconteciam porque era difícil usar o hardware.

Para resolver o problema, a empresa chinesa tem enviado engenheiros para ajudar os clientes no local com a transferência de código de treinamento previamente escrito em Cuda para Cann, de acordo com várias pessoas familiarizadas com o assunto.

Brasil tem mais a perder que Musk nos negócios, dizem especialistas

Starlink conseguiu contratos sem licitação nas esferas municipal, estadual e federal, com forte presença no Norte; bloqueio deixaria populações sem serviços essenciais



Elon Musk em evento na Trump Tower em Manhattan, Nova York Shannon Stapleton - 6.jan.17/Reuters

Pedro S. Teixeira

SÃO PAULO Elon Musk tem pouco a perder no Brasil, avaliam especialistas ouvidos pela **Folha**. A Tesla, seu principal negócio, não vende carros aqui e importa lítio de outros países, e o X é irrelevante porque só dá prejuízo. A Starlink, com 7,5% dos seus clientes em território nacional, é única a empresa que mantém relações comerciais expressivas por aqui.

O Brasil, por outro lado, se tornou dependente da conexão via satélite da companhia em áreas críticas como postos de saúde e escolas em locais isolados, as Forças Armadas e o policiamento de fronteiras e de estradas.

Parte desses contratos foi feita com dispensa de licitação pelo "serviço sem par" da SpaceX, mostram documentos no Portal Nacional de Contratações Públicas Portal Nacional de Contratações Públicas.

Porém mesmo o maior negócio do bilionário tem pouca atividade, de fato, no Brasil. Mantém uma sede em território nacional apenas para fins contábeis e regulatórios, sob responsabilidade legal, desde a terça-feira (3), do escritório Pacaembu Serviços, com sede na rua Líbero Badaró, no centro de São Paulo.

A operação brasileira da empresa negocia seus serviços por meio de sete representantes comerciais autorizados. A companhia está em atividade no Brasil desde janeiro de 2022, após comprar uma licença da Anatel por R$ 102 mil no fim de 2021.

O sócio-fundador da Starlink Brazil, Vitor Urner, outro especialista em abrir representações no país para estrangeiros, pediu para deixar a empresa após o embate judicial envolvendo o X. "Não falo mais pela empresa e não dou entrevistas", disse Urner à reportagem.

Musk ainda teria recomendado que os funcionários da SpaceX que atuam no Brasil deixassem o país, segundo comunicado interno obtido pelo jornal americano The Wall Street Journal.

Na quinta (5), um dos cinco integrantes da Federal Communications Commission (FCC) dos EUA, Brendan Carr enviou uma carta ao presidente da Anatel, Carlos Baigorri, com críticas à decisão de proibir o acesso à plataforma X.

Na mensagem, Carr chama de "aparentemente ilegais e partidárias" as ações que a Anatel está conduzindo no Brasil. Ele citou a ameaça de revogar as licenças da Starlink.

Procurada via email e redes sociais, a companhia aeroespacial não respondeu ao pedido de entrevista da **Folha**. Os escritórios Demarest Advogados e Veirano Advogados, que defendem a empresa em ações no STF, também não comentaram.

Embora a empresa tenha 224,5 mil clientes no Brasil, cerca de 0,5% do total do mercado de internet banda larga, segundo dados da Anatel, quase um terço deles está na região Norte, que tem um histórico de restrição de conexão. A companhia também tem forte presença no Centro-Oeste, com impulso de clientes no agronegócio.

"A Starlink tem antenas instaladas em 90% dos municípios da Amazônia e esse número só tende a crescer", diz o professor e pesquisador no Departamento de Estudos de Mídia da Universidade da Virgínia David Nemer.

A empresa tem concorrentes, mas oferece a conexão via satélite mais barata e com menor latência [tempo de atraso entre o comando e a resposta na internet], de acordo com o fundador da empresa de negócios aeroespaciais Airvantis, Lucas Fonseca.

A assinatura residencial da Starlink custa a partir de R$ 184 mensais mais impostos, fora o investimento inicial na compra de uma antena.

Além de 52 concorrentes habilitados pela Anatel —sendo os principais a HughesNet, a Viasat e Telebras, com serviços mais caros—, Fonseca lembra que o Brasil tem o próprio satélite geoestacionário, o SGDC (Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas), capaz de fornecer internet.

"Foi lançado após a descoberta da espionagem do governo brasileiro pela NSA [Agência de Segurança Nacional dos EUA]", recorda. Segundo ele, porém, é difícil contratar o serviço, hoje vendido pela ViaSat.

A latência do SGDC, que orbita a quase 36 mil km da Terra, é bem maior do que a da constelação de satélites da Starlink, situados em baixa altitude —de 540 km a 1.325 km. "Mas é viável no dia a dia, e poderia ser usado desde que a pessoa compre uma antena específica", diz.

A expansão global da Starlink dá a Musk poder político, diz o professor de relações internacionais da Fecap (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado) Alcides Peron, que é especialista em políticas tecnológicas.

"Musk passa a ser quem determina quais conteúdos podem ser veiculados, uma vez que controla a circulação de dados —isso é viabilizado pelo controle da infraestrutura comunicacional", diz.

O bilionário assumiu esse papel na esteira da mudança na política aeroespacial americana, que reduziu o papel da Nasa, para priorizar empresários dispostos a atuar no setor.

Hoje, a receita da SpaceX se divide entre contratos com o governo americano e os serviços da Starlink, segundo documentos obtidos pela agência Bloomberg —a expectativa é faturar US$ 15 bilhões (R$ 85 bilhões) em 2024.

Em publicação no X enviada à reportagem, a Starlink afirmou que, diferentemente do que informa a Anatel, teria 250 mil clientes no Brasil —segundo a empresa, seriam 3,3 milhões de assinantes do serviço em 99 países

O número não é vital para a Starlink, mas o Brasil não deixa de ser um local estratégico para a empresa, na avaliação de especialistas.

Musk só cedeu às ordens judiciais quando mexeram no bolso dele —o bilionário só faz dinheiro de fato no Brasil com a Starlink—, afirma Nemer.

Uma vez que o X é hoje inviável como negócio, o bilionário não hesita em usá-lo para gerar confusão, mesmo sem ter um ganho político ou econômico claro, de acordo com o professor da Universidade da Virginia.

"Ao apoiar esses políticos mais conservadores do bolsonarismo, o que Musk ganha é um compromisso desses políticos para tentar barrar qualquer tipo de regulação das big techs."

Por sua vez, o principal negócio do bilionário, a Tesla, nunca esboçou intenção de entrar no mercado brasileiro. O país nunca foi mencionado em documentos da empresa protocolados junto à comissão de valores mobiliários americana, a SEC, ou em balanços da empresa.

A única aproximação da empresa com o Brasil foi um flerte com a possibilidade de comprar a mineradora e processadora de lítio Sigma Lithium. O negócio, porém, nunca avançou.

Hoje, os principais fornecedores do minério da Tesla estão em China e Austrália. A Bolívia, por sua vez, tem, de longe, a maior reserva de lítio, com 23 milhões de toneladas, bem acima da reserva brasileira de 800 mil toneladas, de acordo com relatório da Bloomberg.

Na China, elétricos Tesla estão ficando para trás

Compradores chineses de carros estão evitando a Tesla em meio à inundação de modelos de veículos elétricos mais avançados produzidos por fabricantes rivais.

A participação da empresa americana nas vendas de elétricos chineses, incluindo híbridos de bateria e plug-in, caiu para 6,5% nos primeiros sete meses do ano, diante de quase 9% no mesmo período do ano passado, de acordo com dados da consultoria Automobility.

A empresa de Elon Musk, cujas vendas chinesas no primeiro semestre foram de US$ 10,6 bilhões em 2023 para US$ 9,2 bilhões em 2024, não lança um novo modelo elétrico na China desde 2019. Outras montadoras estão lançando mais de cem novos modelos no país só este ano.

VERT

LEILÃO DE IMÓVEL
SOMENTE ONLINE

BIASI leilões

Dia 27 de Setembro de 2024 às 11:00 horas

Casa na Bela Vista em Fernandópolis/SP Imperdível! Confira e Aproveite!

À vista ou parcelado em até 3 vezes conforme edital. Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br

Leiloeiro Oficial Eduardo Consentino – JUCESP nº 616 (João Victor Barroca Galeazzi – Preposto em exercício)

= Leilão de Alienação Fiduciária =

1 Leilão: (Vinte de Setembro de dois mil e vinte e quatro às dez horas); 2 Leilão (Vinte e Três de Setembro de Dois mil e vinte e quatro às dez horas) - Horários de Brasília.

JONAS COIMBRA, Leiloeiro Oficial, JUCESP n 1228, com escritório na Rua Marechal Bittencourt n-1089-F, Vila Nova, Jau/SP CEP 17202-160 **FAZ SABER** a todos quando o presente **EDITAL** virem ou dele conhecimento tiver que levará a **PUBLICO LEILÃO**, de modo online, nos termos da Lei 9.514/97, art.º27 e parágrafos, autorizado pelo **credor fiduciário** CONTROLLER PEDERNEIRAS EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA, 18.638.970.0001-82, nos termos do instrumento particular firmado em 14/12/2017 com os devedores fiduciantes **LUCIANO OSES, CPF 304.938.658-45, RG 29.835.725 SSP/SP** e seu Conjugê **ALECHANDRA NUNES FERNANDES OSES, CPF 216.225.778-50, RG 29.614.024 SSP/SP,** residentes e domiciliados na cidade de Pederneiras/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO** 20/09/2024 e hora 10 hs com lance mínimo igual ou superior **R$ 76.756,83 (Setenta e seis reais setecentos e cinquenta e seis reais e oitenta e três centavos)** - atualizando conforme disposição contratual, **UM LOTE DE TERRENO**, de n 1, quadra R (atual Rua Jose Sebastião da Fonseca), com área total de 332,62 M², melhor descrito na matricula de n 31.393 do Cartório de Registro de Imóveis de Pederneiras. Cadastro Municipal 01.02.216.0014.001.01, sem benfeitoria, Desocupado Venda em caracter ad corpus e no estado de conservação que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO** 23/09/2024 e hora 10 hs com lance mínimo igual ou superior **R$ 195.447,73 (Cento e noventa e cinco mil quatrocentos e quarenta e sete reais e setenta e três centavos)** nos termos do art.º27 §2 da Lei 9.514/97). Os interessados em participar deverão se **cadastrar na loja Coimbra Leilões** (www.coimbraleiloes.com.br), se habilitar com antecedência de 24 (vinte e quatro) horas de inicio do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NA LOJA COIMBRA LEILOES. Informações: 14-3418-5420/contato@coimbraleiloes.com.br

FRANCO LEILÕES

LEILÃO DE IMÓVEL

Av. Barão Homem de Melo, 2222 - Sala 402
Bairro Estoril - CEP 30494-080 - BH/MG

ONLINE

inter

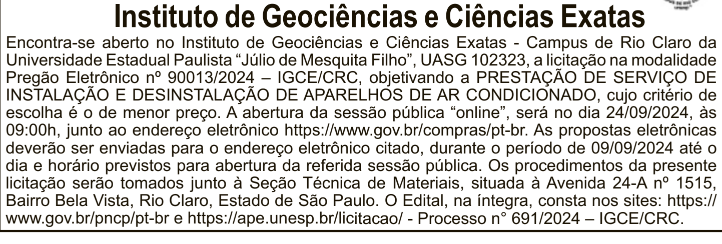
1º LEILÃO: 18/09/2024 - 10:10h - 2º LEILÃO: 19/09/2024 - 10:10h

EDITAL DE LEILÃO

Fernanda de Mello Franco, Leiloeira Oficial, Matrículas JUCEMG nº 1030 e JUCESP nº 1281, devidamente autorizada pelo credor fiduciário abaixo qualificado, ou sua Preposta registrada na JUCEMG, **Cássia Maria de Melo Pessoa,** CPF: 746.127.276-49, RG: MG-2.089.239, faz saber que, na forma da Lei nº 9.514/97 e do Decreto-lei nº. 21.981/32 levará a LEILÃO PÚBLICO de modo **online** o imóvel a seguir caracterizado, nas seguintes condições. **IMÓVEL**: Apartamento nº 303 localizado no 3º pavimento, do Bloco 05, do empreendimento residencial denominado Residencial Sunshine, situado na Rua Giovane Michel de Meira, nº 120, Votorantim/SP, com área privativa construída de 39,1200m², área comum descoberta de divisão não proporcional de 12,0000m² (vaga), área comum de divisão proporcional de 109,2830m², área total de 160,4030m², com direito ao uso de 01 vaga de garagem descoberta identificada pelo nº 68, para guarda e estacionamento de 01 veículo. Imóvel objeto da Matrícula CNM: 141887.2.0034745-82 trasladada da Matrícula nº 34.745 do Registro de Imóveis da Comarca de Votorantim/SP. Dispensa-se a descrição completa do IMÓVEL, nos termos do art. 2º da Lei nº 7.433/85 e do Art. 3º do Decreto nº 93.240/86, estando o mesmo descrito e caracterizado na matrícula anteriormente mencionada. Obs.: Imóvel ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30, caput e parágrafo único da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. **DATA DOS LEILÕES**: **1º Leilão: dia 18/09/2024, às 10:10 horas, e 2º Leilão dia 19/09/2024, às 10:10 horas. LOCAL: Av. Barão Homem de Melo, 2222 – Sala 402 – Estoril – CEP 30494-080 – Belo Horizonte/MG. DEVEDORES FIDUCIANTES**: MARIO SERGIO SILVA DE ALMEIDA FILHO, brasileiro, divorciado, administrador, nascido em 26/06/1984, C.I: 42.246.391-7 SSP/SP, CPF: 319.006.108-41, residente e domiciliado na rua Marcos Alexandre de Mattos, nº 116, casa, bairro Parque São Bento, Sorocaba/SP, CEP: 18.072-007. **CREDOR FIDUCIÁRIO**: *Banco Inter S/A, CNPJ: 00.416.968/0001-01*. **DO PAGAMENTO**: O pagamento integral da arrematação deverá ser realizado em até 24 horas, mediante depósito via TED, na conta do comitente vendedor a ser indicada pelo leiloeiro. **DOS VALORES**:**1º Leilão: R$ 203.990,00 (duzentos e três mil e novecentos e noventa reais) 2º leilão: R$ 184.089,72 (cento e oitenta e quatro mil, oitenta e nove reais e setenta e dois centavos),** calculados na forma do art. 26, §1º e art. 27, parágrafos 1º, 2º e 3º da Lei nº 9.514/97, com a redação dada pela nº 14.711/2023. Os valores estão atualizados até a presente data podendo sofrer alterações na ocasião do leilão. **COMISSÃO DO LEILOEIRO:** Caberá ao arrematante, o pagamento da comissão do leiloeiro, no valor de 5% (cinco por cento) da arrematação, a ser paga à vista, no ato do leilão, cuja obrigação se estenderá, inclusive, ao(s) devedor(es) fiduciante(s), na forma da lei. **DO LEILÃO ONLINE:** O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) das datas, horários e local de realização dos leilões para, no caso de interesse, exercer(em) o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27, da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023.Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão cadastrar-se no site **www.francoleiloes.com.br** e se habilitar acessando a opção "Habilite-se", com antecedência de 01 hora, antes do início do leilão, enviando os documentos de identificação, inclusive do representante legal, quando se tratar de pessoa jurídica, com exceção do(s) devedor(es) fiduciante(s), que poderá(ão) adquirir o imóvel preferencialmente em 1º ou 2º leilão, caso não ocorra o arremate no primeiro, na forma do parágrafo 2º-B, do artigo 27 da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023, devendo apresentar manifestação formal do interesse no exercício da preferência, antes da arrematação em leilão. **OBSERVAÇÕES:** O(s) interessado(s) deverá(ão), sob pena de desfazimento do negócio: (i) estar com seu CPF /CNPJ em situação regular junto à Receita Federal do Brasil; (ii) não possuir restrições de crédito; (iii) ter conhecimento e observar os ditames da Lei nº 9.613/1998, que dispõe sobre os crimes de "lavagem" ou ocultação de bens, direitos e valores, bem como dos normativos do Banco Central do Brasil que tratam do assunto, inexistindo em seu nome qualquer restrição relativa à matéria. O arrematante será responsável pelas providências de desocupação do imóvel, nos termos do art. 30, caput e parágrafo único da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. O(s) imóvel(i)s será(ão) vendido(s) no estado em que se encontram física e documentalmente, em caráter "ad corpus", sendo que as áreas mencionadas nos editais, catálogos e outros veículos de comunicação são meramente enunciativas e as fotos dos imóveis divulgadas são apenas ilustrativas. Dessa forma, havendo divergência de metragem ou de área, o arrematante não terá direito a exigir do VENDEDOR nenhum complemento de metragem ou de área, o término da venda ou o abatimento do preço do imóvel, sendo responsável por eventual regularização acaso necessária, nem alegar desconhecimento de suas condições, eventuais irregularidades, características, compartimentos internos, estado de conservação e localização, devendo as condições de cada imóvel ser prévia e rigorosamente analisadas pelos interessados. Correrão por conta do arrematante, todas as despesas relativas à arrematação do imóvel, tais como, taxas, alvarás, certidões, foro e laudêmio, quando for o caso, escritura, emolumentos cartorários, registros etc. Todos os tributos, despesas e demais encargos, incidentes sobre o imóvel em questão, inclusive encargos condominiais, após a data da efetivação da arrematação são de responsabilidade exclusiva do arrematante. **A concretização da Arrematação será exclusivamente via Ata de Arrematação. Sendo a transferência da propriedade do imóvel feita por meio de Escritura Pública de Compra e Venda. Prazo de Até 90 dias da formalização da arrematação. O arrematante será responsável por realizar a devida *due diligence* no imóvel de seu interesse para obter informações sobre eventuais ações, ainda que não descritas neste edital.** Caso ao final da ação judicial relativa ao imóvel arrematado, distribuída antes ou depois da arrematação, seja invalidada a consolidação da propriedade, e/ou os leilões públicos promovidos pelo vendedor e/ou a adjudicação em favor do vendedor, a arrematação será automaticamente rescindida, após o trânsito em julgado da ação, sendo devolvido o valor recebido pela venda, incluída a comissão do leiloeiro e os valores comprovadamente despendidos pelo arrematante à título de despesas de condomínio e imposto relativo à propriedade imobiliária. **A mera existência de ação judicial ou decisão judicial não transitada em julgado, não enseja ao arrematante o direito à desistência da arrematação.** O proponente vencedor por meio de lance on-line, terá prazo de 24 horas, depois de comunicado expressamente do êxito do lance, para efetuar o pagamento, exclusivamente por meio de TED e/ou cheques, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro, conforme edital. O não pagamento dos valores de arrematação, bem como da comissão do(a) Leiloeiro(a), no prazo de até 24 (vinte e quatro) horas contadas da arrematação, configurará desistência ou arrependimento por parte do(a) arrematante, ficando este(a) obrigado(a) a pagar o valor da comissão devida o(a) Leiloeiro(a) (5% - cinco por cento), sobre o valor da arrematação, perdendo a favor do Vendedor o valor correspondente a 20% (vinte por cento) do lance ou proposta efetuada, destinado ao reembolso das despesas incorridas por este. Poderá o (a) Leiloeiro(a) emitir título de crédito para a cobrança de tais valores, encaminhando-o a protesto, por falta de pagamento, se for o caso, sem prejuízo da execução prevista no artigo 39, do Decreto nº 21.981/32. Ao concorrer para a aquisição do imóvel por meio do presente leilão, ficará caracterizada a aceitação pelo arrematante de todas as condições estipuladas neste edital. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427 de 1° de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. Maiores informações: (31)3360-4030 ou pelo e-mail: contato@francoleiloes.com.br. Belo Horizonte/MG, **03/09/2024.**

www.francoleiloes.com.br Ligue para: **(31) 3360-4030**





unesp

Universidade Estadual Paulista
"CAMPUS DE RIO CLARO"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Encontra-se aberto no Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Campus de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UASG 102323, a licitação na modalidade Pregão Eletrônico nº 90013/2024 – IGCE/CRC, objetivando a PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE INSTALAÇÃO E DESINSTALAÇÃO DE APARELHOS DE AR CONDICIONADO, cujo critério de escolha é o de menor preço. A abertura da sessão pública "online", será no dia 24/09/2024, às 09:00h, junto ao endereço eletrônico https://www.gov.br/compras/pt-br. As propostas eletrônicas deverão ser enviadas para o endereço eletrônico citado, durante o período de 09/09/2024 até o dia e horário previstos para abertura da referida sessão pública. Os procedimentos da presente licitação serão tomados junto à Seção Técnica de Materiais, situada à Avenida 24-A nº 1515, Bairro Bela Vista, Rio Claro, Estado de São Paulo. O Edital, na íntegra, consta nos sites: https://www.gov.br/pncp/pt-br e https://ape.unesp.br/licitacao/ - Processo n° 691/2024 – IGCE/CRC.

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 206/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

ENFERMEIRO PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU
(01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 09/09/2024 às 14h do dia 11/09/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação de **ENFERMAGEM**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 36h/semanais.

Salário: **R$ 4.563,30**
(quatro mil, quinhentos e sessenta e cinco reais e trinta centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A PROVA TEÓRICA
(somente para os candidatos inscritos)

DATA: 29/09/2024 –09h.
LOCAL: Instituição Toledo de Ensino (ITE), Bloco 5 – Praça 9 de Julho, 1-51, Vila Pacífico, Bauru/SP.

Os candidatos deverão comparecer ao local da Prova Teórica **30 minutos antes** da hora marcada para o início, munidos do **documento de identidade original com foto**, comprovante de pagamento bancário da inscrição, caneta de tinta azul ou preta, lápis preto e borracha.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 207/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MARCENEIRO PARA RIBEIRÃO PRETO
(01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 09/09/2024 às 14h do dia 20/09/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Declaração ou Certificado de Conclusão do **ENSINO FUNDAMENTAL** expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir:
-Experiência comprovada na função de MARCENEIRO; **OU** Certificado de Conclusão de **Curso Profissionalizante de Marcenaria** com carga horária mínima de 100 (cem) horas, expedido por escola oficial ou reconhecida**.**
-Para comprovar experiência, apresentar registro em Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) ou declaração em papel timbrado, descrevendo as atividades que exerceu, período trabalhado, contendo CNPJ e assinatura do empregador com certificado digital ou firma reconhecida em cartório.

Taxa: R$ 10,00 (dez reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.

Salário: **R$ 2.350,00 (dois mil, trezentos e cinquenta reais)**

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

GUARIGLIA
LEILOEIRO OFICIAL

LEILÃO SESI/SENAI QUINTA-FEIRA - 12/09/2024 - 14h00

VISITAÇÃO POR AGENDAMENTO: de 04 a 11/09/2024 (locais e horários no site do leiloeiro). SOMENTE ONLINE

APROXIMADAMENTE 350 LOTES

Aprox. 200 CADEIRAS / 120 POLTRONAS / 100 MESAS / 100 MICROCOMPUTADORES, MONITORES E IMPRESSORAS ARMÁRIOS / FERRAMENTAS / MÓVEIS DIVERSOS / ELETRÔNICOS / MÁQUINAS DE COSTURA / BANCADAS DE LABORATÓRIOS E MAIS

CONSULTE RELAÇÃO COMPLETA DOS LOTES NO SITE. CONDIÇÕES DE VENDA E PAGAMENTO CONSTARÃO NO CATÁLOGO PRÓPRIO. VISITE NOSSO SITE: www.GUARIGLIALEILOES.com.br

ANTONIO LUIZ GUARIGLIA - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 415



Informações: (12) 3654-1000

CHEVROLET SERVIÇOS FINANCEIROS | bradesco | Itaú | Santander | BANCO PAN | omni | STELLANTIS FINANCIAMENTOS | Safra | Sicredi | SESI | SENAI | ITAPEVA

GUARIGLIA
LEILOEIRO OFICIAL

LEILÃO QUINTA-FEIRA - 12/09/2024 - 09h00 - APROXIMADAMENTE 200 VEÍCULOS

PRESENCIAL E ONLINE **VEÍCULOS DE BANCOS E FINANCEIRAS**

VISITAÇÃO: 11/09/2024, das 12 às 17h e 12/09/2024, das 07 às 09h | Rod. Pres. Dutra, Km 128 - Sentido RJ-SP - CAÇAPAVA/SP

•**MODELOS:** CAOA CHERY/TIGGO 7PRO16TA 2024/2025 - MERCEDES-BENZ/GLA 250 4M 2017/2017 - VOLKSWAGEN/AMAROK CD 4X4 HIGH 2017/2017 - FORD/FUSION FWD GTDI B 2014/2015 - CITROEN/JUMPY FURGAOPK 2021/2022 - JEEP/COMPASS LONGITUDE F 2018/2018 - JEEP/RENEGADE LNGTD AT 2020/2021 - CHEVROLET/ONIX PLUS 10MT LTZ 2022/2023 - VOLKSWAGEN/GOL CL MB 2014/2015 - RENAULT/LOGAN AUTH 10 2018/2019 - VOLKSWAGEN/VOYAGE TL MA 2015/2016 - RENAULT/KWID OUTSID 2 2022/2023 - FIAT/TORO FREEDOM AT 2016/2017 - VOLKSWAGEN/NEW BEETLE 2006/2007 - FIAT/SIENA ESSENCE 1.6 2014/2015 - FIAT/UNO VIVACE 1.0 2014/2015 - RENAULT/SANDERO AUT1016V 2014/2014 - HONDA/CG 160 FAN 2022/2022 - HONDA/XRE 300 2017/2017 - HONDA/CG 160 TITAN 2024/2024 - YAMAHA/FZ15 FAZER ABS 2023/2023 - HYUNDAI/HB20S 10M VISION 2020/2021 - FORD/KA SE 1.0 HA C 2019/2020 - FIAT/STRADA WORKING 2016/2016 - CHEVROLET/MONTANA LS2 2020/2021 - FORD/FIESTA 1.6 FLEX 2011/2012 - CITROEN/C4 PALLAS20GAF 2008/2009 - RENAULT/KWID ZEN 10MT 2019/2020.
LOTES DE MÓDULOS FOTOVOLTAICOS / MATERIAIS / EQUIPAMENTOS.

CONSULTE RELAÇÃO COMPLETA DE VEÍCULOS NO SITE. CONDIÇÕES DE VENDA E PAGAMENTO CONSTARÃO NO CATÁLOGO PRÓPRIO. VISITE NOSSO SITE: www.GUARIGLIALEILOES.com.br

ANTONIO LUIZ GUARIGLIA - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 415

/GUARIGLIALEILOES

Informações: (12) 3654-1000



CHEVROLET SERVIÇOS FINANCEIROS | bradesco | Itaú | Santander | BANCO PAN | omni | STELLANTIS FINANCIAMENTOS | Safra | Sicredi | SESI | SENAI | ITAPEVA

mercado

Publicitários planejam cortar repasses para o X em 2025

Daniel Thomas

LONDRES | FINANCIAL TIMES Suspensa no Brasil desde o último dia 30, a rede social X (antigo Twitter) pode sofrer uma grande perda de receita no próximo ano. Uma pesquisa feita pelo instituto Kantar aponta que 26% dos publicitários no mundo planejam diminuir os seus gastos com marketing na ferramenta.

A preocupação dos publicitários é a associação das empresas a conteúdos extremos que estão sendo postados na rede social. Caso se confirme, seria mais um golpe nas esperanças de Elon Musk de reverter as finanças do grupo.

A pesquisa indica que a confiança dos anunciantes na plataforma despencou no ano passado, com apenas 4% dos profissionais de marketing dizendo que os anúncios no X eram "seguros para a marca", em comparação com 39% obtidos pelo Google, refletindo preocupações generalizadas sobre as empresas aparecerem ao lado de material controverso.

Em 2023, a pesquisa da Kantar indicou que 14% dos publicitários planejavam cortar as verbas para o X, enquanto em 2022 apenas 6% disseram ter a intenção de aumentar os gastos com publicidade na rede social.

Grandes marcas têm se retirado do X desde a aquisição de US$ 44 bilhões por Musk em 2022, citando a decisão do empresário de afrouxar a moderação de conteúdo em linha com sua ética de liberdade de expressão. Isso levou a quedas de receita e a uma derrocada no valor de mercado.

O jornal The New York Times divulgou que o X perdeu cerca de 52% de sua receita publicitária nos EUA em 2023, com ganhos totais caindo para US$ 1,13 bilhão, segundo dados da Emarketer.

"Os anunciantes têm movido seus gastos de marketing para longe do X há vários anos", disse Gonca Bubani, diretora global de liderança de pensamento para mídia na Kantar. "A aceleração acentuada dessa tendência nos últimos 12 meses significa que uma reviravolta atualmente parece improvável."

O estudo da Kantar entrevistou 18 mil consumidores em 27 mercados e mil profissionais de marketing seniores no mundo todo.



Aparelhos de ar-condicionado enfileirados em fachada de edifício de apartamentos em Tóquio; disparada na demanda por equipamento preocupa - Yuichi Yamazaki/30.abr.24

Novas tecnologias projetam ar-condicionado menos prejudicial ao planeta

Eficiência energética é chave para cortar emissões de gases de efeito estufa em meio a alta demanda global por aparelhos

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

THE ECONOMIST Em muitas partes do mundo, a brisa de um ar-condicionado em dia quente é vista como luxo, mas a crise climática está mudando isso. As temperaturas globais médias estão agora cerca de 1,2°C mais altas do que antes da Revolução Industrial: até meados do século, a diferença pode chegar a 2°C. Segundo estimativas, o número de sistemas de resfriamento poderia quase triplicar até 2050.

Essa tecnologia salvará vidas, tornará as cidades habitáveis e evitará perdas na produtividade. Estima-se que o acesso ao ar-condicionado evitou quase 200 mil mortes no mundo entre pessoas com 65 anos ou mais em 2019.

No entanto, a eletricidade necessária para o ar-condicionado já é responsável por mais emissões de dióxido de carbono (CO_2) do que toda a indústria da aviação, e, quanto mais quente a atmosfera, o resfriamento adicional exigirá mais energia por unidade, arriscando um aquecimento planetário muito maior.

Por isso, a descarbonização da eletricidade é crucial. Mas tornar o sistema mais eficiente também é importante. Como os aparelhos comerciais costumam ser usados por até duas décadas, os instalados nos próximos anos influenciarão emissões produzidas até 2050. Felizmente, novas tecnologias estão surgindo para torná-los menos poluentes.

Os aparelhos atualmente usam energia para puxar o ar quente e fazê-lo passar por um gás refrigerante, que evapora ao absorver o calor. O ar resfriado é devolvido ao ambiente, e o gás é condensado de volta, liberando seu calor retido para fora. As máquinas convencionais também desumidificam o ar enquanto o resfriam. Fazer ambos os trabalhos ao mesmo tempo, no entanto, é extremamente ineficiente.

Para atacar o problema, a Transaera, startup sediada em Massachusetts, procurou as chamadas estruturas metal-orgânicas (MOFs). São gaiolas moleculares que podem capturar partículas "hóspedes" específicas e liberá-las se expostas ao calor.

A empresa espalha um revestimento à base de MOF em uma roda na entrada de ar da unidade. Conforme a roda gira, a água capturada pelo MOF é levada e esvaziada pelo calor residual de baixo nível gerado pela máquina. Testes indicaram que esse sistema usa 40% menos energia.

A Trellis está explorando um sistema que filtra o ar através de uma membrana seletivamente permeável, para ajudar um ambiente ficar fresco com pouco ou nenhum resfriamento ativo.

Outra prioridade é reduzir a necessidade de HFCs (hidrofluorocarbonetos), gases refrigerantes que têm alto efeito estufa e podem vazar ou contaminar a atmosfera quando o aparelho é descartado. Algumas empresas estão tentando eliminar esses gases, com um método totalmente diferente de absorver calor.

A Blue Frontier, da Flórida, usa um dessecante líquido, semelhante a uma salmoura ultrassalgada, para remover a umidade.

Os usuários, segundo a empresa, conseguem controlar a umidade e a temperatura independentemente uma da outra, enquanto reduzem o uso de energia entre 50% e 90%.

As tecnologias também podem minimizar a pressão que a refrigeração exerce sobre as redes elétricas, que provoca picos acentuados no consumo de eletricidade e pode resultar em cortes fatais.

O Beverly Hilton e o Waldorf Astoria Beverly Hills, dois hotéis de luxo perto de Los Angeles, começaram a usar os "IceBricks" projetados pela empresa israelense Nostromo, que têm centenas de cápsulas de água que podem ser congeladas quando a demanda de eletricidade é baixa e depois usadas quando é alta. Com isso, segundo a empresa, o custo de refrigerar os hotéis cairá 50%, com menos emissões de carbono.

Texto do The Economist, traduzido por Helena Schuster, publicado sob licença. O artigo original, em inglês, pode ser encontrado em www.economist.com

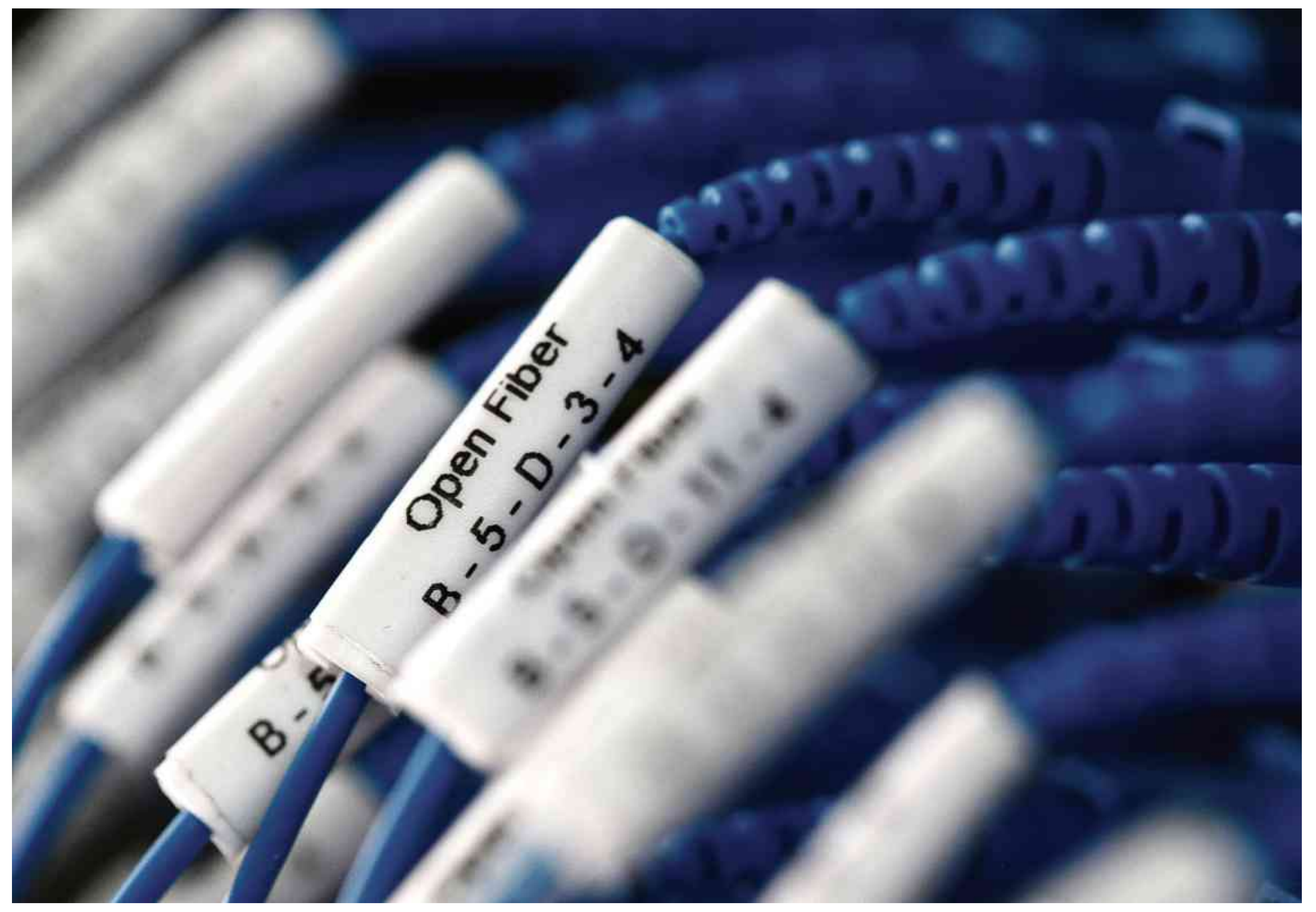
EM NÚMEROS

720 mi
de toneladas extras de CO_2 é o equivalente ao aquecimento anual gerado por gases usados nos ar-condicionados, para refrigeração, os HFCs (hidrofluorcarbonetos)
O número é maior do que as emissões produzidas pela economia inteira do Canadá em 2022

85%
é a redução no uso de HFCs que deve ser obtida até 2050, segundo acordos internacionais

200%
é o crescimento esperado no número de aparelhos de ar-condicionado em uso no mundo até 2050, por causa do aquecimento global

até 90%
é a estimativa de economia de energia obtida com novas tecnologias que estão sendo desenvolvidas para os aparelhos de refrigeração



Cabos de fibra óptica para provedores de internet em uma sala de servidores do Grupo Enel, na Itália Alessandro Bianchi - 23.jun.17/Reuters

Cabos de internet submarinos viram alvos militares e geram preocupação

Infraestrutura que transporta maior parte do tráfego de web do mundo tem protagonizado exercícios geopolíticos e causado temores em países ocidentais

THE ECONOMIST Não muito tempo atrás, uma parte do governo britânico pediu à Rand Europe, um think-tank de Cambridge, Inglaterra, para conduzir algumas pesquisas sobre infraestrutura crítica submarina.

O think-tank estudou mapas disponíveis publicamente de cabos de internet e eletricidade. Entrevistou especialistas. Realizou grupos focais. No meio do processo, Ruth Harris, líder do projeto, percebeu que sem querer havia descoberto muitos detalhes sensíveis que poderiam ser explorados pela Rússia ou por outros adversários.

Quando ela entrou em contato com o departamento não identificado do governo, eles ficaram chocados. A reação, ela lembra, foi: "Meu Deus. Isso é secreto."

Quando souberam que a equipe de Harris era composta por pessoas de toda a Europa, exigiram que fosse reformulada, diz ela: "Isso precisa ser apenas para os olhos do Reino Unido".

Os governos ocidentais têm se preocupado silenciosamente com a segurança dos cabos submarinos, que transportam a maior parte do tráfego de internet do mundo, há muitos anos.

Mas só recentemente a questão ganhou destaque, devido a uma série de incidentes obscuros do Mar Báltico ao Mar Vermelho e a uma compreensão mais ampla de que a infraestrutura, de todos os tipos, é um alvo para subversão e sabotagem.

Em toda a Europa, espiões russos e seus intermediários atacaram alvos ligados à Ucrânia, invadindo empresas de saneamento, incendiando depósitos e planejando atacar bases militares americanas na Alemanha.

O medo é que as comunicações subaquáticas possam ser paralisadas em uma crise ou em tempos de guerra, ou interceptadas para segredos em tempos de paz. E à medida que os Estados Unidos e a China disputam influência em toda a Ásia, os cabos submarinos se tornaram uma parte crucial da competição.

Mais de 600 cabos submarinos ativos ou em implementação cruzam os oceanos do mundo, percorrendo mais de 1,4 milhão de quilômetros no total, o suficiente para ir da Terra à Lua mais de três vezes, de acordo com a consultoria TeleGeography.

Eles transportam a grande maioria do tráfego de internet. Para dar um exemplo, a Europa está conectada aos EUA por cerca de 17 cabos, principalmente via Reino Unido e França. Mais de 100 cabos são danificados a cada ano ao redor do mundo, muito frequentemente por barcos arrastões e navios levando suas âncoras.

O problema é que é difícil distinguir acidentes de sabotagens. Como no caso do dano infligido ao gasoduto Balticconnector e a um cabo de comunicação próximo no Golfo da Finlândia em outubro de 2023.

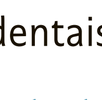
Autoridades regionais suspeitaram do envolvimento do New-new Polar Bear, um navio porta-contêineres de propriedade chinesa que havia trocado sua tripulação anteriormente em Kaliningrado, um exclave russo, e que posteriormente apareceu em Arkhangelsk sem sua âncora.

Nove meses depois, as autoridades finlandesas acreditam que o incidente provavelmente foi um acidente mesmo. Outras autoridades ocidentais continuam a suspeitar dos russos.

Isso é compreensível. A Rússia investiu pesadamente em capacidades navais para sabotagem subaquática, principalmente por meio da GUGI, uma unidade secreta que opera submarinos de águas profundas e drones navais.

"Os russos estão mais ativos nesse domínio", alertou o chefe de inteligência da Otan no ano passado. Um relatório publicado em fevereiro pelo Policy Exchange, um think-tank de Londres, afirmou que desde 2021 houve oito incidentes de corte de cabos "não atribuídos, mas suspeitos" na região euro-atlântica, e mais de 70 avistamentos publicamente registrados de navios russos "se comportando de forma anormal perto de infraestruturas marítimas críticas".

Em seu relatório anual divulgado em fevereiro, a inteligência norueguesa disse que a Rússia também vem mapeando a infraestrutura crítica de petróleo e gás do país há anos. "Esse mapeamento ainda está em andamento, tanto fisicamente quanto no domínio digital, e poderia se tornar importante em uma situação de conflito."



A melhor maneira de derrubar a frota de drones dos EUA, ou mesmo minar o sistema de inteligência Five Eyes, que é enormemente dependente de vigilância na internet, seria atacar cabos submarinos

Richard Aldrich e Athina Karatzogianni
Historiadores

O problema não está confinado à Europa. Em fevereiro, três cabos submarinos que passam pelo Mar Vermelho foram danificados, interrompendo a internet em toda a África Oriental por mais de três meses.

A causa provavelmente foi um ataque de míssil ao Rubymar, um navio de fertilizantes, pelos Houthis, um grupo rebelde com base no Iêmen que tem ameaçado o transporte marítimo em solidariedade com o Hamas em Gaza.

Quando o Rubymar foi abandonado por sua tripulação, afundando posteriormente, acredita-se que sua âncora tenha arrastado pelo leito do mar e cortado os cabos. Em março, uma interrupção semelhante ocorreu em toda a África Ocidental quando outro sistema de cabos crucial foi cortado ao largo da Costa do Marfim, possivelmente devido a atividade sísmica no leito marinho.

Estrategistas americanos também estão preocupados com uma potencial ameaça chinesa aos cabos na Ásia. Taiwan, em particular, é extremamente dependente de cabos submarinos para comunicações internacionais e possui um número relativamente pequeno de terminais que os recebem.

Em uma guerra, escreve Elsa Kania do CNAS (Centre for a New American Security), think-tank de Washington, o Exército de Libertação Popular buscaria impor um "bloqueio de informações" na ilha.

Em fevereiro de 2023, um navio de carga e um barco de pesca chineses foram acusados de cortar os dois cabos que serviam Matsu, uma ilha taiwanesa remota, interrompendo sua conectividade por mais de 50 dias —embora não haja evidências concretas de dolo.

O corte de cabos também pode servir a objetivos de guerra mais amplos. "A melhor maneira de derrubar a frota de drones dos EUA, ou mesmo minar o sistema de inteligência Five Eyes, que é enormemente dependente de vigilância na internet", escrevem Richard Aldrich e Athina Karatzogianni, um par de historiadores de inteligência, "seria atacar cabos submarinos".

Jogos de guerra realizados pelo CNAS em 2021 concluíram que os ataques chineses aos cabos "geralmente resultavam na perda de conectividade à internet terrestre em Taiwan, Japão, Guam e Havaí e forçavam essas ilhas a depender de comunicações via satélite de menor largura de banda e mais vulneráveis".

Em contraste, os mesmos jogos concluíram que a Rússia, com unidades especializadas limitadas em corte de cabos, "não poderia erradicar rapidamente as densas comunicações por cabo entre a América do Norte e a Europa".

Os governos ocidentais estão correndo para erguer melhores defesas. A prioridade é entender o que está realmente acontecendo debaixo d'água. Os estados da Otan já aumentaram as patrulhas aéreas e navais perto de infraestrutura crítica, incluindo rotas de cabos.

Texto de The Economist, traduzido por Gustavo Soares, publicado sob licença

VEÍCULOS

Stellantis faz recall de 1,46 milhão de veículos em todo o mundo

SÃO PAULO A Stellantis anunciou neste sábado (7) recall de 1,46 milhão de veículos em todo o mundo devido ao mau funcionamento do software no sistema de freio antibloqueio, que aumenta o risco de acidente.

O recall inclui quase 1,23 milhão de picapes Ram 1500 nos EUA e 61 mil veículos fora da América do Norte. A **Folha** questionou se o recall envolve veículos do Brasil, mas não obteve retorno até a publicação deste texto. No país, foram vendidas 2,4 mil unidades da picape Ram desde janeiro de 2023.

Com Reuters

Pequena África

A Pequena África nos legou o samba e o choro; retribuímos com abandono

Marcos Lisboa
Economista, ex-presidente do Insper e ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (2003-2005, governo Lula)

A praça Onze ficava na fronteira da área urbana do Rio de Janeiro no Império.

No final do século 19, negros que se libertavam da escravidão começaram a povoar a região, criando o que ficou conhecido como Pequena África.

A música que hoje nos identifica nasceu do mais inesperado encontro proporcionado pela generosidade de grupos trazidos com brutalidade.

Os quintais das casas simples acolhiam os amigos que iam chegando com seus instrumentos musicais e entravam nas rodas.

Ritmos de origem africana, como lundu e jongo, se misturavam com a música de origem europeia, como a valsa e a polca. A música integrava. Do improviso, surgiram o maxixe, o choro e o samba.

A recente edição revista do livro de Roberto Moura, "Tia Ciata", resgata a história da Pequena África.

A mágica dos quintais, que recebiam amigos para rodas de música, se esparramou nas décadas seguintes pela estrada de ferro que saía perto da Pequena África para o norte do estado, nos bairros que cresciam às suas margens, como Madureira e Oswaldo Cruz.

Havia as "tias", muitas vindas da Bahia, como Tia Ciata, Tia Sadata, Tia Perciliana, mãe de João da Baiana, e Tia Amélia, mãe de Donga, líderes na comunidade, que abriam suas casas para os encontros.

Pixinguinha transformou o choro de Joaquim Callado na arte que conhecemos. Como tantos músicos da sua época, aprendeu música ouvindo as rodas nas casas de seus pais.

Muitos desses encontros combinavam o prazer da música com a religiosidade de matriz africana, como o Candomblé, e ambos eram reprimidos com a brutalidade da época.

O choro era relativamente mais aceito. Hermano Viana conta em "O Mistério do Samba" a visita de Gilberto Freyre ao Rio de Janeiro em 1926.

Alguns haviam comentado sobre o jovem antropólogo que fizera um artigo sobre James Joyce e o convidaram. Ele aceitou, mas desejava conhecer a música popular carioca, sobretudo seus autores negros.

E a noitada incluiu Pixinguinha, Donga, Villa-Lobos, Sérgio Buarque de Holanda e muitos outros.

Poucos anos antes, parte da elite se encantara com o sucesso do grupo de Pixinguinha em Paris. Outros, na contramão, se revoltaram com o Brasil que era apresentado aos europeus.

Convidados para uma homenagem em um hotel de luxo no Rio, Pixinguinha e seus músicos foram barrados. Tinham que usar a porta de serviço e entrar pela cozinha. Quando o gerente soube, pediu desculpas a Pixinguinha e disse que ia demitir o porteiro.

Mas ele não sabia de Pixinguinha, seu gênio na música e sua generosidade. Pelos relatos, disse algo assim: "Deixa o rapaz, pois ele cumpria ordens".

Jacob do Bandolim era conhecido pela sua obsessão com a execução impecável. "Vibrações" talvez seja a gravação instrumental mais perfeita da nossa história. E reclamava com Pixinguinha, a quem admirava imensamente, por aceitar tocar com todos, ajustando a qualidade da sua execução ao que se fazia no entorno.

Quando Pixinguinha morreu, no Carnaval de 1973, um programa da TV Cultura organizou uma edição especial com Paulinho da Viola, Elton Medeiros e o Conjunto Época de Ouro, impecável de Jacob, que morrera anos antes.

A brutalidade contra o samba era bem maior do que contra o choro. E o primeiro samba registrado, "Pelo Telefone", atribuído a Donga, parece mais um maxixe.

A Pequena África e o morro de São Carlos, que lhe sombreia, resolveram fazer novas revoluções. Em meados da década de 1920, alguns sambistas inovaram na cadência e no ritmo.

O grupo era grande, mas Ismael Silva acabou sendo o sambista emblemático do Estácio. Com méritos. "Se Você Jurar", por exemplo, é uma das suas músicas mais conhecidas e nela encontramos o fio de Ariadne de Noel Rosa, Wilson Batista, Candeia, Paulinho da Viola e João Bosco.

Certo que houve os inesperados, que resgataram o canto comovente da África, como Clementina e Cartola, que ainda produziu sambas e letras de entortar, ou Jorge Ben, que fez a sua própria revolução tempos depois.


Edson Ikê

A região do Estácio nos trouxe o melhor da nossa música. Ela foi relegada ao abandono e à opressão em meio a prédios de espigões corporativos que escondem moradias degradadas e alguns dos piores indicadores sociais do Rio de Janeiro

Mas o grupo do Estácio deu um passo adicional. Eles ensinavam o samba, eram professores, e o que organizavam era uma escola. E essa escola tinha regras: os blocos eram organizados, havia ordem. A nova cadência permitia dançar e desfilar, como conta Humberto Franceschi em "Samba de Sambar do Estácio".

A influência africana, e sua diversa religiosidade, aparece em detalhes, como a forma variada de tocar instrumentos da bateria.

Surgiu a "Deixa Falar", e a Escola de Samba passou a ajudar a organizar a comunidade e seus vínculos de solidariedade. O respeito aos mais velhos, o cuidado, sobretudo com as crianças.

Nos anos 1950, a "Deixa Falar" e outros blocos da região se unem para formar a Escola de Samba Unidos de São Carlos, mais tarde renomeada Estácio de Sá.

Anos depois, Paulo da Portela sai do morro de São Carlos e vai para Madureira. E repete as regras do Estácio, como aprendi com Sérgio Cabral, no prefácio da primeira edição do livro de Candeia e Isnard Araujo, "Escola de Samba, árvore que esqueceu a raiz".

Os homens deveriam vestir os pés e o pescoço (usar sapatos e gravata). A Escola de Samba deveria ser o resultado da comunidade, de trabalhadores, muitos operários, que contribuíam e que cuidavam uns dos outros.

Assim nasceu a Portela. Paulo ia de casa em casa afirmando aos pais que suas filhas poderiam participar dos desfiles, pois ele garantia que seriam cuidadas.

A praça Onze não existe mais. A Pequena África foi rasgada pela avenida Presidente Vargas em meados do século passado. Abandono das terras, de um lado; descaso pelas pessoas, do outro.

A região do Estácio nos trouxe o melhor da nossa música. Ela foi relegada ao abandono e à opressão em meio a prédios de espigões corporativos que escondem moradias degradadas e alguns dos piores indicadores sociais do Rio de Janeiro.

Devolvemos com brutalidade o que nos foi concedido com generosidade.

*

Na versão online desta coluna (folha.com/nct1gmu9), estão disponíveis links para alguns vídeos de música e a entrevista que fiz com membros da Estácio, organizada por Junior Perim.

DOM. Ana Paula Vescovi, Marcos Lisboa, **Candido Bracher**

Lego impulsiona gasto para aumentar presença de plástico reciclado

FINANCIAL TIMES A Lego está pagando até 60% a mais por resina plástica feita principalmente de material renovável ou reciclado, à medida que a maior fabricante de brinquedos do mundo intensifica seus esforços para se tornar livre de combustíveis fósseis, um movimento financiado por grandes aumentos nas vendas e lucratividade.

Niels Christiansen, diretor-executivo, disse que no primeiro trimestre 30% de toda a resina comprada pela fabricante dinamarquesa veio de misturas de material de combustível fóssil e fontes recicladas ou renováveis, como óleo de cozinha usado.

"É de 40% a 60% mais caro em termos de material. Não repassamos isso para o consumidor. Isso sai do lucro operacional."

Ele acrescentou que a Lego tenta estimular a demanda entre os produtores de plástico para aumentar o fornecimento de matérias-primas mais verdes, comprando volumes significativos da resina feita a partir dessas fontes mistas (chamadas de mass-balance sources, em inglês, ou fontes balanceadas), passando de 18% no ano passado.

Christiansen disse que agora está "mais confortável" com a meta para 2032 de produzir todos os seus produtos a partir de materiais renováveis e reciclados.

Os tijolos com pinos da Lego são altamente duráveis e resistentes, mas a família fundadora do grupo e o diretor-executivo se comprometeram a eliminar o petróleo e outros combustíveis fósseis de sua cadeia de suprimentos, apesar dos custos mais altos.

A Lego sofreu alguns grandes contratempos, como o abandono, em 2023, da tentativa de usar garrafas de plástico recicladas.

Descobriu-se que o novo material levaria, na verdade, a emissões mais altas devido a questões como a necessidade de reequipar todas as suas fábricas.

De onde vem o nome Lego?
O nome 'Lego' é uma abreviatura das palavras dinamarquesas "leg godt", que significa "jogar bem", ou "brincar bem"

Governo Lula diz a Venezuela que segue responsável por embaixada da Argentina

Ditadura revoga unilateralmente custódia do Brasil sobre edifício em Caracas onde estão seis membros da oposição venezuelana; ministra argentina afirma que teme invasão do prédio

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA A ditadura da Venezuela comunicou o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) que revogou unilateralmente a custódia diplomática do Brasil sobre a embaixada da Argentina em Caracas, onde seis pessoas ligadas à oposição estão asiladas.

O Itamaraty entende que o edifício ainda está sob proteção diplomática brasileira, uma vez que regras do direito internacional estabelecem que agora cabe à Argentina, governada por Javier Milei, indicar um país substituto para representá-la na Venezuela.

"De acordo com o que estabelecem as Convenções de Viena sobre Relações Diplomáticas e sobre Relações Consulares, o Brasil permanecerá com a custódia e a defesa dos interesses argentinos até que o governo argentino indique outro Estado aceitável para o governo venezuelano para exercer as referidas funções", disse a pasta em nota.

No comunicado, o ministério das Relações Exteriores brasileiro também afirmou que "recebeu com surpresa" a intenção do regime chavista de revogar a proteção diplomática. Ainda ressaltou que a embaixada da Argentina é inviolável nos termos das Convenções de Viena, que regem as relações diplomáticas.

O caso é acompanhado com extrema preocupação no governo Lula, uma vez que a embaixada da Argentina está sob um cerco de forças policiais chavistas e sem eletricidade, segundo um dos coordenadores da oposição ali asilados —uma pessoa que acompanha o tema afirmou à **Folha** que há um diplomata brasileiro no local.

Ao portal G1, o principal assessor internacional do petista, Celso Amorim, disse estar "chocado" com a decisão venezuelana.

A crise política na Venezuela se aprofundou desde as eleições de 28 de julho. Os órgãos eleitorais, controlados pelo chavismo, declararam que o ditador Nicolás Maduro venceu o pleito. O resultado foi questionado pela oposição e por líderes regionais.

O Brasil não reconheceu a vitória de Maduro, mas tampouco disse entender que a oposição triunfou tal qual fizeram ao menos outros seis países —os latino-americanos Costa Rica, Equador, Uruguai, Panamá e Peru e os Estados Unidos.



O Brasil permanecerá com a custódia e a defesa dos interesses argentinos até que o governo argentino indique outro Estado

Itamaraty
em nota sobre revogação de custódia da embaixada argentina em Caracas pelo regime da Venezuela

O argumento da diplomacia brasileira é o de que é preciso preservar canais de comunicação com o governo em Caracas. Em uma entrevista na sexta, Lula havia declarado que não romperia relações com Maduro.

"Estamos agora numa posição [conjunta] Brasil-Colômbia", afirmou ele. As duas nações vinham agindo de maneira coordenada com o México. O presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador, recuou no meio do caminho, porém, e deixou de se manifestar de forma pública. Sobraram Lula e o líder colombiano, Gustavo Petro, também de esquerda.

"A gente não aceitou o resultado das eleições, mas não vou romper relações", afirmou o petista na entrevista. "E também não concordo com a punição unilateral, o bloqueio, porque o bloqueio não prejudica o Maduro. O bloqueio prejudica o povo. E eu acho que o povo não deve ser vítima disso", acrescentou, definindo a situação como "um rolo".

O regime disse em um comunicado que revogou a custódia por ter provas de que as instalações argentinas estavam sendo usadas pelos asilados para "planejar atividades terroristas e tentativas de magnicídio" contra Maduro e a vice-presidente, Delcy Rodríguez.

A representação argentina em Caracas está sob proteção diplomática do Brasil desde 5 de agosto, quando a ditadura chavista expulsou os diplomatas do país. Além da embaixada argentina, o governo Lula também se responsabilizou pela missão do Peru.

A chancelaria da Argentina publicou uma nota sobre a situação na embaixada na qual afirma que o governo venezuelano deve respeitar a Convenção de Viena. "Qualquer tentativa de intromissão ou de sequestro dos asilados que permanecem na nossa residência oficial será condenada duramente pela comunidade internacional. Ações como essas reforçam o convencimento de que na Venezuela de Maduro não se respeitam os direitos fundamentais do ser humano", diz.

Já a ministra da Segurança argentina, Patricia Bullrich, disse que o Sebin, o serviço secreto venezuelano, cercou o prédio "com o objetivo de entrar e violar todas as normas internacionais". Em mensagem de áudio publicada no Instagram, ela disse estar consternada com "a possível incursão e tomada da embaixada argentina, que neste momento está sob a bandeira do Brasil".

Outros países na região criticaram revogação da custódia aplicada pela Venezuela, entre eles Uruguai, Paraguai e Chile.

Cronologia das relações Brasil-Venezuela

29.jul
Venezuela anuncia vitória do ditador Nicolás Maduro nas eleições presidenciais e resultado é contestado por países da região, a oposição e parte da população, que vai às ruas protestar; Brasil divulga nota em que não felicita o ditador e defende a publicação das atas eleitorais

30.jul
'Não tem nada de grave, nada de anormal', diz Lula sobre eleição na Venezuela

5.ago
Ditadura chavista expulsa diplomatas de 7 países latino-americanos críticos a Maduro; Brasil assume custódia das representações da Argentina e do Peru em Caracas

15.ago
Lula sugere novas eleições ou um governo de coalizão como saídas para a crise no país vizinho, o que não é apoiado nem por regime nem por oposição

16.ago
Petista afirma que atual regime de Maduro não configura uma ditadura, mas um 'regime muito desagradável' com 'viés autoritário'

28.ago
Ministro da Defesa, José Mucio Monteiro, afirma que a fronteira com a Venezuela é a 'mais difícil' para o Brasil e que militares estão preparados para qualquer evento

29.ago
Em recado a Lula, Maduro diz que ninguém mexeu com Brasil quando Bolsonaro contestou eleição

3.set
Brasil e Colômbia criticam ordem de prisão contra o candidato da oposição nas eleições, Edmundo González, e afirmam que ela dificulta busca por solução pacífica no país

7.set
Venezuela impõe cerco à embaixada da Argentina em Caracas onde 6 membros da oposição estão asilados e revoga unilateralmente custódia diplomática brasileira do edifício

Asilados na missão em Caracas relatam corte de energia e presença de homens armados e de patrulhas nos arredores

SÃO PAULO Forças venezuelanas impuseram um cerco à embaixada da Argentina em Caracas na noite desta sexta-feira (6). Seis pessoas estão asiladas no edifício, todas ligadas à oposição ao regime.

Ao menos quatro patrulhas, sendo duas da agência de inteligência venezuelana e duas da polícia, seguiam na área na tarde deste sábado (7), de acordo com relato da agência de notícias AFP. Além disso, os agentes estabeleceram nos arredores do prédio um posto de controle para verificar a identidade dos passantes.

O local está sob custódia do Brasil desde 5 de agosto, quando a ditadura chavista expulsou de sua capital os diplomatas de Buenos Aires. As tensões diplomáticas entre o regime e os países ao seu redor se acirraram após as eleições presidenciais que deram um novo mandato a Nicolás Maduro no final de julho, denunciadas por fraude.

Segundo o relato de um dos asilados, Pedro Urruchurtu Noselli —um dos coordenadores da campanha da líder oposicionista María Corina Machado—, homens encapuzados e armados cercaram o prédio por volta das 19h da sexta.



Rua da embaixada é vigiada em Caracas Leonardo Fernandez Viloria/Reuters

Vídeos publicados no seu perfil no Instagram mostravam carros das forças de segurança patrulhando a rua. "Cada vez maior a presença de funcionários encapuzados. Fecharam o trânsito para veículos na rua", escreveu Noselli.

Ele acrescentou que o edifício estava sem eletricidade, algo que outra refugiada na missão diplomática, Magalli Meda, corroborou no X.

A ministra da Segurança argentina, Patricia Bullrich, disse que o Sebin, o serviço secreto venezuelano, cercou o prédio "com o objetivo de entrar e violar todas as normas internacionais".

"Este é um chamado a toda a comunidade internacional, a todos os venezuelanos, para resistir a essa brutalidade do regime absolutamente autoritário e ditatorial de Maduro", prosseguia o áudio de Bullrich. "Nós, argentinos, estamos absolutamente decididos a não permitir que nossa embaixada seja roubada ou que haja uma intromissão."

Mais de 2,4 mil pessoas foram presas desde as eleições. Na segunda (2), a Justiça da Venezuela emitiu uma ordem de prisão contra Edmundo González, 75, o candidato que representou a coalizão opositora na eleição.

O pedido de prisão foi feito pelo procurador-geral Tarek William Saab —o Ministério Público do país é controlado pelo chavismo.

Com AFP

Milei tenta limitar a atuação do jornalismo

Decreto proíbe acesso a informações sobre o Estado e seus funcionários

Sylvia Colombo
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

O presidente argentino, Javier Milei, tem criticado a medida que levou à suspensão da rede social X no Brasil.

Nesta semana que passou, em evento em Buenos Aires, disse que a rede social é a arena pública "onde os brasileiros podem levantar a voz e expressar suas diferenças", e que "apenas um tirano, que está errado em tudo, pode aprovar semelhante ato de opressão".

O surpreendente, porém, é que na Argentina o mandatário ultraliberal adota uma posição cada vez mais autoritária no que diz respeito à liberdade de expressão.

Milei acaba de emitir um decreto por meio do qual proíbe o acesso a informações sobre o Estado e os seus funcionários. A medida afeta uma legislação usada não apenas por jornalistas, mas por qualquer cidadão que queira acompanhar aspectos da gestão ou dados sobre o patrimônio de funcionários de alto escalão.

Vista como inconstitucional pela oposição, a determinação deve ser levada à Justiça, mas é mais um sinal da pressão que Milei tem exercido sobre os meios de comunicação.

Ao longo da semana, em uma entrevista a um dos três únicos jornalistas que, abertamente favoráveis à sua gestão, o presidente fala periodicamente, ele afirmou que "a liberdade de expressão só sobrevive hoje nas redes sociais" e que estas acabaram com o "monopólio do microfone" e com o sistema dos "envelopes" —método usado principalmente pelo ex-presidente Carlos Menem (1989-1999) para dar a certos jornalistas dinheiro irregular do Estado de modo que mantivessem uma posição favorável ao governo.

Segundo a Fopea (Fórum de Jornalismo Argentino, em português), hoje mais de 40% dos ataques à liberdade de expressão são cometidos pelo Poder Executivo

Milei também propôs que os jornalistas passem a ser considerados "pessoas politicamente expostas", ou seja, devem ter as informações sobre seu patrimônio abertas à consulta pública, "para que possam ser submetidas ao escárnio público".

As declarações representam graves constrangimentos à atuação dos meios de comunicação. Segundo a Fopea (Fórum de Jornalismo Argentino, em português), hoje mais de 40% dos ataques à liberdade de expressão são cometidos pelo Poder Executivo.

A Presidência limitou o espaço das coletivas de imprensa diárias que dava por meio de seu porta-voz, Manuel Adorni, na Casa Rosada, a jornalistas que passam por um crivo ideológico. "Queremos aqui apenas aqueles profissionais que sintam orgulho em estar na casa de governo", disse Adorni.

Milei vinha se irritando com o uso do mecanismo da lei de informação pública por jornalistas.

Ficou enfurecido, por exemplo, com as reiteradas consultas sobre o custo que a construção de um enorme canil para seus cães teve sobre os cofres públicos, e com o dinheiro gasto em suas viagens internacionais —a maioria delas repletas de agendas particulares do líder, como encontros com políticos e empresários alinhados a eles.

Entre as consultas que irritaram o governo, ainda estiveram a que questionou um aumento de US$ 100 milhões ao orçamento do serviço de inteligência (Side) num cenário em que toda a administração pública vem passando por ajustes e demissões.

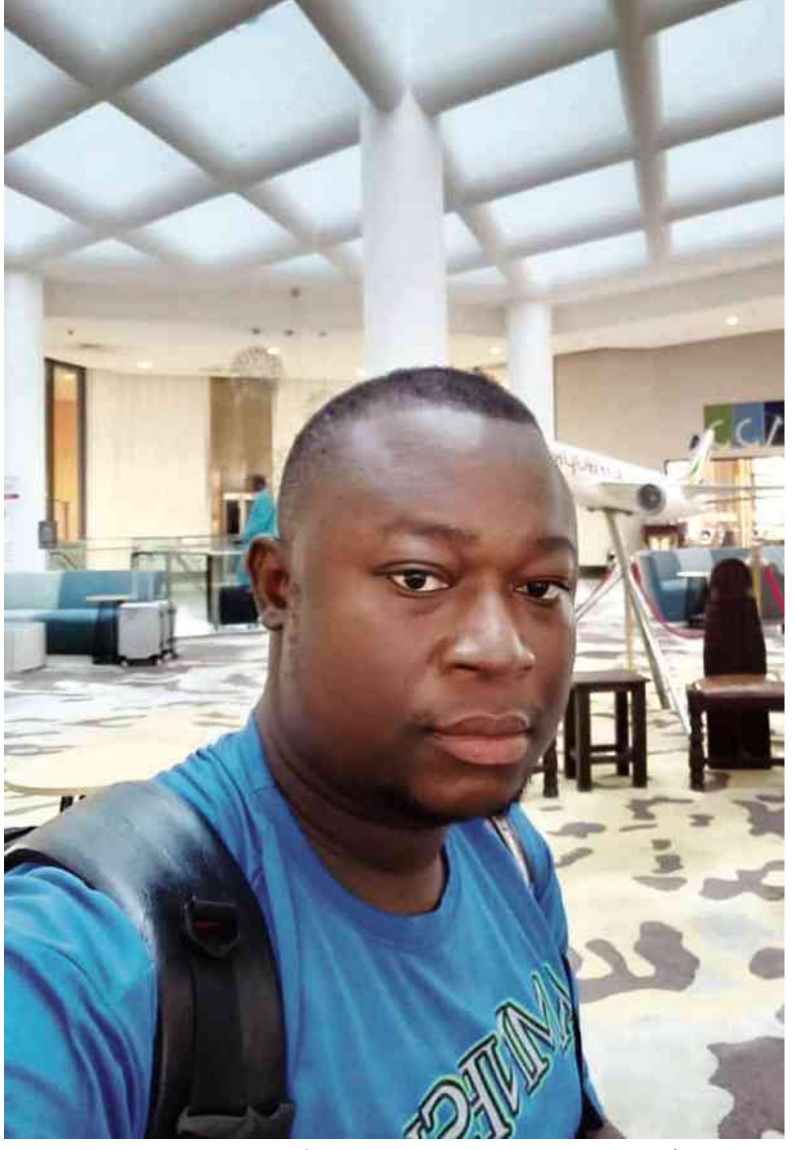
Os gestos, que dificultam o trabalho da imprensa, são autoritários para um governo que se apresenta como liberal.

para **DOM.** Sylvia Colombo **SEG.** Bianca Santana **TER.** Mundo Leu **QUI.** Lúcia Guimarães **SÁB.** Igor Patrick

Família de ganês morto após passar mal em Guarulhos quer vir ao Brasil pedir justiça

Parentes de Evans Osei Wusu afirmam que não foram avisados sobre enterro do corpo do viajante, que buscava ajuda médica em São Paulo

Daniela Arcanjo



Evans Osei Wusu, migrante de Gana que morreu aos 39 anos após passar mal no Aeroporto Internacional de Guarulhos Arquivo pessoal

SÃO PAULO Evans Osei Wusu, o viajante de Gana que morreu em agosto após passar mal em uma área restrita do Aeroporto Internacional de Guarulhos, pediu ajuda às autoridades no terminal, mas não foi atendido, e teve o corpo enterrado sem o consentimento de seus familiares.

É isso o que dizem o tio e a prima de Evans, Felix Darrah e Priscilla Osei Wusu, respectivamente. Agora, eles querem vir ao Brasil para pedir esclarecimentos.

O caso do ganês, morto aos 39 anos no último dia 13, jogou luz sobre a falta de infraestrutura do espaço no aeroporto reservado para viajantes impedidos de desembarcar no Brasil.

De acordo com relatos, a maioria dos mais de 500 migrantes que estavam ali no momento do óbito de Evans passavam o tempo em áreas improvisadas perto de portões de embarque, dormiam no chão e tinham sua circulação limitada por funcionários locais.

A família de Evans afirma que ele acabou no aeroporto por uma sequência de negligências. Darrah conta que o sobrinho tinha dificuldade de locomoção e viajou para fazer uma cirurgia após receber um diagnóstico de estenose espinhal, um desgaste na coluna geralmente causado por artrite.

O tio diz que fazer a operação em Gana era uma possibilidade, mas que a falta de equipamentos mais avançados causava preocupação. "Um homem vibrante, com tanta esperança e tantas aspirações. Não sei como ele se recuperaria de uma cirurgia assim."

Os médicos, então, sugeriram os Estados Unidos ou o México para o tratamento. A partir daí, Darrah quis fazer tudo para minimizar as chances de algo dar errado —contatou alguns hospitais, viu que o país latino-americano seria a melhor opção e, então, mandou o sobrinho com um mês de hotel pago, para não ter problemas.

Mesmo com visto, porém, Evans não foi aceito no México, segundo sua família. Seu tio diz não entender a recusa até hoje, uma vez que até mesmo o médico tentou falar com os serviços de migração. "Talvez por ele ser africano, e o sangue africano poder ser derramado sem que ninguém seja responsabilizado. Ele andava com uma bengala, qualquer ser humano razoável poderia ver que ele tinha um problema", afirma.

Na viagem de volta, Evans resolveu tentar entrar no Brasil durante uma conexão para receber tratamento, mas também não conseguiu.

Ainda de acordo com o tio, nos dias em que ficou em Guarulhos, começou a sentir desconforto e tentou pedir ajuda aos responsáveis pelo local, traduzindo para o português uma mensagem em que dizia precisar de "ajuda urgente" por estar com uma "dor insuportável" —o texto foi encaminhado à reportagem. Mesmo assim, não foi atendido.

Ele só receberia atendimento após as dores que sentia piorarem e outros migrantes que estavam no local protestarem. Evans foi internado com um quadro de infecção urinária e morreu no hospital por infecção generalizada dois dias depois, segundo os parentes.

Procurada, a concessionária GRU Airport afirma que os passageiros ficam sob os cuidados das companhias aéreas quando estão retidos.

Já a Secretaria Nacional de Justiça diz que não era a responsável por acompanhar o processo e que não foi comunicada sobre a situação do viajante. "A comunicação à Secretaria Nacional de Justiça, do Ministério da Justiça e Segurança Pública, aconteceu no dia 16 de agosto, após o falecimento do migrante de Gana", afirma a pasta. A Polícia Federal não se manifestou.

Na última quarta (4), os familiares foram informados que o corpo de Evans havia sido enterrado, sem o consentimento deles.

"É assim que os brasileiros fazem as coisas? Eu não entendo isso. Só preciso de uma resposta", afirma a prima dele, Priscilla.

Segundo ela, a falta de informações perturba a família. "Como vamos acreditar que Evans realmente está morto? Não vimos nenhuma foto de seu corpo", diz. "O que comprova que sua morte foi natural?", completa seu tio.

Priscilla lembra de seu primo, com quem viveu na mesma casa durante a infância, como uma pessoa generosa e que, quando criança, adorava jogar futebol.

Darrah diz que Evans era tranquilo e amigável. Adorava cozinhar e sabia preparar diversas receitas africanas.

"Antes de deixar Gana, ele disse: 'Posso demorar. Deixa eu preparar alguns pratos para você lembrar de mim.' Ele cozinhou cinco pratos e os colocou na geladeira antes de partir."

Candidato a vereador de SP nascido na Síria é alvo de ataques xenofóbicos e cogita desistir

Abdulbaset Jarour ameaça processar agressores nas redes; ofensas aumentaram com guerra Israel-Hamas

ELEIÇÕES 2024

Renan Marra

SÃO PAULO Abdulbaset Jarour, 34, chegou ao Brasil em 2014 depois de fugir da guerra civil que devastou a Síria, onde ele nasceu. Dez anos depois e já naturalizado brasileiro, candidatou-se a vereador em São Paulo com o objetivo de dar visibilidade às demandas dos migrantes e refugiados. Nesta semana, porém, ele chegou a anunciar que estava retirando a candidatura devido a dezenas de ataques xenófobicos — depois, recuou.

Abdul, como é conhecido, expôs os agressores em suas redes sociais. "Confia nao q ele vai mandar uns homens bomba pra sao paulo kkk" [sic], escreveu Wali ZS. "Vai se candidata no seu país mulsumano otário" [sic], publicou Marina de Andrade. "Vai ser uma explosão de votos", comentou Duilio Flamino.

O candidato se diz psicologicamente abalado e cogita processar os autores das mensagens. "Eu fico muito mal. As pessoas têm costume de ofender e atacar. Parece que no Brasil isso é normal", afirmou à **Folha**.

"Eu não escolhi onde nasci, não escolhi os meus pais nem o meu nome. Tive que fugir, e o destino foi o Brasil. Deus abriu essa porta, mas fico triste porque as pessoas desconhecem a minha história e só querem atacar. Elas associam terrorismo com minha cultura, com a minha origem."

Abdul diz estar em tratamento contra a depressão desde 2020, ano em que sua mãe morreu, aos 55 anos, por complicações decorrentes do coronavírus, no Brasil. As mensagens de ódio, diz ele, agravam o seu quadro de saúde, em que a ansiedade e a insônia são comuns.

Não é a primeira vez que Abdul disputa eleições em São Paulo. Em 2022, candidatou-se a deputado estadual em São Paulo, mas não foi eleito. Segundo o político, os ataques já aconteciam há dois anos, mas aumentaram após o início da guerra Israel-Hamas, que completa 11 meses neste sábado (7).

Ele afirma já ter passado por constrangimentos em situações presenciais. No sétimo semestre do curso de direito, Abdul diz que já foi ofendido durante uma conversa sobre o conflito na faculdade. "Um senhor parou na minha frente e disse 'você e seu povo cortaram cabeças de crianças israelenses'. Tinham três pessoas ao meu lado e levei o caso à reitoria, mas nada aconteceu", diz. "Não sou palestino, mas a guerra aumenta a polarização, e as pessoas associam terrorismo com os países árabes."

Depois de expor os ataques, Abdul afirma ter recebido várias mensagens de apoio. Agora, diz que deverá manter a candidatura. O político concorre pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro), sigla na qual se diz sentir desamparado.



Abdul Jarour, candidato a vereador de São Paulo pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro) Arquivo pessoal

> **Não escolhi onde nasci [...] Tive que fugir, e o destino foi o Brasil. Deus abriu essa porta, mas fico triste porque as pessoas só querem atacar**
>
> **Abdul Jarour**
> candidato a vereador em São Paulo pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro)

Segundo o diretório municipal do partido, líderes da legenda se reuniram com Abdul após os ataques. O PSB afirma ter oferecido a ele apoio psicológico e jurídico. Também se diz atento a todas as candidaturas que representam grupos minoritários.

Abdul nasceu em Aleppo, uma das cidades sírias mais afetadas pela guerra civil iniciada em 2011. Foi ferido em 2013 e decidiu fugir para o Líbano. De lá, pensou em cruzar pelo mar para a Itália, a Grécia ou a Espanha. Tentou o visto canadense e o australiano, sem sucesso. Então, soube do visto humanitário brasileiro e procurou a embaixada.

No Brasil, Abdul ganhou visibilidade defendendo a causa migrante. Em 2019, apareceu na abertura e foi consultor da novela "Órfãos da Terra", da TV Globo. Depois, entrou para o mundo da política. Atualmente, é presidente da ONG Identidade Humana, que atua com refugiados. Nos últimos dias, vem acompanhando os desdobramentos do caso de um migrante que morreu depois de passar mal na área restrita do aeroporto de Guarulhos, na região metropolitana de São Paulo.

Ele não se arrepende de ter escolhido o Brasil como destino, mas afirma que o país é xenófobo. "Não posso generalizar, mas parte da população brasileira tem nojo de imigrantes e refugiados africanos, asiáticos ou latinos. Precisamos educar as instituições brasileiras, os funcionários e conscientizar as crianças nas escolas de que os refugiados devem ser tratados com respeito."

Ação usa jogo da NFL para convencer americanos no Brasil a votar

ELEIÇÕES NOS EUA

Rafael Carneiro

SÃO PAULO Pontualmente às 21h15 desta sexta-feira (6), a música do tradicional pub irlandês O'Malley's, em São Paulo, deu lugar ao som dos mais de dez televisores espalhados pelo estabelecimento. As telas exibiam o primeiro confronto da NFL, a liga de futebol americano dos Estados Unidos, no Brasil.

Enquanto isso, na entrada, cidadãos americanos e com dupla cidadania tiravam dúvidas sobre como votar nas eleições presidenciais dos EUA, marcadas para 5 de novembro.

A ação foi organizada pelo Democrats Abroad, braço oficial do Partido Democrata no exterior. O comitê brasileiro da entidade quis aproveitar toda a mobilização gerada em torno da partida para incentivar americanos no exterior a votar no pleito, dando inclusive instruções sobre como realizar o processo, que é diferente de acordo com o estado em que o eleitor está inscrito.

Além do O'Malley's, nos Jardins, a iniciativa ocorreu em outros dois bares: o St. Paul's Pub, na Vila Madalena, e o Buteco Seu Rufino, em Moema.

Uma das responsáveis pela ação, Kelly Ann Kreutz, 31, afirmou que as equipes em campo —Packers e Eagles— eram de dois dos chamados "estados pêndulos" dos EUA, Wisconsin e Filadélfia.

Esses estados não têm fidelidade clara a nenhum partido e, por isso, são considerados decisivos no pleito. Além deles, outras quatro unidades federativas também entram nessa conta: Arizona, Geórgia, Michigan e Nevada.

Nas eleições presidenciais de 2020, que deram a vitória a Joe Biden, os votos de eleitores que vivem no exterior e estão registrados no Arizona e na Geórgia foram decisivos para o triunfo do democrata.

"Acho que esta é uma oportunidade incrível para entrar em contato com pessoas com que não entraríamos em nossas ações normais, como eventos, campanhas, engajamento nas redes sociais", disse Kreutz à **Folha**. "Existem 6,5 milhões de americanos que moram no exterior e, há quatro anos, apenas 8% deles votaram."

Este ano, os favoritos para a Casa Branca são o ex-presidente Donald Trump, pelo Partido Republicano, e a atual vice-presidente, Kamala Harris, pelo Partido Democrata. De acordo com uma pesquisa eleitoral da CNN, Kamala tem 45% das intenções de voto nos estados pêndulos.

O estudante Josh Morhaime, 18, que participará de uma eleição presidencial pela primeira vez neste ano, disse que pretende votar em Kamala.

"Os valores do Partido Democrata condizem mais com os meus, e Trump representa uma ameaça para a democracia, a começar por ter questionado o resultado da eleição de 2020. Ele não merece outra chance de fazer mais estragos nos EUA", afirmou.

> **Existem 6,5 milhões de americanos que moram no exterior e, há quatro anos, apenas 8% deles votaram**
>
> **Kelly Ann Kreutz**
> integrante do Democrats Abroad, braço oficial do Partido Democrata no exterior, e uma das responsáveis por iniciativa realizada em pubs em São Paulo

Um dos maiores obstáculos para os eleitores americanos no exterior é a logística da votação. Enquanto alguns estados, como o Massachusetts, recebem as cédulas por e-mail, outros exigem a entrega dos documentos por correio ou até por fax.

A advogada Renata Andrade, 52, tem registro eleitoral no Wisconsin. Ela disse que, para votar no estado, o eleitor americano precisa imprimir uma cédula recebida por email, assinalar seu voto diante de uma testemunha e então enviar esse papel pelo correio. Este então é recebido por uma autoridade e depositado numa urna de forma anônima.

"O exercício da cidadania é o exercício do voto, e por isso é importante", afirmou ela.

Sudeste Asiático inicia repressão a crime digital que atraiu brasileiros

'Chegando lá, foi tudo diferente do que falaram', afirma o motorista gaúcho Lucas Silveira, 31, que escapou de empresa que praticava golpes no Brasil a partir do Laos

Nelson de Sá

PEQUIM No final de agosto, operações policiais e militares no chamado Triângulo Dourado, entre Laos, Mianmar e Tailândia, prenderam centenas de pessoas de diversas nacionalidades e recolheram dezenas de milhares de aparelhos eletrônicos. Eram usados para golpes digitais em países não só do Sudeste Asiático ou da Ásia, mas também da América Latina, Brasil inclusive.

Lançadas após encontro de chanceleres dos três países, mais a China, as operações se centraram em zona econômica na província de Bokeo, no Laos, envolvendo também forças chinesas.

Segundo o ministério laosiano de defesa, no dia 29 foram apreendidos cerca de 11 mil celulares, 10 mil computadores de mesa e 200 notebooks. No dia 20, foram cerca de 2.000 celulares, 700 computadores e 30 notebooks.

Mais significativamente, foi divulgado então o número de detidos: 771, sendo 282 mulheres. Entre eles de Laos (275), Mianmar (231) e China (106).

Nenhum brasileiro, ao menos nos anúncios oficiais, mas até pouco antes havia dezenas. Foram ouvidos dois, que deixaram a região há dois meses.

Lucas Silveira, 31, aceitou dar seu nome, mas não quis dizer em que país está hoje como asilado, apenas que é na Europa. Em setembro de 2024, ele trabalhava como motorista em Porto Alegre, procurando outro serviço.

"Aí vi essa oportunidade, trabalho na Ásia. Foi por um grupo de Facebook, vagas de emprego. Fiz entrevista no mesmo dia, falei com alguns brasileiros de lá, e 15 dias depois me mandaram a passagem", conta. "Fiz escala em São Paulo, em Dubai, fui à Tailândia, peguei um carro até a fronteira e atravessei de barco".

Ao chegar, diz, a realidade foi diferente da prometida. "Tinha que trabalhar 12 horas, muita multa, o alojamento era precário, dez pessoas no quarto. A gente trabalhava com jogos de cassino online, oferecendo promoções para brasileiros. Só que as empresas às vezes fechavam as plataformas, ficavam com o dinheiro dos clientes. Era basicamente uma enganação. Eu ligava para 400 pessoas por dia."

Seu passaporte ficou com a empresa, ao chegar. "Para recuperar, falam que, se a gente quer ir embora, tem que pagar uma multa de 20 mil yuans [R$ 16 mil]. Fica difícil de sair."

Onde fica Sudeste Asiático



> **Tinha que trabalhar 12 horas, muita multa, o alojamento era precário, dez no quarto. A gente trabalhava com jogos de cassino online. Só que as empresas às vezes fechavam as plataformas, ficavam com o dinheiro dos clientes. Era uma enganação**
>
> Lucas Silveira, 31
> gaúcho aliciado

Mas um episódio o fez tomar uma decisão. "Teve um brasileiro lá que espancaram, porque suspeitavam que estava roubando a empresa. Na nossa frente. Eu disse, 'cara, não vou ficar aqui'."

Para recuperar o passaporte sem pagar a multa, buscou saídas online. "Quando pedi ajuda, dizendo que tinha que ir embora e não podia ficar sem meu documento, eles ligaram para a empresa, trouxeram meu passaporte, aí me tiraram na hora de lá."

Silveira afirma que, depois que ele descobriu esse caminho, em junho, outros brasileiros o seguiram —ele diz que 14 saíram sem pagar multa.

Questionado se recebia algum salário mensal, ele responde que "pagavam do jeito que queriam, atrasado, com desconto".

O salário era parte em dólar, em bitcoin, e parte em yuan, a moeda chinesa. Sobre o asilo na Europa, agora, diz que está "tudo certo". "Estou mais tranquilo. Meio que passou o trauma. Estou começando a reviver, né?".

Outro brasileiro que já está de volta ao Brasil e não quis revelar seu nome faz relato semelhante. Falou com um vizinho que estava procurando emprego. Então, uma brasileira ligou e ofereceu a ele uma vaga na Tailândia.

Ele narra que, na videochamada, outros brasileiros afirmaram que o esquema era seguro. Os empregadores pagavam tudo: passagem, hotel, comida.

Na chegada, descobriu que não a vaga não era para cuidar de uma rede social, mas de um jogo de azar online. O brasileiro conta que seu passaporte foi retido, e a carga horária, subitamente aumentada de 12 horas para 14 horas. Escapou em junho, no rastro de Silveira.

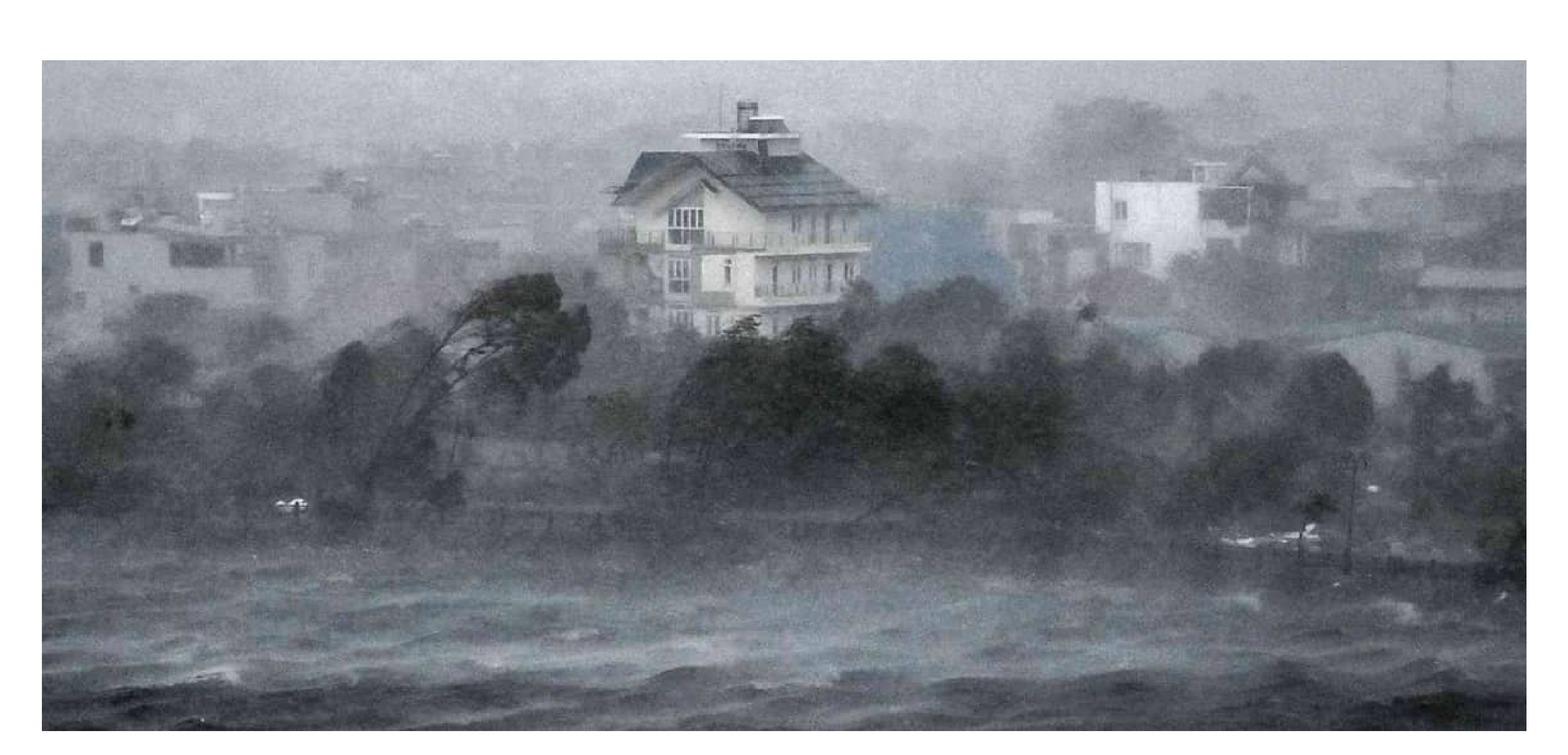
Questionado sobre salário, respondeu que no começo seus empregadores pagavam, mas depois, não mais. Voltou ao país natal em julho.

Além de homens, também mulheres brasileiras foram atraídas ao Triângulo Dourado, para atuar nos golpes digitais. A TV Record acompanha esses casos desde 2022, quando uma brasileira de 22 anos desapareceu em Mianmar, caso relatado no Cidade Alerta. Em julho, o Domingo Espetacular entrevistou uma jovem de 27 anos que havia acabado de voltar do Laos, no mesmo esquema dos dois brasileiros.

Procurada ao longo desta semana, a Polícia Federal não respondeu. Mas a Record ouviu do delegado Leonardo Reis Guimarães que a PF investiga os casos desde o final do ano passado e que "chama a atenção o fato de ter vítima do Distrito Federal ao Rio Grande do Sul, de Roraima, Rondônia, do Rio Janeiro, do Mato Grosso", enganados por empresas do Sudeste Asiático.

Além do Laos, as operações policiais recentes na região se estenderam para países como a Tailândia. Também Mianmar, que desmantelou com apoio chinês uma organização de fraude digital na fronteira com a província de Yunnan envolvendo centenas de pessoas.

Questionado sobre as operações e a presença de brasileiros, o porta-voz do Ministério do Exterior da China, Lin Jian, não respondeu especificamente, dizendo apenas que os países da região, inclusive a China, buscam "intensificar os esforços na repressão de crimes como o jogo online e o tráfico de seres humanos".



Supertufão Yagi se desloca para o Vietnã depois de deixar 2 mortos na China

Ventos fortes no lago Phuong Luu, em Haiphong, no norte vietnamita; Hanói retirou 50 mil pessoas de cidades costeiras e cancelou voos e aulas Nhac Nguyen/AFP

Navio da Marinha que sofreu dano no Atlântico espera reparo em Lisboa

Cisne Branco teve problemas em seu sistema de atracação durante viagem à Europa e há mais de três meses aguarda em Portugal liberação de doca para receber conserto

Cézar Feitoza

BRASÍLIA O navio-veleiro Cisne Branco, da Marinha do Brasil, teve seu sistema de atracação danificado durante viagem à Europa no fim de maio. Sem espaço nas docas do porto de Lisboa, a embarcação espera por reparos há mais de três meses.

O problema afetou o funcionamento do "bow thruster", propulsor localizado nas laterais do navio para auxílio em manobras. O sistema permite que a embarcação se mova lateralmente —o que é crucial para ela atracar com segurança.

O destino final do barco brasileiro era o porto de Eemshaven, na Holanda. As avarias obrigaram a mudança da rota. O navio atracou no porto de Ponta Delgada, ilha portuguesa no meio do Oceano Atlântico, em 31 de maio e seguiu para Cova da Piedade, onde fica a Base Naval de Lisboa, em 11 de junho.

A manutenção das hélices do "bow thruster" só pode ser realizada nas docas dos portos. Isso porque o sistema de atracamento fica na parte submersa do navio, no casco da proa. As docas do porto localizado em Lisboa são concorridas, com reservas feitas com muitos meses de antecedência.

O Cisne Branco até recebeu aval do porto de Lisboa para utilização de uma de suas docas. O navio brasileiro chegou ao local em 5 de julho e precisou deixar o espaço 14 dias depois para dar lugar ao Sagres, navio da Marinha portuguesa.

As duas semanas não foram suficientes para que a tripulação brasileira resolvesse toda a burocracia necessária para os reparos. A embarcação deixou o porto sem conserto e voltou à Cova da Piedade, onde permanece até hoje.

A Marinha do Brasil abriu no dia 22 de agosto um processo de dispensa de licitação para contratar, sob regime de urgência, o estaleiro português Naval Rocha para os devidos reparos no "bow thruster". O negócio custa mais de US$ 150 mil (cerca de R$ 840 mil).

O Porto de Lisboa tem a previsão de que em meados de setembro haverá a abertura de novo espaço nas docas para a embarcação brasileira.

Em nota, a Marinha brasileira afirmou que o navio Cisne Branco passa por reparos após "sofrer uma avaria interna na hélice" e que a manutenção deve "restabelecer as condições normais de operação".

"A Marinha reforça que o navio e sua tripulação composta de 68 militares estão em segurança e cumprindo expediente normal de trabalho", disse.

O Cisne Branco é um navio veleiro comprado pela Marinha de um estaleiro de Amsterdã em 2000. O valor da compra foi US$ 15 milhões. Ele possui 76 metros de comprimento por 48 metros de altura, com 32 velas içadas ao alto.

A embarcação é chamada na Marinha de embaixada brasileira no mar. Ela tem funções diplomáticas, representando o Brasil em eventos náuticos internacionais, e de relações públicas, com atracação em portos brasileiros e visitas gratuitas.

Os marinheiros atravessaram o Atlântico para a missão Europa 2024, cujo propósito foi descrito pela Marinha na nota como "desenvolver a mentalidade marítima brasileira e estreitar históricos laços de amizade com os países visitados".

A volta está prevista para 21 de outubro. A programação previamente agendada teve prejuízos com o incidente ocorrido no navio, e o retorno permanece com a data estipulada mesmo com o reparo pendente, segundo dois marinheiros que estão envolvidos no assunto e foram ouvidos pela **Folha**.

Os marinheiros não recebem pagamentos de diárias durante as viagens internacionais de navio. A Lei de Retribuição no Exterior, de 1972, define que a tripulação deve receber salário em dólar, já que a embarcação fora do país é considerada uma sede no exterior.

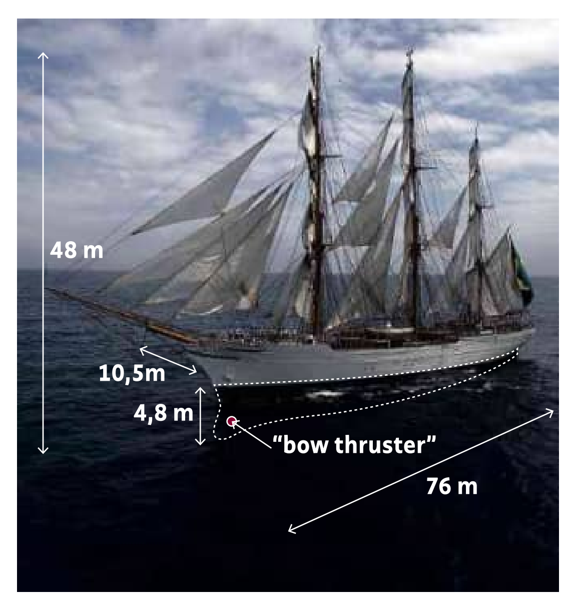
Os valores em dólar são superiores aos salários recebidos em real —e a remuneração é acrescida de indenizações que fazem o pagamento ultrapassar em até seis vezes o salário convencional.

O capitão de mar e guerra Sérgio Tadeu Leão Rosário é o comandante do Cisne Branco. O salário bruto dele é de R$ 26,9 mil. Em maio, primeiro mês embarcado, ele recebeu US$ 24 mil, sendo US$ 13,4 mil referente ao salário base e US$ 10,6 mil a indenizações —o valor total supera R$ 134 mil.

O gasto total com a tripulação não foi informado pela Marinha do Brasil.

> **O navio e sua tripulação composta de 68 militares estão em segurança e cumprindo expediente normal de trabalho**
>
> **Marinha do Brasil** em nota

O navio Cisne Branco



Raio-X do navio

Construído pelo estaleiro holandês **Damen Oranjewerf**

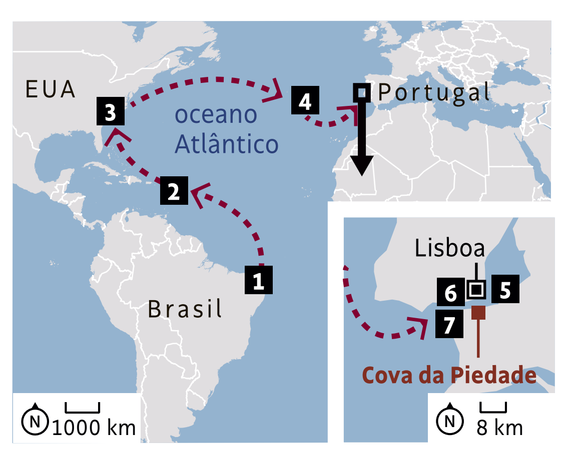
Custo **US$ 15 milhões**

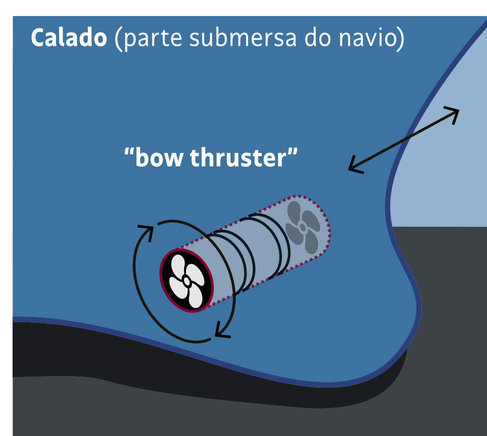
Velocidade máxima **17,5 nós** (ou 32 km/h)

Peso **1.038** toneladas

Tripulação máxima **82 pessoas**

Velas **32**





Trajeto do navio Cisne Branco

1. Fortaleza, Brasil (20.abr)
2. San Juan, Porto Rico (2.mai a 4.mai)
3. Baltimore, EUA (13.mai a 17.mai)
4. Ponta Delgada, Portugal (31.mai a 2.jun)*
5. Cova da Piedade, Portugal (11.jun a 5.jul)
6. Porto de Lisboa, Portugal (5.jul a 19.jul)**
7. Cova da Piedade, Portugal (19.jul)***

O **"bow thruster"** é um tipo de propulsor que dá à embarcação maior capacidade de manobra. É acionado no centro de controle do navio e permite que ele atraque nos portos com mais facilidade

*avaria no bow thruster após deixar Ponta Delgada
** tentativa de reparo sem sucesso
*** navio aguarda novo espaço no porto de Lisboa

Fonte: Marinetraffic.com Foto: Marinha Brasileira

França vai às ruas contra premiê de direita nomeado por Emmanuel Macron

PARIS | AFP E REUTERS Milhares de pessoas foram às ruas da França neste sábado (7) para protestar contra a decisão do presidente, Emmanuel Macron, de nomear como premiê o conservador Michel Barnier.

O bloco parlamentar de esquerda acusa o chefe do Executivo de roubar as eleições legislativas. A NFP (Nova Frente Popular), que une socialistas, comunistas e ambientalistas, foi a mais votada no pleito de julho, tendo obtido 182 assentos.

Mas o grupo precisaria de mais 96 cadeiras para ter maioria simples na Assembleia Nacional. Mais importante, enfrentava grande resistência das demais forças políticas para assumir o poder, sobretudo por abrigar o partido ultraesquerdista LFI (França Insubmissa), liderado pelo radical Jean-Luc Mélenchon.

Macron nomeou Barnier, 73, ex-negociador do Brexit da União Europeia, como premiê na quinta (5). Com isso, visava encerrar sua busca de dois meses por um primeiro-ministro.

Na noite de sexta (6), Barnier disse que seu governo, sem maioria clara, incluiria conservadores, membros do campo de Macron e, ele esperava, alguns parlamentares da esquerda.

Ele tem à sua frente a difícil tarefa de impulsionar reformas e aprovar o orçamento de 2025, projeto cuja discussão no plenário está prevista para outubro. A França está sob pressão da Comissão Europeia, o braço executivo da União Europeia (UE), e dos mercados de títulos para reduzir seu déficit.

Ainda corre o risco de ser alvo de moção de desconfiança por parte do NFP caso o RN (Reunião Nacional), de ultradireita, decida se unir à esquerda.

Isso não deve acontecer, segundo a legenda conservadora. Mas o líder do RN, Jordan Bardella, alertou que Barnier "é um primeiro-ministro sob vigilância" ao falar ao canal de TV BFM neste sábado. "Nada pode ser feito sem nós", disse ele.

O premiê seguia com as consultas para tentar formar um governo na data.

O instituto de pesquisa Elabe publicou uma pesquisa na sexta indicando que 74% dos franceses consideravam que Macron havia ignorado os resultados das eleições, sendo que 55% diziam que ele as havia roubado.

Em resposta à nomeação de Barnier —cujo partido de centro-direita Les Republicains é o quinto bloco no Parlamento, tendo menos de 50 parlamentares—, líderes de partidos de esquerda, sindicatos e entidades estudantis convocaram protestos em massa no sábado antes de novas ações, incluindo possíveis greves em 1º de outubro.



Entregador com o veículo estacionado em lugar proibido com mercadorias na avenida Nove de Julho, no centro de São Paulo Pedro Affonso/Folhapress

Problemas com entregadores se multiplicam pelas ruas de São Paulo

Categoria reclama que falta estrutura; prefeitura afirma que ampliou em 26% as vagas para utilitários, e empresas dizem orientar a respeitar regras do trânsito

Diego Alejandro

SÃO PAULO Por volta das 10h de um dia útil de agosto, o fluxo de uma fila de carros na avenida Nove de Julho, no centro de São Paulo, é interrompido por um furgão branco que estaciona na faixa direita, em local proibido.

Parar em via de trânsito rápido é infração gravíssima que prevê multa de R$ 293,47 e 7 pontos na carteira. Um entregador sai do veículo e dá um pacote ao porteiro de um prédio. Cenas como esta se tornaram comuns na cidade.

Um estudo da empresa de logística Pathfind apontou um aumento de 20% no transporte urbano de carga durante a pandemia. A quantidade de motoqueiros também saltou de 220 mil para mais de 400 mil no período, segundo estimativa do SindimotoSP.

Estacionar na região central de São Paulo é difícil. Em um intervalo de uma hora, a reportagem flagrou outras três infrações de descarga em local proibido, inclusive com veículo subindo na calçada.

"Quer que eu pare onde, irmão?", perguntou um motoqueiro com a mochila do iFood ao repórter, ao estacionar na vaga de pessoas com deficiência em uma farmácia na alameda Santos, paralela à avenida Paulista, perto do meio-dia. Ele recolheu o pedido de um restaurante no lado oposto da rua. "Quer que eu pare certo ou quer comer?", questionou.

Tanto a Nove de Julho como a Santos sofrem com a escassez de vagas de estacionamento, e a solução é parar em vias paralelas, distantes do ponto de entrega. No entorno do edifício Copan, na República, a situação não muda. "Se parar longe te roubam, se parar perto te multam", afirma Sérgio Pires, parado com seu caminhão num recuo para ponto de ônibus. "Só tem vaga para taxista", diz ele, que acumula 71 pontos na CNH.

As três regiões citadas foram apontadas por motoristas de um centro de distribuição do Mercado Livre na Mooca (zona leste) como as piores para se fazer entrega. Um entregador, que não quis se identificar, contou que estava num turno de 12 horas, iniciado às 6h, para ganhar R$ 210. Uma multa por estacionar na calçada (R$ 195,23, infração grave) o faria perder o dia de trabalho.

Ele avalia que o valor é bom, mas diz ser aconselhado pela empresa a usar parte da quantia para contratar outra pessoa que o auxilie na entrega —evitando, assim, estacionar em local proibido. Com dívidas para quitar, ele sai do furgão amarelo do Mercado Livre e entra em seu carro pessoal para o turno como motorista de aplicativo, até a meia-noite.

Para o especialista em mobilidade Miguel Ângelo Pricinote, a busca por vagas em vias paralelas não é ruim apenas para o entregador, mas para todo o trânsito. "Um motorista que não consegue parar é mais um veículo que fica dando voltas pelas ruas, criando engarrafamentos. E vamos lembrar que cada pacote que ele carrega é um deslocamento a menos do consumidor", diz.

Pricinote também defende que as motos tenham categoria própria na Zona Azul, como ocorre com as vagas para idosos e veículos de carga, por exemplo. Em São Paulo, as motocicletas são isentas do pagamento de Zona Azul aos sábados, domingos e feriados desde que não haja restrição específica sinalizada em placa.

A CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) afirma que atualmente opera 55.566 vagas de Zona Azul, sendo 48.983 convencionais, 2.517 destinadas a caminhão, 1.177 para pessoas com deficiência com comprometimento de mobilidade, 2.820 para idosos e 69 para Zona Azul Fretamento.

Apesar de o centro abrigar 8.872 pontos comerciais, existem apenas 133 vagas específicas para carga e descarga, segundo pesquisa de 2023 do IPTC (Instituto Paulista de Transporte de Carga). São vagas para caminhões, caminhonetes e veículos mistos. Os entregadores ouvidos pelo estudo andavam, em média, 350 metros.

A pesquisa do IPTC também apontou falhas na fiscalização.

R$ 293,47

e 7 pontos na carteira de habilitação são as punições para quem parar em via de trânsito rápido, uma infração gravíssima

R$ 195,23

é a multa por estacionar na calçada, uma infração grave, mas ação comum a muitos entregadores de aplicativos na capital paulista. Eles ainda somam 5 pontos na carteira

"As vagas disponíveis de carga e descarga estavam sendo ocupadas por veículos não permitidos. Até a demarcação estava precária", afirma Raquel Serini, economista que conduziu o estudo. O número de agentes da CET caiu 20% nos últimos dez anos, conforme números obtidos pela **Folha** via LAI (Lei de Acesso à Informação).

Serini avalia que uma alternativa capaz de minimizar o problema seria a implementação da entrega noturna. "Mas não vejo como algo corriqueiro, requer mão de obra para receber e enviar, o que não temos. Mas, em menor escala, entregas agendadas já podem fazer uso desse horário."

Para a arquiteta Amanda Rosin, que estuda no mestrado as práticas dos entregadores, uma maior regulamentação de dark kitchens e dark stores também seria bem-vinda. "As infrações e acidentes são causados pela pressão imposta pelas empresas que entregam e enviam, para reduzir o tempo."

A Prefeitura de São Paulo afirmou, em nota, que "as vagas de carga e descarga para caminhões são organizadas na cidade para atender um perímetro de concentração de serviços e comércio e não individualmente cada estabelecimento".

"Importante destacar que a tendência para o futuro é a entrega de mercadorias cada vez mais por modais menores, por meio da descentralização das centrais de distribuição", acrescentou a gestão Ricardo Nunes (MDB).

Também procuradas, as empresas iFood, Magalu, Mercado Livre e Rappi afirmaram orientar os entregadores a não cometer infrações. Todos disseram oferecer cursos de capacitação aos seus motoristas. A Magalu disse exigir a participação em treinamentos presenciais e online.

cotidiano

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br



Arquivo pessoal

JOSÉ FERNANDO CEDEÑO DE BARROS (1959-2024)

Se tornou destaque da genealogia brasileira

José Fernando Cedeño de Barros era advogado, mas apaixonado pela história

Isabela Palhares

SÃO PAULO Com uma excelente memória e um grande interesse por história, José Fernando Cedeño de Barros sempre deixava os amigos e familiares surpresos com as informações, episódios e dados inusitados que trazia até mesmo para as conversas mais banais do dia a dia.

Formado em direito, José Fernando dedicou muitos anos de sua vida para estudar história e, sobretudo, genealogia.

"Ele se interessava muito por entender a origem e a evolução das famílias. Ele falava sobre isso com grande paixão", conta o amigo Guilherme Chaves Sant'Anna.

"Ele tinha uma memória fora do normal, uma capacidade realmente extraordinária de memorização. Ele falava sobre fatos históricos, lembrava de dados e informações muito precisas como se estivesse falando sobre uma banalidade qualquer", lembra Sant'Anna.

Ao conhecer alguém, não era incomum que José Fernando apresentasse uma informação que nem mesmo a pessoa conhecesse sobre sua família. "Ele conhecia a história da família de todo mundo só pelo sobrenome."

José Fernando foi membro do extinto Instituto Genealógico Brasileiro, bem como fundador da Asbrap (Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia). Publicou trabalhos sobre a família imperial no Brasil.

Nascido em Ribeirão Preto, José Fernando se mudou para São Paulo para cursar direito no Mackenzie. Em seguida ingressou no mestrado em direito processual tributário na USP e nunca mais deixou a cidade , mais especificamente o bairro de Higienópolis, onde morou por mais de 30 anos.

Além do trabalho em escritório, deu aula na Escola Superior de Advocacia e na Fecap (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado). Além de ter atuado como professor na França.

José Fernando adorava viajar. Também era apaixonado por cavalos, que mantinha em um sítio em Itu, no interior de São Paulo.

"Ele adorava os cavalos, tinha animais belíssimos. Ele usava minha pista quase todos os finais de semana para cavalgar. Ele estava construindo uma pista própria, no seu sítio. Infelizmente, ela não ficou pronta a tempo para que ele pudesse vê-la e aproveitar", contou o amigo João Antonio Cardoso.

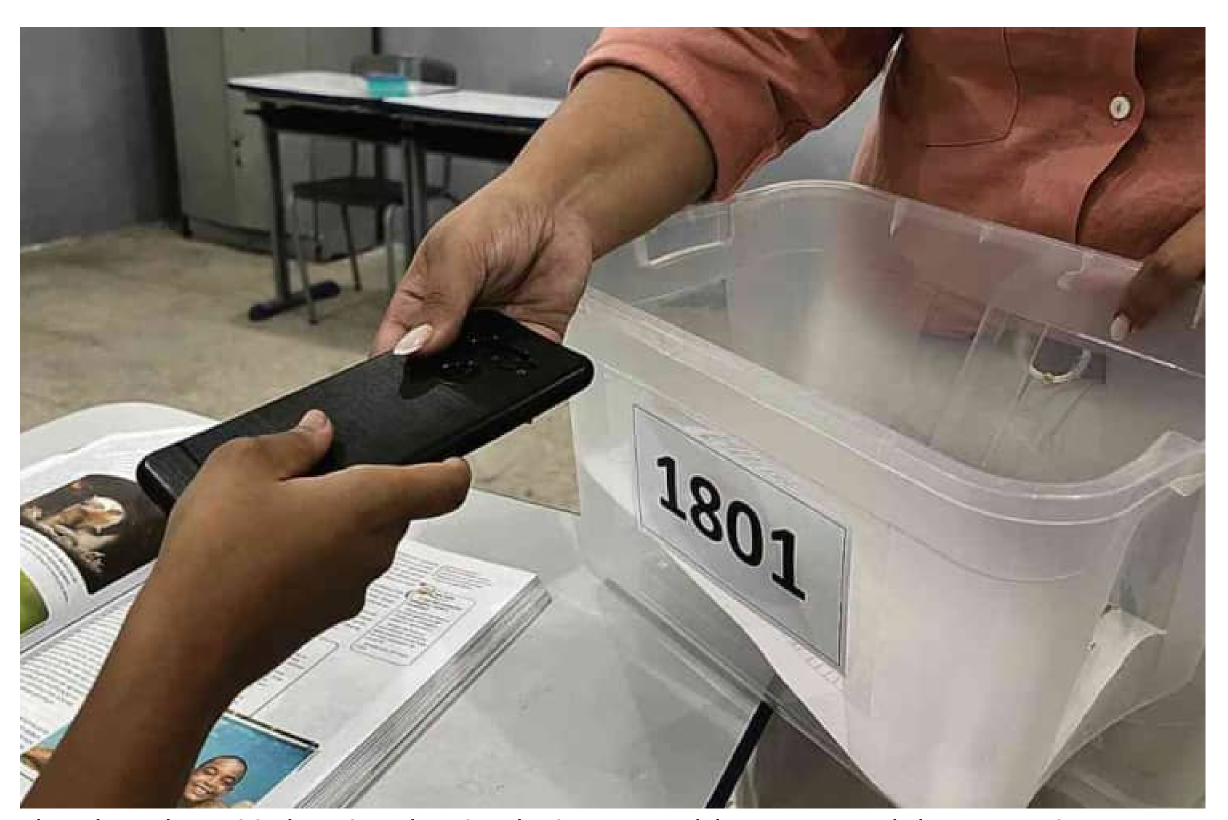
Há alguns meses descobriu uma cardiopatia. Chegou a ser internado para uma cirurgia, mas morreu em função de uma infecção hospitalar. Aos 65 anos, deixa uma irmã, três sobrinhas e muitos amigos.

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE

Serviço Funerário Municipal de São Paulo Central 156 Tel. (11)3396-3800; prefeitura.sp gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha Tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito folha.com/mortes. Até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos).



Aluno da escola municipal Martin Luther King, do Rio, entrega celular para ser guardado em uma caixa Divulgação

Jovens relatam melhora nos estudos e nas conversas após veto a celular na escola

Proibição em colégios gerou resistência inicial, mas adolescentes dizem aprovar medida e que reduziram uso das telas em casa

Laura Mattos

SÃO PAULO "Foi ruim quando proibiram", diz Pedro, 15, estudante da rede municipal do Rio de Janeiro, que baniu, por lei, os celulares nas escolas da prefeitura no início deste ano, tanto nas aulas quanto nos intervalos. "Antes de ser proibido, a gente sempre ficava jogando um contra o outro, na aula e no recreio, conversando na rede social, vendo vídeos, apostando em bets e no tigrinho [caça níquel online]", conta o jovem.

Sem o celular, Pedro diz que começou a prestar a atenção nas aulas, até se sentou na primeira fileira. Suas notas deram um salto surpreendente. De um aluno com conceito RI (regular insuficiente) no boletim, que é uma nota perto da reprovação, em poucos meses ele superou o R, de regular, e atingiu o B, de bom —só abaixo da nota máxima, MB, muito bom.

Coordenadora da escola Martin Luther King, onde Pedro estuda, Thaís Trindade afirma que Pedro é um exemplo do que aconteceu com muitos estudantes. "Temos vários alunos que são inteligentes, mas não conseguiam ter um bom desempenho por causa do celular", diz. "Sem o aparelho, eles começaram a entender as matérias, tirar notas melhores, passaram a ser elogiados pelos professores e a se sentir estimulados", conta.

Mas não foi um caminho fácil. Os alunos, especialmente os mais velhos, faziam boicote no início, escondendo os celulares na mochila em vez de colocá-los na caixa que fica guardada na sala da coordenação, como é a regra.

"No intervalo, parecia que eu estava no 'CSI' [série de investigação criminal] tentando flagrar alunos com celular. Agora está tudo mais leve. Até o furto de celular, que era um problema, reduziu. E eles entendem que o aparelho está mais seguro", conta Trindade.

A batalha agora é conscientizar as famílias sobre o uso do celular fora da escola. Pedro mesmo conta que fica no aparelho até às 2h da madrugada, e acorda às 6h para ir para a escola, "com muito sono". Ele tem acessado com frequência as bets e chega a apostar até R$ 500 (como esses jogos são proibidos para menores, Pedro é um nome fictício, utilizado pela reportagem para preservar a sua identidade). Ainda assim, ele diz se sentir "menos viciado" no celular após a proibição na escola.

Adolescentes ouvidos pela **Folha** declaram que o banimento do celular no ambiente escolar melhorou a relação deles com o aparelho. "Quando veio a proibição, achei um absurdo. Era muito difícil ficar sem o celular, que eu usava umas dez horas por dia", conta Valentina Chico, 16, aluna da Castanheiras, escola da região de Alphaville, em Santana do Paranaíba (SP), que proibiu o uso do celular no início deste ano.

"Mas eu fui me acostumando e decidi mudar outras coisas na minha vida para ser mais saudável. Eu era sedentária e passei a fazer esporte todos os dias, o que me ajuda também com a ansiedade." Ela diz ter cortado o uso do celular para a metade do tempo.

Rafaella Marcondes, 16, também da Castanheiras, conta que a proibição "foi um susto" para os alunos. "A gente sempre conversava sobre o que via no celular, sobre o que aconteceu com esse ou aquele famoso. Com o tempo, passamos a conversar sobre situações da escola, a falar sobre nós mesmos", relata.

"Agora a gente toma sol deitada no banco, enquanto conversa. A gente nunca tinha feito isso antes", conta Olivia Ralston, 16.

Aluna da Alef Peretz, do Jardim Paulistano (zona oeste de São Paulo), Julia Galeano, 18, conta que "gerou muita polêmica" a decisão da escola de adotar, no início do ano, uma pochete para trancar os celulares dos estudantes —cada um possui uma bolsinha que tem trava magnética só aberta ao final das aulas.

"Era uma quebra muito grande de realidade, porque a gente sempre usava o celular no recreio e até nas aulas, mesmo não sendo permitido", conta. "Mas, conforme o tempo foi passando, as relações sociais mudaram bastante, a gente conversa muito mais. Agora, mesmo o celular sendo liberado na hora do almoço, muitas vezes eu e minhas amigas optamos por não usar."

Para estudar, afirma Julia, tanto na escola quanto em casa, "o aumento da produtividade e do foco é notável". Como uma desvantagem, ela cita a dificuldade de se comunicar com as pessoas, inclusive com familiares —para isso, é preciso pedir para a secretaria entrar em contato, como era antes da existência do celular.

Na Assembleia Legislativa de SP, um projeto de lei para banir o uso do celular por alunos em escolas, apresentado por Marina Helou (Rede), uniu deputados da esquerda e da direita. A proposta está em análise pela Comissão de Constituição, Justiça e Redação.

Venho, por meio desta

Requerer o direito do ser humano não se pronunciar sobre a treta da semana

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Requerer o inalienável direito de todo ser humano a não se pronunciar sobre a treta da semana —também valendo para a treta do dia, do mês ou do ano. Confirmado este direito, fica consequentemente subentendido que o não pronunciante, aqui pronunciando-se no direito de não se pronunciar, jamais será, em hipótese alguma, diante de seu silêncio, acusado de:

a) Isentão;

b) Passar pano;

c) Estar a serviço ou a soldo de quaisquer partes envolvidas no imbróglio da vez.

Antes das redes sociais, se, sei lá, um irmão esfaqueasse uma irmã em, digamos, Moema, só saberíamos no dia seguinte, pelos jornais. Poderíamos comentar o ocorrido na padaria, tomando café com a caixa Eveline, o taxista Everton e o palmeirense Ari. Você diria "E esse irmão de Moema, hein, pessoal?". A caixa Eveline, o taxista Everton e o palmeirense Ari dariam suas opiniões e pronto, acabou.

Ninguém acordava de manhã, lia o jornal e pensava: "Caramba, como vou me posicionar diante da caixa Eveline, do taxista Everton e do palmeirense Ari a respeito dos irmãos de Moema?"


Adams Carvalho

Cria-se uma Disneylândia do comentário. Todo mundo querendo pegar o bonde andando e sentar na janelinha

Depois das redes sociais, cada ser humano com conta no X, no Facebook, no Instagram, no TikTok ou em outras dessas padarias intergalácticas sente-se na obrigação de se posicionar. Cada reles mortal vive a vida como se estivesse numa entrevista coletiva na ONU, no Oscar, no Juízo Final.

No grupo de zap "Compras réveillon 2017" surgem discussões acaloradas sobre o melhor acordo de cessar fogo entre Israel e Palestina. Nenhuma das partes parece atentar para o fato de que nem Netanyahu nem o Hamas estão no grupo, formado inicialmente para decidir se levaríamos para Boiçucanga leite integral ou semidesnatado.

O que sei eu sobre o Oriente Médio? Sobre a Rússia? Sobre as divergências entre republicanos e democratas na Pensilvânia? Que ânsia ou obrigação é essa de, na fila do quilo ou na sala de espera do dentista, fazer um vídeo ou post resolvendo todas as contradições sobre as questões identitárias da terceira década do século 21?

Tem gente que é bem-informada. Jornalistas que cobrem os assuntos. Acadêmicos, especialistas que passam a vida estudando os temas da hora. Tem as vítimas, em escândalos de assédio, que devemos escutar com todo o cuidado. E os acusados a quem devemos a mesma escuta. Mas a geral não parece muito interessada em escutar.

A impressão que dá é que não importa mais a história: abre-se um leilão no mercado das opiniões. Quem tem a posição mais descolada? Mais "edgy"? Mais "cool"?. Cria-se uma Disneylândia, uma Las Vegas do comentário. Todo mundo querendo o melhor lugar na roda gigante, a melhor mão no pôquer. Querendo pegar o bonde andando e sentar na janelinha. Não se busca a justiça, mas likes, ao custo do sofrimento alheio.

A realidade é muito complexa. Às vezes o que parece o óbvio ululante se prova o contrário. Às vezes o que parece o óbvio ululante é só o óbvio ululante, mesmo. Às vezes é melhor ficar quieto e prestar atenção. Como se vê por essa crônica, eu não consegui.

DOM. Antonio Prata SEG. Becky S. Korich, Giovana Madalosso TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques QUI. Sérgio Rodrigues SEX. Tati Bernardi SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Olinda abre as prévias do Carnaval com expectativa de festa recorde

SÃO PAULO "Se a turma não saísse, não havia Carnaval", diz o hino da Pitombeira dos Quatro Cantos, um dos blocos mais tradicionais de Olinda —e que neste sábado (7) ecoou pelas ladeiras do centro histórico em um desfile que abriu as prévias da folia da cidade.

Centenas de pessoas participaram do desfile recheado de frevos, que começou as 16h. Apesar de ainda faltarem quase seis meses para o início oficial da festa, a expectativa é alta com a possibilidade que 2025 tenha o maior Carnaval da história de Pernambuco. Isso devido a uma coincidência de datas.

O sábado de Carnaval do ano que vem será no dia 1º de março, o que significa que a Quarta-Feira de Cinzas cairá no dia 5. Acontece que no dia 6, quinta-feira, é comemorada a Data Magna em Pernambuco, um feriado estadual criado em 2017. Nunca as datas tinham caído tão próximas.

A expectativa é que a folia possa ser estendida por todo esse período, na prática criando um Carnaval de até 11 dias, já que a abertura deve acontecer no dia 27 de fevereiro, uma quinta-feira.

A Prefeitura do Recife afirmou após o fim do Carnaval deste ano que ira estudar a possibilidade de estender a festa de 2025, assim como Olinda. Para isso, a população deverá ser ouvida. A decisão, porém, só deve ser tomada após as eleições municipais, marcadas para outubro.

De qualquer forma, os foliões devem ter bastante opções de prévias para celebrar. Diferentemente de cidades como São Paulo, onde os blocos só podem desfilar nas ruas nas semanas anteriores ao Carnaval, em Olinda eles já estão liberados.

A previsão é que praticamente todos os fins de semana até março do ano que vem tenham alguma —ou diversas— atividades carnavalescas.

Para isso, a Polícia Militar do estado montou um esquema especial para este fim de semana, com mais de 400 agentes, que deve continuar sendo usado até o Carnaval. O objetivo é coibir roubos, brigas e ataques, após 29 pessoas terem sido perfuradas por agulhas na festa deste ano.

Além disso, nos próximos 25 fins de semana, o entorno Sítio Histórico de Olinda, onde ocorre a folia, também receberá patrulhamento diferenciado, segundo a PM, em razão do maior fluxo de pessoas.

Um acordo mediado pelo Ministério Público estabelece que os blocos devem encerrar os desfiles até as 20h durante as prévias.


Prévia do Carnaval 2025 em Olinda (PE) Reprodução/TV Globo

4.mar
é a data oficial do Carnaval 2025, sempre uma terça-feira; a festa já começa no sábado (1º)

6.mar
é a Data Magna de Pernambuco, feriado que homenageia a Revolução Pernambucana de 1817


Localizado atrás das colunas do presbitério do templo, o órgão da Catedral da Sé será restaurado e ganhará novos tubos Adriano Vizoni/Folhapress

Catedral da Sé ganha mais sonoridade com órgão restaurado

Instrumento musical terá 1.340 novos tubos, num total de 12 mil; projeto de recuperação inclui visita guiada para conscientizar

Roberto de Oliveira

SÃO PAULO E lá se vão 22 anos de silêncio... Foi numa manhã ensolarada de verão, em março de 2002, quando os tubos soltaram "Tocata e Fuga em Ré Menor, BWV 565", uma das obras mais conhecidas do compositor alemão Johann Sebastian Bach. A execução ocorreu antes da missa, durante ensaio. Seriam as últimas notas emitidas pelo órgão naquele que é considerado o símbolo máximo do catolicismo na maior cidade da América do Sul, a Catedral da Sé.

A retomada vem sendo anunciada há algum tempo, mas, se tudo der certo, o instrumento deve começar até dezembro a ser restaurado, procedimento que irá ampliar a sua sonoridade.

A reinauguração do órgão por si só já será motivo de celebração. Trata-se de um instrumento histórico, fabricado sob encomenda na Itália, em 1953. Construído pela empresa Balbiani Vegezzi-Bosi, em Milão e Turim, veio de navio da Europa e desembarcou no porto de Santos, antes de subir a serra.

O mesmo organista que o tocou pela última vez será o responsável pela volta da sonoridade do órgão. A princípio, Delphim Rezende Porto pensa numa peça italiana, visto que ele começou seus estudos no Liceu Sagrado Coração de Jesus, no centro da capital, instituição onde o então menino teve seu primeiro contato com a música em um órgão centenário.

O órgão está localizado em uma área que pode passar despercebida aos olhos dos visitantes desatentos: fica por detrás das enormes colunas do presbitério do templo. Todo o processo de restauro será feito de forma manual.

Durante as etapas de recuperação, a igreja irá organizar visitas guiadas ao canteiro de obras, além de concertos, para que o público possa acompanhar tanto o restauro quanto os bastidores da produção musical da catedral, explica Camilo Cassoli, 45, diretor do projeto cultural. O custo estimado do trabalho é de R$ 6,5 milhões, e os recursos ainda estão sendo captados via Lei Rouanet.

Com a reforma, o instrumento vai ganhar 1.340 novos tubos, totalizando 12 mil, calcula o organeiro Daniel Gazzaniga Rigatto, 48. De acordo com ele, as adições de tubos no órgão da Sé farão com que ele se torne o maior instrumento musical do gênero na América Latina, superando os 11.130 tubos do órgão da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, em Niterói (RJ).

Rigatto conta que o restauro vai presentear o órgão da Sé com uma nova consola e cinco teclados. "A restauração de forma artesanal e artística irá melhorar também a harmonização dos tubos, definindo seus variados timbres e a intensidade do som", diz.

Porto, diretor artístico da catedral, anda inspiradíssimo. Ele dá pistas do que deve tocar na tão aguardada reinauguração. "Canzona La Spiritata", do compositor veneziano Giovanni Gabrieli, por exemplo, está garantida na lista.

Pensando bem, ele diz acreditar que o órgão da catedral mereça uma composição especialmente criada para um instrumento tão consagrado. "Comecei a rascunhar uma tocata para o órgão, uma criação que reflita a tradição e também a nossa brasilidade", ele dá mais uma dica. Esperamos que, desta vez, a canção não fique apenas nos ensaios.

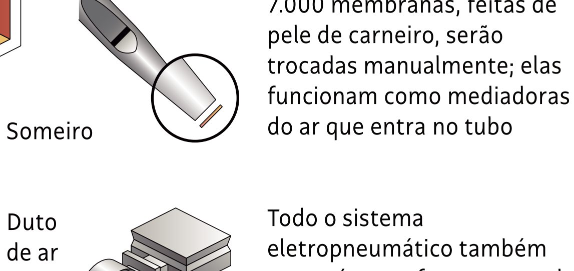
Como será a restauração do órgão italiano da Catedral da Sé

Composição atual



Etapas do restauro
(o trabalho será feito manualmente)

Tubos serão desmontados, lavados e requalificados, individualmente; eles vão passar por uma espécie de 'martelinho', que irá desamassar e deixá-los no formato original; depois, será feito um processo de rearmonização de timbre e intensidade de som



Com a reforma, o instrumento vai ganhar uma ampliação com 1.340 novos tubos, totalizando 12 mil tubos; também irá ter uma nova consola com cinco teclados e um sistema digital de transmissão

7.000 membranas, feitas de pele de carneiro, serão trocadas manualmente; elas funcionam como mediadoras do ar que entra no tubo



Todo o sistema eletropneumático também passará por reforma manual assim como o recondicionamento da parte elétrica



Parte de madeira será descupinizada e restaurada

Custo
R$ 6,5 milhões
(doados por empresas, bancos e fiéis; recursos serão usados via Lei Rouanet); doadores também podem 'apadrinhar', a partir de R$ 1.000, tubos do instrumento musical

Cronologia

- **1953** Construído sob encomenda pela empresa Balbiani Vegezzi-Bosi, em Milão e Turim, na Itália
- **1954** Chegada ao Brasil pelo porto de Santos; foi instalado no mesmo ano de inauguração da catedral, no entorno do altar-mor, onde permanece até hoje
- **1980** O órgão teve problemas técnicos, passou por reparos e voltou a funcionar normalmente
- **2002** O instrumento sofreu com os efeitos da restauração da igreja, que ficou em obras por três anos, e desde então está desativado
- **2010** Um projeto propôs que o órgão fosse desmontado em São Paulo e levado até Azzio, na Itália, para uma oficina de restauro que, instalada em 1829, segue a técnica do fabricante original, mas por causa do custo de operação (transporte, serviços e impostos), decidiu-se pela realização do trabalho no Brasil
- **2024** O trabalho de recuperação do instrumento musical deverá ser feito em um ateliê instalado nas proximidades da catedral, onde o público poderá acompanhar as etapas da reforma,em visitas guiadas, previstas para ainda este ano
- **2026** A previsão é que a obra de restauro esteja completa em um ano e meio

Fontes: Camilo Cassoli, diretor do projeto cultural, Daniel Gazzaniga Rigatto, organeiro, Delphim Rezende Porto, diretor de música da Catedral da Sé e padre Luiz Eduardo Baronto, cura da Catedral Metropolitana

1 em cada 4 pessoas conhece vítimas de violência doméstica, diz Datafolha

É o crime mencionado com mais frequência entre as 18 situações aferidas pelo instituto; resultado aponta para subnotificação nos dados oficiais sobre o assunto

Tulio Kruse

SÃO PAULO Um em cada quatro brasileiros diz que conhece mulheres vítimas de violência doméstica praticada por parceiros íntimos, como namorados, maridos e ex-companheiros. A estimativa é de pesquisa Datafolha sobre percepções da violência encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pela **Folha**.

Essa parcela da população (27%) corresponde a quase 45 milhões de pessoas em todo país, e as respostas se referem a agressões praticadas num período de 12 meses anteriores à data da pesquisa. É o crime citado com mais frequência entre 18 situações diferentes aferidas pelo instituto, que vão de assaltos à presença de cemitérios clandestinos nos bairros.

O Datafolha entrevistou 2.508 pessoas com mais de 16 anos em todas as regiões do Brasil entre os dias 11 e 17 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

A violência doméstica é relatada em proporção maior pelas próprias mulheres (31% das entrevistadas respondem afirmativamente) do que entre homens (22%). É também exposta pelos jovens com maior frequência do que pelos mais velhos.

O mesmo ocorre entre os mais escolarizados, em relação a quem teve menos ensino formal. Dos entrevistados com ensino superior completo, 36% afirmam conhecer vítimas de violência. Entre is que estudaram até o fundamental, 18% dizem o mesmo.

R$ 2,4 milhões
de brasileiras sofreram agressão física entre junho de 2023 e junho de 2024, segundo a pesquisa Datafolha

6.790
mulheres foram vítimas de agressões físicas a cada dia no período de 12 meses pesquisado, de acordo com a pesquisa de vitimização do Datafolha

38 mil
pessoas (37.870 homens e 628 mulheres) foram presas pelos crimes de estupro, sendo que 25 mil foram condenados por estupro de vulnerável

A violência contra a mulher é um fenômeno crescente no Brasil, ressalta a socióloga Isabella Matosinhos, pesquisadora do Fórum, com base em dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública. "Todas as formas de violência contra a mulher aumentaram em 2023, segundo registros oficiais", ela escreve, em artigo feito com base nos dados da pesquisa.

O Datafolha perguntou se os entrevistados foram vítimas de uma série de crimes no período de 12 meses que antecedeu a pesquisa, como agressões, sequestros relâmpago, assaltos e furtos de celular. As vítimas de agressão são 5% do total de entrevistados, e as mulheres são maioria (56%) entre aqueles que admitem ter sido vítimas desse crime.

Esses resultados apontam para um cenário ainda pior do que é retratado nas estatísticas oficiais, que já apontavam um número alto de agressões contra mulheres.

"Estamos falando de pelo menos 2,4 milhões de brasileiras que sofreram agressão física entre junho de 2023 e junho de 2024", diz a socióloga. Em contraste, foram 258.941 registros de lesão corporal dolosa em contexto de violência doméstica contra mulheres no ano passado, segundo o Anuário.

As duas estatísticas não são diretamente comparáveis, ela enfatiza, pois há diferenças na coleta desses dados e na definição de cada ocorrência. No entanto, mostram a discrepância entre os dados oficiais e o que é possível aferir com base nos relatos da própria população.

Os casos de lesão corporal contra mulheres, ela calcula, correspondem a 709 registros por dia. Já a pesquisa de vitimização do Datafolha aponta para 6.790 agressões físicas a cada dia no período de 12 meses pesquisado.

"Essa aproximação mostra a insuficiência das estatísticas oficiais para medir o fenômeno da violência contra mulheres, a importância de pesquisas de vitimização, além de reforçar a necessidade da expansão e aprimoramento de políticas públicas de proteção."

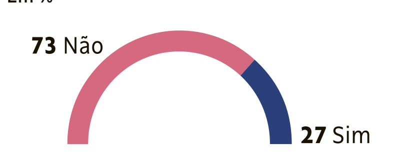
Neste ano, o Anuário já havia apontado para um recorde de violência contra mulher: um estupro foi registrado a cada 6 minutos no Brasil ao longo do ano passado. O número leva em conta apenas os casos que foram denunciados às autoridades policiais e incluem tanto estupro quanto estupro de vulnerável, como são classificados os casos no qual a vítima tem menos de 14 anos ou quando não tem condição de consentir.

O dado representa aumento de 6,5% dos casos comparados com 2022. Quando observada a série histórica, iniciada em 2011, houve aumento de 91,5% de registros. Ao todo, o Brasil registra 38 mil presos —37.870 são homens e 628 mulheres— pelos crimes de estupros, sendo 25 mil condenados por estupro de vulnerável.

Contato com a violência doméstica no Brasil

Conhece alguma mulher que sofreu violência doméstica por parte de parceiro íntimo (como namorado, marido, companheiro ou ex)?

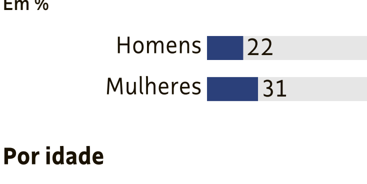
Em %



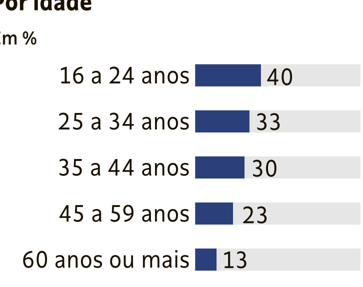
População prevalente que diz sim: **44.961.613** pessoas*

Perfil de quem responde sim

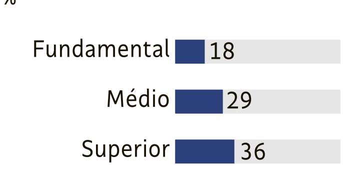
Por sexo
Em %



Por idade
Em %



Por escolaridade
Em %



*Cálculo a partir da projeção da população divulgada pelo IBGE em 22.ago.2024
Fonte: Pesquisa Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública com 2.508 entrevistados de 16 anos ou mais, realizada de 11 a 17 de junho, com margem de erro de 2 p.p. para o total da amostra

3 em cada 10 deixam em casa o celular com aplicativo de banco

SÃO PAULO O receio de ser assaltado leva três a cada dez brasileiros a deixarem em casa, ou em outro local seguro, seus telefones celulares que contêm aplicativos bancários. A estimativa é de uma pesquisa Datafolha que aborda violência, crimes digitais e hábitos com o celular, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pela **Folha**.

Esse mesmo levantamento aponta que 53% dos entrevistados que têm smartphone já deixaram de circular em alguma área de sua cidade ou em determinados horários por medo de ter o aparelho roubado ou furtado. Além disso, o instituto projeta, com base nas respostas, que ocorreram em média 1.680 roubos e furtos de celulares por hora no país, e que o prejuízo à população foi de R$ 22,7 bilhões em 12 meses.

O Datafolha entrevistou 2.508 pessoas com mais de 16 anos em todas as regiões do Brasil entre os dias 11 e 17 de junho. A pergunta sobre o hábito de deixar o celular em local seguro foi feita a um universo menor, de 1.781 pessoas que disseram ter aplicativos de banco instalados no aparelho. Nos dois casos, a margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

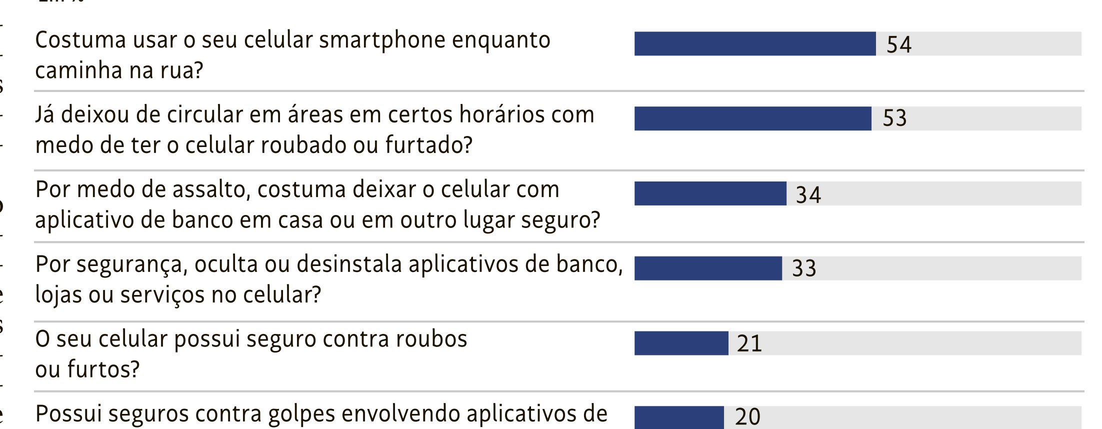
A proporção de pessoas que deixaram de circular com seus aparelhos é maior entre mulheres (38%) do que entre homens (30%), e também entre os mais velhos. Quatro em cada dez entrevistados com mais de 60 anos afirmam que deixaram de circular nas ruas com celulares que contêm apps bancários.

Isso ocorre mesmo que só 5% dos entrevistados nessa faixa etária afirmem que tiveram o celular roubado ou furtado nos últimos meses, o que está abaixo da média. Esse tipo de crime atingiu 9% dos brasileiros no mesmo período, aponta o Datafolha.

Essa medida de prevenção também é tomada com mais frequência nas capitais e cidades com mais de 500 mil habitantes. Nas regiões metropolitanas, 14% afirmam que tiveram o celular roubado ou furtado nos 12 meses anteriores à data da pesquisa. Só 6% dos moradores do interior respondem o mesmo. **TK**

Segurança e hábitos com o celular no Brasil

Respostas afirmativas
Em %



Perfil de quem deixa o celular em casa ou em outro lugar seguro
Por idade, em %

16 a 24 anos	30
25 a 34 anos	35
35 a 44 anos	31
45 a 59 anos	37
60 anos ou mais	43

Fonte: Pesquisa Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública com 1.781 entrevistados de 16 anos ou mais, realizada de 11 a 17 de junho, com margem de erro de 2 p.p. para o total da amostra

Criadores que divulgavam conteúdo adulto na rede X lamentam bloqueio

Veto a nudez em outras plataformas gera incerteza a quem dependia do antigo Twitter

Pedro Affonso

SÃO PAULO "Meus conteúdos que viralizam e têm um maior alcance eram no Twitter. Quando eu fiquei sabendo do bloqueio eu não acreditei", diz a criadora de conteúdo adulto Martina Oliveira, 22, após o bloqueio do X no Brasil.

A plataforma, que permite formalmente a pornografia desde junho, era o principal meio de divulgação para criadores de OnlyFans e Privacy, sites de venda de conteúdo adulto.

Com formatos parecidos, BlueSky e Threads não são alternativas para os criadores. Ferramenta do conglomerado Meta, o Threads não permite nudez. Martina diz ter entrado no BlueSky, mas não vê a plataforma como substituta para o X.

"Não dá para publicar vídeo, as funções não são as mesmas, é bem lento e o público ainda não está na rede", lamenta.

Em seu perfil oficial na própria rede, a BlueSky afirma que 2,6 milhões de usuários se registraram na plataforma na última semana, sendo 85% deles brasileiros.

Atualmente, a criação de conteúdo adulto é a única fonte de renda de Martina, realidade compartilhada com Olímpio Segalla, 22, que através do OnlyFans afirma sustentar sua família. "Passamos por vários períodos de insegurança alimentar e pobreza", conta. Em 2022, ao perceber que iria passar por mais um momento de instabilidade financeira em 2022, o criador começou a publicar vídeos no OnlyFans.

"Eu não estava disposto a passar por aquilo de novo", afirma.

Residente de Porto Alegre, Olímpio relata que precisou deixar sua casa neste ano em razão das fortes chuvas no Sul. Graças ao seu trabalho obteve renda mesmo durante a tragédia.

Assim como o gaúcho, Gabriel Coimbra, 30, diz que com a venda de seus conteúdos sustenta sua mãe de 57 anos, desempregada. O criador conta que teve seu perfil suspenso por quatro meses devido uma falsa denúncia. Divulgou seu trabalho em outras plataformas, mas os ganhos foram abaixo da média —apenas o suficiente para pagar as contas, relata.



Criadora de conteúdo adulto Martina Oliveira, afetada pelo bloqueio do X no Brasil Zanone Fraissat/Folhapress

Com o bloqueio do X, Gabriel diz ser incerto se sua renda se manterá estável. A divulgação na rede social era responsável por 80% das assinaturas dos seus conteúdos. "Apesar de não serem ganhos fixos, é como se de repente cortassem 80% do seu salário", afirma o criador. Antes do bloqueio, tinha aproximadamente 1,2 milhões de seguidores no X, e no BlueSky são 27 mil.

Gabriel também afirma temer a perda de sua visibilidade internacional. "Tem muitos criadores que vêm para o Brasil para colaborar, e geralmente eles nos encontram através do X", diz.

Outra criadora que teme a perda do contato com o público de outros países é Frantiesca Nitek, 22, que já notou queda no número de assinaturas.

Apesar de atuar também como modelo, seus trabalhos são majoritariamente atrelados à pornografia. Ela afirma que, mesmo que tímida e em período inicial, há uma comunidade se formando no BlueSky. "É realmente começar do zero", diz.

ciência


A cápsula Starliner no deserto de White Sands, no Novo México, neste sábado (7) Aubrey Gemignani/Nasa via Reuters

Após missão atribulada, cápsula da Boeing volta à Terra sem astronautas

Lançada com tripulação em junho, Starliner desceu no deserto de White Sands na madrugada deste sábado (7)

Salvador Nogueira

SÃO PAULO Terminou com final (mais ou menos) feliz no começo da madrugada deste sábado (7) a primeira missão tripulada da cápsula CST-100 Starliner, que acabou tripulada apenas na ida e retornou vazia à Terra.

O pouso ocorreu conforme o previsto, à 1h01 (de Brasília), no deserto de White Sands, no Novo México, nos Estados Unidos. A cápsula desenvolvida pela Boeing é a primeira americana projetada para realizar a descida em terra firme —toda as demais, do passado e do presente, faziam amerissagens (pousos no mar).

O início do retorno foi iniciado às 17h04 de sexta (6), com a desacoplagem da Estação Espacial Internacional (ISS, na sigla em inglês). Em razão dos problemas enfrentados com os propulsores auxiliares do módulo de serviço, que levaram à decisão da Nasa de não permitir o retorno dos astronautas Barry Eugene Wilmore e Sunita Williams a bordo da nave, o protocolo de partida foi modificado e simplificado.

O afastamento da estação foi feito de forma rápida, para minimizar o impacto sobre os propulsores. Originalmente, se estivesse tripulada, a cápsula faria uma partida mais lenta, que incluiria um giro ao redor da ISS. Essa manobra, além de causar desgaste ainda maior nos propulsores, exigiria a presença da dupla a bordo para assumir controle manual caso houvesse algum imprevisto.

Após a conclusão do afastamento, a gerência da missão conduziu mais testes dos propulsores auxiliares, com disparos de apenas um décimo de segundo —coletando a maior quantidade de dados possível deles—, antes da manobra de freada para a reentrada na atmosfera.

Para sair de órbita, uma nave precisa essencialmente frear, o que faz sua curva de queda se acentuar. Com isso, sua trajetória deixa de acompanhar a circunferência da Terra e se encaminha para baixo. A freada em si no caso da Starliner foi feita com os quatro propulsores principais. A manobra foi iniciada à 0h17, levando a um pouso 43 minutos depois.

Nessa fase, os problemáticos propulsores auxiliares do módulo de serviço tiveram um papel importante a cumprir, para a orientação do veículo durante a manobra e para a separação da cápsula, que retornou sozinha à atmosfera. O módulo de serviço, também em queda, queimou na reentrada, como previsto.

O escudo térmico resistiu às altas temperaturas durante o mergulho atmosférico, após o que os paraquedas se abriram e fizeram seu serviço, viabilizando o pouso suave e controlado. Agora caberá à empresa e à agência espacial analisarem os dados de telemetria e confirmarem que tudo correu conforme o esperado.

O retorno bem-sucedido pode acabar sendo o suficiente para viabilizar a certificação da cápsula e permitir que a Boeing inicie voos tripulados regulares à ISS. Mas não sem antes modificações que garantam que problemas não vão voltar a aparecer.

O calvário da Starliner

6 de maio Data inicial prevista para o lançamento da cápsula, mas a partida acabou adiada devido a um problema no foguete Atlas 5

7 de maio Nasa anuncia que os astronautas Barry Wilmore e Sunita Williams permaneceriam em terra ao menos até o dia 17

14 de maio Missão é adiada para o dia 21 devido a problemas com o sistema de propulsão da nave. A previsão do dia 21 também cairia depois

1º de junho Lançamento é suspenso quando faltavam menos de quatro minutos para o fim da contagem regressiva

5 de junho Starliner parte de Cabo Canaveral, na Flórida, com Wilmore e Williams, comandante e piloto da missão, respectivamente

6 de junho Cápsula acopla à Estação Espacial Internacional depois da detecção de vazamentos de hélio no sistema de propulsão

12 de junho Volta da nave é prevista para o dia 18 daquele mês, além do programado inicialmente, em razão dos problemas técnicos

24 de agosto Após remarcar o retorno da Starliner algumas vezes, a Nasa anuncia que cápsula voltará vazia à Terra e os astronautas, em 2025 numa cápsula da SpaceX

7 de setembro Sem astronautas, nave pousa no Novo México (EUA)

Vence a pilantragem dos ‘influencers’

Juíza condena cientistas por criticarem post que associava diabetes a parasitas

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Aviso aos navegantes: na internet deste Brasil varonil, existe um vasto ecossistema de “influenciadores da saúde” dedicado a vender soluções estapafúrdias para doenças que deveriam ser tratadas com medicina de verdade. Para nossa sorte, também existem divulgadores científicos que costumam desmontar esses absurdos com precisão e bom humor.

Que bom, né? Mas o Judiciário do estado de São Paulo resolveu multar uma dupla dessas divulgadoras pela ousadia de criticar abertamente um sujeito que afirmou que diabetes é causado por... parasitas. E que recomendava um suposto “protocolo de desparasitação” como forma de resolver o problema.

Em tempo: na imensa maioria dos casos, tendências genéticas e/ou má alimentação –em especial, é claro, o excesso de açúcar– são as responsáveis pelo aparecimento do diabetes. Dieta e, em certos casos, medicamentos ou o uso da insulina são as únicas abordagens recomendadas para tratá-la. Atribuir a doença a parasitas é delírio puro e simples.

Foi por dizer o óbvio acima que o duo NuncaVi1Cientista, formado pela bióloga Ana Bonassa (especialista no metabolismo do diabetes, inclusive) e pela farmacêutica Laura Marise, ambas com doutorado em suas respectivas áreas, está sendo penalizado. Elas terão de pagar R$ 1.000 em danos morais ao responsável pelas postagens descabidas. Como temos visto por aí (olá, Pablo Marsauron!), a pilantragem compensa.

O valor pode até ser modesto, mas o precedente aberto pela decisão da juíza Larissa Boni Valieris, da 1ª Vara do Juizado Especial Cível, parece-me absolutamente assustador.

O valor pode até ser modesto, mas o precedente aberto pela decisão da juíza Larissa Boni Valieris, da 1ª Vara do Juizado Especial Cível, parece-me absolutamente assustador

E reparem que o vídeo original publicado pelas divulgadoras (agora apagado por ordem judicial) não continha uma única acusação de delito. Limitava-se a reproduzir a página de uma rede social do nutricionista que replicou os disparates, informava que ele tinha bloqueado o pessoal do NuncaVi1Cientista quando avisaram-no de que ele estava espalhando bobagem e explicava como o diabetes realmente funciona.

A juíza Valieris, entretanto, apegou-se à interpretação de que reproduzir a rede social de uma pessoa sem autorização em outro perfil era injustificável. Não importa que o perfil com ideias perigosas para a saúde pública fosse aberto para quem quisesse ver. Segundo ela, deve ser observada “a inviolabilidade à intimidade, à vida privada, à honra e à imagem das pessoas”. “Verifica-se, pois, a ocorrência do dano moral, haja vista a situação de vergonha e tristeza a que fora submetido o autor [do processo], em razão da conduta do réu em publicar, sem autorização, seus dados em vídeo junto a rede social de amplo alcance”, escreve ela na sentença.

Do meu ponto de vista, seria interessante que o Judiciário brasileiro começasse a levar em conta a vergonha e a tristeza de familiares que vêm seus entes queridos deixando de lado tratamentos eficazes para se entupirem de “água alcalina” ou chazinhos duvidosos, colocando sua vida em risco porque acreditaram num rostinho carismático da internet.

Seria ainda mais interessante que o Judiciário aprendesse que muito ajuda quem não atrapalha, ao menos permitindo que pessoas que realmente entendem do que estão falando possam desmontar os argumentos dos picaretas sem temer assédio jurídico.

Sonhar não custa nada.

DOM. Reinaldo José Lopes **SEG.** Salvador Nogueira
QUA. Marcelo Viana **SEX.** Suzana Herculano-Houzel
SÁB. Marcia Castro, Marcelo Leite

ambiente

Incêndios se espalharam por 13 semanas e chegaram a todas as regiões do Brasil

Dados de satélite apontam a evolução semanal das queimadas, com ápice em agosto

Lucas Lacerda

SÃO PAULO Em meio à seca recorde e a suspeitas de ações criminosas, os incêndios florestais no Brasil cresceram nas últimas semanas, chegando a um acumulado de 152.383 focos, número que é 103% maior que o do mesmo período em 2023. Uma soma tão alta não era registrada desde 2010 no país, quando houve 158.256 focos de 1º de janeiro a 6 de setembro.

Apenas nesta sexta-feira (6), 4.396 pontos do Brasil tiveram focos de calor, segundo o programa BDQueimadas, do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

Para relembrar a dinâmica do fogo no país neste ano, a **Folha** analisou os registros de todas as sextas-feiras das últimas 13 semanas. Eles mostram como as queimadas evoluíram nos biomas, segundo os registros de satélite.

Depois de serem maioria em maio no cerrado, os focos aumentaram rapidamente no pantanal, chegando a 387 pontos de incêndio ativos na sexta-feira 14 de junho —o ápice registrado nesse dia da semana no bioma em 2024.

No fim de junho, a ministra Marina Silva afirmou que havia investigações para apurar a causa dos incêndios, que começaram, na maioria, em propriedades privadas. O pantanal viu os registros de chamas caírem em julho e escalarem, porém, no início e no meio de agosto: foram 339 e 234 registros, respectivamente, nas sextas-feiras 2 e 16 de agosto, segundo os dados do Inpe.

Na amazônia, após cinco registros seguidos na casa de uma centena, o fogo escalou para 457 pontos ativos em 19 de julho, três vezes mais do que os 140 da sexta anterior. O patamar ficou ainda mais elevado semanas depois.

Na região da maior floresta tropical do mundo, a seca mais grave já detectada no país na série histórica atual (iniciada em 1950) tem se mostrado também em alertas de baixa no nível dos rios. Na última quarta (4), por exemplo, o rio Negro, em Manaus, desceu 25 cm em apenas 24 horas.

Os focos na amazônia cresceram a partir de 23 de agosto, data de ápice no cerrado, com 2.115 focos, e na mata atlântica, com 1.056. Em todo o país, foram 4.928 pontos de fogo ativo naquele dia.

152.383
é o número de focos de calor que o Brasil já teve neste ano, até 6 de setembro, segundo dados do Inpe

4.396
eram os pontos de incêndio florestal ativos no país apenas na sexta-feira (6)

Os registros na amazônia chegaram a 3.224 em 30 de agosto e, nesta sexta, recuaram para 2.347.

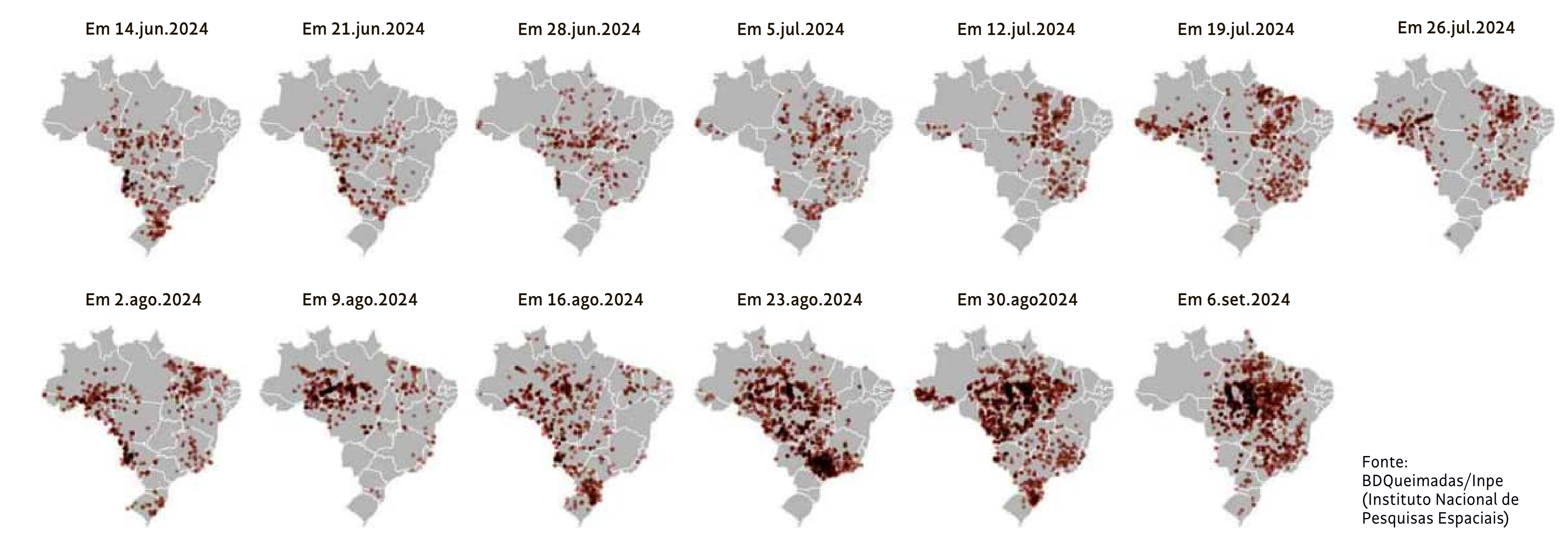
Foi também no final de agosto que diversas cidades no interior de São Paulo, especialmente na região de Ribeirão Preto, no norte do estado, ficaram sob a fumaça combinada dos incêndios na amazônia e na região.

Desde o episódio, a quantidade e a intensidade dos focos cresceu no Sudeste. O Brasil apresenta nas semanas recentes um quadro de fogo espalhado por diversas partes do território.

O país enfrenta uma combinação de fatores que favorecem a propagação de incêndios, segundo nota técnica do Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais) publicada na quinta-feira (5), como a baixa quantidade de chuva da estação passada no Centro-Oeste e no Norte, a atuação do El Niño e a antecipação do período seco deste ano.

O documento cita ainda as mudanças climáticas e a substituição de floresta por áreas de agricultura e pastagem.

Evolução semanal de focos de incêndio no Brasil
Registros de satélite em cada data



Fonte: BDQueimadas/Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais)

Árvores da floresta amazônica sofrem estresse hídrico na estação seca mesmo sem perder as folhas

Ana Bottallo

SÃO PAULO Mesmo com o crescimento das folhas na estação, a floresta amazônica, a maior floresta tropical do mundo, sofre com estresse hídrico no período seco devido ao aumento da atividade fotossintética.

À medida que se aproxima a estação seca na amazônia (que vai de maio a setembro), o dossel (nome dado ao conjunto de copas das árvores) cresce. Esse fenômeno de aumento das folhas, conhecido como "greening", leva a uma maior perda de água devido à atividade de fotossíntese.

Contrariamente ao que apontavam estudos passados, em vez de economizar na água para a estiagem, as plantas da floresta tropical vivem em um momento de estresse hídrico, mesmo com as folhas perenes (isto é, que não caem na troca de estação).

Como resultado, o prolongamento das secas na amazônia e também a ocorrência de estiagens mais intensas podem levar a um desbalanço hídrico severo na maior floresta tropical do planeta. Os achados foram apresentados em um artigo científico publicado nesta sexta (6) na revista especializada Science Advances.

Segundo Xu Lian, autor principal do estudo e pesquisador do departamento de Engenharia Ambiental e da Terra da Universidade Columbia, em Nova York, a descoberta de que há estresse hídrico nas plantas amazônicas mesmo com o aumento da vegetação é contra intuitivo.

"Condições estressantes vão limitar o acesso das plantas aos recursos hídricos, de modo que elas utilizam a água para as atividades mais importantes. O crescimento de novas folhas é a primeira prioridade neste período, pois elas podem aproveitar a luz abundante", disse Lian à **Folha**.

"Embora florestas tropicais experimentem estresse hídrico durante a estação seca, isso ainda está dentro da faixa à qual elas podem se adaptar por meio de sua resiliência e resistência inerentes. Além disso, à medida que a eficiência de captação de carbono aumenta, ela se prepara para a próxima estação chuvosa, quando as folhas podem fixar carbono de forma mais eficaz. É uma estratégia inteligente na minha perspectiva", afirma.

O estudo utilizou uma metodologia inovadora. A partir de dados de satélite, Lian e colegas calcularam uma taxa chamada de VOD (profundidade óptica vegetativa, na sigla em inglês), que consiste em calcular duas medidas (eixo L e X, grosso modo, a profundidade e a largura do dossel florestal) para saber a quantidade de uso de água em cada parte da planta. O X seria a largura das plantas e o L o tronco das mesmas.



Para mitigar o impacto de secas mais frequentes e severas na floresta amazônica são necessárias intervenções políticas e engajamento comunitário

Xu Lian
autor do estudo, pesquisador da Universidade Columbia

A diferença do VOD noturno (quando não existe luz solar e as plantas não fazem fotossíntese e, portanto, há economia de água) para o diurno (quando a atividade é intensificada) pode ajudar a inferir o estresse hídrico.

Outra medida utilizada pelos pesquisadores foi a emissão de isopreno, composto volátil que é subproduto da fotossíntese. Sob estresse hídrico, as plantas fecham parcialmente seus estômatos (células associadas à fotossíntese) para evitar a perda excessiva de água, mas isso resulta em uma menor quantidade de CO_2 (gás carbônico) entrando nas células. Como resultado, há um excesso de energia que é liberado na forma de isopreno, explica.

Compreender esses mecanismos é fundamental para a criação de políticas públicas, diz o cientista. "Para mitigar o impacto de secas mais frequentes e severas na floresta amazônica são necessárias intervenções políticas e engajamento comunitário."



Turista usa um ventilador portátil durante visita ao Coliseu, em Roma; aparelho virou arma contra o calor recorde que atingiu a Europa Guglielmo Mangiapane - 20.jul.24/Reuters

Europeus adotam ventilador portátil como item de 'sobrevivência' no verão

Modelos de mão e em torno do pescoço, semelhantes a fones de ouvido, ganharam popularidade nos últimos meses como ajuda para enfrentar temperaturas recorde

Giuliana Miranda

MADRI Em tempos de recordes de temperaturas, a tendência deste verão europeu são os ventiladores portáteis. Em versões discretas para colocar em torno do pescoço ou em cores chamativas nos modelos de mão, os aparelhinhos se tornaram onipresentes em várias cidades. Durante as Olimpíadas de Paris, em julho, eles foram a escolha de vários torcedores para ajudar a suportar as altas temperaturas durante as competições, muitas vezes em áreas sem cobertura e sob o sol escaldante.

Na Itália, os ventiladores se tornaram queridinhos dos turistas e já são vendidos em frente às principais atrações, como o Coliseu, conquistando espaço entre ímãs, miniaturas e outros souvenires.

Nas principais lojas de variedades na Europa, há unidades com armários inteiros dedicados aos diferentes modelos de ventiladores portáteis, cujos preços costumam variar de 13 euros (R$ 79) a 30 euros (R$ 182). Em vendedores ambulantes e nas supervarejistas chinesas, contudo, é possível encontrar os dispositivos por menos de 10 euros (R$ 60).

A popularização dos aparelhos, que explodiu de vez neste verão, acompanha o aumento das temperaturas na Europa, continente que tem o ritmo de aquecimento mais alto, segundo a OMM (Organização Meteorológica Mundial).

Dados do observatório Copernicus, da Agência Espacial Europeia, indicam que 2024 está se encaminhando para superar 2023 como o ano mais quente de que se tem registro.

E o verão tem sido particularmente tórrido. A estação no hemisfério norte neste ano é a mais quente já registrada na história, segundo o observatório climático Copernicus, da União Europeia. A temperatura média global de junho a agosto ficou 0,69°C acima daquela registrada para o mesmo período de 1991 a 2020. O resultado superou o recorde anterior de 2023, que era 0,66°C superior.

Vivendo em Madri há cerca de três meses, o gaúcho Lucas Vitorino, 31, acabou se rendendo ao aparelho pouco depois de conhecer as temperaturas na capital espanhola, que frequentemente ultrapassam a barreira dos 35°C nesta época do ano.

"Aqui faz um calor insuportável em alguns dias. A ideia veio quando vi um grupo de orientais fazendo passeio com guia turístico e vários deles usavam", relata.

Depois de pesquisar na internet, ele encontrou diversos modelos. "Vi um que tinha o design mais bonito e parecia ser mais forte e acabei escolhendo esse. Acho que paguei uns 16 euros [R$ 97]."

A versão escolhida foi a mais discreta: ela circunda o pescoço e se assemelha bastante aos modelos de fone de ouvido sem fio. "Ele é bem silencioso, as pessoas à volta praticamente não escutam quando ele está ligado. Muitas vezes passa até despercebido, pois ele parece mais um headphone solto no pescoço."

Na avaliação do gaúcho, que usa o dispositivo quando está se deslocando na rua e sob o sol, o aparelho trouxe maior conforto térmico para sua vida.

"Como aqui é muito seco e não tem nada de vento na rua, ele acaba fazendo bastante diferença. Acho que, por resfriar a cabeça, acaba dando uma sensação mais fresca pro corpo todo."

Um dos inconvenientes, diz ele, é a dificuldade para conversar enquanto se usa o ventiladorzinho. "Se tiver alguém comigo, a corrente de ar faz com que dê uma bloqueada no som ao redor. Então, quando minha esposa está junto, acabo usando em uma potência menor para conversarmos."

Adepta do ventilador há uma semana, a auxiliar de serviços gerais espanhola Vanessa Yuncal diz estar muito satisfeita. No prédio de escritórios em que ela trabalha, em Madri, várias funcionárias da limpeza podem ser vistas também com seus aparelhinhos.

"Dentro das salas temos ar-condicionado, mas, quando estamos no pátio e em outras áreas, está fazendo muito calor", explica.



Como aqui é muito seco e não tem nada de vento na rua, ele acaba fazendo bastante diferença. Acho que, por resfriar a cabeça, acaba dando uma sensação mais fresca pro corpo todo

Lucas Vitorino
gaúcho que vive em Madri

A professora Victoria Rodriguez, 38, decidiu acoplar um ventilador portátil no carrinho de bebê da filha, que acaba de completar quatro meses. "Um dia, na pracinha, vi que outras mães estavam usando e decidi experimentar também", detalha.

Ainda que os ventiladores ajudem moradores e viajantes a suportarem melhor o calor, especialistas dizem que é preciso estar atento à procedência e também aos resíduos gerados pela invasão desses pequenos dispositivos.

Na avaliação de Michel Santos, gerente políticas públicas da ONG WWF Brasil, esses instrumentos são uma "falsa solução de adaptação" ao aquecimento global, uma vez que acabam agravando outra crise, a do aumento da poluição por plásticos.

"O que precisamos é de medidas concretas e de larga escala de mitigação e adaptação às mudanças climáticas, não de soluções de momento", afirma.

O especialista em políticas públicas defende ainda a concretização de um tratado internacional para o uso de plásticos. Atualmente a ONU (Organização das Nações Unidas) está trabalhando para chegar a um consenso nesse sentido até novembro.

"É também essencial estabelecer regulações globais e legalmente vinculantes para reduzir a produção de plásticos, especialmente os de uso único e os de difícil reciclagem como são esses ventiladores portáteis, e para incentivar o desenvolvimento de alternativas melhores em termos de composição, mais duráveis e mais seguros para pessoas e o meio ambiente", completa.

saúde

Equipe médica durante cirurgia de captação de órgãos para doação no Hospital Adão Pereira Nunes, em Duque de Caxias (RJ) Fotos Eduardo Anizelli - 10.dez.2023/Folhapress

Em média, 3.000 pessoas morrem por ano na fila à espera de transplante de órgãos no país

Só no primeiro semestre, foram 1.793 mortes, sendo 46 delas de crianças; recusa familiar é a principal razão para a não doação, mas falta de preparo da equipe médica responsável pela abordagem também influencia

★★★ **SÉRIES FOLHA**
DOE ÓRGÃOS

Cláudia Collucci

SÃO PAULO Um dos líderes mundiais em número de transplantes de órgãos, o Brasil enfrenta altas taxas de recusa na doação e outros entraves que fazem com que, em média, cerca de 3.000 pessoas morram por ano enquanto aguardam a cirurgia. Só no primeiro semestre deste ano, foram 1.793 mortes, sendo 46 crianças.

De janeiro a junho, foram feitos 4.579 transplantes de órgãos, 8.260 de córnea e 1.613 de medula óssea. Até junho, 64.265 adultos e 1.284 crianças estavam na lista de espera do Sistema Nacional de Transplantes, segundo dados da ABTO (Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos).

Entre os adultos, a maior fila de espera é por rim (35.695), seguido de córnea (26.409) e fígado (1.412). Entre as crianças, lideram córnea (749), rim (396) e fígado (75).

A taxa média de espera por um órgão é de 18 meses, mas o tempo varia bastante de acordo com o tipo de transplante, as condições clínicas do paciente e o volume de doadores.

A espera do paranaense Maycon de Almeida Moreno, 35, por um coração terminou em maio deste ano. Ele aguardava havia um ano e meio por um doador compatível. "A doação de órgãos mudou a minha vida. Temos que quebrar esse preconceito da doação de órgãos e doar porque a doação salva vidas."

O Paraná é o estado com maior número de doações por milhão de população (pmp) no país, de acordo com a ABTO. De janeiro a junho, registrou 42,3 doações pmp, seguido por Rondônia (40,5 pmp), Santa Catarina (40,7 pmp) e Rio de Janeiro (27,0 pmp). A média nacional é de 19,5 pmp.

A recusa familiar continua sendo a principal causa da não doação de órgãos, segundo dados da ABTO. No país como um todo, a média atual é de 45% de recusas, mas há grande variação regional. Por exemplo, no Paraná é de 25%, e no Acre, de 77%.

Essas negativas têm grande impacto no número de transplantes. Em 2023, o Brasil realizou apenas um quarto dos transplantes cardíacos necessários, por exemplo. Isso significa que 138 pacientes morreram enquanto esperavam por um coração novo.

Segundo o médico Valter Garcia, responsável pela Unidade de Transplante de Rim e Pâncreas da Santa Casa de Porto Alegre (RS) e um dos fundadores da ABTO, são vários os fatores que determinam a recusa ou aceitação da doação de órgão no momento em que a morte encefálica é declarada.

"É sempre um processo inesperado e muito dramático para as famílias. Não estamos falando da nossa avó de 90 anos que descansou. É o filho que teve um acidente, é o irmão que teve um derrame cerebral."

Um dos fatores determinantes, diz ele, é a percepção prévia sobre o ato da doação. "Se eu sou contra, se acho que tem comércio e que só rico recebe, não é na hora da morte de um filho que você vai me provar o contrário."

Um outro fator é o atendimento no hospital. "Se você vai lá visitar o seu familiar que teve um acidente e está na UTI [Unidade de Terapia Intensiva], e o porteiro não te deixa entrar porque a visita é só às 20h, e você não consegue falar com médico, quem fala com você é só a auxiliar de enfermagem, isso não é bom."



É sempre um processo inesperado e muito dramático para as famílias. Não estamos falando da nossa avó de 90 anos que descansou. É o filho que teve um acidente, é o irmão que teve um derrame cerebral

Valter Garcia
médico responsável pela Unidade de Transplante de Rim e Pâncreas da Santa Casa de Porto Alegre e um dos fundadores da ABTO

O treinamento do entrevistador na hora de informar a família sobre a morte também tem impacto na decisão. "As pessoas precisam estar preparadas para dar um bom acolhimento, mostrar que não existe comércio, que todos são beneficiados. Você não pode entrevistar os familiares rindo, atendendo o celular ou com pressa", diz Garcia.

Para Michele Canato Costa, filha de um doador do Paraná, a forma como a equipe médica abordou a família fez toda a diferença na doação dos órgãos do pai, que morreu aos 65 anos, em junho deste ano. Foram doados rins, córnea e pele.

"Naquele momento [da abordagem], nós sentimos um conforto muito grande em saber que poderíamos proporcionar ao nosso pai um último ato de caridade, de generosidade e de amor. Com certeza, nós sabemos que o coração dele foi em paz e foi feliz. O momento da doação de

Continua na pág. A53





Profissional do Hospital Adão Pereira Nunes leva o órgão para o helicóptero que vai transportá-lo para Itaperuna, também no RJ

Continuação da pág. A52
órgãos transformou o nosso luto em amor, em carinho, em solidariedade", afirma.

Rafael Paim, presidente da Adote (Aliança Brasileira pela Doação de Órgãos e Tecidos), cita ainda outros fatores envolvidos na recusa familiar que poderiam ser evitados com políticas públicas, entre eles a demora na liberação do corpo. "A família já está passando por uma dor imensa e ainda vai ter que lidar com o atraso do funeral. A sensação é de prolongamento do sofrimento."

Alguns centros de transplante fazem acordos com os familiares dando garantias de que o corpo será liberado em até 24 horas. Caso contrário, eles podem recuar no processo de doação.

O medo de que o corpo do parente seja mutilado para a retirada dos órgãos também é outro motivo de recusa. "Em geral, quando isso acontece, é porque a equipe de doação e transplante não foi treinada para explicar o processo à família. O corpo é devolvido com toda a dignidade."

Santa Catarina, por exemplo, é considerado um dos estados modelos no treinamento das equipes de transplantes. Neste ano, foi criado um orçamento fixo que prevê, entre outras coisas, cursos periódicos sobre a detecção da morte encefálica, sensibilização dos familiares para autorização da doação, entre outros.

Na legislação atual, em casos de morte encefálica, somente a família do paciente pode atestar a vontade da pessoa em doar os órgãos. Uma das iniciativas para tentar agilizar as doações é a Aedo (Autorização Eletrônica de Doação de Órgãos), lançada em abril.

Em três meses de funcionamento, mais de 7.000 pessoas se inscreveram como doadoras. Porém, 55% delas não havia concluído o registro até julho.

Segundo Liz Rezende, juíza auxiliar da CNJ (Conselho Nacional de Justiça), um dos parceiros da iniciativa, está sendo apurado se a falta de conclusão é de responsabilidade da pessoa ou de algum problema do cartório.

Para a juíza, mesmo com esse contratempo, a iniciativa já mostra que as pessoas têm interesse na doação. "O número de pessoas querendo doar já é o triplo de doações que efetivamente foram feitas no primeiro trimestre", diz.

Além da recusa familiar, há outros fatores que atravancam os transplantes, como a detecção da morte encefálica. A taxa no Brasil está entre 100 e 110 mortes encefálicas por milhão de população. A meta é que, em seis anos, o país atinja 77 mortes por milhão.

Segundo Valter Garcia, da ABTO, a falta de estrutura dos hospitais para atender às regras do CFM (Conselho Federal de Medicina) para a determinação de morte encefálica é um dos entraves que levam à subnotificação da morte encefálica.

Por exemplo, é preciso ter dois especialistas, com experiência e capacitação específica, e acesso a exames de imagens, como o doppler, e profissionais treinados para interpretá-los. "Em alguns lugares não há toda essa estrutura, mas estamos melhorando."

64.265

adultos estavam, até junho deste ano, na lista de espera do Sistema Nacional de Transplantes, segundo dados da ABTO

1.284

crianças também aguardavam por um transplante no Brasil, no mesmo período

Folha lança série sobre os desafios e a importância da doação de órgãos

SÃO PAULO A **Folha** lança neste sábado (7) a série Doe Órgãos, que irá abordar os desafios e a importância da prática.

O lançamento ocorre em referência ao Setembro Verde, mês de conscientização e incentivo à doação de órgãos. Em média, 3.000 brasileiros morrem por ano à espera de transplante de órgãos, como mostra reportagem de estreia.

O tema teve destaque no último ano após o apresentador Fausto Silva, 74, realizar um transplante de coração, em agosto de 2023, e de rins, em fevereiro deste ano.

Segundo relatório do 1º semestre de 2024 da ABTO (Associação Brasileira de Transplante de Órgãos), em junho, a lista de espera chegava a 64.265 pacientes ativos. Desses, 35.695 esperavam por um rim.

A taxa de efetivação de doações no primeiro semestre (27%) foi 4,6% menor em relação a do ano anterior e em 10% à taxa projetada para este ano (30%). A menor efetivação aconteceu devido a uma maior taxa de não autorização de familiares e, também, de contraindicação médica, em relação à taxa prevista.

Os estados do Paraná, Santa Catarina e Rondônia tiveram as maiores taxas de doadores.

A ABTO afirmou que tem um semestre árduo pela frente e que, "para obter a meta prevista para o ano, temos que trabalhar nas três frentes: aumentar a doação, melhorar o aproveitamento dos órgãos e colocar em lista de espera todos os pacientes com indicação de transplante".

A série Doe Órgãos é exclusiva para assinantes e faz parte do projeto Séries **Folha**, que já abordou assuntos como saúde mental, direitos reprodutivos e mostrou lugares incríveis para visitar no Brasil.

Na semana de lançamento do especial online, a **Folha** tem uma oferta para que os leitores tenham acesso a todo o conteúdo do jornal com pagamento de R$ 9,90 por mês para a assinatura premium.

Além de reportagens, colunas, blogs e newsletters, a assinatura dá acesso ao Clube **Folha** Gourmet, que traz descontos exclusivos em bares, restaurantes, teatros e cinema.

SAÚDE PÚBLICA

Fila para transplantes de córnea quase triplica

SÃO PAULO O número de pacientes na fila de espera por um transplante de córnea no Brasil quase triplicou nos últimos dez anos, passando de 10.734 em 2014 para 28.937 em junho de 2024. Os dados foram divulgados pelo CBO (Conselho Brasileiro de Oftalmologia).

esporte

ESPORTE AO VIVO Nations League
15h45 Suíça x Espanha | **15h45** Portugal x Escócia | **15h45** Croácia x Polônia

Nada se cria, tudo se repete

Brasil e Equador fizeram partida decepcionante pelas Eliminatórias

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Brasil e Equador fizeram uma partida decepcionante, sem intensidade, sem emoção, burocrática. Ninguém saia de suas posições. Tudo se repetia e nada se criava. Os torcedores compraram ingressos caríssimos, estavam no início eufóricos e aos poucos, progressivamente, não aguentaram e vaiaram no final da partida.

Fora o gol, após a bola desviar no zagueiro em uma finalização de Rodrygo fora da área, cada seleção criou apenas uma chance clara de gol. Com exceção dos defensores das duas equipes, que cumpriram bem a suas funções, não houve destaques. Se o jogo tivesse sido no Equador, provavelmente o Brasil perderia. Se a seleção jogar assim contra a Argentina, Uruguai e Colômbia terá grande chance de perder, mesmo em casa.

Em outro jogo pelas eliminatórias da Copa do Mundo, a Argentina, sem Messi contundido e sem Di María, que encerrou a carreira na seleção, ganhou do Chile por 3 x 0.

A seleção dirigida pelo técnico Scaloni, campeã do mundo de 2022, adotou variações táticas em quase todos os jogos da Copa e nos amistosos, mas manteve sempre a formação com um trio no meio campo, além de Messi. O técnico não criou o trio para beneficiar Messi, como falam. Ele fez isso por convicção, por acreditar que o setor é o corpo, a alma e a mente de uma equipe.

Os três meio-campistas se movimentam bastante, de uma área a outra. Marcam, criam, avançam e fazem gols. No primeiro, contra o Chile, De Paul fez a jogada pela direita e Mac Allister finalizou dentro da área. Os dois e mais Enzo Fernández formam o trio.

Se o jogo tivesse sido no Equador, provavelmente o Brasil perderia. Se a seleção jogar assim contra a Argentina, Uruguai e Colômbia terá grande chance de perder, mesmo em casa.

A Argentina abre mão de um ponta driblador e veloz para priorizar, aglomerar jogadores no meio campo e valorizar a troca de passes e o domínio da bola e do jogo. Às vezes são quatro no meio com a entrada de Lo Celso no lugar do ponta González. É uma visão bem diferente da do Brasil, que utiliza mais as estocadas individuais, os dribles e a velocidade pelas pontas. O ideal é unir as duas características.

Será que Messi estará em forma e presente na Copa de 2026? Nem ele sabe. Messi segue a filosofia da belíssima música brasileira: "Deixa a vida me levar", feita por Zeca Pagodinho.

Vale a pena?

Os altos investimentos nas contratações de jogadores por clubes brasileiros contribuem para melhorar a qualidade das equipes, desde que o dinheiro seja limpo e que os clubes tenham condições de pagar os compromissos.

As apostas esportivas, presentes em todo o mundo, invadiram o Brasil. Dominam as propagandas nos clubes, nas camisas dos jogadores e nos programas esportivos. Querem até mudar o nome do Brasileirão. Celebridades, atletas e ex-atletas se tornaram garotos-propaganda das empresas de apostas.

Os riscos são grandes, como o de aumentar o número de viciados, compulsivos e em consequência, os problemas mentais. É muito fácil apostar, basta um clique. Pior, apostadores transferem o dinheiro de pagamentos pessoais para o jogo de apostas. Cresce o endividamento. Mais grave ainda é a suspeita de lavagem de dinheiro pelo crime organizado.

O governo quer legalizar as apostas para arrecadar milionárias quantias de impostos. Vale a pena?

DOM. Tostão e Juca Kfouri SEG. Juca Kfouri TER. Sandro Macedo QUA. Tostão QUI. Juca Kfouri SÁB. Marina Izidro



Após conquistar três ouros em Paris, Gabrielzinho aproveita para conhecer a cidade Andre Fontenelle/Folhapress

Brasil supera Tóquio e faz em Paris a sua melhor campanha na história das Paralimpíadas

Em Paris, delegação brasileira bate recorde de ouros, 23, e do total de medalhas, 86 no penúltimo dia de competições na capital francesa

PARIS 2024

Josué Seixas

MACEIÓ Com as conquistas deste sábado (7), o Brasil garantiu seu melhor resultado em Jogos Paralímpicos na história. São 86 pódios, superando a marca de Tóquio-2020, que até então era o melhor resultado do país: 72.

O recorde de medalhas de ouro também foi batido com Jerusa Geber, 42, que venceu os 200 m da classe T11 e garantiu a 23ª medalha para o país, superando as 22 de Tóquio. A atleta ainda igualou o recorde paralímpico (24s51), da britânica Libby Clegg.

Apenas neste dia, o penúltimo dos Jogos, foram seis ouros, três pratas e sete bronzes brasileiros.

A primeira a competir foi Rayane, 27, que conquistou o ouro nos 400 m T13 (deficiência visual). Ela fechou a prova em 53s55, melhor marca do planeta, seguida por Lamiya Valiyeva (55s09), do Azerbaijão, e pela portuguesa Carolina Duarte (55s52).

O recorde pertencia à estadunidense Marla Runyan, que durava desde 1995. Ela havia concluído a prova em 54s46.

Na prova dos 200 m T37 (paralisados cerebrais), Ricardo Mendonça, 34, ficou com a prata e Christian Gabriel, 22, com o bronze. No salto em distância T13 (deficiência visual), Paulo Henrique Andrade dos Reis, 26, conquistou o bronze.

Thomaz de Moraes, 23, também levou o bronze nos 400 m T47 (deficiência nos braços) com 47s97, seu melhor tempo na temporada.

Mais medalhas vieram na canoagem: Luís Carlos Cardoso, 39, foi medalha de prata no K1 200 m, na categoria KL1, enquanto Miquéias Rodrigues, 34, conquistou o bronze nos 200 m - KL3.

A halterofilista Mariana D'Andrea, 26, confirmou as projeções e conquistou o ouro na categoria até 73 kg. A paratleta levantou 148 kg para conquistar a medalha e estabelecer o novo recorde paralímpico. Com o título, a paulista de Itu chega ao bicampeonato, igualando o feito de Tóquio-2020.

No judô, Arthur Silva, 32, venceu o britânico Daniel Powell no peso até 90 kg, categoria J1. Wilians Araújo, no peso acima de 90 kg, categoria J1, também conquistou ouro ao vencer Ion Basoc, da Moldávia.

Rebeca Silva, 23, derrotou a atleta do Arzerbaijão Dursadaf Karimova no peso acima de de 70 kg, categoria J2, ficando com o ouro. Já Erika Zoaga disputou a final do judô acima de 70 kg, J1, mas foi derrotada e ficou com a de prata. Marcelo Casanova, 21, levou o bronze ao vencer a luta no peso até 90 kg, categoria J2, contra o italiano Simone Cannizzaro.

Na natação, Lidia Cruz conquistou o bronze nos 50 m costas S4 (deficiência no tronco, pernas ou ausência de membros).

No futebol de cegos, o Brasil não foi à final pela primeira vez, mas ficou com o bronze após vencer a Colômbia por 1 x 0.

Estou mais em casa do que eu imaginava, diz nadador Gabrielzinho, sensação entre os franceses

PARIS Gabriel Araújo, o Gabrielzinho, ganhou três medalhas de ouro na piscina da Arena La Défense nos Jogos Paralímpicos. Mas não foi só isso, conquistou também o público predominantemente francês do evento, que aplaudia intensamente o brasileiro a cada vez que seu nome era anunciado nas provas.

"Estou mais em casa do que eu imaginava."

Tanto foi o apoio que logo o brasileiro começou a repetir a cada entrevista na zona mista o quanto estava "se sentindo em casa".

"Nem nos meus maiores sonhos eu imaginaria [ficar tão popular em Paris]", disse nesta sexta (6), na Casa Brasil.

Depois de sua "missão cumprida", com os três títulos, o mineiro de 22 anos começaria já neste sábado (7) a colocar em ação seu novo check list. "Quero conhecer a torre [Eiffel], o Museu do Louvre e o estádio do PSG."

As três medalhas de Gabrielzinho (nos 50 m costas, 100 m costas e 200 m livre) foram conquistadas na categoria S2, destinada a atletas com deficiências físicas severas.

Itaquera vive noite de futebol americano com 'Timão eô', helicópteros, cerveja e verde

NFL estreia no Brasil com liberação de bebidas alcoólicas, repaginação do estádio do Corinthians e camisas oficias por R$ 1.199

Luciano Trindade

SÃO PAULO Com cerveja liberada, trens e metrô 24h à disposição, além da presença massiva da cor verde em todos os seus setores, a Neo Química Arena, em Itaquera, viveu uma noite exótica nesta sexta-feira (6), ao receber o primeiro jogo da NFL realizado no Brasil.

O contraste era evidente: o tradicional reduto corintiano, acostumado ao preto e branco, se viu envolvido por um cenário moldado pela principal cor de Philadelphia Eagles e Green Bay Packers, os escolhidos pela liga para ajudar na popularização do futebol americano por aqui.

Mandante, o Eagles tentou "esquecer" o tradicional verde de seu uniforme principal, optando por branco e preto, mas seus torcedores, assim como o rival ignoraram qualquer cortesia. Pelo menos o alvinegro da noite venceu, 34 a 29.

Antes da bola oval voar, um grupo de torcedores chegou a puxar um grito de "Timão, eô", mas o coro foi abafado por vaias, algo inimaginável em Itaquera, onde pela primeira vez em um evento esportivo não se viu a camisa de nenhum clube brasileiro nas arquibancadas —o item fez parte de uma série de proibições por razões de segurança.

Pela empolgação dos torcedores, isso não mudou o caráter festivo que os organizadores tentaram imprimir, e endossado pelo governo do estado de São Paulo, que liberou a venda de bebidas alcoólicas no estádio, a despeito de um lei que proíbe isso, sob a justificativa de a partida ter "características culturais e de entretenimento".

Quem quis ver o jogo de perto —o público total foi de 47.236 pessoas— pagou caro. Os ingressos custaram de R$ 285 a R$ 2.520. Já uma camisa oficial de qualquer um dos clubes da NFL custava R$ 1.199,90 nas duas lojas oficias montadas na arena.

"Mais caro do que na loja da Artwalk da Oscar Freire", disse o médico Roberson Guimarães, 55, que foi ao jogo junto com o filho, Henrique, 20.

O evento também atraiu pessoas com alto poder aquisitivo, como aquelas que se deslocam a Itaquera de helicóptero. Cerca de duas horas antes do jogo, formou-se um "trânsito" de aeronaves, esperando por autorização para pousar no heliponto do estádio. Ao todo, foram 48 pousos.

Quem optou por transporte público contou com as linhas da CPTM e do Metrô durante toda a madrugada. As estações Itaquera e Artur Alvim ficaram abertas por 24h, enquanto as demais funcionaram neste período, mas apenas para desembarque, algo que não ocorre em jogos do Corinthians.



Eagles e Packers disputam a primeira partida da NFL no Brasil, na Neo Química Arena Rubens Cavallari/Folhapress

Rodrygo critica oscilação da seleção mesmo após vitória sobre o Equador, 'é um grupo novo', diz

SÃO PAULO Com um gol do atacante Rodrygo, do Real Madrid, o Brasil venceu o Equador por 1 a 0 na noite de sexta-feira (6), no Estádio Couto Pereira, em Curitiba, e, mesmo não tendo feito uma grande apresentação, em especial no segundo tempo, encerrou a incômoda sequência negativa nas Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo de 2026.

Nos últimos compromissos no fim do ano passado, ainda sob o comando de Fernando Diniz, o Brasil engatou uma série inédita de três derrotas, contra Argentina, Colômbia e Uruguai.

"Foi importante, precisávamos da vitória, era o objetivo independentemente de jogar bem ou não", disse Rodrygo. "Não tivemos muitos dias para treinar, é um grupo novo", acrescentou.

Apesar de feliz por seu gol, o atacante fez um alerta. "O Equador dominou em alguns momentos, isso não pode acontecer, ainda mais na nossa casa."

Na próxima terça-feira (10), a equipe de Dorival Júnior encara o Paraguai, às 21h30 (de Brasília), no Defensores del Chaco, em Assunção.

Que sono... e haja paciência!

Tarde da noite, a seleção é paradoxal: soporífera e irritante simultaneamente

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Como seria bom se antes de escrever pudesse ler o que escreveu o vizinho e mestre Tostão.

Mestre, vizinho, e já contei aqui, para quem fui motorista na Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, porque o canhoto não se deu bem com a mão inglesa.

Devo ter feito ele passar tantos sustos que, por vingança, três anos depois, na Copa das Confederações, em Belo Horizonte, seu lado médico impediu minha ida ao Mineirão para ver Brasil x Uruguai, pelas semifinais, só porque deixei cair a faca no jantar. Antes que a comida chegasse o doutor Eduardo Gonçalves de Andrade simplesmente me levou para o hospital. O máximo que concedeu foi a heterodoxa instalação de uma televisão na UTI do Mater Dei, de onde vi a vitória da seleção brasileira.

Pudesse lê-lo antes de escrever talvez achasse uma explicação para a modorrenta exibição do time de Dorival Júnior contra a seleção equatoriana, 1 a 0, na rara bola chutada entre as três traves, em quase 100 minutos de futebol paupérrimo pelas eliminatórias da inchada Copa de 2026.

Que porre!

Queria tanto Luiz Henrique e no intervalo já pedia Estêvão.

Esperava Vinícius Júnior desencantar e torcia para a entrada de Endrick ainda antes de terminar o primeiro tempo.

Que pena a lesão de Savinho.

Até mesmo de Raphinha senti saudades, não daquele que esteve no Qatar, mas o que anda comendo a bola no Barcelona.

O futebol do time da CBF é burocrático como o cartola que a dirige e de repente é preocupante ouvir que a esperança está na Arábia Saudita, em Neymar. Parei!

Por que eles fazem isso com a gente?

Jogam uma barbaridade em seus clubes e são um fiasco na seleção.

Só mesmo André fez com a amarelinha o que faz com a camisa tricolor do Fluminense.

Que deserto de ideias, de criatividade, coisa mais chata.

Lucas Paquetá é capaz de um, dois, três lances que dão esperança de pegar no tranco, mas não passa disso.

Daí a ausência de Pedro vira uma catástrofe, mesmo que seja apenas mais uma daquelas ilusões alimentadas pela falta de centroavante, porque não tem quem faça a bola chegar no goleador.

Tostão deve explicar tudo tim-tim por tim-tim, porque esteve lá, sabe o peso de vestir uniforme tão pesado, o que é estrear na seleção, quais são as dificuldades de jogar partidas classificatórias para Copas do Mundo.

Ouvir Dorival Júnior não afasta o sono e aumenta a irritação porque ouvi-lo lembrar que a seleção vinha de quatro jogos sem vencer, de três derrotas, que o Equador só havia perdido para a Argentina, na Argentina, e igualmente por 1 a 0, é tão previsível como o lento time que dirige, sem nem sequer a desculpa do gramado, porque o do Couto Pereira é impecável.

O futebol do time da CBF é burocrático como o cartola que a dirige e de repente é preocupante ouvir que a esperança está na Arábia Saudita, em Neymar. Parei!

O processo...

A pergunta cuja resposta vale milhões de dólares é simples: será que nunca mais veremos a seleção jogar bem?

Porque até a energia caiu na entrevista coletiva do treinador, como se também estivesse cansada, sonolenta, mais de uma hora da madrugada já do dia 7 de setembro, o da Independência do Brasil, cada vez mais distante dos tempos gloriosos de Didi, Mané Garrincha, Pelé, Zico, Sócrates, Romário, Ronaldos, Rivaldo. De Tostão.

Saudades de Gérson, o verdadeiro, de Rivellino, e dos tempos que o Paraguai era bicho certo.

Tostão sabe como era.



AM, MS e MT batem recorde de emissão de carbono por queimadas

Fogo próximo a fazenda na região da rodovia Transamazônica, em Lábrea (AM); período de seca intensa, a maior no país desde 1950, favoreceu a alta de incêndios florestais, sendo que, apenas na amazônia, foram registrados 38.266 focos de calor em agosto, segundo o Inpe Bruno Kelly - 4.set.24/Reuters

DICAS DO EDITOR

Sérgio Dávila
Diretor de Redação

Queda de ministro e Datafolha marcam semana

Nos primeiros dias em novo formato, Folha estreou novidades, entrevistou Bill Gates e publicou novas edições do Ranking de Eficiência dos Municípios e do GPS partidário



Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

2ª

17% dos brasileiros veem cracolândias no trajeto de casa, aponta Datafolha

Pesquisa Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pela **Folha** mostra a percepção de violência, crimes e segurança no país. De acordo com o levantamento, 17% dos brasileiros veem cracolândias no trajeto de casa, 1 em cada 4 conhece vítimas de violência doméstica, e 3 em cada 10 deixam em casa o celular com aplicativo de banco. Destaco também reação dos leitores à mudança de formato da versão impressa da **Folha**. Lançado neste domingo (1º), o novo modelo tem sido recebido, de modo geral, de maneira elogiosa pelos leitores, embora surjam ressalvas.

3ª

Ranking de eficiência mostra cidades que fazem mais gastando menos

Da melhor cidade ao prefeito que não atende, ferramenta da **Folha** permite consultar quais prefeituras do Brasil entregam mais serviços à população usando menos recursos financeiros. Botucatu, no interior de São Paulo, lidera o Ranking de Eficiência dos Municípios, enquanto a última colocada é a cidade de Bagre, no arquipélago do Marajó, no Pará. Destaco também o almanaque com dados das eleições à Prefeitura de São Paulo, de 1985 a 2024. O repórter Ranier Bragon e a infografista Carolina Daffara reuniram resultados, estatísticas e curiosidades das disputas na maior cidade do país.

4ª

Minha Casa, Minha Vida tem explosão de ações judiciais

O número de ações com pedidos de indenização por supostos defeitos em construções do programa Minha Casa, Minha Vida se multiplicou nos últimos anos. O tema é tratado pelo CNJ (Conselho Nacional da Justiça) e levanta suspeitas de uma "indústria das indenizações" no programa de habitação. Destaco também o GPS partidário, modelo estatístico criado pela **Folha** que posiciona os partidos em um ranking de proximidade, que reflete preferências políticas e ideológicas. O partido Novo é a legenda mais à direita no país, papel que à esquerda é ocupado pelo PSTU.

5ª

Bill Gates à Folha: Taxação de super-ricos é improvável, mas apoio

Em entrevista exclusiva à **Folha**, Bill Gates fala sobre a importância da inovação para mitigar o aquecimento global. O fundador da Microsoft defende que super-ricos paguem mais impostos, mas diz ver poucas chances de uma proposta de taxação global de bilionários se concretizar. Destaco também depoimento da ucraniana Olena Iahupova, 51, que foi capturada pelos russos, torturada e forçada a trabalhar cavando trincheiras por mais de cinco meses.

6ª

Marçal se torna mais conhecido, e rejeição é obstáculo em meio a ataques

Nova pesquisa Datafolha divulgada na quinta-feira (5) mostra que Pablo Marçal (PRTB) foi quem mais cresceu em grau de conhecimento dos eleitores. A porcentagem, antes de 67%, subiu para 76%, enquanto intenção de voto estacionou e proporção dos que jamais votariam nele oscilou para cima. Noticiário da **Folha** repercute as denúncias contra Silvio Almeida, demitido do cargo de ministro de Direitos Humanos e Cidadania. Anielle Franco, titular da pasta de Igualdade Racial, relatou a integrantes do governo Lula que havia sido assediada sexualmente por Almeida, que nega as acusações.

FRASES DA SEMANA

> **Não é aceitável relativizar ou diminuir episódios de violência. Reconhecer a gravidade dessa prática e agir imediatamente é o procedimento correto [...] Tentativas de culpabilizar, desqualificar, constranger, ou pressionar vítimas a falar em momentos de dor e vulnerabilidade também não cabem, pois só alimentam o ciclo de violência**

Anielle Franco
ministra da Igualdade Racial, na sexta (6), sobre acusações de assédio contra o ex-ministro Silvio Almeida, que teria ela como vítima

> **O 'x' da questão é que o Elon Musk precisa cumprir a lei. Não é porque é bilionário que não precisa cumprir a lei**

Geraldo Alckmin
vice-presidente da República, à Folha, no domingo (1º), a respeito da suspensão do X no Brasil

> **Acho que não está distante a conclusão do inquérito, seja pelo arquivamento, seja pela denúncia**

Luís Roberto Barroso
presidente do STF, em entrevista à Folha publicada no sábado (31), acerca do inquérito das fake news

> **O que peço a Lula e a todos é colaboração contra a destruição da natureza. Precisamos de equilíbrio no ambiente e no clima, antes que a Terra pegue fogo**

Raoni Metuktire
cacique kayapó, no domingo (1º), acerca da avaliação do governo Lula

SERRA CATARINENSE

Nosso roteiro pelos Encantos do Sul tem como ponto de partida um dos melhores e mais modernos aeroportos do país. Concedido à Zurich Airport Brasil, o terminal aeroportuário de Florianópolis foi inaugurado em outubro de 2019 e, desde então, já recebeu por duas vezes o título de melhor aeroporto brasileiro. Após o desembarque, o roteiro segue em direção às montanhas da Serra Catarinense. Famosa por registrar as temperaturas mais baixas do Brasil e por reunir as localidades onde há maior chance de nevar durante o inverno, a região tem excelente atrativos em todas as estações do ano. Na primavera, a beleza das flores. No verão, o calor que convida a mergulhar em seus rios e lagos em paisagens de tirar o fôlego. Formações montanhosas que permitem contemplar a natureza e descobrir com calma todos os encantos proporcionados por um estilo de vida único. As atrações incluem a belíssima Serra do Rio do Rastro, considerada a estrada mais cênica do país, e as charmosas vinícolas que se destacam por seus elegantes vinhos de altitude, com aromas sedutores. Uma jornada de descobertas.

Foto Divulgação: Serra do Rio do Rastro

Conforto & Hospitalidade

Rio do Rastro Eco Resort







Localizado numa das mais belas e exuberantes regiões do Brasil, no topo da Serra do Rio do Rastro (SC), a uma altitude de 1.500 metros e a apenas 50 km de distância do mar. Esse verdadeiro paraíso ecológico proporciona uma atmosfera de acolhimento em meio à natureza peculiar de uma região onde, em um só dia, pode-se ter a sensação das quatro estações do ano. Vistas de tirar o fôlego em meio a cânions, lagos e uma natureza totalmente preservada fazem da estadia no Rio do Rastro Eco Resort uma experiência inesquecível. A gastronomia serrana, pontuada com toques de sofisticação, permite mergulhar na cultura de montanha que ambienta todo o Eco Resort. Além do conforto dos charmosos e bem equipados chalés, todos com vista para o lago, há um extenso cardápio de atividades, como cavalgadas, café da manhã ao nascer do sol, piqueniques ao entardecer e agradáveis caminhadas pela extensa propriedade.



Principais atrações da Serra Catarinense





ALTOS DO CORVO BRANCO

A maior plataforma de vidro sem cabeamento da América fica em Santa Catarina, na cidade de Urubici/SC. O parque Altos da Serra do Corvo Branco foi criado em 2019 pelo empresário Juarez Filho, visando o conforto do visitante e a mínima intervenção no ecossistema. Visite o Altos do Corvo Branco.



VINÍCOLA PERICÓ

Dias ensolarados e noites frias: assim é o Vale do Pericó, em São Joaquim. Nele, está o vinhedo da Pericó, a 1.300 m de altitude. Experiências únicas como passeio nos vinhedos, deck panorâmico, balanço do infinito, wine bar, restaurante aberto ao público, playground e interação com as lhamas, um toque encantador à visita.



VINÍCOLA VIVALTI

Bons vinhos são como momentos especiais, ficam marcados para sempre na memória. Foi por isso que escolhemos produzir apenas vinhos de elevada qualidade, elaborados exclusivamente a partir de frutos cultivados em São Joaquim/SC, com altitude média de 1.310 metros.



VINÍCOLA QUINTA DA NEVE

Vinhos de qualidade e inovação, uma referência para apreciadores no Brasil e no exterior. Oferecemos um receptivo acolhedor, com degustações, piqueniques ao pôr do sol, cardápios variados e eventos mensais. Nossos vinhos refletem o terroir único da Serra Catarinense, proporcionando uvas excepcionais.



VINÍCOLA VINHEDOS DO MONTE AGUDO

Convidamos você a desfrutar de experiências enogastronômicas excepcionais, como nossos almoços harmonizados, e a se deixar envolver pela "Degustação Sunset", uma vivência onde cada taça é embalada por um pôr do sol magnífico, enriquecendo sua visita com momentos verdadeiramente inesquecíveis.



PARQUE NACIONAL ECO RESORT

Em meio às montanhas e junto ao Parque Nacional de São Joaquim. O Eco Resort tem amplos quartos com banheiras, vista para o lago e centenas de araucárias. Um delicioso café da manhã traz delícias serranas. O resort conta com academia, atividades ao ar livre, acesso a trilhas com rios, lagos, cachoeiras e um pôr do sol incrível.

ilustríssima ilustrada



Bill Gates em cena da série 'What's Next?'
Netflix/Divulgação

A invenção da invenção

Bill Gates diz à Folha que apoia taxação global de super-ricos, renova aposta no otimismo tecnológico e discute sua atuação para combater a crise climática B6

MÔNICA BERGAMO
monica.bergamo@grupofolha.com.br

Rodrigo Lombardi

Não tenho talento pra nada, sou um resolvedor de problemas

Galã na TV aberta, ator de 47 anos diz ter problemas de autoestima, fala sobre a sua estreia em uma novela de João Emanuel Carneiro, de projetos fora da Globo e do desejo de ter uma carreira internacional e interpretar um super-herói

Por **Karina Matias**

Já faz 11 anos que a novela "Salve Jorge" saiu do ar, mas Rodrigo Lombardi, 47, conta que até hoje as pessoas o param na rua e citam o verso da música de Roberto Carlos que embalou o seu personagem: "Esse cara sou eu".

Desde que explodiu na Globo como o Raj de "Caminho das Índias", em 2009, o paulistano virou um dos principais galãs da TV aberta. Apesar do sucesso, ele diz que é "muito tímido, medroso" e que sempre lidou com "problemas de autoestima".

"Esse cara não sou eu", afirma o ator durante a conversa de quase duas horas com a coluna. Embora não aparente ser introvertido, Lombardi diz viver sob a constante sensação de achar que não é bom o suficiente, seja para um papel ou em outros aspectos da vida.

Para amenizar isso, ele diz que estuda muito. O que, não raro, lhe leva a ficar doente nas férias ou até mesmo durante um trabalho. "Eu gostaria de um dia conseguir explicar o quão desgastante é fazer uma novela, uma série."

A brincadeira do "esse cara não sou eu" tem também um outro motivo. Muitos dos personagens que interpretou na TV não foram inicialmente pensados para o ator. Na série "Carcereiros" (2017-2021), por exemplo, ele assumiu o protagonista após a trágica morte de Domingos Montagner (1962-2016).

Já para o Moretti de "Travessia" (2022) ele foi chamado depois de Alexandre Borges ter de deixar a novela por outros compromissos. E foi assim também em "Mania de Você", nova trama das nove da Globo, que estreia na segunda (9).

Na história, a primeira que Lombardi faz de João Emanuel Carneiro, ele será o vilão Molina, personagem inicialmente pensado para Murilo Benício.

Ser chamado de última hora, como "uma tijolada na nuca", e dar conta do recado acabou se transformando em algo positivo para Lombardi, que gosta de se autodefinir como um "resolvedor de problemas".

Com todas as suas cenas já gravadas —segundo a sinopse, Molina morrerá na primeira semana—, Lombardi planeja viajar em breve para Nova York para estudar.

Afirma ter diversos projetos, muitos deles como criador —até porque diz que seu contrato fixo com a Globo vai até o ano que vem e, assim como a emissora tem adotado com a maior parte do elenco, não deverá ser renovado.



O ator Rodrigo Lombardi em São Paulo Karime Xavier/Folhapress

Louco por videogame, mas "zero da tecnologia", Lombardi conta que desenvolve um game ao lado dos atores Renato Góes e Márcio Fecher.

Revela o objetivo de ter uma carreira internacional e de, quem sabe, um dia interpretar um super-herói ao estilo do blockbuster "Os Vingadores". "Mas pode ser até o Chapolin Colorado", afirma, entre risos.

*

DESISTÊNCIA

Eu desisti umas três vezes de ser ator. Em uma das vezes, fui ajudar meu pai, que estava doente, a carregar malas e a dirigir. Ele era representante de moda, vendia malharia e camisaria das fábricas para as lojas. Eu ia visitar os clientes com ele.

Quando você se vê numa necessidade, não para pra pensar se você gosta ou não. Você resolve. Eu fui contrarregra antes de entrar na Globo.

NOVELA

Adoro fazer novelas, adoro trabalho. Mas acho que hoje sou uma pessoa que, graças a Deus, posso escolher um pouco mais.

Eu tive momentos em "Travessia" em que achei que ia pirar, porque a gente só sabia o que ia gravar muito em cima da hora. Foi um tumulto muito grande aquela novela.

Não que eu só vou entrar em novelas que não são tumultos. Tumultos acontecem. Não era pra ser, acabou sendo e tem que saber lidar com isso. Mas se já de cara a gente puder evitar, melhor.

SACRIFÍCIOS

Eu gostaria de um dia conseguir explicar o quão desgastante é fazer uma novela, uma série. Eu gostaria de somar todas as minhas idas e as dos meus colegas ao hospital. Porque machucou numa cena, porque teve uma estafa, porque teve pico de pressão.

Em "Carcereiros", tive três picos de pressão. De acordar no meio da noite com a cabeça explodindo, achando que eu ia morrer.

Eu era o protagonista único. Se quisesse fazer xixi, precisava parar o set. E era um ambiente muito hostil, uma energia que você tem que dar um calor, uma cor para aquilo que é tudo cinza, que é tudo para baixo [inspirada no livro do médico Drauzio Varella, colunista da **Folha**, a produção se passa em um presídio].

Foi difícil, mas foi igualmente prazeroso. A gente lida com essas duas forças na profissão. Foi uma série, na minha opinião, das melhores que eu já fiz.

AUTOESTIMA

Sou muito tímido, medroso. Tenho problema de autoestima. Lidei com isso a minha vida inteira. Depois que eu virei um ator bem-sucedido, isso não deixou de existir na minha vida, essa sensação de não me achar suficiente.

Isso já foi um fator impeditivo para mim, me travava demais. Mas eu aprendi a olhar de uma forma que não me incomodava mais. Passou a ser a minha mola propulsora, o meu combustível.

Se eu acho que não sou suficiente para um papel, isso não vai me travar mais. Eu penso: "O que eu preciso fazer?". Eu preciso saber o que eu posso oferecer para esse personagem não ser só um personagem.

Tudo que eu faço, eu estudo muito. Sempre é muito esforço.

Continua na pág. B5

Continuação da pág. B4

Eu estou acostumado com esse esforço. Tanto que quando eu entro em férias, fico culpado. Acabo um personagem e, no dia seguinte, estou doente.

'MANIA DE VOCÊ'

Eu sempre adorei o trabalho dele [João Emanuel]. Novela com cara de novela mesmo. Os atores sempre muito frescos em cena. Mas nunca nem sonhava em participar, porque não fazia parte dessa turma.

Assim como eu sempre estou nas novelas da Glória [Perez], o João tem os atores dele, a Adriana [Esteves] e outros. Eu falava: "Não, eles nunca vão olhar para mim". Aí, de repente, veio a tijolada na nuca [o convite às pressas], e eu amei.

SEM GRANDES SONHOS

Não tenho grandes sonhos com novela. E isso não é uma coisa ruim. Tenho muito pé no chão, porque venho fazendo isso muito e durante muito tempo. A gente aprende a ser mais direto. Caiu na minha mão, vou resolver. Principalmente porque nos meus últimos trabalhos têm sido assim.

Quando você pergunta qual personagem eu gostaria de fazer, e respondo que eu não vejo com esse olhar, é porque eu sou um cara que passou necessidade em alguns momentos da vida.

Me considero um resolvedor de problemas. E de uma maneira muito gostosa. Não é um cara que vê problema nas coisas, mas é um cara que pintou uma novela, pintou um personagem, eu questiono: "Temos tempo? Temos. Vamos resolver com tempo. Não temos tempo? Vamos resolver sem tempo".

A nossa profissão é essa. A gente tem que dar graças a Deus por ter trabalho.

INFLUENCIADORES NA TV

A gente sempre teve isso, pessoas que se tornaram grandes atores ou atrizes e que vieram do nada. A Grazi [Massafera] saiu do BBB e hoje, da geração dela, é uma das melhores. Porque foi estudar, se interessou, descobriu o talento, lapidou. Tivemos gente que deu certo, gente que não deu certo. Tivemos atores que vieram formados de escola de arte dramática e que não deram certo. O acaso está aí.

Agora, falar que porque botou um influenciador na novela tirou o papel de um ator [profissional] é mentira. Não tirou o papel de ninguém. "Ah, porque a classe...". A classe o quê? Tirar a [influenciadora] Jade Picon da novela vai resolver o problema da classe? Não, ela é um papel dentro de uma empresa que visa lucro e que produz sonho para vender comercial.

É uma estratégia. Na minha opinião, eu acho um risco muito grande, porque achar que vai chegar e vai fazer direito, todo mundo acha. Na hora de fazer, é difícil. A Jade começou e aprendeu de uma maneira que a gente ficou de boca aberta ao ver como ela amadureceu rápido, no dia a dia. Começou super insegura, e já no capítulo 30 ela amadureceu.

Mas tem gente que não funciona. É sempre uma tentativa.

CONTRATO COM A GLOBO

Tenho contrato fixo até 2025. A gente teve uma reunião há muito tempo e foi avisado pelo Ricardo Waddington [diretor de entretenimento da emissora até 2023] que, ao final de todos os contratos, eles se acabariam. E vida que segue. Acho um movimento super natural, é uma empresa que visa lucro. Só acho uma dicotomia, porque durante muito tempo a emissora segurou esses atores, mas não tinha competição. Era só a Globo. Não tinha por que segurar esses atores. Hoje a competição é enorme, e ela está liberando.

DEMANDA INCESSANTE

A Globo agora tem o seu próprio streaming [Globoplay], que é, aos meus olhos, o lugar mais importante da empresa hoje. Tem que ter muito conteúdo. A gente demorou cinco meses para fazer a série "Passaporte para a Liberdade". Deu uma semana, e o público já estava assim: "Outra [série]. Você fala: "Como assim?" [risos]. Como é que você vence essa demanda?

HORA DE CRIAR

Depois de um tempo como ator, sendo comandado por diferentes cabeças, autores, diretores, parceiros, você acaba criando uma energia dentro de você, um certo conhecimento, que chega uma hora em que você não sabe o que fazer com aquilo. Você tem que se tratar, tem que ter uma válvula de escape.

E a minha válvula de escape é pensar em como posso transformar todo esse conhecimento em uma coisa nova.

Estou com um olhar muito forte para o digital. A minha ideia é pegar exatamente essa ansiedade, essa histeria do digital e falar assim: "Como que a gente cura isso?".

Neste momento, estou muito interessado na pesquisa de linguagens. Comecei na pandemia umas pesquisas que me trouxeram insights para produzir. Como é que eu posso transformar o teatro em digital? Como é que eu posso teatralizar o cinema?

HQ E SUPER-HERÓI

Meu sonho é ser um "Avengers" ["Vingadores", filme de super-heróis da Marvel], ser um X-Men. Amo o realismo fantástico. Amo HQ, estou começando a escrever para HQ agora.

Gostaria de interpretar qualquer super-herói. Pode ser até o Chapolin Colorado [risos].

GAME

O ator Márcio Fecher inventou o game, o Renato Góes aprimorou, os dois me ligaram e eu montei um time. Desde então, nós estamos juntos para criar essa plataforma.

Eu adoro videogame, mas sou zero da tecnologia, não sei mandar email com foto. Mas eles me chamaram porque sabem que eu gosto de videogame e que eu pesquiso tecnologia.

Não tenho talento para nada, sou um resolvedor de problemas

CARREIRA INTERNACIONAL

Penso nisso, mas já fui muito mais ansioso. A carreira que eu imaginei que ia acontecer não é a que eu tenho hoje.

Quando a gente decide que a gente quer entrar nesse universo, a gente acha que é uma vida de glamour. Não no sentido de fama, de aparecer na TV. Mas desse sonho que se vive lá dentro. De um dia você ser um cara que pula de um avião, e no outro, correr de um dinossauro.

Essa vida é o que a gente faz parecer para os outros. A carreira são 262 outras coisas que nunca ninguém para pensar.

"Ah, mas você sonha com uma carreira internacional?". Não [sonho], é um objetivo. Mas eu entendo que se vier, veio, se não vier, não veio.

É o desvio, estúpido!

Sem contradições humanas, arte tende à uniformização na era da inteligência artificial

Bernardo Carvalho
Romancista, autor de 'Nove Noites' e 'Os Substitutos'

Aprendemos a dar por contraintuitiva toda oposição entre igualdade e diversidade. Lutamos pelas duas. Vem daí a resistência a entender que elas também possam se anular.

Uma obra de arte antes rejeitada pelas convenções de uma maioria conservadora, por ser demasiado radical ou diferente, pode ser rejeitada ainda com mais propriedade, por razões morais ou políticas, por ser individualista, elitista etc.

Não será a primeira vez que isso acontece. Padrões morais imperaram em outros momentos da história, inclusive sob pretexto revolucionário, como no realismo socialista. A norma assume o rosto da justiça social. É em nome da igualdade e da democracia que você desautoriza a exceção. A diferença que não corresponde ao que se espera, o que não representa a maioria. É essa a perversão da lógica do mercado, ao qual a chamada arte política, que antes o combatia, agora se aferra.

Ser político hoje, nas artes, é lançar-se à conquista de um lugar de representatividade, sem o qual não há visibilidade possível. A medida de valor é o tamanho ou alcance do reconhecimento da representação. O desvio, quando não naturalmente ignorado, passa a ser associado ao pior sentido da exceção, com a chancela de um juízo objetivo que só o mercado pode dar.

A crítica e o dissenso já não têm aí nenhum valor. São apenas discurso interessado e exterior, subjetividade enviesada. Tornaram-se anacrônicos ao dar um passo atrás e pôr a vivência do presente em questão e em perspectiva, refletindo sobre o que não representam.

Não é novidade que o público passe a repetir e admirar as mesmas coisas, que haja massificação e uniformização do gosto. A novidade é a inversão: como o chamado "mainstream", confundido com representatividade, de repente assume o lugar da radicalidade política e da diferença, enquanto as anula e as pasteuriza. As palavras de ordem e os discursos automáticos podem então se disseminar como natureza inquestionável, banindo, como representação conservadora, o pensamento que os põe em dúvida.

> **Quanto mais a informação se dissemina por IA, sem as correções e as interferências do real, mais ela tende à pasteurização**

Não é preciso ser nenhum vidente para perceber a correspondência entre esse estado de coisas e o mundo digital organizado pela internet, com sua lógica performática de algoritmos, likes e lacres na criação de bolhas de autossatisfação. Entretanto, um artigo publicado recentemente pelo The New York Times contribui para o entendimento desse mecanismo de reprodução e pasteurização no funcionamento da própria inteligência artificial.

O jornal mostrou como pesquisadores, alimentando a inteligência artificial com um certo número de dados e fazendo com que ela os replicasse um certo número de vezes, chegaram ao colapso do modelo. Quanto mais a informação se dissemina por IA, sem as correções e as interferências do homem e do real, ou seja, sem contradição, mais ela tende a uma pasteurização na qual as diferenças se tornam irreconhecíveis. Tudo fica igual, dos algarismos aos rostos. Tudo perde definição e identidade (no sentido de diferença) para se identificar completamente uns com os outros, indistintos.

É a ilustração da presunção de que, para o bem ou para o mal, você só pode corresponder ao que já se espera de você, à imagem feita dos seus pares. O preconceito de que não há desvio possível de uma norma ou modelo preestabelecido, seja ele de classe, de raça, de nacionalidade ou de gênero, e que a exceção é sempre social e politicamente suspeita.

As pesquisas mostram que a equalização digital fica mais lenta e menos perceptível quando há novas entradas de dados não gerados por IA, o que permite corrigir as distorções. No final, porém, sem as contradições do homem e do real, a tendência à uniformização acaba se impondo.

Se alguém ainda tinha alguma dúvida sobre o lugar de resistência da arte, a era da inteligência artificial na qual apenas entramos serve de alerta: não é o pertencimento; é o desvio.

DOM. Bernardo Carvalho, Ailton Krenak, Juliana de Albuquerque, Vinicius Mota

O tecno-otimista

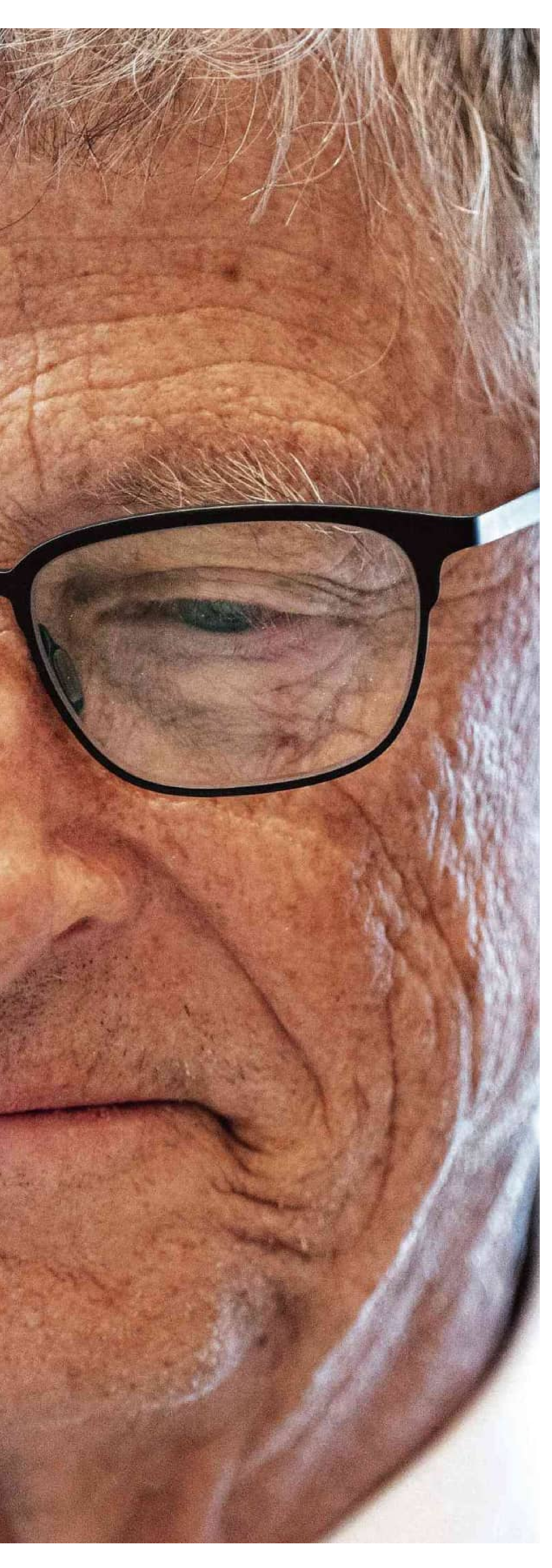
[RESUMO] Em entrevista exclusiva à **Folha**, o cofundador da Microsoft e filantropo afirma que a inovação é essencial para mitigar o aquecimento global e que contribuir para o desenvolvimento de tecnologias verdes economicamente viáveis é o papel que busca desempenhar. Gates, protagonista da nova série documental 'What's Next?', defende que super-ricos paguem mais impostos, mas diz ver poucas chances de uma proposta de taxação global de bilionários, como a patrocinada pelo governo Lula (PT), se concretizar

Por **Eduardo Sombini**
Doutor em geografia pela Unicamp, é repórter da Ilustríssima

Bill Gates, 68
1955, Seattle Cofundador da Microsoft. Dirigiu a empresa até 2000, ano de criação da Fundação Bill e Melinda Gates. Deixou a gestão cotidiana da Microsoft em 2008 e foi presidente do conselho da empresa até 2014. Autor, entre outros livros, de 'Como Evitar um Desastre Climático'



Bill Gates em Copenhague, na Dinamarca
Mads Claus Rasmussen - 5.jun.24/Ritzau Scanpix/AFP



O tipo de pessoa que acredita que a inovação pode resolver tudo. Bill Gates se descreve dessa forma no primeiro episódio de "What's Next?", série documental da Netflix protagonizada por ele, cofundador da Microsoft, filantropo e multibilionário —o quinto indivíduo mais rico do mundo, de acordo com a Bloomberg, com patrimônio estimado de US$ 161 bilhões (R$ 905 bilhões).

A aposta na tecnologia, afinal, sintetiza a biografia de Gates, personagem maior da revolução da informática nos anos 1980 e 1990 e, a partir da década seguinte, de uma nova era da filantropia.

A Fundação Bill e Melinda Gates, criada em 2000, se tornou o emblema de organização privada com ambição global e musculatura financeira, que se traduziram, nesse caso, em pesquisas sobre doenças tropicais negligenciadas, como a malária, e em programas de planejamento familiar, saneamento básico e vacinação em países do Sul Global.

Gates também se tornou uma voz proeminente do debate sobre a crise climática e um dos maiores defensores da inovação tecnológica como chave para reformar a economia intensiva em carbono herdada do século 20.

Por meio da Breakthrough Energy, bilhões de dólares foram direcionados a startups que buscam reduzir a emissão de gases do efeito estufa atuando em setores como alimentação plant-based, combustível para a aviação, energia nuclear e produção de cimento, além de captura e armazenamento de carbono da atmosfera. Só na TerraPower, que iniciou, em junho, as obras de uma usina no Wyoming que promete pôr em operação um reator nuclear de nova geração, Gates investiu ao menos US$ 1 bilhão.

"É uma questão de nos concentrarmos nas inovações certas e ficarmos atentos à igualdade para que as pessoas pobres de todos os países, mas principalmente dos países pobres, recebam atenção", afirma Gates em entrevista à **Folha**, resumindo sua visão para enfrentar as grandes questões do presente.

O repórter questiona as razões do tecno-otimismo do cofundador da Microsoft. Ainda faz sentido contar com uma virada tecnológica desse porte para evitar o pior da catástrofe climática? Por que se manter otimista em 2024, que teve meses seguidos de quebra de recordes de temperatura da Terra, enchentes e secas devastadoras e alertas duros de cientistas, que suspeitam que o planeta está se aquecendo em um ritmo ainda mais acelerado que o previsto?

"Não há dúvida que a mudança climática causará danos significativos", responde Gates, por videochamada. "Muitos desses danos, infelizmente, atingirão as pessoas mais pobres. A África sofrerá os piores impactos. Por isso, devemos mitigar o mais rápido possível."

Em intervenções públicas sobre o aquecimento global, Gates tem centrado seu discurso na necessidade de reduzir os prêmios verdes, o que se paga a mais por mercadorias e serviços limpos em relação aos existentes hoje. O alto custo inicial de novos processos produtivos que não emitem carbono impede que eles se tornem competitivos, o que impossibilita, por sua vez, que ganhem escala e venham a ser economicamente viáveis.

"Esforços de mitigação que são supercaros vão ser difíceis. Então, meu papel no trabalho com o clima é ajudar a impulsionar a inovação para que possamos nos tornar verdes, sem grandes custos", afirma.

Ou seja, seus investimentos em "climate techs" são desenhados para impulsionar o desenvolvimento de tecnologias neutras em carbono com algum potencial e permitir que as que se provem viáveis cheguem ao mercado. Ele também diz criar demanda diretamente ao abastecer seu avião com combustível sustentável ou compensar suas emissões, que reconhece serem altas, contratando os serviços da Climeworks, que opera na Islândia uma planta de captura de carbono da atmosfera.

Em sua avaliação, além da equação de custo, todo o resto é secundário para enfrentar a crise climática, como disse em uma entrevista em 2022: "Não há outra métrica que realmente conte além das emissões totais atuais e o progresso na redução dos prêmios verdes".

Este é um dos flancos preferidos de seus críticos: Gates se orienta, segundo eles, pela busca de soluções tecnológicas tópicas para problemas exponencialmente mais complexos, deixando de lado as engrenagens culturais, econômicas e sociais mais profundas que, em primeiro lugar, os criaram. Isso se aplicaria tanto à mitigação do aquecimento global quanto ao uso da inteligência artificial na educação e aos programas de empoderamento econômico de mulheres na África ou na Índia.

Gates também parece ter dificuldades para convencer outro tipo de interlocutor, os jovens preocupados com o futuro do clima do planeta. Um dos episódios da série destaca um encontro dele com ativistas que não encontram, na conjuntura atual, motivos para aplainar o ceticismo.

"Há uma parte do movimento com a qual não concordo totalmente, que é você denegrir a maneira atual de fazer as coisas antes de termos um substituto. Gostaria que houvesse a mesma ênfase no novo, mas, você sabe, sou um otimista", diz ele logo depois de uma ativista mencionar os lucros da indústria de combustíveis fósseis.

"Acho que o otimismo tem que vir de ações realistas. Se a gente ficar aqui sentado dizendo 'uau, sou otimista', isso é um contrasserviço. Há certos níveis de otimismo cego que podem ser uma forma de negacionismo climático", responde ela em tom pouco amigável, manifestando o desacordo a respeito da orientação e da velocidade da ação necessária.

"Alguns deles estavam realmente perdendo a esperança", afirma Gates à **Folha**, sugerindo acreditar que a conversa com os jovens ativistas rendeu frutos. "Acho importante que, em relação ao clima, a gente continue avançando e não perca a esperança, porque algumas dessas inovações podem fazer uma diferença enorme, embora não consigam eliminar o fato de estarmos levando ao aumento da temperatura."

Continua na pág. B8

'Esforços de mitigação que são supercaros vão ser difíceis. Meu papel no trabalho com o clima é ajudar a impulsionar a inovação para que possamos nos tornar verdes, sem grandes custos'



Bill Gates em cena da série documental 'What's Next?' Netflix/Divulgação

O tecno-otimista

Continuação da pág. B7

O cofundador da Microsoft também se mostra otimista com os saltos que a inteligência artificial generativa vem dando, mesmo que a demanda por energia tenha aumentado e que corporações como Google e Meta tenham diminuído a ambição de suas metas de emissões devido à corrida pela IA.

"O que você verá nos próximos cinco anos é realmente positivo. Você terá um tutor pessoal e mais orientações sobre saúde, disponíveis 24 horas por dia. Descobriremos até mesmo como usar essas ferramentas de software para ajudar em questões como saúde mental, em que a escassez de pessoas [profissionais especializados] é muito, muito alta", diz Gates. "A produtividade extra ao longo do tempo, se for bem administrada, deve significar mais tempo de lazer. Isso é uma coisa fantástica."

O repórter pergunta o que Gates tem a dizer a quem argumenta que o próprio capitalismo nos trouxe até aqui e que, portanto, uma abordagem "business as usual" —defendida na série, aliás, pelo diretor-executivo da Breakthrough Energy— deveria ser substituída por uma regulação mais forte do Estado ou mesmo políticas de decrescimento.

"O capitalismo nos trouxe até aqui, onde a expectativa de vida média passou de 30 anos para 70 anos, a porcentagem de crianças que morriam antes dos 5 anos de idade passou de 30% para 5% e a oportunidade de aprender e viajar pelo mundo é muito diferente de cem anos atrás", responde Gates.

"Apesar de o capitalismo ter trazido muitos problemas, inclusive os problemas ambientais, também trouxe níveis de alfabetização e empoderamento sem precedentes. Hoje, se você contrair uma doença, se for mulher, se for gay — embora devesse ser melhor— é muito, muito melhor que era quando eu nasci."

Um país como os Estados Unidos, com seu patamar de riqueza, deveria fazer muito melhor em termos de políticas sociais, ele afirma no documentário. O que pensar, então, dos países do Sul Global, que vão precisar financiar políticas de adaptação à crise climática que devem demandar trilhões de dólares? Criar um imposto global sobre o patrimônio de super-ricos, como prevê a proposta patrocinada pelo governo Lula (PT) na presidência interina do G20, é uma boa ideia?

Gates ressalta que é um defensor de sistemas tributários mais progressivos, mas diz ver poucas chances de um arranjo com esse alcance ser implementado. "Não acho que haverá um imposto global porque não temos um governo global. Se houvesse uma votação sobre algo assim, eu votaria a favor, porque acho que precisamos arrecadar mais e financiar coisas relacionadas à desigualdade. Porém, acho que a realidade é que cada país terá de criar suas próprias políticas tributárias."

Ele apresenta um raciocínio semelhante a respeito da regulação da IA:

'Acho importante que, em relação ao clima, a gente continue avançando e não perca a esperança, porque algumas dessas inovações podem fazer uma diferença enorme'

'Apesar de o capitalismo ter trazido muitos problemas, inclusive ambientais, também trouxe níveis de alfabetização e empoderamento sem precedentes. Hoje, se você contrair uma doença, se for mulher, se for gay, é muito, muito melhor que era quando eu nasci'

"Cada governo, individualmente, precisa pensar sobre isso para seu sistema educacional, seu sistema de saúde e tirar proveito disso". Ao mesmo tempo, acena à ideia de aprofundamento da cooperação global no tema: "É preciso saber que muito disso está acontecendo além das fronteiras. Portanto, o fortalecimento e a renovação de esforços como os das organizações da ONU serão importantes para enfrentarmos as oportunidades e os desafios".

Gates, porém, não se mostra muito disposto a opinar sobre o que um governo específico, o brasileiro, vem fazendo. Quando a entrevista passava dos 13 minutos (o limite acordado era de 15 minutos), o repórter faz a última pergunta, sobre a política ambiental brasileira e a ministra Marina Silva, com quem o entrevistado se reuniu no último Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça.

"O Brasil, você sabe, tem muitas coisas fantásticas. Quero dizer, usa cana-de-açúcar para produzir etanol, o que tem sido uma grande contribuição. É o guardião de uma das maiores florestas tropicais." Sobre Marina e a COP-30, que acontecerá em Belém: "O compromisso dela com essas questões ambientais é interessante. A COP que se aproxima em 2025 será muito importante em razão da liderança brasileira nessas questões."

*

A série "What's Next? The Future with Bill Gates" estreia na Netflix em todo o mundo em 18 de setembro.

Continua na pág. B9



Bill Gates em cerimônia de início das obras de usina nuclear em Wyoming, nos EUA Benjamin Rasmussen - 10.jun.24/The New York Times

Continuação da pág. B8

Cada um dos cinco episódios aborda uma questão que pode ameaçar a sobrevivência da humanidade, ainda que os desdobramentos de cada uma delas não sejam totalmente conhecidos. Especialistas expõem seus pontos de vista, e Gates trava discussões com convidados como o médico Anthony Fauci, Bono, do U2, o cineasta James Cameron, diretor de "Avatar" e "Titanic", e a atriz e cantora Lady Gaga.

No quarto episódio, Gates fica sob os holofotes em um ângulo particular. A série se volta para as consequências da desigualdade de renda e põe em cena quem questiona a legitimidade da própria existência de bilionários, como Bernie Sanders, com quem Gates se encontra.

"Temos a situação obscena em que há três pessoas, sendo você uma delas, que possuem mais que a metade mais pobre dos Estados Unidos", diz o senador por Vermont, comparando a influência dos bilionários dos anos 2020 ao poder dos czares russos e dos reis da Europa de séculos atrás. "Eu não vejo um trono", provoca Sanders, olhando para Gates.

Já o senador republicano Mitt Romney, também convidado do episódio, exalta o dinamismo da economia norte-americana e defende que o crescimento é o elixir para tirar pessoas da pobreza, não sem deixar de concordar que o sistema tributário do país precisa de mudanças para "ajustar anomalias".

A filantropia é o pilar da imagem do cofundador da Microsoft há duas décadas —em "Whats's Next", Gates verbaliza sem rodeios o caráter "ego-reputacional" da caridade.

Além de ter doado parte da sua fortuna para a fundação (US$ 59,5 bilhões até 2023), Gates coordenou em 2010, com Warren Buffett, o megainvestidor tratado como oráculo no mercado financeiro, uma campanha para obter o comprometimento de bilionários a destinar pelo menos a metade da sua riqueza para causas filantrópicas. Elon Musk, o cofundador da Oracle Larry Ellison e Mark Zuckerberg encabeçam, em ordem de patrimônio, a lista dos donos de fortunas que aderiram ao Giving Pledge, ao lado de Gates e Buffett.

Gates também é conhecido por defender o aumento da taxação dos mais ricos para financiar políticas públicas e lidar com as desigualdades crescentes nos Estados Unidos. "Os ricos deveriam pagar mais do que pagam atualmente, e isso inclui Melinda e eu", escreveu no seu blog no fim de 2019, manifestação semelhante à de outros bilionários, como Abigail Disney, neta do cofundador do estúdio de animação, que, mesmo diante da falta surpreendente de interesse de governos, não desistem de pedir para ser mais tributados.

Apesar do tamanho dos desembolsos de Gates para filantropia —ou precisamente devido a eles—, o tema se tornou o alvo mais frequente de seus críticos. Um dos mais incisivos, Tim Schwab conclui em "The Bill Gates Problem: Reckoning With the Myth of the Good Billionaire" que a fundação de Seattle não é mais que "uma ferramenta política e uma máquina de dedução fiscal e relações públicas".

Criar um imposto global sobre o patrimônio de super-ricos, como prevê a proposta patrocinada pelo governo Lula, é uma boa ideia?

'Não acho que haverá um imposto global porque não temos um governo global. Se houvesse uma votação sobre algo assim, eu votaria a favor, porque acho que precisamos arrecadar mais e financiar coisas relacionadas à desigualdade. Porém, acho que a realidade é que cada país terá de criar suas próprias políticas tributárias'

O jornalista, ele mesmo criticado por sua retórica inflamada, afirma que a imprensa é complacente com Gates em razão do seu poder e que sua fundação não é escrutinada como deveria —já que recursos destinados à filantropia contam com incentivos fiscais nos Estados Unidos, Schwab defende que a organização preste contas ao público das suas atividades.

A grande questão, que deve reverberar mais que todo o resto da série em parte do público, é enunciada por Andrea Elliot, repórter do New York Times que, enquanto fala, é sintomaticamente interrompida pelo barulho de um helicóptero cruzando os céus de Manhattan ("deve estar indo para os Hamptons", afirma ela, em referência ao balneário da elite nova-iorquina).

"Ao doar sua riqueza, Bill Gates está essencialmente impondo a si mesmo um imposto sobre a renda e a riqueza", diz Elliot. "Ele deveria poder decidir o que fazer com seu dinheiro, e não o governo?"

A Fundação Gates desembolsou US$ 77 bilhões desde a sua criação, e Bill Gates não é nada como um Elon Musk, que ataca instituições democráticas mundo afora, espalha desinformação e potencializa discursos de ódio. Isso, no entanto, deve ser suficiente? ←

What's Next? The Future with Bill Gates
PRODUÇÃO-EXECUTIVA Morgan Neville, Caitrin Rogers, Eve Marson **QUANDO** Lançamento global em 18/9 **ONDE** Netflix

QUADRÃO

João Montanaro

EU SABIA QUE ERA ELA.
SÓ PODIA SER ELA...
NA MINHA FRENTE É SACANAGEM.
NA MANHÃ SEGUINTE, ESPEREI ELA SAIR DO PRÉDIO PARA TER CERTEZA.
MAS NEM ELA NEM NINGUÉM PARECIDO SAIU NAQUELE DIA
DURANTE A SEMANA, TENTEI DE TODA FORMA FALAR COM ELA, MAS NÃO TIVE RESPOSTA
TALVEZ AINDA NÃO QUISESSE FALAR COMIGO
TAMBÉM NÃO APARECEU NA JANELA
UMA LOIRA. FOI UMA LOIRA QUE EU VI SEMANA PASSADA? A ALTURA NÃO BATE.
ESPEREI PELA LOIRA O DIA INTEIRO.
ELA TAMBÉM NUNCA SAIU...
CONTINUA

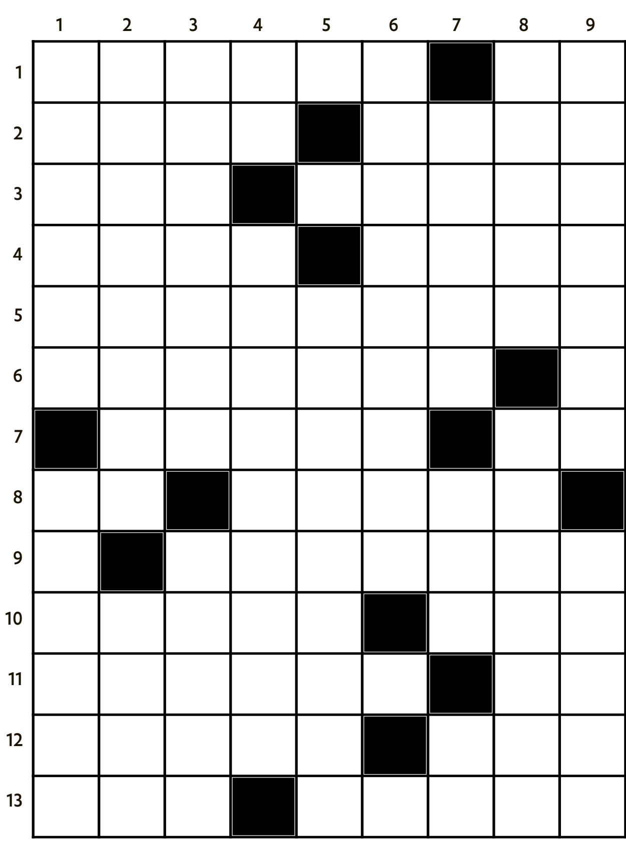
CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Vara comprida usada para exercícios de ginastas / Ítalo Ferreira, surfista **2.** Os ás das cartas / Palavra que segue o nome dos navios japoneses **3.** A sigla da mais alta instância jurídica brasileira / O Menotti parceiro de Fabiano na dupla sertaneja **4.** Determinado tipo de música pop, de origem negra / Prefixo: rede **5.** O mesmo que suicídio **6.** Dolorosamente catastrófico **7.** A fragrância dos alimentos / Boletim Oficial **8.** Tony Ramos, ator de "Se Eu Fosse Você" / Aguardente de cana **9.** Malformação congênita da extremidade do membro inferior **10.** 0,914 m / Emirados Árabes Unidos **11.** Mulher que vende ovos / Vale-refeição **12.** (Inform.) Acessar um site mediante o registro de um nome e uma senha / Muito religioso **13.** Ão feminino / Lições dadas em escolas.

VERTICAIS

1. Um carro da VW / Uma cor avermelhada **2.** Explodir / Famosa marca de cosméticos **3.** Ser contrário a, não aceitar / Dobra **4.** Carlos Saldanha, cineasta / Parte da foniatria que trata do estudo e tratamento científico dos distúrbios da fala **5.** Sabre oriental de lâmina larga e recurva, de um só gume **6.** Do Canadá, Honduras ou do Peru **7.** Como o suco do limão / Abreviatura (em português) da Grécia / Projeto de Lei **8.** Cidade paranaense que possui a maior imagem de Nossa Senhora em todo o mundo / Antigo nome dos Países Baixos **9.** Muito irritado / Um naipe vermelho.



HORIZONTAIS: 1. Percha, IF, **2.** Ases, Maru, **3.** STF, Cezar, **4.** Soul, Reti, **5.** Autocídio, **6.** Trágico, **7.** Aroma, BO, **8.** TR, Pinga, **9.** Pé torto, **10.** Jarda, Eau, **11.** Oveira, VR, **12.** Logar, Pio, **13.** Ona, Aulas. **VERTICAIS: 1.** Passat, Tijolo, **2.** Estourar, Avon, **3.** Refutar, Prega, **4.** CS, Logopédia, **5.** Cimitarra, **6.** Americano, **7.** Azedo, Gre, PL, **8.** Irati, Batavia, **9.** Furioso, Ouros.

SUDOKU texto.art.br/fsp

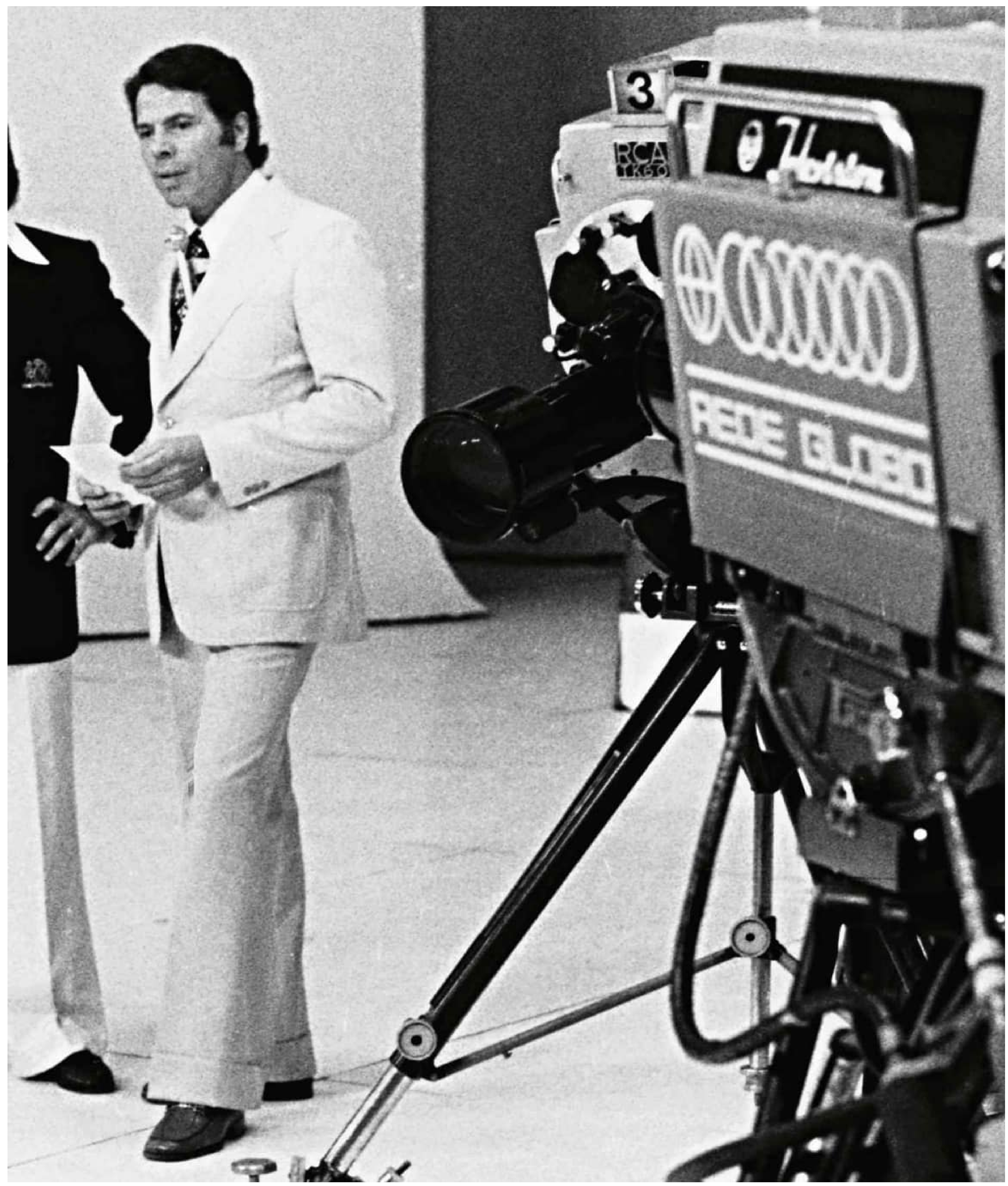
DIFÍCIL

	2	9						5
5				7		4		
		6	4		3			
1			5					
		8	3		7	2		
					6			1
			7		2	1		
		1		3				8
2						6	3	

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

4	2	9	8	6	1	3	7	5
5	1	3	2	7	9	4	8	6
8	7	6	4	5	3	9	1	2
1	6	2	5	4	8	7	9	3
9	5	8	3	1	7	2	6	4
3	4	7	9	2	6	8	5	1
6	3	5	7	8	2	1	4	9
7	9	1	6	3	4	5	2	8
2	8	4	1	9	5	6	3	7



Silvio Santos durante gravação de seu programa na Globo Erasmo de Souza - 1º.dez.74/SBT/Divulgação

Com Silvio, em ritmo de festa

[RESUMO] Jornalista que prepara biografia de Silvio Santos desvenda fatos da intimidade do apresentador, como seus problemas de saúde e no casamento, seus traumas pessoais e métodos inusitados de gerir o SBT. Silvio, morto em agosto aos 93 anos, viveu o paradoxo de ser o maior ícone da TV brasileira e um homem de vida pessoal quase desconhecida, enigma que o texto a seguir ajuda a desvendar

Por **Ricardo Valladares**
Jornalista, diretor da Mixirica Filmes, trabalhou na Folha, no Notícias Populares e na revista Veja. Foi consultor do apresentador Silvio Santos e fez parte do Conselho Executivo do SBT. Atualmente escreve a biografia do apresentador

Quando algo saía errado em seu programa, Silvio pedia para mandar embora o responsável. Alguns eram despedidos e recontratados alguns dias depois. Ele esquecia ou deixava para lá. Por outro lado, funcionários mais velhos tinham salário vitalício

No meio de um congestionamento monstro que parou São Paulo no começo dos anos 2000, Renata Abravanel —filha número seis de Silvio Santos e hoje presidente do conselho administrativo do grupo empresarial criado por ele— e eu experimentamos a popularidade do pai dela.

Dirigindo seu carrão Omega 2001, verde, o apresentador havia ido, como de hábito, ao salão do Jassa antes de gravar seu programa. O cabeleireiro, que se tornou grande amigo em meados dos anos 1970, usava um produto importado para dar volume ao cabelo de Silvio.

Atrasado para a gravação de seu programa —Sílvio não gostava de ver as pessoas das caravanas esperando—, perguntou qual o melhor caminho para chegar ao SBT. Por conta de uma enchente terrível na marginal Tietê, as vias para a Anhanguera, rodovia de acesso aos estúdios de sua emissora, estavam fechadas.

Dei a dica do Rodoanel, que ele não conhecia. Cinco minutos após entrarmos na estrada, o trânsito parou de vez. Centenas de pessoas desciam dos ônibus e das vans e caminhavam pelo acostamento. Sem nenhum pudor, Silvio acionou o pisca alerta do seu carro e também entrou pelo acostamento.

Virou para mim, ao seu lado, e para sua filha, que estava no banco de trás, sorriu e disse: "Querem ver uma coisa?". A partir dali ele buzinava, colocava seu rosto próximo à janela da frente, já que seu carro era blindado, abria o seu sorriso e todo feliz se exibia, vendo as pessoas olhando para trás.

Como numa cena de filme, o carro de Silvio passava no meio das pessoas. Os comentários eram os mais variados. Dava para ouvir gritos de "deixem o Silvio Santos passar", "Silvio, eu te amo", "Silvio Santos, você é meu ídolo", "Gente, é o Silvio Santos".

Percorremos assim um trajeto de mais de 10 quilômetros. Em alguns momentos dessa contravenção de trânsito, ele foi aplaudido. Como se estivesse comandando um auditório "drive thru", sorria e acenava com sua mão grande a todos e ria com seu eterno "raraiiii!".

A confiança que conquistei com Silvio Santos foi consequência do contato que tivemos em abril e maio de 2000. Como responsável pela cobertura de televisão da revista Veja, estive com ele para uma série de entrevistas. Conversamos por 25 horas, 14 delas gravadas. A reportagem saiu em uma capa da revista.

Ao longo das conversas, ele falava: "mas isso é um livro!". Na negociação de tempo de entrevista, ele havia dado 10 horas, mas acabou gostando de falar de toda a sua vida.

Estava tão feliz em relembrar suas histórias que, depois de alguns dias, me esperava na porta de seu camarim. Assim que entrávamos, oferecia algo para comer ou beber e pedia que eu me sentasse em seu sofá de couro branco.

Silvio era avesso à imprensa, tinha medo de que suas falas fossem deturpadas. Meu primeiro contato com ele havia sido em 1992, quando fiz uma reportagem para a **Folha** sobre um dia de gravação do seu programa Topa Tudo por Dinheiro. A exigência era que eu não poderia me dirigir a ele, a não ser que ele viesse ao meu encontro —o que aconteceu duas vezes.

Anos depois, após a publicação da capa da Veja intitulada "O Silvio que Você Nunca Viu", a primeira de três que escrevi sobre ele na revista, ele dizia que eu era um dos poucos jornalistas em que podia confiar. Começou a me ligar para conversar, saber o que eu achava de algum programa e, quando eu dava alguma boa ideia, ele mandava a direção de programação ou artística fazer a mudança.

Quando eu tinha que ir ao SBT fazer alguma matéria para a Veja, marcava uma carona com ele. Foram muitas as vezes em que tive Silvio Santos como meu motorista. Ou eu o encontrava no cabeleireiro Jassa ou ele me pegava na porta da Editora Abril.

Sempre nos despedíamos com um "não some, não". Por anos, ele me chamou para ser jurado do Troféu Imprensa, o que sempre recusei. Jamais entendi a nossa aproximação como uma amizade. Via como uma relação de confiança entre jornalista e fonte.

Ele me falava de alguns assuntos íntimos, desde motivos de brigas que teve com sua mulher, Íris —quando passou a dormir em uma cama de solteiro em sua mansão, no Morumbi— até problemas de impotência sexual. Contava dos remédios que tomava, de quando teve depressão e recorreu a tranquilizantes para poder dormir, das tentativas de fazer terapia que não deram certo.

Queixava-se também da mania de Íris de querer pintar a casa todo ano e da quantidade de empregados no lar, algo que o chateava por ter sempre alguém perambulando a sua volta. Em seu último mês de vida, eram 12 funcionários, apenas para ele e sua mulher.

Silvio passou seus últimos dois anos sem ir ao SBT. Ficava o dia todo no escritório de sua casa, geralmente de pijama. Saía pouco. Pedia milk shake ou abacate amassado para comer enquanto assistia à TV ou a filmes antigos e séries.

*

Acompanhei algumas vezes seu ritual de entrar no palco, quando ele ficava de cueca e vestia o terno passado e trazido por Raimunda, sua fiel escudeira que cuidava de seu camarim. Era então maquiado, colocava seus anéis e relógios falsificados dourados e seu icônico microfone.

Tomava seu café com leite, comia um queijo quente e um bife de 100 gramas, que muitas vezes ele mesmo fritava em uma chapa em seu camarim. Dizia que precisava de proteína para aguentar as quase cinco horas de gravação. No meio disso tudo, fazia perguntas como quem não quer nada, sempre curioso em saber da vida dos outros e o que cada um fazia para ganhar dinheiro.

Silvio sabia, ao longo de seus anos de vida profissional como camelô, locutor, dono de bar, apresentador e empresário, que a fórmula de seduzir seu interlocutor era se mostrar interessado e, ao mesmo tempo, entregar suas próprias intimidades.

Com isso, deixava as pessoas à vontade e tirava todas as informações necessárias para traçar um perfil —e eventualmente descobrir onde elas poderiam se encaixar em suas empresas. Estava sempre negociando.

Quanto mais eu escrevia na Veja pesadas críticas sobre a programação do SBT, mais ele ligava na Redação para criticar funcionários da emissora. Por várias vezes, passou informações sobre custos e bastidores de sua televisão. Era fácil perceber quando queria "fritar" um apresentador que não ia bem de audiência.

Por conta de nossas conversas sobre conteúdo e formatos de programas, Silvio dizia que eu deveria trabalhar com ele no SBT —e também na formação profissional de suas filhas, que estavam se interessando pela emissora.

A sua filha número três, Daniela Abravanel Beyruti, hoje vice-presidente do SBT, na época dirigia o programa de talentos Ídolos. Apesar de participar das reuniões de diretoria ao lado da irmã Rebeca Abravanel —filha número cinco, hoje apresentadora—, ele não queria que as tratassem como filhas do dono. "Ficam puxando o saco delas e aí fica muito fácil", dizia Silvio.

Certa vez, sem que eu soubesse, ligou para o diretor da Abril, Roberto Civita, dizendo que queria me dar um carro de presente. O doutor Roberto me ligou na Veja e contou a conversa que tiveram. Ele disse que "nem fodendo, um jornalista da Veja não pode aceitar presente. Ele que te convide para jantar na casa dele, esse maluco". Rimos da situação e pedi que o Roberto me desse o carro —a resposta foi a mesma que ele deu para o dono do SBT.

Silvio e Roberto tiveram uma rixa no final dos anos 1980, quando a Abril estava prestes a comprar a TV Record, que havia sido de Silvio até que o governo o obrigara a vender porque ele não poderia ter duas emissoras. Na hora da assinatura, que seria um grande passo para Roberto na empresa que seu pai levantara, Silvio desistiu e desfez o acordo.

Ficaram por mais de uma década sem conversar. Após um pedido de Silvio, eu os coloquei em contato para acabar com o desentendimento. O aperto de mãos foi selado em uma visita do apresentador ao então prédio sede da Editora Abril, na marginal Pinheiros.

*

Nos anos seguintes, Silvio sempre me cercava com convites de trabalho. Depois de uma proposta financeira interessante, deixei a Redação da Veja para ser seu consultor no SBT, em 2006. Um mês depois, ele me ofereceu um novo cargo —fazer parte do Conselho Executivo, ao lado de outros três experientes executivos da emissora, José Roberto Maciel, Roberto Franco e Guilherme Stoliar.

A nova função executiva era a de diretor artístico, além de cuidar do jornalismo da emissora. Minhas conversas com Silvio eram as mais surreais e com ele vivi momentos inusitados, como no dia em que apareceu com o jogador Pelé em minha sala.

Eu enviava sugestões por escrito e, quando ele não me chamava em sua sala, próxima a minha, ou em seu camarim, respondia no próprio papel da sugestão, com palavras curtas como "ok", "vamos aguardar", "boa ideia", "não me interessa". Tudo o que era passado a ele tinha que ser curto e bem explicado.

Em uma dessas vezes, ele queria contratar um apresentador que estava sendo acusado de ter batido na mulher. Eu o aconselhei a não fazer isso, dizendo que não era apropriado colocar um agressor para apresentar um programa aos domingos, em um momento em que a emissora buscava o conceito de ser uma televisão para a família. Silvio rebateu com um "ele é um bom apresentador, você não me deixa fazer nada". Mas seguiu minha sugestão —pelo menos desta vez.

Silvio enlouquecia vários departamentos da emissora com suas mudanças nos horários dos programas. O comentário na diretoria era: "ele acerta muito, mas erra muito também" e ainda "a cabeça do Silvio é igual bumbum de nenê, ninguém sabe o que vai sair".

Era comum receber ligação dele pedindo para tirar apresentador do ar, cortar o cabelo de jornalista ou pagar contratos caros sem que o conteúdo tivesse sido levado ao ar até o final. Se desse pouca audiência, caía fora da grade. "Seu Silvio mandou" era a senha que usavam na emissora para fazer mudanças. Às vezes, ele nem sabia. "Usam meu nome pra tudo", reclamou um dia.

Quando algo saía errado em seu programa, ele pedia para mandar embora o responsável. Teve funcionário que foi dispensando, mas ficou escondido por alguns dias pela produção e depois voltou. Alguns eram despedidos e recontratados alguns dias depois. Silvio esquecia ou deixava para lá.

Quando estava bravo, com a cara fechada, os funcionários se esquivavam do "seu Silvio". Nas entrevistas para a biografia que escrevo, mais de uma vez ouvi ex-diretores de seus programas falando que sonham até hoje com as broncas que tomaram. Um funcionário-parente no SBT chegava a gravar as conversas por telefone, para o caso de Silvio negar que havia dado determinada ordem.

Artistas dificilmente tinham acesso a ele depois que assinavam o contrato. O modus operandi de Silvio para contratar um profissional era a sua sedutora ligação por telefone com uma proposta financeira irrecusável. Depois disso, o artista só o veria se Zilda, a fiel secretária de Silvio, chamasse.

Pessoa de extrema confiança, Zilda começou a trabalhar como sua secretária em 1975. Ouvir seu nome ao telefone era como subir ao céu —ou descer ao inferno. Ou era um elogio, ou uma bronca. Geralmente bronca.

Em uma dessas vezes, ele chamou Adriane Galisteu para dar um pito daqueles. Silvio ouviu de uma de suas fontes na emissora que ela havia colocado o próprio motorista para participar de um programa de prêmios que apresentava na madrugada do SBT. A palavra mais leve que ouviu foi "antiética".

Adriane me contou isso chorando. Assim como ela, a jornalista Ana Paula Padrão foi à minha sala chorar sobre as mudanças de horário em seu jornal noturno. Silvio reclamava que elas tratavam os seus programas como se fossem delas, e não da emissora. "Elas ganham bem, estou ficando de saco cheio", disse algumas vezes.

Continua na pág. B14



Silvio Santos com reprodução do E.T. do filme homônimo de Steven Spielberg, no 'Show de Calouros' Erasmo de Souza - 9.jan.83/SBT/Divulgação

Com Silvio, em ritmo de festa

Continuação da pág. B13

Para que algumas mudanças não acontecessem —pois essas interferências prejudicavam o departamento comercial, que já havia vendido a publicidade do horário—, o Conselho Executivo entrava com um pedido oficial para que Silvio revisse sua ordem. Era como se um advogado de defesa pedisse, em última instância, um habeas corpus ao Supremo.

Quando contratava seus apresentadores, Silvio dava total liberdade, mas a cláusula "horário" era uma pegadinha. Ele mantinha esse poder para "brincar" na grade de acordo com seus estudos diários de audiência.

Por outro lado, não deixava que mandassem embora artistas doentes ou velhos demais para o trabalho. Foi assim com a apresentadora Hebe Camargo —a recontratou sabendo que ela estava com câncer terminal— e com o jornalista Carlos Nascimento —que passou por um período difícil, mas teve o contrato renovado e não precisou voltar ao ar até estar recuperado.

Para os funcionários mais velhos, dava um salário vitalício. Foi assim com as comediantes Dercy Gonçalves e Ruth Romcy (que atuava em pegadinhas). Mesmo afastado e enfrentando problemas de saúde, Gonçalo Roque ainda é contratado da emissora.

Silvio o conheceu em 1954, quando o ex-ajudante de palco era office boy e porteiro na Rádio Nacional, em São Paulo. "Roque, assim como o Lombardi, eram personagens que serviam de escada para as minhas falas", disse Silvio.

Já os recém-contratados recebiam dicas de comportamento para lidar com Silvio. "Não abordá-lo no estacionamento", "não procurá-lo no Jassa", "não usar perfume ao lado dele, que é alérgico" —esta última apesar de o Grupo Silvio Santos ter uma empresa de perfumes.

*

Saí do cargo de direção da emissora e permaneci como consultor pessoal por mais quatro anos. Continuamos nos falando, mas cada vez menos ao longo do tempo. Minha função era enviar à sua casa análises de programas, sem que a diretoria da emissora soubesse.

Também editei, junto a profissionais do SBT, os 18 primeiros capítulos da novela "Revelação" (2008), a estreia de Íris Abravanel, sua mulher, na teledramaturgia. Bem a seu estilo, Silvio também pediu que outro funcionário da emissora fizesse ao mesmo tempo uma segunda edição.

Como uma competição, a minha versão, mostrada a várias pessoas por ele, ganhou. Assim era sua forma de administrar, muitas vezes colocando um contra o outro. Outro fato pitoresco é que a novela só foi levada ao ar após o término integral de sua gravação.

Depois que deixou de ser locutor da Rádio Nacional e criou seu programa de TV no início dos anos 1960, Silvio nunca mais foi funcionário de ninguém. Foi patrão.

Certa vez, perguntei a ele o que faria se perdesse tudo que amealhou ao longo da vida. Sem titubear, disse que não trabalharia para ninguém. Que não teria pudor nenhum em ir até o Ceasa e comprar algumas bananas para vender na rua. Com o lucro, compraria mais e mais até ter dinheiro suficiente para montar uma banca de frutas, um negócio próprio.

*

Ele considerava a morte de sua primeira mulher, Cidinha, um dos piores momentos da vida. Outras perdas dolorosas foram as de seu pai, Alberto, de sua mãe, Rebeca, e de seu irmão Leon. Também incluía nesta lista sua candidatura à Presidência da República impugnada em 1989, o sequestro de sua filha Patrícia, em 2001, e o rombo de seu banco Panamericano, em 2010.

No caso do banco, ele quase perdeu todos os seus bens. Foi até o presidente Lula (PT), então no fim de seu segundo mandato, pedir ajuda para vender a instituição financeira e se livrar do perrengue. No dia em que sua diretoria foi retirada do banco pela Justiça, ele recusou-se a comentar o assunto comigo.

Preferiu falar dos últimos filmes de que havia gostado. Era seu jeito de aparentar estar no controle da situação, sem um pingo de angústia. O único fato positivo do escândalo, a seu ver, foi unir suas seis filhas.

Cintia e Silvia, do primeiro casamento, não tinham muita intimidade com as quatro irmãs, fruto de sua união com Íris: Daniela, Patrícia, Rebeca e Renata. Por muito tempo, para as duas filhas mais velhas, Íris era a responsável pelo fim do primeiro casamento do pai. Depois do rombo do banco, porém, todas ficaram amigas e até hoje mantêm um grupo no WhatsApp para conversar.

Em uma das entrevistas que fiz com Silvio, ele chorou copiosamente ao falar de Cidinha. Quando ela morreu de câncer, em 1977, Daniela já havia nascido, e Íris estava grávida da Patrícia. Silvio disse o quanto foi injusto com ela e o quanto a amou. Por cinco minutos, ficou abalado. Paramos a entrevista, ele tomou água, e logo voltou a ser Silvio Santos, sacando um boneco de ventríloquo e dando voz a ele com a boca fechada.

Esse foi um dos truques que aprendeu nos circos por onde andou quando apresentava a Caravana do Peru que Fala, nos anos 1950. Peru que Fala foi o apelido que ganhou de seu mestre, Manuel de Nóbrega, radialista e humorista criador da "Praça da Alegria", que deu a ele o Baú da Felicidade.

Silvio o considerava um segundo pai. Em razão disso, sabia-se no SBT que Carlos Alberto de Nóbrega, filho de Manuel e apresentador do humorístico "A Praça É Nossa", sucessor da primeira "Praça", jamais seria demitido da emissora.

O nome de batismo, Senor Abravanel, praticamente deixou de existir no final dos anos 1940, quando ele assumiu o trabalho de locutor em rádios cariocas.

A partir dali, eternizou-se como Silvio Santos, ícone midiático que pelos 75 anos seguintes sempre trafegou, com alegria contagiante, pelo acostamento, fora das vias tradicionais do entretenimento brasileiro. ←

MULTITELA

Filme sobre uma dupla de caçadores de tempestade chega agora ao streaming

Twisters
Lojas digitais, 12 anos
No filme, a cientista Kate Cooper vai testar um novo sistema de rastreamento de tornados nas planícies de Oklahoma, nos Estados Unidos, onde ela cruza com Tyler Owens, um carismático influenciador que posta suas aventuras em redes sociais. À medida que a temporada de tempestades se intensifica, Kate, Tyler e suas equipes se veem na rota de múltiplos ciclones pondo suas vidas em risco. O longa é estrelado por Glen Powell e Daisy Edgar-Jones.

Disco, Ibiza, Locomía
Netflix, 18 anos
Na Ibiza, na Espanha, nos anos 1990, o excêntrico quarteto musical Locomía ganha fama meteórica usando leques e ombreiras. Apesar de virar uma sensação internacional, amizades e carreiras entraram em jogo. O filme é uma ficção LGBTQIA+ baseada na história do grupo.

Prison Break
Netflix, 16 anos
As cinco temporadas da série de ação agora estão na Netflix. Quando estreou em 2005, sua premissa era inovadora e muito simples —o personagem Lincoln Burrows está no corredor da morte, preso por um assassinato que não cometeu, e seu irmão Michael Scofield tem um plano para o tirar de lá.

The Sunshine Makers
Aquarius, 16 anos
O documentário conta a história de Nicholas Sand e Tim Scully. A dupla improvável estava no centro da contracultura americana dos anos 1960 e unida em uma missão utópica para salvar o planeta por meio do poder de conscientização do LSD, e para ganhar dinheiro.

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com (interina)



O Prazer É Meu
GNT e Globoplay, 23h, 14 anos

Narrado pela atriz Mariana Xavier, a série documental oferece um novo olhar sobre o prazer feminino, discutindo como a educação sexual, a maternidade e a saúde mental podem afetar o prazer. As especialistas incluem a psicóloga e ativista indígena Geni Nuñez, a psiquiatra Maria Homem e a terapeuta sexual Preta Kiran

'O que te dá tesão?' Essa é uma das perguntas que Xavier faz às entrevistadas pela série. O projeto tem como principal objetivo chegar ao cerne da questão de como o prazer foi negado às mulheres. Para isso, vai desde a concepção da mitologia de Eva, que contribuiu para que as mulheres fossem vistas como inferiores e culpadas, até os tempos atuais, discutindo a tripla jornada feminina

Insight
Arte1, 20h, livre
Terceira temporada da série documental sobre profissionais da indústria criativa. No primeiro episódio, a arquiteta Patricia Anastassiadis destaca suas raízes gregas ao desenvolver projetos nos quais o clássico e o moderno se encontram em harmonia.

Largados e Pelados - A Tribo
Max e Discovery, 20h30, 14 anos
Um novo grupo de ex-participantes do reality show —que já havia completado os 21 dias sobrevivendo em temperaturas extremas — agora tenta passar 40 dias em terras colombianas, suportando mais calor, mosquitos, carrapatos e jaguares. Eles também têm de percorrer 64 quilômetros ao longo de seis terrenos diferentes.

Viver
HBO Mundi, 23h55, livre
Um funcionário público viúvo recebe um diagnóstico médico dizendo que seu tempo remanescente é curto. Ele então tem uma revelação que o inspira a encontrar o significado da vida. Filme baseado na obra de Akira Kurosawa.

Canal Livre
Band, 23h30, livre
O programa recebe a escritora, antropóloga e mais nova imortal da Academia Brasileira de Letras, Lilia Schwarcz. Ela vai falar sobre o longo processo de independência do Brasil, a participação popular e imagens da nossa história. A apresentação é de Rodolfo Schneider.

A Noite do Jogo
HBO 2, 0h45, 14 anos
Max e Annie participam de uma noite de jogos com casais amigos na casa de Brooks, irmão de Max. Mas uma reviravolta na noite faz Brooks ser sequestrado enquanto os casais acham que é parte do jogo. Comédia com Jason Bateman, Rachel McAdams e Jesse Plemons.

CINEMA

Seguido por debate, filme nacional 'A Metade de Nós' é exibido no Ciclo de Cinema e Psicanálise no MIS, em SP

SÃO PAULO O MIS, o Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, terá uma sessão gratuita do filme "A Metade de Nós", de 2023, do diretor Flávio Botelho, na próxima terça-feira, dia 10 de setembro, às 19h. A sessão, seguida de debate, é parte do Ciclo de Cinema e Psicanálise, em parceria com a SBPSP, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, o MIS e a Folha.

O filme aborda temas como a dor da perda e as diferentes formas de elaboração do luto, ao acompanhar a história de um casal que perde o único filho para o suicídio. No ano passado, o longa venceu o prêmio do público como melhor filme brasileiro na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e pode concorrer ao Oscar de 2025, na categoria de melhor filme internacional.

Depois da sessão haverá um debate com a psicanalista Marilsa Taffarel e Flávio Botelho, diretor do filme, mediado pela psicanalista Luciana Saddi, curadora do evento. O encontro acontece no auditório do MIS (av. Europa, 158, na zona oeste de São Paulo). Os ingressos ficam disponíveis na bilheteria com uma hora de antecedência.



Denise Weinberg em cena do filme 'A Metade de Nós' Divulgação



Crédito

Ria por sua conta e risco

Trump e Putin expressaram inquietações com gargalhada de Kamala Harris

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de "Boca do Inferno".

A primeira coisa que os ditadores fazem é proibir que o povo se ria deles. Tudo bem, talvez não seja a primeira coisa, mas está entre as primeiras. Isso costuma ser interpretado como uma prova de que o humor tem muito poder, quando é apenas a prova de que os ditadores têm muitas inseguranças. Eu tenho quase dois metros e peso 90 quilos —e tenho medo de aranhas. Isso não é a demonstração do poder das aranhas, coitadas.

Entre o final do século 19 e o início do século 20, vários jornais noticiaram a morte de espectadores que assistiam a espetáculos de vaudeville ou —sobretudo— a filmes. Confrontadas com a novidade do cinema, as vítimas não aguentavam o poder das comédias e riam até à morte. De acordo com esses jornais sensacionalistas, as vítimas eram quase exclusivamente mulheres. Antigamente desmaiava-se mais, tenho verificado. Nos filmes antigos, sempre que uma mulher era confrontada com uma notícia perturbadora, desmaiava, e era preciso abaná-la com um leque. Nos filmes modernos quase não se desmaia —e ainda bem, porque já ninguém anda munido de um leque.

A ideia de que há qualquer coisa profundamente ameaçadora no riso é antiga. Há uma tendência para suspeitar que o que dá prazer é errado. Quando quem ri é uma mulher, o perigo aumenta.

Mesmo tendo em conta a maior sensibilidade das pessoas de antigamente, o mais provável é que as notícias sobre as mulheres que morriam a rir sejam mitos urbanos. Ainda assim, o pânico em torno de mortes provocadas pelo riso fez com que as seguradoras da época lançassem seguros contra o risco de morrer a rir em espetáculos de comédia. (Confesso que não sei quem pedia a proteção, se o espectador ou o dono do cinema).

A ideia de que existe qualquer coisa profundamente ameaçadora no riso é antiga. Quando quem ri é uma mulher, o perigo aumenta. O riso dá prazer, o que agrava a situação: há uma tendência para suspeitar que o que dá prazer é errado e/ou faz mal.

Depois de Trump ter feito considerações acerca do riso de Kamala Harris, agora foi a vez de Putin fazer o mesmo. "Tem um riso tão expressivo e contagioso que isso significa que está tudo bem com ela", disse ele, com ironia. Não creio que seja coincidência. No espaço de um mês, dois homens poderosos manifestaram alguma inquietação com a gargalhada de uma mulher. E não creio que eles estejam preocupados com o risco de ela morrer de riso.

DOM. Ricardo Araújo Pereira SEG. Bia Braune
TER. Manuela Cantuária QUA. Hmmfalemais
QUI. Flávia Boggio SEX. Renato Terra SÁB. José Simão



As atrizes Julianne Moore (esq.) e Tilda Swinton no filme 'The Room Next Door', o mais recente de Pedro Almodóvar Divulgação

Festival de Veneza dá chega para lá em discursos de ódio

Premiação laureou o cineasta Pedro Almodóvar em trama sobre eutanásia e o filme brasileiro 'Ainda Estou Aqui', sobre morte de deputado na ditadura militar

ANÁLISE

Bruno Ghetti

VENEZA (ITÁLIA) Os grandes festivais tinham uma desconcertante dívida com Pedro Almodóvar: laureado diversas vezes com troféus secundários, o espanhol ainda não tinha recebido um prêmio principal em Berlim, Cannes ou Veneza, os mais importantes festivais do mundo. Pois os italianos se encarregaram de corrigir isso na premiação deste ano: "The Room Next Door", seu primeiro longa em inglês, ganhou um relativamente justo Leão de Ouro.

Não é o melhor filme do cineasta, mas é um Almodóvar de muito alto nível. Traz Julianne Moore no papel de uma escritora que ajuda uma velha amiga com câncer, vivida por Tilda Swinton, em seus dias finais. Ela lhe ajuda inclusive em sua eutanásia, em um filme muito bem conduzido e que não tem o peso que a trama talvez faça parecer.

Há melancolia, mas há humor e uma grande fúria com um certo estado de coisas no mundo, que dá a esse filme uma vitalidade inesperada —uma energia de combate. É uma obra altamente política, que faz uma cáustica análise do mundo atual, com canhões voltados sobretudo a ideias reacionárias.

De certo modo, o tema também surgiu no brasileiro "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, que ganhou o prêmio de melhor roteiro, reconhecimento ao trabalho de Murilo Hauser e Heitor Lorega —o primeiro troféu veneziano em décadas a ir para um longa nacional.

Ao narrar a história do desaparecimento e morte do ex-deputado Rubens Paiva, no começo dos anos 1970, por ordem do governo militar, o filme é um libelo contra todo tipo de truculência de governos autoritários e conservadores. Traz de volta esse passado para que ele não seja revivido na prática.

A tônica do festival foi bem essa: um chega para lá do progressismo em pensamentos e atitudes com origem no ódio. Ecoou o tema da Bienal de Artes de Veneza, organizada pela mesma fundação Biennale, deste ano: "Stranieri Ovunque", ou estrangeiros em todos os lugares, frase que se refere tanto ao fato de que, no mundo global de hoje, é inevitável encontraremos pessoas estrangeiras em qualquer local que formos. Ao mesmo tempo em que nós mesmos também sempre seremos estrangeiros ao sairmos de nosso lugar natal.

"Jouer avec le Feu", das francesas Delphine e Muriel Coulin, fala sobre supremacistas brancos na França atual e deu a Vincent Lindon o prêmio de melhor ator, na pele de um pai que se desespera ao perceber que seu filho mais velho se uniu a um grupo neonazista, cometendo violência contra imigrantes.

Outro premiado, o também francês "Leurs Enfants Après Eux", trazia temática semelhante: Paul Kircher, vencedor do prêmio Marcello Mastroianni para atores iniciantes, vive um rapaz em eterno conflito com outro de origem árabe. E o tema apareceria também em "The Order", do australiano Justin Kurzel, que não recebeu prêmios, mas que também falava de xenofobia.

O Grande Prêmio do Júri, segundo mais importante, foi a surpresa da noite: a italiana Maura Delpero foi laureada por "Vermiglio", que acompanha a rotina de moradores de um vilarejo no norte da Itália, durante a Segunda Guerra.

O prêmio de melhor direção foi para "The Brutalist", do americano Brady Corbet, que mergulha na formação dos Estados Unidos a partir da história de um arquiteto húngaro, que sobrevive a um campo de concentração na Europa e encontra a possibilidade de seguir sua vida em um novo país. Fictício, o personagem funciona como uma espécie de síntese do imigrante que fez a nação americana prosperar no século 20.

E a situação feminina não foi esquecida, surgindo com força na defesa do direito ao aborto exposta no pungente "April", da georgiana Dea Kulumbegashvili, que saiu de Veneza com o Prêmio Especial do Júri. Foi um dos filmes mais comentados no boca a boca.

E também surgiu em "Babygirl", da holandesa Halina Reijn, que propiciou a Nicole Kidman aquela que talvez seja a maior atuação de sua admirável carreira, rendendo-lhe um merecido o prêmio de melhor atriz. No longa, ela dá vida a uma bem-sucedida diretora de uma empresa de robótica que se envolve com um estagiário bem mais novo. Ela finalmente pode dar vazão a seus sonhos eróticos que jamais teve coragem de exercer com o marido careta. Nunca é tarde para alguém requerer para si o direito a ter prazer.

E não se pode esquecer da crítica à idolatria a figuras carismáticas, mas que pregam o ódio, habilmente exibida em "Coringa: Delírio a Dois", de Todd Phillips, que pode ter passado sem prêmios pelo evento, mas que trouxe um convite para uma reflexão importante, em um filme com potencial de se comunicar com um grande público.

A mensagem geral desta 81ª edição, percebe-se, foi a de resistência contra o avanço da intolerância nos quatro cantos do mundo. A extrema direita pode estar ganhando território em eleições locais, mas Veneza mostra que a arte promete ser um campo privilegiado de resistência a esse movimento.



Fotos Jardiel Carvalho/Folhapress

Para a primeira infância, modo como a escola entende a criança é fundamental

Alunos do ensino infantil do Colégio Magno, na zona sul de São Paulo, participam de atividade de leitura na biblioteca *pág. 6*

Carga maior e simulados são armas para vestibular e Enem

Colégios com alta taxa de aprovação reforçam revisão de conteúdo

Fernando Leal

SÃO PAULO Escolas que têm como objetivo declarado preparar para as provas sem necessidade de cursinho e conseguem resultados expressivos no Enem e nos principais vestibulares do país costumam oferecer carga horária bem maior do que a obrigatória, com aulas todas as manhãs e duas ou três vezes por semana também à tarde.

Adotam ainda estratégias diferenciadas de revisão das matérias pedidas nos exames. O Colégio Pentágono, com unidades em Alphaville, Morumbi e Perdizes, conclui os conteúdos do ensino médio no primeiro semestre da terceira série e dedica o resto do ano só a atividades de revisão.

No Colégio Poliedro, o foco do último ano é totalmente revisional. Com escolas em São José dos Campos, São Paulo e Campinas, o Poliedro utiliza para isso materiais de seu curso pré-vestibular.

Outras escolas aliam à revisão tradicional algumas atividades extras. É o caso das aulas específicas e das oficinas de redação e de reuniões de estudo em que os alunos podem tirar dúvidas com colegas, como existe no projeto Voluntário Tutor Acadêmico, do Colégio Vital Brazil, no Butantã, região oeste de São Paulo.

Igualmente decisivo é o treino para a maratona de provas do fim do ano. Desde o final do ensino fundamental, e principalmente nas três séries do ensino médio, os jovens participam de simulados, nos moldes do vestibular.

Continua na pág. 2



Hoje o vestibular é mais analítico, exige do jovem informações, mas também interpretação e um ponto de vista crítico

André Rebelo
coordenador do ensino médio no Colégio Vital Brazil

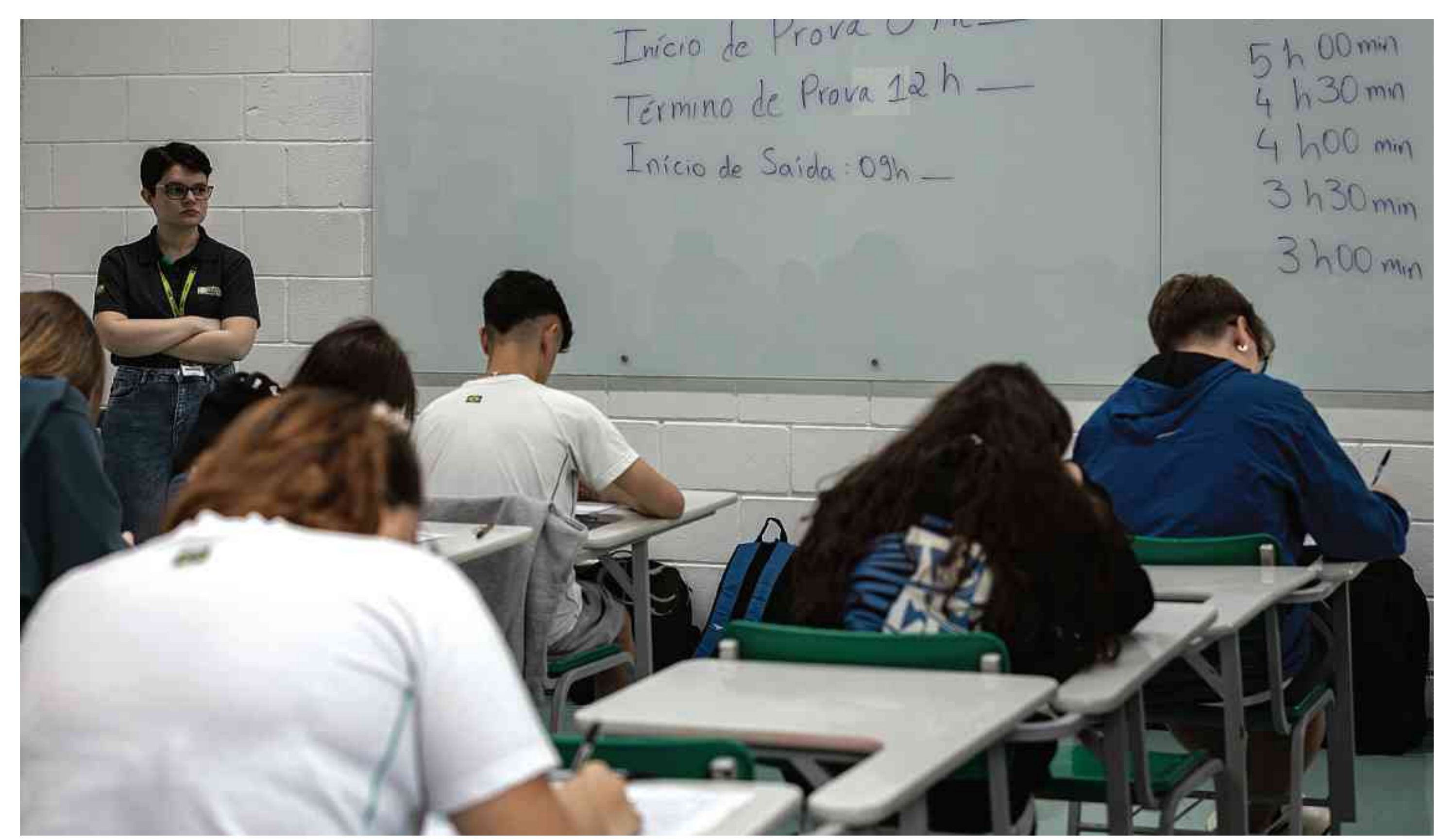


Coletivos feministas em escolas fortalecem alunas e professoras contra o machismo

Estudantes da Escola Estadual República Argentina, na zona norte de São Paulo, criaram clube de dança para ajudar colegas a perderem a timidez *pág. 4*



Alunos do ensino médio do Colégio Vital Brazil durante atividade pedagógica chamada 'mergulhando na ciência' Jardiel Carvalho/Folhapress



Estudantes do Colégio Arbos, em São Bernardo do Campo, fazem simulado de vestibular na manhã de um sábado Allison Sales/Folhapress

Carga maior e simulados são armas para vestibulares e Enem

Continuação da pág. 1

O número de provas desse tipo varia de escola para escola, mas em algumas elas são feitas em quase todos os fins de semana ao longo do ensino médio. Além do formato dos exames das principais provas de admissão (em especial das universidades estaduais paulistas), seguem também os padrões do Enem.

Os simulados têm uma função ainda mais estratégica no trabalho das escolas. Após cada prova, os dados relativos ao desempenho dos estudantes são analisados, a fim de identificar temas e habilidades em que ocorrem as maiores defasagens em relação aos resultados esperados. Tais informações direcionam a atuação dos professores em cada turma e na orientação individualizada sobre o que priorizar nos estudos em casa.

A capacitação permanente dos professores é um elemento central no quadro que ajuda a explicar o maior sucesso de algumas escolas nos vestibulares e no Enem. "Ao dominar plenamente o conteúdo e a dinâmica da turma, o professor pode criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo, seguro e eficiente, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes", diz Luis Gustavo Megiolaro, diretor-executivo de unidades escolares do Poliedro Educação.

Mas essas escolas não param no estudo extra, revisão e simulados. Diante de um quadro cada vez mais complexo, com diferentes tipos de exames e desafios que vão além da vida acadêmica, esses colégios colocam em prática uma gama variada de ações, ferramentas e rotinas.

"Precisamos estar sempre atentos às necessidades globais dos jovens, a partir de uma visão ampla que inclui a formação integral, as competências socioemocionais e a saúde física e mental", afirma Bruno Alvarez, vice-diretor de inovações pedagógicas do Colégio Pentágono.



Alunos do Colégio Pentágono estudam moléculas em monitoria de química Jardiel Carvalho/Folhapress

A escola compartilha essa preocupação com as famílias e os estudantes. "Não se deve cair na armadilha de se concentrar apenas nos conteúdos, deixando de lado outros aspectos, como o projeto de vida", aponta Alvarez. "Senão, os próprios objetivos desejados podem acabar comprometidos."

No Pentágono e em outras escolas faz parte da abordagem a ajuda na escolha da profissão. Essa definição dá significado aos estudos, aumenta a percepção de que o esforço vale a pena, gera motivação e abre caminho para um planejamento de estudos mais adequado e efetivo.

"A ideia é que o aluno se torne corresponsável por sua curva de aprendizagem, por meio da construção de um projeto de futuro que faça sentido para ele", explica Ricardo Caparrós, diretor da unidade de São Bernardo do Campo do Colégio Arbos, também presente em Santo André e São Caetano do Sul (Grande São Paulo).

Nesse sentido, cabe às áreas de orientação educacional dos colégios realizar dinâmicas e vivências em grupo —entre elas palestras, visitas a universidades, encontros com ex-alunos que atuam no mercado de trabalho e rodas de conversas— e também atendimentos individuais e sessões de mentoria.

A construção do projeto de vida pode ter início ainda no ensino fundamental, mas é mais comum a partir da primeira série do ensino médio e contribui para que os jovens fixem ações concretas que levem em conta suas metas e seu desempenho escolar.

No Pentágono e no Arbos, os projetos de vida se desdobram na elaboração de um plano individual de desenvolvimento, para o aluno a entender melhor seu desempenho escolar e o que precisa fazer para alcançar seus objetivos, incluindo planos de ação com cronograma de estudos.

As escolas também buscam implementar estratégias que aprimorem os métodos tradicionais de preparação. "Hoje o vestibular é mais analítico, exige do jovem informações, mas também interpretação e um ponto de vista crítico", diz André Rebelo, coordenador do ensino médio no Colégio Vital Brazil.

Os estudantes devem, afirma Rebelo, "ser capazes de fazer as conexões apropriadas entre as várias áreas do conhecimento e de propor intervenções práticas em relação a questões fundamentais da sociedade".

O ensino médio é naturalmente a etapa em que a preparação para os vestibulares e o Enem se intensifica. Porém, as escolas ressaltam que o trabalho nesse campo começa antes. "O bom desempenho nos exames é consequência de um trabalho abrangente", afirma Victor Callari, coordenador do ensino médio da Escola Villare, de São Caetano do Sul.

O caminho passa pelo processo de alfabetização e letramento na infância, práticas de leitura consistentes ao longo do tempo e o domínio dos conceitos essenciais da matemática.

Coletivos em escolas fortalecem alunas e professoras contra situações de machismo

Grupos feministas criados em instituições públicas e particulares misturam estudantes de diferentes idades para discutir violência, questões raciais e padrões de beleza

Beatriz Gatti

SÃO PAULO Incentivar a leitura, fortalecer a autoestima, compartilhar angústias, organizar atividades solidárias. Esses são alguns dos objetivos dos coletivos feministas criados em escolas públicas e privadas, no miolo das grandes cidades e nas periferias.

Criado em 2018 no Colégio Pedro 2º, instituição federal na zona norte do Rio de Janeiro, o Fórum das Minas surgiu como um grupo de pesquisa sobre escritoras esquecidas pela literatura. O foco são autoras dos séculos 19 e 20, como Maria Firmina dos Reis, Júlia Lopes de Almeida e Carolina Maria de Jesus.

"Fazemos não só um debate no nível técnico da literatura; a gente estuda a biografia dessas mulheres e discute a atualidade", diz à **Folha** Aline Andrade, uma das quatro docentes envolvidas no projeto, que oferece bolsas de iniciação científica para seis estudantes do ensino médio.

"Foi marcante a parte do livro "Sejamos Todos Feministas", da Chimamanda [Ngozi Adichie], sobre como a sociedade ensina as meninas desde novas a se comportarem de certa maneira: 'fecha as pernas', 'olha a roupa'", conta Júllia Vieira, 18, aluna do terceiro ano do ensino médio que está em sua segunda participação no Fórum. "Nas reuniões, falamos muito sobre como crescemos ouvindo isso."

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Sebastião Francisco, o Negro, localizada na zona leste de São Paulo, de tanto as alunas buscarem as professoras fora da sala de aula para conversar sobre gênero, as docentes resolveram formar um espaço dedicado ao debate. Padrão de beleza, cultura do estupro, masculinidade tóxica e saúde menstrual são alguns dos temas já discutidos.

De acordo com a professora Débora Camasmie, os encontros do coletivo, do qual participam cerca de 15 estudantes, são sobretudo um lugar de afirmação e acolhimento —uma das ex-participantes, por exemplo, buscou o espaço após ser vítima de violência.

Para Isabella Sampaio dos Santos, 13, o grupo foi importante para levantar sua autoestima. "Não que eu não gostasse de mim, mas a Débora sempre enaltece pessoas pretas, então isso me ajudou em relação a inseguranças", diz a estudante do oitavo ano, que frequenta as reuniões desde 2022.

A docente também foi impactada. "Eu saí de um relacionamento abusivo graças a elas. A gente estava conversando quando uma delas falou: 'Professora, você está vivendo isso que você fala para a gente'. Aquilo me deu força para sair de uma situação que me fazia mal", conta Débora.



Integrantes de clube de dança formado por estudantes da Escola Estadual República Argentina Fotos Jardiel Carvalho/Folhapress



Alunas do coletivo feminista Eu Não Sou Uma Gracinha, da Escola Nossa Senhora das Graças, em São Paulo, participam de reunião no auditório da escola

Livros sugeridos pelos grupos

O Feminismo É para Todo Mundo
bell hooks
Rosa dos Tempos, R$ 54,90
175 páginas

Feminismo em Comum
Marcia Tiburi
Rosa dos Tempos, R$ 44,90
126 páginas

Um Teto Todo Seu
Virginia Woolf
Nova Fronteira, R$ 24,99
120 páginas

Na escola particular Nossa Senhora das Graças, na zona oeste de São Paulo, o coletivo Eu Não Sou Uma Gracinha conta com cerca de 20 meninas, do 6º ano do fundamental ao 3º ano do ensino médio, que promovem discussões e iniciativas solidárias como a arrecadação de absorventes para mulheres em situação de vulnerabilidade.

Uma delas é Luiza Carvalho, 16, do primeiro ano. No projeto desde 2020, ela vê as reuniões como uma forma de criar vínculos com alunas de outras séries.

"Fico feliz com o engajamento das meninas, principalmente as mais novas. Dá uma esperança grande ver estudantes que acabaram de entrar no fundamental 2 já com vontade de participar desses espaços", afirma.

Segundo Maria Eduarda Moraes, que pesquisa a relação entre feminismos contemporâneos e a juventude pelo programa de pós-graduação em ciências sociais na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a formação dos grupos parte de demandas locais específicas.

"Em algumas das escolas que visitei, as discussões sobre assédio chamam muito a atenção das estudantes, principalmente pela possibilidade de entender que a culpa de ter experienciado aquela violência não é delas", explica a mestranda.

No Colégio São Luís, escola particular na zona sul de São Paulo, o coletivo Maria Quitéria reúne mensalmente de 10 a 15 estudantes do ensino médio, em sua maioria meninas e bolsistas do período noturno.

Julia Brasil, 17, aluna do segundo ano e uma das administradoras do grupo, tem o mesmo objetivo de gerar reflexão em um espaço acolhedor. "Tivemos reuniões em que os meninos se sentiram à vontade para chorar", conta.

Os meninos também são bem-vindos nas reuniões da EMEF Sebastião Francisco e do Pedro 2º. "O Fórum é um lugar para eles ouvirem as mulheres e pensarem como o machismo também os afeta", acrescenta a professora Aline.

Questões raciais têm aparecido com mais frequência nos coletivos. "O feminismo inicialmente era racista, porque começou como uma luta de direitos para as mulheres brancas", diz Julia, do Maria Quitéria. "Mas até onde, de fato, contribuiu para as mulheres? Que mulheres eram essas?"

Quando criança, Laura Balero, 18, ouvia insultos racistas de outras meninas nas aulas de balé. "Até hoje tenho um pouco de insegurança com o meu corpo, porque para nós, mulheres negras e periféricas, é muito mais complicado sermos inseridas na dança."

Desde 2022 ela lidera um clube de dança na Escola Estadual República Argentina, na zona norte de São Paulo. O objetivo é ajudar colegas a perderem a vergonha e conseguirem se expressar através da dança. Ao final do semestre, o clube conduzido por Laura —que tem mais de 40 meninas e um menino— fará uma apresentação em outra escola da região.

Na primeira infância, escola e família precisam falar a mesma língua

Proposta de trabalho pedagógico é um dos itens fundamentais a considerar na hora de escolher onde matricular as crianças pequenas, afirmam especialistas



Alunos do Colégio Lourenço Castanho, na Vila Nova Conceição, em São Paulo Keiny Andrade/Folhapress



Crianças da educação infantil da unidade Santo Amaro do Colégio Magno/Mágico de Oz, em São Paulo, participam de atividade que estimula o contato com os alimentos e a autonomia Jardiel Carvalho/Folhapress

Fernando Leal

SÃO PAULO Na hora de escolher a primeira escola das crianças, há muitos detalhes que as famílias precisam considerar. Porém, de acordo com os especialistas, a atenção a aspectos relevantes, como infraestrutura, rotina de cuidados e localização, por exemplo, não deve fazer com que se deixe de lado o mais importante: a proposta de trabalho pedagógico, a sintonia de valores e a disposição para trabalhar em parceria.

A pedagoga e mestre em psicologia Cláudia Tricate, diretora do Colégio Magno/Mágico de Oz, em São Paulo (com unidades em Santo Amaro e Campo Belo), diz que a forma como o colégio entende e aborda o período da infância que vai até os seis anos deve estar alinhado com o pensamento, os objetivos e os valores da família. "É fundamental que falem a mesma língua no que diz respeito à educação, ainda mais nesta fase tão decisiva para o desenvolvimento das crianças", acrescenta.

A especialista destaca ainda que, para essa sintonia se estabelecer, é ideal que os educadores sejam capazes de traduzir seu projeto pedagógico de um jeito compreensível e palpável, que vá além teoria. Um aspecto que merece atenção é a relação entre cuidado e autonomia.

"A escola precisa deixar que a criança faça muitas coisas sozinha, e isso não significa falta de cuidado", explica Cláudia. "Os pais talvez prefiram que se dê comida à criança, em vez de deixar que ela coma sozinha, para garantir que se alimente bem. Mas é possível se antecipar e mostrar a importância da autonomia para a boa alimentação."

Segundo Claudia, o Colégio Magno/Mágico de Oz põe em prática esses conceitos no relacionamento as famílias. "Estabelecemos um diálogo transparente e um trabalho de parceria, no ensinar e no educar", afirma.

Para o psiquiatra e psicoterapeuta Wimer Bottura, que aconselha famílias e é cofundador da Universidade de Pais, instituição especializada em educação parental, as expectativas da família sobre a escola, assim como as expectativas da escola sobre a família, devem ser esclarecidas para que não pairem pontos obscuros. "Trata-se de uma extensão da família para fazer o que ela não pode fazer sozinha", afirma.

Para ele, família e escola não são rivais, são parte do mesmo todo, cada lado com seus papéis específicos, mas que se complementam. Conversas prévias sobre aspectos considerados essenciais, conhecimento mútuo e espírito de parceria contribuem para evitar conflitos futuros.

Vai nessa linha a proposta de trabalho da Escola Lourenço Castanho, na Vila Nova Conceição, em São Paulo, buscando um equilíbrio entre educação e cuidados.

"A escola não é a casa da avó ou da tia, nem o clube, nem um hotel. Deve ficar claro para os pais quais são os compromissos com o desenvolvimento e o aprendizado das crianças. Além de serem informados sobre a rotina de cuidados tomados, os pais precisam saber dos conhecimentos construídos por meio das brincadeiras e jogos de faz de conta, por exemplo", destaca a diretora geral Cristina Tempesta.

Por isso mesmo, quando o assunto é a infraestrutura da primeira escola, não podem faltar os chamados "espaços educadores", com mobiliário e materiais adequados para que as crianças possam aprender brincando, explorar e fazer descobertas e ter contato com a natureza.

"O ambiente escolar é constituído pelo espaço e pelas formas de ocupá-lo, propiciando às crianças experiências nas diversas linguagens e materiais, por exemplo, além da possibilidade de se expressarem e aprenderem", diz Débora Vaz, diretora pedagógica do Colégio Santa Cruz, localizado na zona oeste da capital paulista.

A escola se prepara para receber a primeiríssima infância (de 1 a 3 anos) a partir de 2025.

Os especialistas também ressaltam que todos os colaboradores contribuem em alguma medida para os processos educativos nas etapas iniciais da infância, porque cuidados e estímulos andam sempre lado a lado. "Enxergamos o educar e o cuidar de forma integrada, uma atividade a ser desempenhada por professores e educadores com formação apropriada para isso", afirma Débora Vaz, do Santa Cruz. "Os profissionais da escola têm de estar preparados para identificar sinais indicativos de bem-estar e lidar com situações delicadas", lembra Cristina Tempesta, da Lourenço Castanho.

Em relação ao número ideal de crianças por sala na primeira infância, Cristina explica que varia de acordo com o espaço físico e a formação dos profissionais. Em geral, crianças de um ano e meio convivem bem com até 12 alunos por turma, com dois professores ao lado delas e ambientes de boa qualidade. A cada ano é viável somar mais quatro crianças, chegando ao final da educação infantil com até 24 alunos por sala.

O que o MEC recomenda checar na escolinha

- As salas de atividades e demais ambientes internos e externos são agradáveis, limpos, ventilados e tranquilos, com acústica que permite uma boa comunicação?
- Há reuniões com familiares pelo menos três vezes por ano?
- Os familiares recebem relatórios sobre as vivências, produções e aprendizagens pelo menos duas vezes ao ano?
- A instituição tem proposta pedagógica em forma de documento?
- A instituição permite a entrada dos familiares em qualquer horário?
- Existe local adequado para receber os pais ou familiares?
- Há local adequado para aleitamento materno?
- As professoras têm, no mínimo, a formação em nível médio ou magistério?
- Todos os pontos potencialmente perigosos do prédio são protegidos para garantir a circulação segura das crianças e evitar acidentes?
- A instituição tem procedimentos preestabelecidos que devem ser tomados em caso de acidentes?
- Há no mínimo uma professora para cada grupo de 6 a 8 crianças de 0 a 2 anos?
- Uma para 15 crianças de 3 anos?
- Uma para cada grupo de 20 crianças de 4 a 6 anos?



Estudantes do ensino fundamental do Colégio Santa Amália Saúde, de São Paulo, durante atividade de leitura em sala de aula do Projeto Leitor Fotos Jardiel Carvalho/Folhapress

Contato das crianças com livros começa antes da alfabetização

Estímulo à leitura inclui brincadeiras e professoras contando histórias

Fernando Leal

SÃO PAULO As escolas que têm a leitura como elemento central do projeto pedagógico são unânimes em afirmar que esta prática, necessariamente, deve começar bem cedo e de forma prazerosa. "É muito mais fácil atrair uma criança para a leitura do que um adolescente depois", afirma Silvia Adrião, coordenadora de educação infantil do Colégio Albert Sabin e diretora pedagógica da Escola AB Sabin, que atende exclusivamente os menores, de 1 a 5 anos (ambas localizadas na zona oeste de São Paulo).

Silvia conta que há uma ação intencional de resistência ao universo digital, "estimulante, mas também uma concorrência quase desleal, que rouba das crianças tempo e concentração para outras aprendizagens". A escola oferece acesso aos livros no cotidiano e, todos os dias, ao menos um momento de leitura compartilhada com a professora, sempre cuidando da diversidade de temas e autores. "Mostramos a beleza das diferenças em textos, imagens e brinquedos, por exemplo", acrescenta.

Para aproximar ainda mais os pequenos do universo dos livros, há no Sabin atividades de produção de livros a partir dos quatro anos, até com conclusão de um projeto de pesquisa.

O desenvolvimento da competência leitora acontece na primeira infância (até os seis anos de idade) como atividade lúdica. O primeiro passo para que a criança se aproprie, de forma natural, tanto da habilidade de ler como do gosto pelos livros, são os momentos em que adultos contam histórias. "Depois, ao brincar de ler, apontando para o que está escrito, vai criando a relação entre escrita e fala", explica Maria José Nóbrega, professora de pós-graduação no Instituto Vera Cruz, ligado à escola paulistana de mesmo nome (localizada na zona oeste).



Roda de leitura promovida para crianças da Escola AB Sabin, localizada na zona oeste da capital paulista, que atende exclusivamente alunos de 1 a 5 anos

> **É fundamental que crianças e jovens possam ler livros alinhados com seus interesses, para manter o engajamento e a motivação, mas também tenham a oportunidade de explorar temas que enriqueçam suas experiências e desenvolvam novas perspectivas**
>
> **Maria José Nóbrega**
> professora de pós-graduação no Instituto Vera Cruz

Concluída a alfabetização, acrescenta a especialista, é essencial que os alunos tenham tempo para desenvolver, aos poucos, a fluência na leitura de textos mais longos e complexos.

Nessa etapa, faz diferença a escolha das obras. "É fundamental que crianças e jovens possam ler livros alinhados com seus interesses, para manter o engajamento e a motivação, mas também tenham a oportunidade de explorar temas que enriqueçam suas experiências e desenvolvam novas perspectivas", destaca.

No Colégio Santa Amália Saúde, o Projeto Leitor inclui a formação de uma biblioteca de sala de aula, tempo de leitura em casa e troca de impressões entre os estudantes.

Ao longo do ensino fundamental 1, eles mantêm um mesmo caderno em que registram tanto aspectos técnicos (como autor e editora) como aqueles relacionados à interpretação dos textos, inicialmente por meio de desenhos e depois de forma escrita. "As crianças, junto com as famílias, podem constatar como progrediram e como construíram seu gosto literário", comenta a diretor pedagógica Adriane Ideta.

A diversidade de gênero e de temáticas, como estímulo ao prazer de ler, segue nos anos finais do ensino fundamental, de modo recorrente, com variadas abordagens, de acordo com a evolução na capacidade de compreensão. Isso se traduz na Diversiteca, uma iniciativa de troca de recomendações em plataforma digital. "Na adolescência vale mais a opinião dos colegas", acrescenta Adriane Ideta. É comum ainda o contato direto com autores, seja em palestras ou em rodas de conversa em sala de aula.

Em diversos colégios, o trabalho de incentivo à leitura tem o reforço de uma biblioteca que, cada vez mais, ganha um ar moderno e acolhedor e está integradas ao currículo escolar. Na Unidade Granja Vianna do Colégio Rio Branco, o projeto Leitura Surpresa foi idealizado pela equipe de bibliotecárias com o objetivo de estimular o empréstimo de obras do acervo para alunos do sexto ano do ensino fundamental ao ensino médio.

Com base somente em algumas dicas sobre o estilo da história, cada estudante escolhe o livro que vai levar para casa como próxima leitura. Dentro do pacote, que esconde completamente a capa, ele encontra um QR Code que dá acesso a perguntas sobre a obra. As respostas são expostas em um mural para que sirvam de recomendação para os demais visitantes da biblioteca.

"Temos uma cultura de acesso ao site da biblioteca com a divulgação de lançamentos, dicas culturais e empréstimo, democratizando o acesso às novas publicações, incentivando os alunos a levarem livros para casa ou a lerem nos intervalos de desconexão, que são momentos em que oferecemos alternativas ao uso do celular", afirma a diretora Carolina Sperandio.

A escola também apoia a formação de clubes de leitura e organiza saraus literários e eventos culturais com a participação de escritores, além de promover todos os anos o Festival do Livro em Família, evento destinado a engajar a comunidade escolar como um todo.

Soluções propostas por escolas ganham prêmio

Projeto de colégio no RS combate violência sexual; no interior de SC, objetivo é acabar com alagamentos

Carolina Castro

RIO DE JANEIRO Foi escutando as demandas das próprias crianças que a Escola Municipal Saint-Hilaire, em Porto Alegre (RS), e o Centro Escola Infantil Nova Brasília, em Brusque (SC), criaram projetos vencedores do Prêmio Escolas Sustentáveis, organizado pela empresa Santillana e a sua fundação, em parceria com a Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI).

Cada escola ganhou R$ 15 mil e concorre em outubro na etapa internacional da premiação, que dá R$ 25 mil à melhor iniciativa do ano.

A Saint-Hilaire venceu a segunda edição do prêmio, entregue na terça-feira (3), na categoria voltada para ensino fundamental e médio, concorrendo com mais de mil outros projetos.

O tema "Em Busca dos Jardins, a formação de lideranças femininas comprometidas com o desenvolvimento social do território" foi sugerido por alunas, de 8 a 18 anos, para promover ações de combate à violência de gênero, autocuidado e saúde mental através da leitura e de atividades.



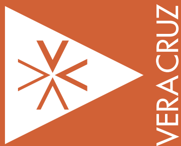
Alunas e professora do projeto da Escola Municipal Saint-Hilaire, de Porto Alegre, uma das vencedoras do Prêmio Escolas Sustentáveis Carlos Macedo/Folhapress

O assunto foi proposto com base em experiências pessoais delas, de outras colegas e da realidade do bairro em que vivem. A Lomba do Pinheiro, uma hora distante do centro de Porto Alegre, tem altos índices de violência de gênero e infantil.

O grupo viaja para a Colômbia no mês que vem para concorrer na categoria internacional do prêmio, que engloba Brasil, México e o país sede.

"Quando as meninas começaram a falar sobre a violência sexual e a importância da escola combater, estavam dando um alerta importante para a comunidade", diz a professora Maria Gabriela Souza, 38, coordenadora do projeto. "E isso reverberou para fora dos muros da escola."

O projeto tem diferentes abordagens de acordo com a idade trabalhada. Para as crianças menores, brincadeiras e livros. Para as mais velhas, rodas de conversa, cartas deixadas em uma caixa amarela para quem preferir não falar e encenações teatrais. Tudo com acompanhamento psicológico. O coletivo também distribui kits menstruais, que incluem uma bolsa térmica de sementes para cólicas e absorventes laváveis feitos por elas.



Fazer um projeto que olha para os direitos, em especial, das meninas é transformador

Maria Gabriela Souza, coordenadora do projeto da Escola Saint Hilaire

Na categoria ensino básico, a Escola Nova Brasília, de Santa Catarina, venceu com o projeto "Pequenos construtores do amanhã: explorando sustentabilidade com robótica", que surgiu de uma demanda das crianças de 4 a 5 anos, segundo a professora Milene Tavares, 26.

Elas observaram que um bueiro na praça em frente à escola estava cheio de lixo e creditaram a isso os frequentes alagamentos em Brusque. "A partir daí a gente partiu de uma pergunta norteadora: como diminuir os resíduos dentro da nossa unidade e da comunidade?" Para responder, as crianças construíram com material reciclado uma máquina para avaliar quanto tempo os materiais duram no meio ambiente.

Representantes das escolas finalistas encheram o auditório do Mar (Museu de Arte do Rio) para a cerimônia de premiação. Não faltaram lágrimas e aplausos.



Fachada de unidade da Start Anglo

Fotos Start Anglo/Divulgação

Start Anglo investe em bilinguismo e alta performance acadêmica

Rede de escolas bilíngues cresce e busca preencher lacuna do mercado

O brasileiro está se acostumando com o ensino bilíngue. De acordo com uma pesquisa da Associação Brasileira do Ensino Bilíngue (ABEBI), há no país mais de 1.200 escolas do tipo, com crescimento de 10% em relação aos últimos seis anos.

O mercado de escolas bilíngues no Brasil movimenta R$ 250 milhões por ano, segundo a ABEBI. Mesmo com números tão superlativos, ainda há cerca de 200 mil estudantes que gostariam de cursar uma instituição de ensino bilíngue, mas não são atendidos porque ou não há oferta perto dos locais em que moram ou porque a qualidade deixa a desejar.

Para tentar preencher essas lacunas que impedem muita gente de acessar o aprendizado que gostariam, a rede Start Anglo Bilingual School está reforçando seu compromisso pedagógico em aliar o bilinguismo à alta performance acadêmica, em um modelo bem-sucedido que está crescendo com o apoio de uma rede de franqueados em ampliação: já são 30 contratos assinados, incluindo uma parceria com a prestigiosa escola francesa Liceu Pasteur.

A franquia, iniciada em 2023 pelo grupo SOMOS Educação, tem como alicerce a tradição e a experiência de décadas do sistema Anglo. Com a oferta de inglês Eduall (desenvolvida em parceria com a Macmillan) e as propostas de educação socioemocional, pensamento computacional e desenvolvimento físico e esportivo para a construção de um currículo ampliado, tendo como foco uma educação integral de excelência, a Start Anglo Bilingual School quer chegar a cidades de todo o país.

"Fizemos uma reflexão profunda para entendermos o atual momento da educação. Observamos tendências mundiais e formulamos qual seria a proposta que levaria os nossos jovens a um outro lugar, de formação por competências e não apenas pelo conteudismo", conta Juliana Diniz, diretora de negócios da Start Anglo.

"Duas coisas nos chamaram a atenção. Primeiro, temos um gap de mercado, faltam escolas bilíngues e de alta performance. Aqui no Brasil, há muitas famílias que conseguiriam custear uma educação de qualidade, mas elas não encontram no mercado uma escola que seja simultaneamente comprometida com a formação de um cidadão global e com uma educação de qualidade comprovada", diz.

"A outra questão é que percebemos que nós já tínhamos, aqui na SOMOS, um conjunto de ofertas que, quando bem articuladas e integradas, poderiam compor um currículo integrado e integrador, com a articulação intencional de componentes voltados ao desenvolvimento das competências necessárias para o mundo contemporâneo."

Nesse sentido, o grupo realizou uma pesquisa com cerca de 5.000 famílias brasileiras com a seguinte questão: Quais são os atributos mais importantes na hora de escolher a escola para o filho?

Entre as múltiplas respostas, 76% apontaram que seria uma escola que preparasse o filho para os principais exames do mundo. Ainda: 64% responderam que a aquisição de um segundo idioma era determinante no momento de escolher uma escola.



Ambiente interno da escola



CONHEÇA A START ANGLO BILINGUAL SCHOOL

2023
Ano de fundação

2 escolas
em operação

Mais de
470 alunos
nas escolas em operação

30 franquias
já estão com contrato assinado

ALTA PERFORMANCE

Para muita gente, não basta apenas aprender outro idioma na escola –é preciso, também, que a instituição garanta uma aprendizagem completa.

Para a Start Anglo Bilingual School, alta performance significa principalmente comprometer-se com:

• Formação Acadêmica de Excelência. A escola se apoia em um currículo robusto o suficiente para o aluno dominar os conhecimentos necessários para fazer confortavelmente os exames que desejar, seja um vestibular no Brasil, seja uma prova para entrar em uma universidade no exterior.

• Formação de Alunos com Mentalidade Global. É uma formação que abarca o bilinguismo, mas vai mais longe, por meio de componentes específicos em inglês, como Estudo Autônomo, Debates da ONU, Leadership e Leadership Mentoring (Liderança e Mentoria), Public Speaking (Prática de discurso), Financial Literacy (Educação financeira), Natural & Social Science (Ciências Naturais e Sociais), Creative Arts (Arte Criativa), Arts & Music (Arte e Música), Project Work (Projetos), Pensamento Computacional e Empreendedorismo Criativo. Assim, o aluno consegue vivenciar problemas mundiais e, além da fluência em uma segunda língua, ele passa por uma imersão cultural para entender hábitos e costumes de outros países.

• Formação Integral e Humana. Aqui entram as habilidades socioemocionais. Não basta mais ter o conhecimento técnico, é preciso desenvolver atributos diversos, como saber trabalhar em grupo, desenvolver pensamento crítico, ter a capacidade de resolução de problemas.

"A nossa proposta estimula o indivíduo em todas essas dimensões. Para que ele desenvolva sua máxima potência e possa atuar com eficácia no mundo contemporâneo", aponta Juliana.

Assim, a Start Anglo oferece aos alunos uma educação completa e inovadora por meio de um currículo intencionalmente integrado e ampliado, desenvolvendo competências essenciais para o futuro.

VANTAGENS

Por que muitos pais e mães estão à procura de escolas bilíngues para os filhos? Há vários fatores a considerar, segundo a diretora da Start Anglo. "Vivemos em um mundo sem barreiras. Para um cidadão pertencente ao mundo global o inglês é essencial", afirma Juliana.

"Além disso, no mercado de trabalho, profissionais que falam inglês fluentemente costumam ganhar salários maiores e têm mais oportunidades profissionais do que aqueles que não dominam a língua."

UNIDADE FRANQUEADA E FLAGSHIP

A escola de São José do Rio Preto é a primeira unidade Flagship da Start Anglo, inaugurada em 2020. No ano em que a pandemia de Covid-19 dominou o globo, a escola recém-inaugurada conquistou famílias e alunos interessados tanto na inovadora união entre o bilinguismo e a alta performance como na rápida adaptabilidade ao cenário tecnológico e digital que o momento demandava.

A Flagship ajudou a pilotar e a aprovar todo o modelo pedagógico e de gestão que depois foi replicado na proposta de franquia ofertada aos parceiros da escola.

Já a primeira unidade franqueada da Start Anglo foi inaugurada no início deste ano, em Alphaville (Grande São Paulo), e o futuro reserva novos rumos. Em 2025, terá início a parceria com o Liceu Pasteur, tradicional colégio com mais de 100 anos de história e sede na Vila Mariana (região sul da capital).

Os alunos da instituição terão a chance de passar por um aprendizado trilíngue: português, inglês e francês. Será a flagship da Start Anglo em São Paulo.

"É uma grande realização para nós. É uma escola com uma atuação centenária em São Paulo, com uma qualidade acadêmica sólida e bastante conhecida", comemora Juliana. "É uma instituição que nasceu focada em preparar os jovens para as melhores universidades. Além disso, tem um amplo espaço verde e físico que oferece um ambiente estimulante e seguro. O colégio está de portas abertas para quem quiser visitar o espaço."

MODELO DE FRANQUIA

Para a expansão das unidades da Start Anglo, o grupo está investindo no modelo de franquias. "Uma das razões é que a gestão de uma escola é muito complexa", afirma Juliana.

"Aqui na Start Anglo, temos todo o know-how em educação, principalmente no sistema bilíngue. E o modelo de franquia é seguro: é muito mais tranquilo fazer junto do que fazer sozinho. Definimos os papéis de cada um, e então eles se somam para construirmos uma escola sólida e inspiradora."

IA é inevitável para professores, diz pesquisador

Ferramentas tecnológicas devem ser incorporadas aos esforços pedagógicos, defendem especialistas

João Rabelo

SÃO PAULO Especialistas avaliam que a inteligência artificial pode ser útil nas escolas, sem dispensar a mediação humana. Segundo o professor Geber Ramalho, da Universidade Federal de Pernambuco, a obsessão por incorporar tecnologias nas salas de aula, por si só, não gera nenhuma consequência prática. "A gente cansou de ver distribuírem tablets e nada mudar", afirma o pesquisador, que atua na área de inovação desde os anos 1990.

No entanto, ele destaca que os setores de ensino costumam ser bem resistentes às mudanças.

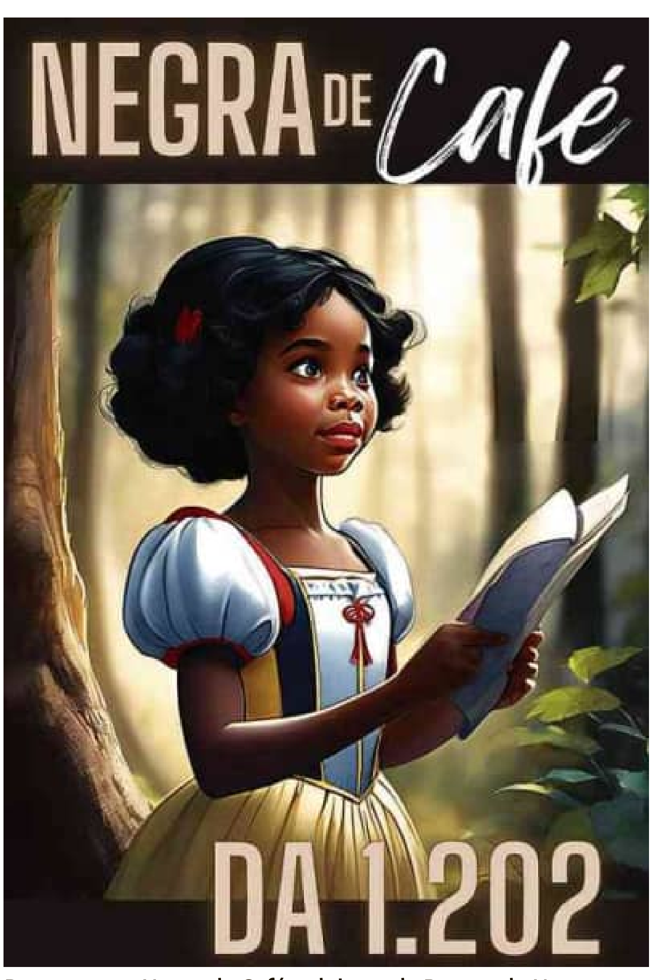
O pesquisador, um dos debatedores do 8º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação, promovido pela associação de jornalistas Jeduca, na terça-feira (3), em São Paulo, considera que um dos desafios do uso de IA nas escolas é integrar a tecnologia ao aspecto pedagógico. O objetivo é que o uso não se restrinja apenas ao conteúdo.

Para Ramalho, os mecanismos de IA podem aprimorar o trabalho dos professores, identificando dificuldades dos estudantes e recomendando exercícios e abordagens para superá-las. A elaboração dos planos de aula também pode ser otimizada.

O especialista avalia que os profissionais da educação não serão substituídos pelos avanços tecnológicos, mas afirma que o professor que usa IA vai substituir aquele que não usa. "É uma nova ferramenta e temos que aprender a dominar", diz.

Francisco Coelho, docente da rede de ensino público do Piauí, apresentou a criação "AEE Buddy", que surgiu dentro da proposta de um edital do governo do estado para aplicação de IA no ambiente escolar.

> **Há quantos anos discutimos métodos de aprendizagem ativa, mas continuamos dando aula como há 50 anos?**
>
> **Geber Ramalho**
> professor da Universidade Federal de Pernambuco



Personagem Negra de Café, releitura da Branca de Neve criada por alunos da rede pública do Rio Divulgação

A plataforma, desenvolvida por estudantes, monitora o rosto dos alunos em ambientes de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e identifica comportamentos e emoções, fornecendo parâmetros avaliativos qualificados para os educadores

No Rio de Janeiro, Fábio Campos, representante da Universidade de Columbia (EUA) no Brasil, aplica a ferramenta em um programa de educação para a cidadania que atualiza o método de Paulo Freire na Rocinha.

No projeto, jovens criam comandos, os chamados "prompt", para gerar imagens. A partir do estímulo recebido, eles avaliam em círculos de conversa com adultos se a projeção de IA é o futuro que querem ou o passado que imaginavam para a favela.

Os alunos da professora Virgínia Chagas, da rede pública carioca, aprendem gramática criando imagens em ferramentas de IA. Com a personagem Negra de Café, releitura da Branca de Neve, por exemplo, visualizam substantivos e adjetivos de forma lúdica.

O veto ao celular é um dos seus critérios para a escolha da escola?

Alunos ficam mais focados, e as notas melhoram, mas há resistência à proibição

Laura Mattos

SÃO PAULO Não faz muito tempo que escolas particulares se gabavam de suas salas com notebooks e pufes coloridos, muitas vezes jogados sobre tapetes de grama sintética. Diante da angústia dos pais com o uso excessivo de tecnologia e seus prejuízos para crianças e adolescentes, o marketing da educação experimenta reviravolta em que aulas e recreios sem celular e com grama de verdade soam como vanguarda.

O banimento do uso dos smartphones no ambiente escolar cresce no Brasil e em outros países e começa a entrar no rol de critérios para a escolha da escola de algumas famílias. São pais que não negam a importância da tecnologia na educação, mas entendem que seus benefícios passam longe de intervalos com crianças e jovens com a cabeça curvada e os olhos mergulhados em uma tela.

Embora esse seja um movimento crescente, o banimento ainda exige coragem dos gestores escolares. Colégios que tomaram essa atitude, apesar de terem recebido apoio da maioria das famílias, não deixaram de enfrentar resistência de uma parte delas. Isso sem falar dos estudantes, em especial os adolescentes.

Os resultados começam a aparecer ao longo dos meses. Em escolas brasileiras e de outros países, os relatos são de que os alunos ficam mais focados, concentrados e, consequentemente, suas notas sobem; a ansiedade diminui, e aumenta a interação entre eles, além da disposição para ler livros, brincar e praticar esportes.

Mas, até os benefícios ficarem claros, há uma travessia que envolve insegurança, irritação ou mesmo cenários mais complicados de abstinência. Além de bancar tudo isso, as escolas pioneiras no banimento não tinham clareza de como a proibição iria se refletir nas matrículas. Será que perderiam alunos? Ou ganhariam?

A fase de matrículas está começando, e essas escolas afirmam que a procura tem sido animadora. Uma delas, de São Paulo, que adotou a medida no início de 2024, conta que bateu recorde de transferências no meio do ano e, para 2025, está com demanda 20% superior à desse mesmo período no ano passado.



Suporte para alunos do ensino médio deixarem o celular em sala de aula da Escola da Vila, em São Paulo Divulgação

Quando vão conhecer essas escolas, os pais se impressionam especialmente com o recreio, que ganha um ar "retrô", fica mais parecido com o do tempo deles.

Colégios que nunca liberaram o celular, normalmente vistos como "alternativos", aqueles que têm no DNA a valorização do contato com a natureza e das artes, passaram a reforçar na comunicação a sua visão sobre tecnologia. Colocam-se, assim, como opção até mesmo para famílias afeitas a um ensino mais tradicional.

Em paralelo, discute-se internacionalmente a proibição por lei. Vários países já adotaram restrições, entre eles os EUA, que inicia agora o ano letivo em meio ao que o The New York Times chamou de "nova onda" de leis de banimento. No Brasil, a rede municipal do Rio foi a primeira no veto legal e, em São Paulo, há um projeto de lei na Assembleia Legislativa para proibir o uso do celular nas escolas públicas e privadas.

Enquanto estamos no universo facultativo, entre as escolas que banem o celular e as que o liberam por completo, há um mundo de regras e de visões sobre a relação entre tecnologia e educação. Seja qual for a escola e a escolha, o debate é mais que urgente.



APRESENTA

EstúdioFOLHA

Colégio Oswald de Andrade/Divulgação

Colégio Oswald de Andrade ressalta cuidado na hora de escolher a primeira escola

Saiba como garantir que a escola seja um ambiente de aprendizado e desenvolvimento

Um dos momentos mais críticos e desafiadores para mães e pais é a escolha da primeira escola. Não à toa: é ali que a criança sairá de um círculo privado e restrito para um ambiente amplo, público.

"É uma passagem importantíssima, por isso a preocupação em encontrar uma escola de qualidade", afirma Ieda Abbud, diretora da Unidade Madalena (em que estão boa parte dos alunos da educação infantil) do Colégio Oswald de Andrade.

A escola precisa conduzir essa passagem de modo cuidadoso. Porque vai acolher a criança em um ambiente que ela não conhece.

Seja no G1 (para crianças na faixa dos dois anos), seja no G3 (na faixa dos quatro anos), a escola deve respeitar as características de cada idade.

"É quando chegam à escola que as crianças terão importantes experiências de autonomia, tanto com seus pares como com os adultos da escola. Pela primeira vez, a criança muda de estatuto. Ela continua sendo criança, mas, na escola, passa a ser um aluno. Essa passagem não é pouca coisa. Se bem feita, irá enriquecer as experiências da criança e garantir todos os direitos que ela tem na infância", diz Ieda.



Alunos nas dependências do colégio Oswald de Andrade

Uma das dificuldades que pais e mães têm é entender quais são os fatores que devem ser levados em consideração no momento de definir em qual escola o filho vai estudar.

São muitos os aspectos para se levar em conta. "Um deles é o processo de acolhimento. Qual será a participação da família? Como será feita toda a comunicação?", aponta Ieda.

"É legal saber qual é o preparo e a formação dos profissionais que vão cuidar das crianças. Além disso, o espaço físico é muito importante. É um lugar seguro? Tem uma boa área externa com elementos naturais? Possui uma biblioteca? Um ateliê? Os materiais, como os brinquedos, são diversificados, de qualidade?"

Para Ieda, os pais e mães devem conversar com a equipe da escola para entender qual é a proposta pedagógica e como será a rotina da criança.

"É muito importante para a criança ter uma rotina. Tem de ser uma agenda previsível, mas flexível, em que estejam garantidas atividades em diferentes campos de aprendizagem. No Oswald, atuamos com uma metodologia que estimula a investigação das crianças, para elas se manterem curiosas na busca pelo conhecimento."

A diretora ressalta: "A escola precisa ter a capacidade de escutar a criança, no modo dela se expressar. Que não é sempre verbal. Pode ser pelo corpo, pelo choro, pelos gestos, pelos desenhos, pelas brincadeiras. Tem de conhecer as singularidades de cada criança, sem desconsiderar que a escola é um ambiente coletivo. É um desafio garantir a sociabilidade sem desconsiderar as particularidades de cada um".

Assim, a escola é uma instituição que vai compartilhar a educação da criança, e não substituir a família.

O Oswald de Andrade possui três unidades na zona oeste da capital paulista. Nelas, atende alunos da educação infantil ao ensino médio. Abrange, portanto, todo o percurso de aprendizagem dos jovens antes do ensino superior.

"Tendo um percurso como esse, a escola consegue garantir que ele será percorrido de maneira coerente, tanto na proposta pedagógica como nos valores que sustentam uma instituição de ensino", diz Ieda.

Nesse sentido, o Colégio Oswald de Andrade realiza reuniões entre as equipes das diversas faixas etárias, para alinhar etapas curriculares. Assim, o aluno tem o acompanhamento necessário até completar o ensino médio.

Estudantes migram de escolas particulares para a rede pública

Aumento de mensalidades e implementação de leis de cotas estão entre causas

Isabella Candido e Lucas Leite

SÃO PAULO O aumento das mensalidades e as cotas em universidades para o ensino público estão entre os motivos para a migração de alunos de escolas particulares para as públicas. Depois de perder o emprego na área comercial, o custo do colégio levou Daniela Fernanda Almeida, 35, a tirar seu filho Gustavo Almeida, 14, da escola privada. Em 2023, ele ingressou em uma escola pública na zona norte de São Paulo.

"A mensalidade até dava para pagar. Só que você gasta com livros, materiais e outras despesas", afirma Daniela. "Tem a questão do lanche, que tem que levar. Não é igual à escola pública, onde eles fornecem."

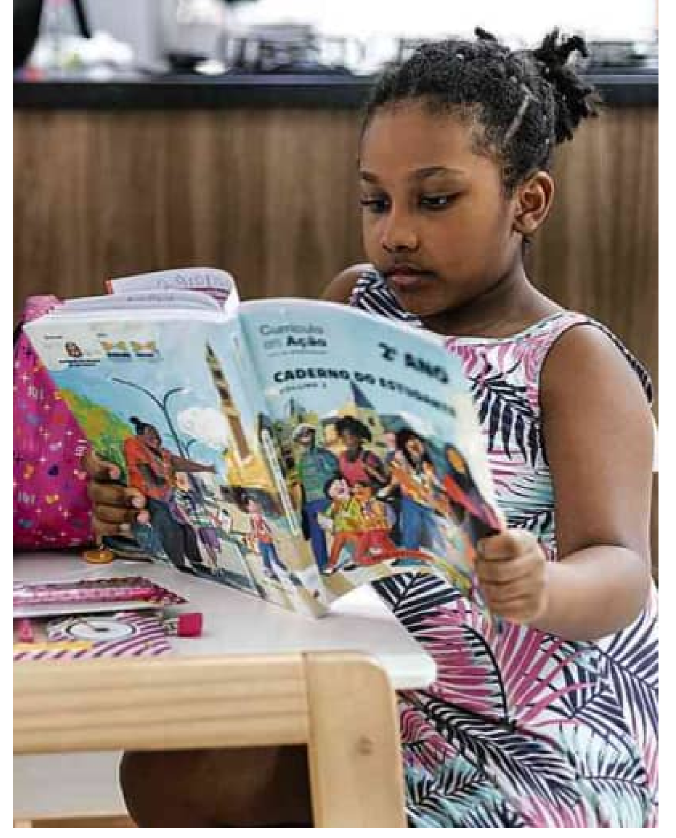
Para o empresário do setor de tecnologia Thiago Andrade, 39, pai de Ana Laura, 8, a transferência para uma escola pública foi uma decisão surpreendentemente positiva. Hoje, Ana Laura está em uma unidade estadual de ensino integral na zona norte, onde os pais também estudaram quando crianças. "Seu desenvolvimento melhorou muito."

Além da questão financeira, a Lei de Cotas também pode influenciar essa tendência de migração. A lei estabelece que as universidades federais devem reservar 50% das vagas para estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas.

Isso pode estar estimulando uma maior busca por vagas na rede pública. De acordo com estudo da pesquisadora do Insper Ursula Mello, houve aumento de 31% nas trocas de estudantes de escolas particulares para públicas nos últimos anos do fundamental entre 2011 e 2016.

Em 2023, a Rede Municipal de Educação (RME) de São Paulo concluiu o ano letivo com cerca de 3.600 estudantes provenientes de escolas particulares. Neste ano, até agosto, a rede já contabilizou 5.200 transferências.

Para transferir um aluno para a rede de ensino municipal de São Paulo são necessários: certidão de nascimento do aluno; comprovante de residência; documentos de identificação (RG e CPF) do responsável; telefone para contato e documentos complementares, como carteira de vacinação e declaração de transferência (da escola de origem).



Ana Laura Andrade, aluna do 2º ano do ensino fundamental em escola pública de tempo integral Allison Sales/Folhapress

O processo pode ser feito de forma presencial, com o responsável indo à unidade escolar em que deseja inscrever o aluno, ou online, no site da Secretaria Escolar Digital (SED), sed.educacao.sp.gov.br. Para o ensino infantil, o endereço é cadastroinfantil.sme.prefeitura.sp.gov.br.

O sistema de cadastro unificado da prefeitura e do governo do estado localiza uma vaga a até 2 km do endereço cadastrado. O responsável deve então ir à escola para finalizar o processo.

Se o responsável inscrever o aluno em uma unidade específica sem vaga disponível, ele ficará em lista de espera.

Para a rede estadual, a transferência pode ser feita online, no site da SED, ou com o responsável levando à unidade escolar ou ao Poupatempo seu RG, o histórico escolar do estudante e comprovante de residência. Para o ano escolar 2025, os candidatos à rede pública devem se cadastrar até 13 de setembro. É possível escolher a escola, mas se não houver vaga o estudante será encaminhado para outra unidade.

Embraer mantém colégios de tempo integral e oferece bolsas

Lucas Leite

SÃO PAULO Conhecida por ser uma das maiores fabricantes de jatos comerciais do mundo, a Embraer tem um pé na educação. O instituto da empresa administra duas escolas de tempo integral voltadas para o ensino médio, uma em São José dos Campos e outra em Botucatu, no interior de São Paulo. Atualmente, os colégios atendem 720 alunos.

Desde 1994 a Embraer é uma empresa privada de capital aberto.

"Nós sempre tivemos a questão de formação de pessoas muito forte na empresa. O foco está no ensino médio porque o jovem com 14 ou 15 anos tende a abandonar a escola para ajudar a família, principalmente o de baixa renda", afirma André Tachard, diretor do Instituto Embraer.

Para 2025, há 240 vagas abertas para o primeiro ano do ensino médio, 160 em São José dos Campos e 80 em Botucatu. O único modo de entrada nos colégios é a partir de processo seletivo, semelhante a um vestibular. A prova é composta por redação e 50 questões de múltipla escolha. O exame é dividido em dois grupos, um de língua portuguesa e ciências humanas e outro de matemática e ciências naturais. São 18 candidatos por vaga.

Segundo Eduardo Rodrigues, gerente de desenvolvimento social do Instituto Embraer, cerca de 200 ex-alunos trabalham ou já desempenharam funções na empresa. "A possibilidade de sonhar com um futuro é o que atrai o aluno", afirma Rodrigues, ele mesmo ex-aluno da escola.


Fernando Thiago Rodrigues, aluno do terceiro ano do ensino médio da unidade de São José dos Campos do Colégio Embraer, em instalações da escola Jardiel Carvalho/Folhapress

A distribuição das vagas segue critérios sociais: 80% são reservadas para estudantes oriundos de escolas públicas e com renda familiar bruta mensal de até 1,5 salário mínimo. Os 20% restantes são destinados a alunos pagantes, com mensalidades de R$ 2.772,63, em São José dos Campos, e R$ 2.226,51 em Botucatu.

Fernando Thiago Rodrigues, 18, aluno do terceiro ano do ensino médio, conta que entrar na escola foi a realização de um sonho familiar. "O colégio abre tantas portas que é outra realidade. Considero uma conquista ter entrado aqui. Meus pais me deram todo o suporte, minhas irmãs de 10 e 12 anos ficaram bem orgulhosas."

O período é integral. A manhã é dedicada às disciplinas obrigatórias do ensino médio, como história, matemática e física. À tarde, os estudantes participam de um programa de preparação para a universidade, o PPU, que abrange as quatro áreas de conhecimento: exatas, humanas, linguagens e ciências da natureza.

No PPU, os alunos exploram uma visão prática das diferentes carreiras que pretendem seguir. A unidade de São José dos Campos tem infraestrutura dedicada ao programa, com laboratórios, salas e atividades especializadas para cada área, como laboratórios de química e biologia, salas de artes, audiovisual e eventos especiais.



A educação aqui não é voltada apenas para passar no vestibular, mas sobre o que vamos fazer depois disso

Bianca Gabrielly Marcondes
aluna do Colégio Embraer

Bianca Gabrielly Marcondes, 17, queria cursar engenharia aeroespacial na faculdade, mas mudou de ideia no Colégio Embraer. "A educação aqui não é voltada apenas para passar no vestibular, mas sobre o que vamos fazer depois disso." Ela está pensando agora em jornalismo.

De acordo com a plataforma de ensino SAS Educação, a unidade de São José dos Campos ficou em oitavo no ranking de escolas com as maiores notas do estado de São Paulo no Enem em 2023.

Para André Tachard, diretor do Instituto Embraer, o segredo do sucesso dos colégios é baseado em um tripé: estrutura adequada, professores bem remunerados e motivados e alunos interessados. Outro aspecto destacado por Tachard é o ambiente de excelência cultivado ao redor do colégio. "Isso é muito bom e acaba contaminando todos positivamente. Até os alunos pagantes, que teoricamente não teriam ímpeto tão grande, são motivados por esse ambiente de maneira positiva."

Após concluir o ensino médio, os ex-alunos do Colégio Embraer têm acesso ao programa Revoar, que dá suporte para a continuidade dos estudos na universidade e oferece auxílio financeiro de R$ 6.000 no primeiro ano de graduação, além de mentorias de carreira a cargo de voluntários.